UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

NATÁLIA MARTINÊZ AMBROGI WOITAS

O CAMPO QUE DISCUTE AS RELAÇÕES ENTRE INTERNACIONALIZAÇÃO E SUSTENTABILIDADE:

UMA ANÁLISE A PARTIR DE PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS INTERNACIONAIS

Londrina
2017

NATÁLIA MARTINÊZ AMBROGI WOITAS

O CAMPO QUE DISCUTE AS RELAÇÕES ENTRE INTERNACIONALIZAÇÃO E SUSTENTABILIDADE:

UMA ANÁLISE A PARTIR DE PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS INTERNACIONAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Administração.

Orientador: Prof. PhD. Rafael Borim-de-Souza.

Londrina
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

MARTINÊZ AMBROGI WOITAS, NATÁLIA.
O CAMPO QUE DISCUTE AS RELAÇÕES ENTRE INTERNACIONALIZAÇÃO E SUSTENTABILIDADE: UMA ANÁLISE A PARTIR DE PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS INTERNACIONAIS / NATÁLIA MARTINÊZ AMBROGI WOITAS. - Londrina, 2017.
225 f.

Orientador: RAFAEL BORIM DE SOUZA.
Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Programa de Pós-Graduação em Administração, 2017.
Inclui bibliografia.

1. Internacionalização. Sustentabilidade. Campo. - Tese. I. BORIM DE SOUZA, RAFAEL. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Estudos Sociais Aplicados. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

NATÁLIA MARTINÊZ AMBROGI WOITAS

O CAMPO QUE DISCUTE AS RELAÇÕES ENTRE INTERNACIONALIZAÇÃO E SUSTENTABILIDADE:

UMA ANÁLISE A PARTIR DE PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS INTERNACIONAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Administração.

BANCA EXAMINADORA

_____

Orientador: Prof PhD: Rafael Borim de Souza
Universidade Estadual de Londrina - UEL

_____

Prof PhD. Luciano Munck
Universidade Estadual de Londrina - UEL

_____

Prof Dr. André Luis Silva
Fundação Getulio Vargas - FGV

Londrina, 20 de Abril de 2017.

Dedicado a Deus, Maria José, Francisco, Guilherme e Antônio, meus amores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por toda capacitação e força nos momentos de angústia e pelos triunfos que conquisatmos juntos. Obrigada Senhor por sempre me buscar quando estou longe de Ti e por me fazer crescer em sabedoria, estatura e graça, assim como Tú crescestes.

Agradeço ao meu orientador Rafael Borim-de-Souza pela ajuda, suporte e colaboração na elaboração desta pesquisa tão importante da formação acadêmica. E, pela amizade e compreensão em minha formação pessoal.

Agradeço aos meus pais que sempre com carinho e amor me apoiaram em todas as empreitada da minha vida, não medindo esforços para que eu fosse bem sucedida em meus sonhos e para que nenhum meio que possibilitasse esse desenvolvimento me faltasse.

Agradeço ao Antônio por me presentear com sua presença e fortalecer o meu coração com amor sempre que necessário, relembrando sempre o meu foco principal e o motivo de minhas lutas, elevando meu espírito à Deus.

A minha família querida, meu irmão e cunhada queridos, meus avós amados, amigos irmãos, amigas irmãs (e sereias), que fizeram esta passagem para mais uma jornada de amadurecimento ser maravilhosa e plena de carinho e apoio.

Aos amigos do Dom Bosco Jr, do EVS Pinheiros, do PPGA, do EOSI, do BNPR e aos meus filhotes amados do Pastoreio, que entraram em minha vida trazendo tanto aprendizado e alegria, deixando meu caminho mais leve e prazeroso e meus dias mais felizes.

Obrigada.

“Eu já não sou o que era: devo ser o que me tornei”

Coco Chanel

WOITAS, Natália Martinêz Ambrogi. **O Campo que discute as Relações entre Internacionalização e Sustentabilidade**: Uma análise a partir de Publicações Científicas Internacionais. 2017. 225 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

RESUMO

A pesquisa proposta por meio deste trabalho foi desenvolvida com o objetivo geral de analisar a produção científica internacional sobre o campo que abriga as relações entre internacionalização de empresas e sustentabilidade em publicações internacionias da administração. Partindo de uma compreensão bourdieusiana do conceito e da definição de campo, admite-se que o alcance deste objetivo geral dependeu-se de respostas vinculadas aos seguintes objetivos específicos de ordem teórica e metodológica, e que são inerentes ao processo de investigação em apresentação: propor uma configuração para o campo de conhecimento que abriga as relações entre internacionalização de empresas e sustentabilidade; mapear, por meio de um estudo bibliométrico, a produção científica internacional que aborda as relações entre internacionalização e sustentabilidade; e, classificar a produção científica internacional sobre as relações entre internacionalização de empresas e sustentabilidade, de acordo com a configuração proposta para este campo de conhecimento. Para analisar dos dados utilizou-se do framework proposto por Borim-de-Souza et al., (2015), composto por estilos de raciocínio para classificação dos dados coletados. Para tanto será realizada uma pesquisa de natureza básica, cuja problematização será respondida por uma abordagem quantitativa e qualitativa, cujos objetivos foram analisados por uma perspectiva descritiva e exploratória e que em relação aos procedimentos técnicos será classificada como bibliográfica e como um estudo bibliométrico. Encontrou-se 73 artigos na literatura internacional sobre Administração na classificação WebQualis A1, dos quais foi possível classificar os discursos encontrados dentro da porposta de campo aqui configurado.

Palavras-chave: Internacionalização. Sustentabilidade. Campo.

WOITAS, Natália Martinêz Ambrogi. **The Field that discuss the relations between internationalization and sustainability**: An analysis from International Scientific Publications. 2017. 225 p. Dissertatoin (Master degree in Administration) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina**.**

ABSTRACT

The research proposed through this work was developed with the general objective of analyzing the international scientific production on the field that shelters the relations between internationalization of companies and sustainability in international publications of the administration. Based on a Bourdieusian understanding of the concept and definition of field, it is accepted that the attainment of this general objective depended on responses linked to the following specific theoretical and methodological objectives, and which are inherent in the presentation research process: propose A configuration for the field of knowledge that shelters the relations between internationalization of companies and sustainability; To map, through a bibliometric study, the international scientific production that deals with the relations between internationalization and sustainability; And, to classify the international scientific production on the relations between internationalization of companies and sustainability, according to the configuration proposed for this field of knowledge. In order to analyze the data, we used the framework proposed by Borim-de-Souza et al., (2015), composed of reasoning styles to classify the data collected. In order to do so, a research of a basic nature will be carried out, whose problem will be answered by a quantitative and qualitative approach, whose objectives were analyzed by a descriptive and exploratory perspective and that in relation to the technical procedures will be classified as bibliographical and as a bibliometric study. We found 73 articles in the international literature on Administration in the classification WebQualis A1, from which it was possible to classify the speeches found within the field goal here configured.

Keywords: Internationalization. Sustainability. Field.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Origem do Campo – Macro e Microcosmo.....32
Figura 2. Espaço Social Hierarquizado 39
Figura 3. Relação entre capital e poder 41
Figura 4. Relação situacional no Campo.....48
Figura 5. Discurso sobre sustentabilidade como questão ideológica e política. 69
Figura 6. As relações teóricas entre o DS e a sustentabilidade 94
Figura 7. Framework de Estilos de Raciocínio para a Compreensão do DS e da Sustentabilidade como Objetos de Estudo para a TGC 99
Figura 8. Configuração do Campo e classificação do discurso adotado 199

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Oganização Conceitual 23
Quadro 2. Escolas da Teoria da Gestão Comparativa 86
Quadro 3. Análise comparativa entre os conceitos enraizados em uma posição institucional 89
Quadro 4. Parâmetros de investigação. Fonte: Elaborado a partir das contribuições de Borim-de-Souza, (2014). 110
Quadro 5. Informações sobre as publicações de Sandra Caeiro 114
Quadro 6. Sobre as publicações de Stefan Seuring. 114
Quadro 7. Espaço de atuação dos pesquisadores nas Instituições. 115
Quadro 8. Instituições que contribuíram para o campo com a publicação de três artigos 116
Quadro 9. Que contribuíram para o campo com a publicação de dois artigos 117
Quadro 10. Contribuição dos países para o campo em discussão 118
Quadro 11. Distribuição dos artigos publicados por ano 121
Quadro 12. Distribuição dos artigos publicados por periódico 122
Quadro 13. Relação entre quantidade de artigos e tempo de existência do periódico 123
Quadro 14. Periódico(s) com mais publicações por ano 125
Quadro 15. Distribuição de artigos por quantidades de autores 126
Quadro 16. Research note: US lodging firms' exposure to energy price risk 129
Quadro 17. The diffusion of environmental management in Greece through rationalist approaches: driver or product of globalisation? 130
Quadro 18. Constructing sustainable palm oil: how actors define sustainability 132
Quadro 19. Trechos de Perfil de Relação Pós-Colonialista Ameno 134
Quadro 20. Trechos da Abordagem Ecológica 135
Quadro 21. Trechos do Paradigma Dominante do Sustaicentrism 136
Quadro 22. Trechos da Versão Conceitual Acadêmica 137
Quadro 23. Trechos da Interpretação Social 138
Quadro 24. Sixty-six ways to get in wrong A response to Banerjee and Linstead 140

Quadro 25. Towards a sustainable fashion retail supply chain in Europe Organisation and performance 143
Quadro 26. International business, corporate social responsibility and sustainable development.....145
Quadro 27. Corporate sustainability reporting and the relations with evaluation and management frameworks: the Portuguese case 147
Quadro 28. Environmental management systems in small and medium-sized enterprises: an analysis and systematic review 149
Quadro 29. United Nations supported Principles for Responsible Management Education: purpose, progress and prospects 151
Quadro 30. Ethical behavior and social responsibility in organizations: process and evaluation 153
Quadro 31. An institutional approach to corporate social responsibility in Russia 154
Quadro 32. Organizational behavior in innovation, marketing, and purchasing in business service contexts—An agenda for academic inquiry 157
Quadro 33. Corporate sustainability development in China Review and analysis 159
Quadro 34. The application of industrial ecology principles and planning guidelines for the development of eco-industrial parks: an Australian case study 161
Quadro 35. Evaluation of Sustainability Practices in the United States and Large Corporations.....164
Quadro 36. A Cognitive Elaboration Model of Sustainability Decision Making Investigating Financial Managers' Orientation Toward Environmental Issues 166
Quadro 37. Exploring the Interpersonal Transaction of the Brazilian Jeitinho in Bureaucratic Contexts 169
Quadro 38. Understanding pro-environmental behavior: A comparison of sustainable consumers and apathetic consumers.....171
Quadro 39. The Biophilic University': a de-familiarizing organizational metaphor for ecological sustainability?.....173

Quadro 40. The Long-Term Sustenance of Sustainability Practices in MNCs: A Dynamic Capabilities Perspective of the Role of R&D and Internationalization 176
Quadro 41. Corporate Sustainability A View From the Top....178
Quadro 42. Making subversion Neocolonial embedddness in antopological accounts of indigenous management....181
Quadro 43. Identity Claims and Diffusion of Sustainability Report Evidence from Korean Listed Companies, 2003–2010....183
Quadro 44. Re-imagining the utopian Transformation of a sustainable lifestyle in ecovillages....185
Quadro 45. Seizing community participation in sustainable development: pueblos Mágicos of Mexico....186
Quadro 46. Building global dynamic capabilities through innovation: A case study of Taiwan's cultural organizations....187
Quadro 47. Governance Structure and the Credibility Gap: Experimental Evidence on Family Businesses' Sustainability Reporting 187
Quadro 48. Assessment of sustainable development and knowledge of environmental management Internal auditors' perspectives....188
Quadro 49. Business and environmental impact of ISO 14001....189
Quadro 50. Ethical Leadership and Global Citizenship: Considerations for a Just and Sustainable Future....189
Quadro 51. The Stakeholder Approach: A Sustainability Perspective....190
Quadro 52. Perfil de relação x Quantidade de Artigos....191

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	*Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior*
DS	*Desenvolvimento Sustentável*
TGC	*Teoria da Gestão Comparativa*
IIED	*International Institute of Environment and Development*
WBCSD	*World Business Council for Sustainable Development*
WCED	*World Commission on Environment and Development*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 16

1.1 Objetivo Geral 20

1.2 Objetivos Específicos 20

1.3 Justificativa 20

1.4 Organização Conceitual 23

2 TEORIA DE CAMPO À LUZ DE BOURDIEU 24

2.1 Sociologia Bourdieusiana 25

2.2 Campo para Bourdieu 30

2.3 Poder simbólico 50

3 DELIMITANDO COMPREENSÕES DE INTERNACIONALIZAÇÃO E SUSTENTABILIDADE: A CONFIGURAÇÃO DE UM CAMPO EM SUAS RELAÇÕES 59

4 ESTILOS DE RACIOCÍNIO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE INTERNACIONALIZAÇÃO E SUSTENTABILIDADE 73

4.1 Primeira dimensão: posturas ontológicas 75

4.2 Segunda dimensão: perspectivas epistemológicas 76

4.3 Terceira dimensão: paradigmas organizacionais 78

4.4 Quarta dimensão: conceitos sobre TGC, DS e sustentabilidade 80

4.4.1 TGC 81

4.4.2 Desenvolvimento Sustentável 79

4.4.3 Sustentabilidade 91

4.5 Descrição do Framework: estilos de raciocínio 94

4.6 Relacionando os estilos de raciocínios com a configuração de campo proposta.....99

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....101

5.1 Classificação Geral da Pesquisa.....101

5.2 Coleta dos dados.....104

5.2.1 Objeto da pesquisa.....104

5.2.2 População e amostra da pesquisa.....104

5.2.3 Critérios para a seleção dos artigos.....98

5.3 Análise dos Dados.....99

5.3.1 Análise Quantitativa-Descritiva: o mapeamento bibliométrico do campo.....99

5.3.2 Análise Qualitativa-Exploratória: a classificação do campo.....107

5.3.2.1 Parâmetros de investigação.....108

5.4 Limitações da Pesquisa.....111

6 ANÁLISE DOS DADOS.....113

6.1 Análise Quantitativa-Descritiva do Campo.....113

6.1.1 Informações Relevantes sobre a Autoria das Publicações.....113

6.1.2 Instituições e Países que mais contribuíram com o Campo.....116

6.1.3 Datas dos Periódicos, Journals e Publicações.....120

6.2 Análise Qualitativa-Exploratória do Campo.....127

6.2.1 Organização e Qualificação dos textos no Campo.....127

6.2.1.1 Grupo A: Colonialista.....128

6.2.1.2 Grupo B: Pós-Colonialista Amena.....133

6.2.1.3 Grupo C: Pós-Colonialista Crítico.....139

6.2.1.4 Grupo D.....141

6.2.1.5 Grupo E 155

6.2.1.6 Grupo F 163

6.2.1.7 Grupo G 168

6.2.1.8 Grupo H 175

6.2.1.9 Grupo I 180

6.2.1.10 Grupo Randômico 185

6.2.2 Síntese e Organização dos grupos 190

6.2.3 Classificação do Campo à luz de Bourdieu 192

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 204

REFERÊNCIAS 207

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos, as organizações têm enfrentado desafios relevantes no que se refere às diferentes integrações econômicas internacionais, as quais promoveram maior abertura de mercados, intensificação das relações internacionais, aumento considerável dos potenciais consumidores, oscilações macroeconômicas preocupantes e, dentre outras, a necessidade de desempenhar operações em âmbito global com custos cada vez menores (DOWELL; HART, YEUNG, 2000; DUNNING, 2009; KOGUT, 1985). As pressões de um capitalismo globalizado sobre um desenvolvimento econômico ininterrupto e crescente permitiram elevações nos ritmos das atividades econômicas mundiais, cenário este que tem sido sustentado por operações produtivas e negociações comerciais dependentes de quantidades de recursos que estão acima da suportabilidade do planeta (DALY, 2005; FRIEDEN, 2006; LEFF, 2006; MEADOWS; RANDERS; MEADOWS, 2004).

O crescimento econômico promovido pelas organizações tem apresentado como seus resultados mais negativos a degradação do patrimônio ambiental do planeta, o aumento da concentração de riquezas e a multiplicação de patologias sociais que, em conjunto, cedem espaço para a afirmação de duas afirmativas predominantes. A primeira considera que a globalização, por meio do crescimento dos negócios internacionais, tem contribuído para a deterioração ambiental, para a desigualdade social e para a manutenção de discrepâncias econômicas. A segunda afirmativa, decorrente da primeira, indica a necessidade de abordar tópicos de discussão e de solução vinculados à sustentabilidade em pautas que tratem sobre a globalização e/ou sobre a atuação internacional das empresas (DALY, 2005; GNYAWALI, 1996; HUSTED, 2005; VACHON, 2010). Destaca-se que nas literaturas nacional e internacional não são encontrados estudos que buscaram avaliar, junto às relações entre internacionalização de empresas e sustentabilidade, o posicionamento mais recorrente sobre os impactos do crescimento econômico.

Na pesquisa em proposição considerou-se que o campo das relações estabelecidas entre internacionalização de empresas e sustentabilidade são conduzidas por duas grandes diretrizes: o poder e os interesses subjacentes aos tipos de poder. Bourdieu (2012) define o poder em dois tipos principais, sendo

eles o poder dominante e o poder simbólico. O poder dominante é aquele que “se assenta no capital econômico” e que “tem em vista impor a legitimidade de sua dominação [...] ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social” (BOURDIEU, 2012, p. 12). As organizações são as representantes de um poder dominante, uma vez que suas ações (internacionalização, distribuição de multinacionais e globalização) ainda participam de uma liberdade econômica para promover repercussões locais, regionais, nacionais e internacionais quanto aos impactos sociais e ambientais que promovem, os quais, muitas das vezes, não são positivos, benéficos e construtivos (HOLMBERG, 1994; JIMÉNEZ-HERRERO, 2000; SCHIMIDHEINY, 1992).

Quanto aos interesses, Bourdieu (1996) declara que estes são socialmente constituídos. Os interesses estão nas relações estabelecidas no interior do espaço social, ambiente no qual alguns tipos de capital são selecionados nos campos sociais para serem aplicados nos campos de poder. Os interesses emergem das decisões tomadas pelos agentes sociais sobre propósitos e/ou ideais que pretendem criar diferenças correspondentes às diferenças objetivas nesse campo, tais como as relações propostas pela sustentabilidade nos comportamentos organizacionais. O jogo de interesses, ou a diferença dos interesses, é, ao mesmo tempo, causa e consequência dos movimentos e articulações ocorrentes nos campos sociais, campos de poder, campos de força e campos de luta. Estas disputas de interesse em um campo não estão desprovidas de sentidos, mas também não são justificadas pela plena racionalidade dos agentes sociais. Os participantes do campo trabalham para superar seus rivais mais próximos, reduzir a competição e tentar estabelecer um monopólio sobre um subsetor particular do campo (BOURDIEU, 2012; WACQUANT, 1992; MISOCZKY, 2003).

Coube a esta pesquisa identificar, pelas abordagens que pretendem analisar as diferentes maneiras pelas quais a sustentabilidade é relacionada à internacionalização de empresas, se o poder dominante das organizações impôs definições e discussões menos polêmicas sobre a sustentabilidade. Isto porque a sustentabilidade representa, movimenta e fundamenta interesses que podem impactar, ou valorizar, os tipos de capitais que reproduzem o poder dominante das organizações. A partir desta constatação, as organizações (representantes do poder dominante) buscam, em tentativas de silenciar os diversos interesses sociais, orientar as estratégias de disseminação do conceito de sustentabilidade, ao tipificá-

la como uma simples prática de gestão estratégica.

Foi proposto que as relações temáticas em investigação não são consequências de contribuições teóricas exclusivas de cada um dos temas evidenciados, ou seja, esta pesquisa partiu do pressuposto de que as relações teóricas entre internacionalização de empresas e sustentabilidade possuem características sociais, de poder, de luta, de força e de conteúdo que exigem a composição de um novo campo, cuja configuração ainda não foi investigada na literatura nacional e internacional.

As organizações multinacionais movimentam o mundo global internacionalizado, o macrocosmo. Esse trabalho buscou ir mais à fundo e estudar a questão micro, o microcosmo, assim como Bourdieu (2004) preferia, um recorte desse macrocosmo focando assim nas relações entre a internacionalização e a sustentabilidade. Dentro desse microcosmo, desse espaço social micro, Bourdieu (2004) coloca que há uma hierarquização promovendo uma situação relacional entre dominado e dominante. Esse microcosmo é intitulado de campo. No campo dominado e dominante disputam o poder. Quem detém o campo de poder, detém o campo.

Na pesquisa em proposição o conhecimento foi admitido como um tipo de capital relevante e, por consequência, constitui-se como objeto de disputa por, simultaneamente, questionar conhecimentos dominantes e valorizar conhecimentos alternativos sobre um mesmo objeto de estudo. O conhecimento, então, incentiva debates nos campos sociais, de força e de luta que visam conquistar, derrotar e/ou perpetuar formas distintas de poder. O objeto de estudo para a pesquisa em proposição foi representado pelas relações entre internacionalização de empresas e sustentabilidade, as quais ainda não foram descritas pela literatura internacional.

Em consideração à necessidade de se compor um novo campo para o objeto de estudo apresentado esclarece-se que, para esta pesquisa, o termo organizações referiu-se exclusivamente às organizações internacionalizadas, ou seja, aquelas que atuam, promovem e/ou participam de processos de internacionalização. Estas organizações, enquanto instituições socioeconômicas legitimadas, enquanto fenômenos econômicos de competitividade mercadológica e enquanto fenômenos sociais que abrigam pessoas, atendem comunidades e

desenvolvem estratégias, representam um tema de interesse para muitas áreas do conhecimento.

A sustentabilidade, que por sua vez, é compreendida simultaneamente como ideologia, como abordagem política, como paradigma social e como alternativa para as práticas sociais, constitui-se como um tema de natureza interdisciplinar. A complexidade destes temas, internacionalização de empresas e sustentabilidade, que já é reconhecida em análises que os abordam em separado, se acentua quando os espaços sociais globais legitimados começam a se denunciar como insuficientes para interpretar os mecanismos sociais, de poder, de força, de luta, de conhecimento inseridos, extraídos e resultantes das relações que são estabelecidas entre eles. Por esta razão, a pesquisa em proposição considerou que as relações estabelecidas entre internacionalização de empresas e sustentabilidade possuem características que formam um novo campo, o qual ainda não foi explorado na literatura internacional (O´CONNOR, 2002; BOURDIEU, 2012; YOUNG, 2007).

Esta discussão foi desenvolvida com o objetivo de analisar este campo. E, foi motivada pelo seguinte problema de pesquisa: como é o campo que discute as relações entre internacionalização e sustentabilidade?

Este campo, a partir de contribuições extraídas da Sociologia Bourdieusiana, foi configurado para organizar os discursos dominantes e os discursos dominados sobre as relações entre internacionalização e sustentabilidade. Esta organização ocorreu a partir de um padrão de classificação apresentado por Borim-de-Souza et al., (2015), os quais buscaram caracterizar em diferentes perspectivas o DS e a sustentabilidade como objeto de estudo para a TGC, uma abordagem teórica da internacionalização de empresas.

Os discursos sobre as relações entre internacionalização e sustentabilidade a serem classificadas e organizadas na configuração do campo foram extraídas de publicações internacionais da Administração, a partir das quais foram desenvolvido um estudo bibliométrico.

Para garantir uma resposta coerente ao problema proposto optou-se por organizar as discussões da seguinte maneira: no primeiro capítulo intitulado “Teoria de campo à luz de Bourdieu”, será apresentada a sociologia bourdieusiana e alguns es Esclarecimentos conceituais sobre campo, habitus e poder simbólico. O segundo capítulo “Delimitando compreensões de internacionalização e sustentabilidade: a configuração de um campo em suas relações” coloca a utilização

das explanações de Bourdieu para composição de uma configuração de campo que abriga as relações entre internacionalização e sustentabilidade. O terceiro, por sua vez, chamado “Estilos de raciocínio sobre as relações entre internacionalização e sustentabilidade” oferece uma apresentação do Framework e um detalhamento das posturas ontológicas, preposições epistemológicas, paradigmas organizacionais, TGC, DS e Sustentabilidade. Posteriormente, apresentam-se os procedimentos metodológicos.

1.1 Objetivo Geral

Analisar a produção científica internacional sobre o campo que discute as relações entre internacionalização e sustentabilidade em publicações de administração.

1.2 Objetivos Específicos

- Propor uma configuração para o campo que abriga as relações entre Internacionalização e Sustentabilidade;
- Mapear, por meio de um Estudo bibliométrico, a produção científica internacional que aborda as relações entre Internacionalização e Sustentabilidade em publicações da Administração;
- Classificar, a produção científica internacional de acordo com a configuração proposta para o Campo.

1.3 Justificativa

Considerando o ineditismo da pesquisa ao propor uma configuração de campo que abriga as relações entre internacionalização de empresas e sustentabilidade, argumenta-se que tais análises podem contribuir cientificamente para os estudos sobre internacionalização de empresas, sobre sustentabilidade,

bem como incentivar uma nova tradição de pesquisa que busque aprofundar as relações investigadas no campo de conhecimento proposto. Como as relações entre internacionalização e sustentabilidade se configuram no âmbito das organizações multinacionais e quais os discursos sobre sustentabilidade são utilizados por elas. Contando também com a oportunidade de aplicação do framework de Borim-de-Souza *et al* (2015) e as colaborações dos estilos de raciocínio propostas por ele.

Trará colocações relevantes para as organizações multinacionais, pois este trabalho abordará aspectos de dominação provindos da forma como as organizações se colocam em meio à outras sociedades e, sobre como ela reafirma a sua força nesse meio através de um discurso.

Beneficiará a sociedade por oferecer reflexões sobre a dominação intrínseca no processo de internacionalização e o poder simbólico que figura no âmbito das relações entre a internacionalização e a sustentabilidade, promovendo discursos enviesados em benefício de um grupo específico.

Em relação à sustentabilidade, implicará em considerações sobre como a sustentabilidade tem sido defendida e vista na sociedade atual e sendo repercutida pelo discurso das organizações multinacionais que legitimam sua concepção da sustentabilidade através da sua força e posição no campo. Esses discursos serão analisados e refletidos sobre a real função da sustentabilidade e a compatibilidade desses discursos com a realidade internacional sobre a esfera da natureza.

Para a Administração como ciência este trabalho trará benefícios no aspecto teórico por enriquecer o campo e fortalecer os poucos estudos nessa área, oferecer uma reflexão ainda não vista em estudos organizacionais, que é sobre as relações entre a internacionalização e a sustentabilidade. Destas reflexões conceituais, tecer colocações sobre os discursos aplicados e um resgate epistemológico da origem da sustentabilidade, sua real função e o contraponto do que se é visto e publicado nas pesquisas acadêmicas de administração. E, no aspecto empírico, por verificar se há realmente uma disparidade ou não entre discurso e ações, e, sobre como o discurso vem sido utilizado para fortalecimento das organizações em detrimento da sustentabilidade no mundo globalizado e internacionalizado.

A ausência de estudos sobre a configuração destas relações, bem como sobre as discussões, as abordagens e os temas mais relevantes destas

relações justificam a realização deste trabalho. A apresentação de informações quantitativas extraídas deste campo de conhecimento, tais como as relacionadas à autoria, às instituições mais representativas, aos países de maior participação propiciará um mapeamento descritivo que permitirá maior facilidade no acesso de informações específicas sobre as relações investigadas. Reflexões sobre as perspectivas epistemológicas mais presentes, as temáticas mais valorizadas e as abordagens metodológicas mais aplicadas permitirão classificar a identidade científica das pesquisas empreendidas em favor deste campo.

1.4 Organização Conceitual

O quadro abaixo demonstra a organização deste trabalho, os conceitos abordados e os principais autores utilizados.

Quadro 1. Oganização Conceitual

Capítulo	Organização conceitual	Principais autores
Teoria de campo à luz de Bourdieu	- Apresentação da sociologia Bourdieusiana; - Esclarecimentos conceituais sobre campo, habitus e poder simbólico.	Bourdieu 2001; 2004; 2011; 2012. Misoczky 2003.
Delimitando compreensões de internacionalização e sustentabilidade: a configuração de um campo em suas relações	- Utilização das explanações de Bourdieu para composição de uma configuração de campo que abriga as relações entre internacionalização e sustentabilidade.	Bourdieu 2001; 2004; 2011; 2012. Jack e Westwood, 2009; Young, 2007; O´Connor, 2002.
Estilos de raciocínio sobre as relações entre internacionalização e sustentabilidade	- Apresentação do Framework; - Detalhamento das posturas ontológicas, preposições epistemológicas, paradigmas organizacionais, TGC, DS e Sustentabilidade.	Borim-de-Souza, et al., (2015); Gladwin, Kenelly e Krause (1995); Mebratu (1998); Lélé (1991).
Procedimentos Metodológicos	- Apresentação da natureza da pesquisa quanti-quali, descritiva e exploratória; - Detalhamento do estudo bibliométrico que será utilizado na pesquisa.	Andrés, 2009; Gil, 2008; Richardson et al., 2014; Spinak, 1998.

Fonte: Elaborado pela autora.

2 TEORIA DE CAMPO À LUZ DE BOURDIEU

Pierre Félix Bourdieu foi um sociólogo francês contemporâneo, nascido em 1930 e falecido em 2002, foi um dos precursores da concepção de "Campo" para os Estudos Sociais e Antropológicos. Possui inspirações filosóficas partindo de Bachelard[1] (1984, 1990, 1996), de Cassirer[2] (1965,1972), de Lévi-Strauss[3] (BOURDIEU et al, 1990) em conjunto às de Husserl[4] e Merleau-Ponty[5] (BOURDIEU et al, 1990), o qual é utilizado para explicar as questões simbólicas, incluindo também seus estudos baseados nos escritos de Althusser[6], Habermas[7] e Focault[8] (THIRY-CHERQUES, 2006).

---

[1] Gaston Bachelard, francês, nascido em 1884 e falecido em 1962 conhecido "como o filósofo do descontinuísmo na razão e na história da ciência, fornecendo, sempre de forma polêmica e instigante, subsídios para o questionamento dos dogmatismos e monismos científicos" (LOPES, 1993, p.324) contribuiu para a obra de Bourdieu através de seu "Materialismo Racional" é a "(...) idéia de que o pensamento opera como um movimento de pinça, que descobre, integra e supera as limitações das teorias em uma composição conceitual cada vez mais abrangente" (THIRY-CHERQUES, 2006, p.29).

[2] Ernst Cassirer, filósofo alemão nascido em 1874 e falecido em 1945 "a maior premissa da filosofia de Cassirer é o postulado kantiano de que é inexeqüível um conhecimento *absoluto* do mundo real, uma vez que nosso próprio aparato mental possui limites que o precondicionam" (CAMPOS, 2002). Colabora com Bourdieu, pois aborda a filosofia das formas simbólicas, ligadas "(...) à sua concepção relacional do conhecimento" (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 28)

[3] Claude Lévi-Strauss, belga, filósofo e antropólogo social e cultural, nascido em 1908 e falecido em 2009 acreditava que "não seriam apenas as estruturas sociais, as superestruturas, como Marx imaginava, que, na aparência, são ininteligíveis e irracionais, podendo e devendo ser reduzidas a uma infra-estrutura não imediatamente perceptível, mas dotada de inteligibilidade."(GOLDMAN, 2008). Bourdieu em sua obra concorda com Lévi-Strauss "ao aceitar a existência de estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes" (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 28)

[4] Edmund Husserl, alemão, filósofo e matemático. Nascido em 1859 e falecido em 1938. Oferece o conceito de fenomenologia, o qual "Designa fenômeno tudo o que intencionalmente está presente à consciência, sendo para esta uma significação. O conjunto das significações chama de "mundo". (HUSSERL, 2008, p. 6). Husserl (1950) enriquece os pensamento de Bourdieu oferecendo uma concepção de crença "que inclui a suposição, a conjectura e a certeza" (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 28).

[5] Maurice Merleau-Ponty, francês, filósofo fenomenólogo. Nascido em 1908 e falecido em 1961. Enriqueceu a obra bourdieusiana com sua fenomenologia, que " é o estudo das essências, e todos os problemas (...)é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua "facticidade" (MERLEAU-PONTY, 2008, p. 1). E. seu estruturalismo, o qual "Bourdieu adota o conceito tanto na forma platônica — o oposto ao cientificamente estabelecido" (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 28)

[6] Louis Althusser, francês, filósofo. Nascido em 1918 e falecido em 1990. Althusser "(...) demonstra que a ideologia não se reduz a simples imposição de idéias, ela se efetiva em práticas sociais inscritas em instituições concretas, reguladas por rituais no seio dos aparelhos ideológicos do Estado" (LINHARES, MESQUIDA, SOUZA, 2007, p. 1499). Bourdieu, por sua vez, "(...) considera o sujeito, banido por Lévi-Strauss e por Althusser, tanto como inserido na estrutura quanto como força estruturante de um campo (Bourdieu, 1980:70)" (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 31).

[7] Jürgen Habermas, alemão, filósofo e sociólogo, nascido em 1929. Habermas coloca que "(...) pretendo arguir que uma mudança de paradigma para o da teoria da comunicação tornará possível um retorno à tarefa que foi interrompida com a crítica da razão instrumental; e isto nos permitirá

Nesta pesquisa foi utilizada a concepção de Bourdieu sobre o conceito de Campo (BOURDIEU, 2012). Posteriormente, a noção de *habitus* também foi abordada e Poder Simbólico que foi relacionado a este estudo.

2.1 Sociologia Bourdieusiana

Para compreender melhor a concepção de Campo para Bourdieu, faz-se necessário apresentar alguns esclarecimentos sobre sua Sociologia.

Na obra, "Lições da Aula" (2001a), Bourdieu resgata sua primeira aula ministrada no *Collêge de France*, em 23 de Abril de 1982. Nesta aula Bourdieu, defendeu a sociologia como uma ciência relativamente avançada (BOURDIEU, 2012). Para ele a sociologia representava a:

> (...) ciência da instituição e da relação, feliz ou infeliz, com a instituição, supõe e produz uma distância insuperável, e às vezes insuportável, e não apenas para a instituição; ela suprime o estado de inocência que permite realizar *com felicidade* as expectativas da instituição (BOURDIEU, 2001a. p. 4).

Bourdieu (2001a) destaca em sua Sociologia o poder que as estruturas possuem e como estas têm a capacidade de moldar os indivíduos dentro de uma determinada sociedade, estrutura, ou, um determinado contexto (BOURDIEU, 2012).

Relacionado à força das estruturas mentais Bourdieu (2004, p. 29) aborda que "a análise das estruturas mentais é um instrumento de libertação: graças aos instrumentos da sociologia, é possível realizar uma das eternas ambições da filosofia, que é conhecer as estruturas cognitivas (...) e ao mesmo tempo alguns dos limites mais bem escondidos do pensamento".

Bourdieu (2004) busca romper com o estruturalismo e coloca que:

---

retomar as tarefas, desde então negligenciadas, de uma teoria crítica da sociedade" (HABERMAS, 1984, p. 386). Bourdieu ignora "o pensamento que não leva em conta a situação em que se pensa, o mundo em que se está imerso, como as teorias que partem de uma lógica dada do social (Habermas)". (THIRY-CHERQUES, 2006, p.29).

[8] Michel Focault, francês, filósofo, sociólogo e historiador. Nascido em 1928, falecido em 1984. Estuda formas de poder e dominação, coloca que "captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violentos" (FOCAULT, 1979, p. 182). Bourdieu afasta-se de Foucault quando o mesmo "(...) realiza análises a partir de relações entre elementos, para se ater ao princípio da estrutura" (THIRY-CHERQUES, 2006, p.31).

> Foi preciso muito tempo para romper realmente com certos pressupostos fundamentais do estruturalismo (que eu usava simultaneamente em sociologia, pensando o mundo social como espaço de relações objetivas transcendente em relação aos agentes e irredutível às interações entre os indivíduos). (...) O fato de se pertencer a um grupo profissional exerce um efeito de censura que vai muito além das coações institucionais e pessoais: há questões que não são colocadas, que não podem ser colocadas, porque tocam nas crenças fundamentais que estão na base da ciência e do funcionamento do campo científico (BOURDIEU, 2004, p. 20 - 21).

Misoczky (2003, p.12) adverte que Bourdieu, primeiramente classifica sua obra como um "construcionismo estruturalista", contudo, posteriormente, utilizou o oposto do termo e aderiu o termo "estruturalismo construcionista", cuja expressão denota uma relação dialética de sua própria teoria (objetivista e subjetivista), uma relação dialética entre as estruturas mentais e as estruturas sociais.

Bourdieu oferece em seus estudos, uma variável alternativa ao estruturalismo[9], "ele se esforça para encontrar tramas lógicas ou problemáticas que evidenciem a presença de uma estrutura subjacente ao social" (THIRY-CHERQUES, 2006). Ele coloca que:

> (...) a sociologia postula que há uma razão para os agentes fazerem o que fazem (...), razão que se deve descobrir para transformar uma série de condutas aparentemente incoerentes, arbitrárias, em uma série coerente, em algo que se possa compreender a partir de um princípio único ou de um conjunto coerente de princípios. Nesse sentido, a sociologia postula que os agentes sociais não realizam atos gratuitos (BOURDIEU, 2011, p.138).

E afirma que "O mal da sociologia é que ela descobre o arbitrário, a contingência, ali onde as pessoas gostam de ver a necessidade ou a natureza (...); e que descobre a necessidade, a coação social, ali onde se gostaria de ver a escolha, o livre-arbítrio" (BOURDIEU, 2004, p. 27).

Referente ao contexto dos Estudos da Sociologia Bourdieusiana, outro ponto a se ressaltar é que Bourdieu também aborda a questão do pesquisador e do objeto estudado. Segundo ele, para se adentrar na Sociologia e produzir essa ciência que a Sociologia é, o pesquisador deve se despir de seus próprios laços

[9] O Estruturalismo para Bourdieu possui suas disposições que são compostas e provindas da própria sociedade e tem a capacidade de nortear as ações e de produzir ações, agência dos indivíduos (THIRY-CHERQUES, 2006).

sociais, todas suas aderências e adesões, para que possa oferecer um resultado menos impregnado de si (BOURDIEU, 2001a).

O sociólogo, para Bourdieu (2001a, p.29), baseia-se em um “agente histórico, historicamente situado, sujeito social socialmente determinado”, através do sociólogo todos os agentes sociais podem se encontrar, saber quem são, o que fazem e a sua função em determinada sociedade. (BOURDIEU, 2001a; 2012). Este pesquisador/sociólogo está imerso na história que busca estudar, história esta que sobrevive em uma sociedade e reflete a ela mesma (BOURDIEU, 2001a).

A sociologia, portanto, é uma ciência social, que estuda os problemas que são produzidos pelo seu objeto de estudo, o mundo social, no qual, o sociólogo, por sua vez, também é um produto deste meio que busca compreender (BOURDIEU, 2012).

Thiry-Cherques (2006) coloca que:

> Na passagem da filosofia para a etnologia e, depois, para a sociologia, Bourdieu pôde verificar que o processo de investigação científica do social é feito de uma longa série de retomadas, o que o leva ao que denomina de uma “inversão metodológica” (Bourdieu, 1992a:191), isto é, a considerar o método como “...antes de tudo um ‘ofício’, um *modus operandi*, que está presente em cada uma das peças do seu trabalho” (Bourdieu, 2005:184-185 *apud* THIRY-CHERQUES, 2006, p. 41).

Para Bourdieu (2001a, p. 343) “(...) a interpretação estruturalista envolve toda a verdade adquirida em cada verdade que se vai conquistar, porque toda a verdade está na verdade do todo”. Logo, para ele não seria correto estudar o objeto sem considerar o universo do mesmo, como um todo, suas relações sociais e o resgate epistemológico do qual esse objeto emergiu e se desenvolveu.

A importância da sociologia é pautada no fato de que, segundo Bourdieu (2001a, p. 7) “(...) a crítica epistemológica não se dá sem uma crítica social”. Logo, há a necessidade deste resgate social e histórico das relações de poder e de seu funcionamento na sociedade para que se possa começar a compreender seus mecanismos de ação, suas formas de perpetuação e de dominação dentro dos campos, nos quais os fenômenos ocorrem (BOURDIEU, 2001a).

Bourdieu (2001a) esclarece, que:

> Uma vez que o conhecimento dos mecanismos permite, nesse como em outros casos, determinar as condições e os meios de uma ação destinada à dominá-los (...) o conhecimento exerce, por si mesmo, um efeito – que me parece libertador -, todas as vezes em que os mecanismos de que ele estabelece as leis de funcionamento devem uma parte de sua eficácia ao desconhecimento, ou seja, todas as vezes em que ele toca nos fundamentos da violência simbólica (BOURDIEU, 2001a, p.19-20).

Portanto, a construção do objeto de pesquisa deve considerar a origem do mesmo, a epistemologia do contexto de origem do objeto e de sua aplicação, replicação e perpetuação na sociedade. E, em relação ao poder de agência dos indivíduos, clarificar a necessidade do resgate epistemológico, também de cunho social e histórico para o entendimento do conceito de Campo de Bourdieu (2004).

Ele coloca que:

> O conhecimento que podemos chamar de objetivista (...) constrói relações objetivas (...), que estruturam as práticas e as representações das práticas (o conhecimento primeiro, prático e tácito, do mundo familiar), ao preço de uma ruptura com esse conhecimento primeiro e, portanto, com os pressupostos tacitamente assumidos que conferem ao mundo social seu caráter de evidência e de natural: com efeito, somente se nos colocarmos a questão - que a experiência *dôxica*[10] do mundo social exclui por definição das condições (particulares) que tomam possível essa experiência e que o conhecimento objetivista pode estabelecer as estruturas objetivas do mundo social e a verdade objetiva da experiência primeira enquanto privada do conhecimento *explícito* dessas estruturas (BOURDIEU, 1983, p.47)

Para Bourdieu é necessário abrir mão de procurar as origens sobre os objetos estudados apenas pela intuição pautada na tentativa de explicar determinados fenômenos de maneira superficial, há a necessidade de todo um resgate epistemológico para compreensão mais aprofundada, complexa e real do objeto. E afirma que:

> (...) os objetos a serem comparados não são obtidos por uma simples apreensão empírica e intuitiva da realidade, mas devem ser conquistados contra as aparências imediatas e construídos por uma análise metódica e um trabalho de abstração. Apenas evitando deixar-se levar pelas analogias superficiais, puramente formais e às vezes acidentais, poder-se-à extrair das realidades concretas as estruturas que nelas se exprimem e se ocultam, entre as quais se pode estabelecer a comparação destinada a descobrir as propriedades comuns (BOURDIEU, 2011, p. 338-339).

[10] "**DOXICO** (ai. *Doxiscti).* De *doxa* (opinião). Husserl indica com esse adjetivo todos os caracteres próprios da crença" (DICIONÀRIO DE FILOSOFIA, 1998, p 294).

Bourdieu acreditava que adentrar no universo do objeto é estudá-lo além de sua aparência e além do que é socialmente aceitável, se mostrava necessário (BOURDIEU, 2011). Ele ressalta que: “precisamos de ‘conceitos propriamente caracterizantes’ que superem a simples designação das qualidades sensíveis e que, apreendendo as características estilísticas da obra de arte, constituam uma verdadeira ‘interpretação’ da obra” (BOURDIEU, 2011, p. 339). Logo, o objeto deve ser compreendido em sua totalidade, caso contrário será apenas um produto incorreto e supérfluo de uma “decifração mutilante” (BOURDIEU, 2011, p.341), a qual atrela-se a apenas um ponto em específico dentro de todo o universo do objeto estudado. Ele ressalta que para se compreender um objeto é necessário realizar um “ato mental”, que aproxima-se de um diagnóstico e é baseado em um método e não apenas na intuição do pesquisador (BOURDIEU, 2011).

Bourdieu coloca que o sociólogo-pesquisador “(...) só pode fazer o que faz porque sabe, cada instante o que está fazendo e o que significa fazê-lo, pois as operações mais humildes da ciência, e também as mais nobres, valem o que vale a consciência teórica e epistemológica que acompanha as operações” (BOURDIEU, 2011, p. 361).

Sobre a importância dos conflitos teóricos e dialéticos acerca da concepção holística do objeto estudado pelo sociólogo dentro do mundo social, ele afirma que:

> (...) o conhecimento que podemos chamar de *praxiológico*[11] tem como objeto não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações *dialéticas* entre essas estruturas e as *disposições* estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade: este conhecimento supõe uma ruptura com o modo de conhecimento objetivista, quer dizer, um questionamento das condições de possibilidade e, por aí, dos limites do ponto de vista objetivo e objetivante que apreende as práticas de fora, enquanto fato acabado, em lugar de construir seu· princípio gerador situando-se no próprio movimento de sua efetivação (BOURDIEU, 1983, p. 47).

[11] (...) pode aparecer como um retorno puro e simples ao modo de conhecimento fenomenológico (...) e porque ele é o produto de uma *dupla translação teórica:* ele opera, com efeito, uma nova inversão da problemática que a ciência objetiva do mundo social, como sistema de relações objetivas e independente das consciências e das vontades individuais, constituiu, ao colocar ela mesma as questões que a experiência primeira e a analise fenomenológica dessa experiência tendiam a excluir. (BOURDIEU, 1983, p. 47).

Para Bourdieu (2004) a dialética baseava-se em uma processualidade ao estudar o objeto, ou seja, ela denota o estudo do objeto em situação, a análise do campo (objeto de estudo) em movimento.

Por fim, a sociologia bourdieusiana buscou maneiras de explicar a questão de embates entre forças estruturais, objetivas e subjetivas, a necessidade destes embates para a superação e ruptura dos campos, e a importância do resgate epistemológico e dos conhecimentos conceituais frente ao predomínio da dominação do mais fraco, pelo mais forte.

E, abordou a capacidade de reprodução das estruturas pelos indivíduos, afirmando que "(...) é na relação dialética entre as disposições e o acontecimento que se constitui a conjuntura capaz de transformar em *ação coletiva* as práticas objetivamente coordenadas" (BOURDIEU, 1983, p.76).

Logo, a sociologia de Bourdieu é a ferramenta pela qual Bourdieu busca explicitar sua compreensão acerca da sociedade. Através da sociologia, Bourdieu, busca se aprofundar mais sobre a relação entre os indivíduos, as estruturas e a relação situacional que existe entre ambos. Além da força dominatória que as estruturas representam, a sociologia bourdieusiana busca denunciar a existência de uma estrutura subjacente à social, que permeia as relações de poder e dominação e as mantêm e promove, um poder subentendido que fomenta a perpetuação de uma força subentendida, invisível, porém existente (BOURDIEU, 2004; 2012).

Bourdieu busca escapar das generalizações, seu foco é estudar o objeto em situação, como os objetos construídos pelo pensamento se manifestam em determinado momento, Bourdieu utiliza o microcosmo como objeto de estudo e o analisa em movimento. Esta retomada sobre a Sociologia Bourdieusiana foi realizada com o intuito de compreender contribuições da sociologia de Bourdieu que são fundamentais para a discussão do conceito de campo.

2.2 Campo para Bourdieu

O fato de Bourdieu buscar se desvincular das generalizações o levam à elucidar a Microsociologia, e, para estudá-la detém-se em dois conceitos base, que baseiam-se em Espaço Social e Campo, os quais serão abordados neste capítulo, assim como a noção de *habitus* e de Poder Simbólico.

Bourdieu (2004, p.35) coloca que “o conceito de *campo* é muito mais recente (que o de *habitus*): surgiu do encontro entre as pesquisas de sociologia da arte que eu estava começando a fazer, em meu seminário na Escola Normal, por volta de 1960, e o comentário do capítulo consagrado à sociologia religiosa em *Wirtschaft und Gesellschaft*[12]*”.*

Bourdieu afirma que existem dois grupos de autores. Alguns autores acreditam que os textos, para serem entendidos devem ser apenas lidos. Neste contexto o próprio texto, em sua totalidade, fala por si só. Identifica-se aqui a futura corrente pós-modernista. Logo, há outro grupo, o qual acredita que para haver uma interpretação mais completa de um texto, deve-se alinhá-lo a um contexto, fornecendo a concepção de determinada obra de maneira mais rica e encorpada, pois a mesma foi relacionada com um contexto social ou econômico (BOURDIEU, 2004).

Para evitar esta contradição entre autores, Bourdieu (2004) traz a concepção de “Campo”, o qual não possui o compromisso de realizar uma referência ao texto compreendido ou à relação entre o texto e o contexto, mas sim, de considerar que estes dois pólos, texto e contexto[13], são completamente distanciados entre si (BOURDIEU, 2004).

Nesta distância que separa o texto do contexto, existe um espaço social, um “universo intermediário”, o qual Bourdieu (2004) nomeia de “*campo literário, artístico, jurídico ou científico”,* que, pode ser intitulado conforme o setor cujo aquele espaço se encontra, partindo do campo das artes, até o campo científico (BOURDIEU, 2004, p.20).

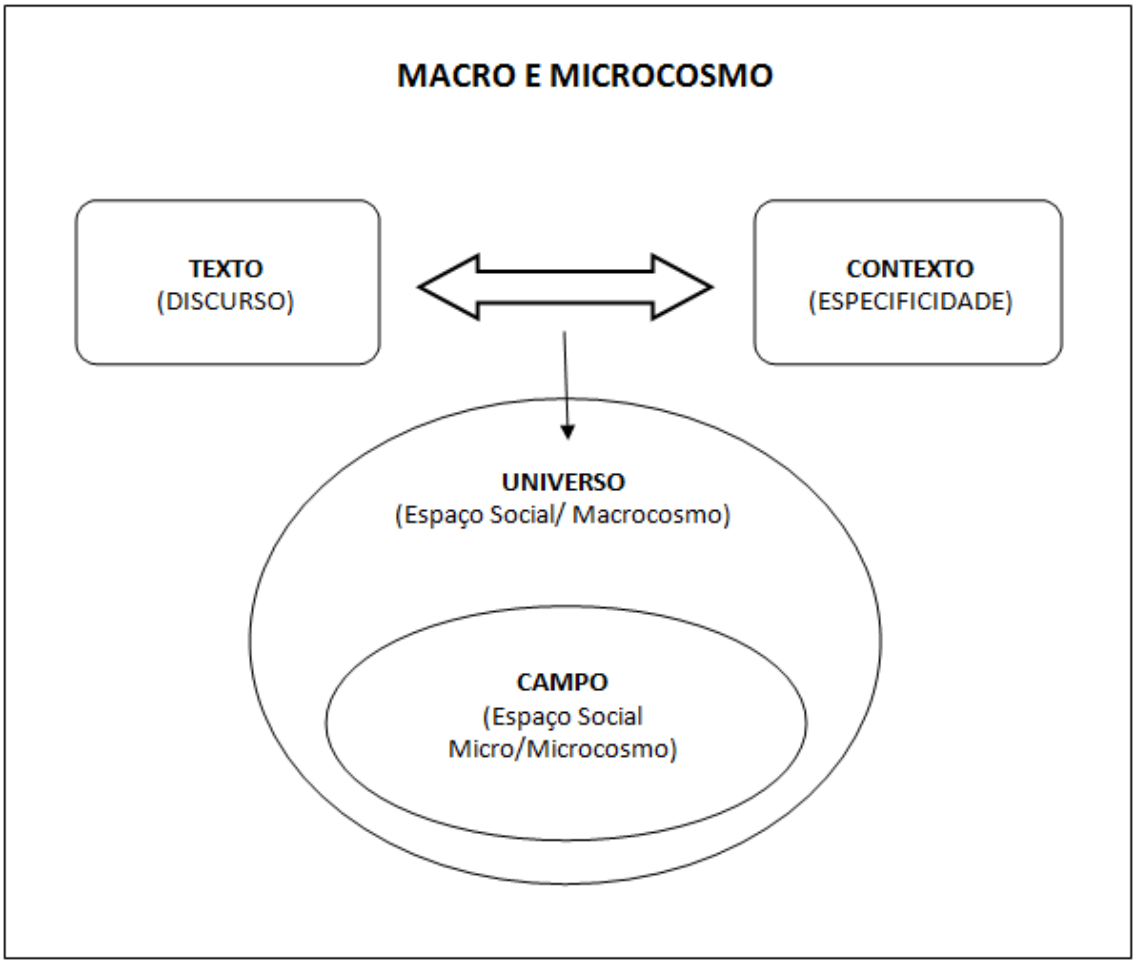
O universo intermediário, portanto, é onde estão os próprios agentes, os indivíduos, “e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas” (BOURDIEU, 2004, p.20). Logo, esta lacuna que se encontra entre o texto e o contexto, e que costuma ser ignorada, é muito mais complexa e relevante do que se imaginava. Neste universo encontra-se o espaço social, o qual é hierarquizado em suas relações sociais, pois é construído por indivíduos que não são iguais. Bourdieu busca trabalhar as

[12] Economia e Sociedade.

[13] Texto e contexto para Bourdieu baseiam-se em forças opostas, que se conflitam dialéticamente em um campo de lutas (forças) (BOURDIEU, 2004, 2012).

especificidades das hierarquizações dentro do Espaço social (BOURDIEU, 2004). A figura abaixo facilita a visualização e compreensão das colocações de Bourdieu:

Figura 1. Origem do Campo – Macro e Microcosmo



Fonte: Elaborado pela autora com base em Bourdieu (2004).

Bourdieu coloca essa noção do Campo, para qual oferece um panorama e aponta como um universo "relativamente autônomo". Dentro deste universo está contido um macro[14] e um microcosmo[15]. No entanto, se o macrocosmo é submetido às leis sociais, o microcosmo também é, contudo essas leis sociais não são as mesmas (BOURDIEU, 2004). Microcosmo, este, também conhecido com Espaço social micro, que possui uma certa autonomia em relação ao macrocosmo.

[14] "O Universo, considerado como ser orgânico, à imagem do ser humano, por oposição ao microcosmo, na filosofia escolástica" (NOVO DICIONÀRIO BRASILEIRO, 1976, p. 641).

[15] "Mundo pequeno, resumo do universo. Diz-se do homem por oposição ao macrocosmo ou Universo" (NOVO DICIONÀRIO BRASILEIRO, 1976, p. 689).

Esse espaço relativamente autônomo passa a ser um “microcosmo dotado de suas leis próprias” (BOURDIEU, 2004, p. 20). E, esta emancipação do campo possuiria um grau de autonomia relativo, que o microcosmo possui em relação ao macrocosmo, quando o próprio microcosmo busca se desvincular do macrocosmo, originando, deste contexto, os subcampos (BOURDIEU, 2004).

Para Bourdieu o Espaço Social baseia-se na concepção macro, em um local onde os indivíduos se locomovem cotidianamente e se relacionam. E, que engloba um microcosmo, um Espaço Social micro, que é visto como um recorte, um pedaço do Espaço Social, um Campo (BOURDIEU 2001a; 2004).

O microcosmo sofre uma influência da estrutura macro em si. O fato deste microcosmo ser apenas relativamente autônomo, o leva a buscar mecanismos que possam libertá-lo de fatores externos que são impostos à ele. E poder ter o reconhecimento de si, ou seja, ter noção de suas próprias definições, que estão contidas nele mesmo, mas são abafadas pelas forças dominatórias impostas ao mesmo. Ignorando as pressões externas que são impostas à ele pelo Macrocosmo e considerando as defesas que o microcosmo produz para criar uma resistência às externalidades, e, desta forma, uma certa autonomia (BOURDIEU, 2004).

As questões mais relevantes sobre o conceito de Campo para Bourdieu se dão devido ao grau de autonomia que os campos, ou subcampos, buscam conquistar e usufruir. Os debates, inerentes ao campo, serão conduzidos sobre esta luta emancipatória do microcosmo, sobre a origem das pressões externas, e, sobre como estas forças exercem dominação e garantem a autonomia do macrocosmo em relação ao microcosmo (BOURDIEU, 2004).

O núcleo da sociologia bourdieusiana é a compreensão dos mecanismos de dominação no Espaço social micro, ou seja, no Campo. Os mecanismos de dominação, para Bourdieu (2004) é colocado e degenerado pelo próprio campo. E o investigador deve mapear os espaços sociais micro e buscar compreender a especificidade de cada um, pois o campo é uma construção mental. Bourdieu busca identificar quais são os mecanismo de dominação, pois quem domina é quem tem mais capital acumulado naquele campo (BOURDIEU, 2004).

Bourdieu trabalha a ideia de identificar “quais os mecanismos que o microcosmo aciona para se libertar dessas imposições externas e ter condições de reconhecer apenas suas próprias determinações internas”, uma vez que há muito do macrocosmo no microcosmo (BOURDIEU, 2004, p.21). É relevante, portanto,

identificar como o microcosmo busca aumentar a sua autonomia relativa, para que se possa reconhecê-lo em si, uma vez que, para Bourdieu (2004) o campo é uma construção mental.

O sociólogo, para Bourdieu, possui um objeto a ser estudado, que é o mundo social, do qual o próprio sociólogo é um produto (BOURDIEU, 2012). Frente a isto, "a ciência social está sempre exposta a receber do mundo social que ela estuda, os *problemas* que levanta a respeito deles: cada sociedade, em cada momento, elabora um corpo de *problemas sociais* tidos como legítimos" (BOURDIEU, 2012, p.35). A própria sociedade cria os seus problemas, os quais são estudados pela sociologia. Uma vez que, "o mundo social constrói a sua própria representação", utilizando da sociologia e do sociólogo para isto (BOURDIEU, 2012, p.36).

O sociólogo, identificado como um microcosmo em determinado momento e contexto, ao mesmo tempo em que estuda o mundo social, identificado como o macrocosmo, é pertencente à ele. O sociólogo precisa criar defesas para romper com esta dominação, para que possa se reconhecer, saber quem ele é, para que possa se desvincular deste mundo social quando necessário, principalmente em seus estudos (BOURDIEU, 2004). Este mundo social[16] (microcosmo) possui suas peculiaridades, suas implicações e imposições, as quais são "relativamente independentes" de pressões impostas pelo mundo social global[17] (macrocosmo) (BOURDIEU, 2004).

Independente das pressões externas, essas forças dominatórias só são praticadas por meio de um campo. (BOURDIEU, 2004). E, uma das formas mais claras da autonomia de um campo, é a "refração", que "retraduz sob uma forma específica as pressões ou demandas externas" (BOURDIEU, 2004, p.22). O Campo busca ignorar aquilo que não pertence à ele, e, desta forma, defender-se (BOURDIEU, 2004).

[16] "(...) o mundo social, com suas divisões, é algo que os agentes sociais têm a fazer, a construir, individual e sobretudo coletivamente, na cooperação e no conflito, resta que estas construções não se dão no vazio social [...] a posição ocupada no espaço social" (Bourdieu, 1996a, p.27 *apud* MISOCZKY, 2003, p. 12).

[17] Para Bourdieu baseia-se no contexto que o permeia o mundo social, que o engloba (BOURDIEU, 2004)

O Campo, para Bourdieu (2012), baseia-se em "(...), certo sentido, uma estenografia[18] conceitual de um modo de construção do objeto que vai comandar - ou orientar - todas as opções práticas da pesquisa" (BOURDIEU, 2012, p. 27). O Campo é composto de inúmeros fatores aparentes, inclusive, fatores intrínsecos, como uma gênese social, uma origem, a qual deve ser considerada (BOURDIEU, 2012). É uma parte do Espaço social, que analisa uma determinada configuração que se dá através do espaço social, pois, para Bourdieu o campo, esse espaço social micro, tem características do espaço social, que é macro e contém o micro (BOURDIEU, 2004).

Para Bourdieu o espaço social é hierarquizado em dominados e dominantes, da mesma maneira que o Campo também é hierarquizado entre dominados e dominantes, relação essa chamada de "relação situacional". A hierarquização acontece devido ao fato dos indivíduos (reconhecidos como agentes para Bourdieu) serem diferentes em meio ao Campo e mobilizarem capitais de formas variadas para alcançarem posições melhores ao piores dentro de determinado campo (BOURDIEU, 2001a; 2004; 2012).

A importância de todo esse resgate conceitual se dá pelo fato do instrumento mais relevante de ruptura (na relação dominado e dominante) ser a história social dos problemas, ou seja, como estes se originam, se constituem e são perpetuados na sociedade, até se tornarem oficiais, e legitimados pela mesma. Esta história social é produto do "trabalho social de construção de instrumentos de construção da realidade social que se realiza no próprio seio do mundo social" (BOURDIEU, 2012, p. 36).

Para que o sociólogo, portanto, não se torne objeto dos problemas que o mesmo estuda como objetos, é preciso resgatar a história social da emergência, da origem e da epistemologia destes problemas estudados. Pois, somente assim haverá uma ruptura das forças de dominação, entre dominado e dominante, que fazem os problemas serem legitimados, socialmente produzidos e perpetuados (BOURDIEU, 2012, p.37).

O resgate epistemológico, que é o conhecimento da origem e da construção das estruturas dominatórias e de seus mecanismos de perpetuação,

[18] "Sistema gráfico de sinais abreviados. Taquigrafia" (NOVO DICIONÁRIO BRASILEIRO, 1976, p. 423).

oferece a legitimidade necessária para que o campo possa ser compreendido, bem como, o jogo que acontece dentro desse campo (BOURDIEU, 2011; 2012).

Todo o tipo de conhecimento, fato ou convenções sociais são acompanhadas de duas frentes, uma que é visível, oficial, que é legitimada e documentada, aceita socialmente, uma Estrutura Objetivada (BOURDIEU, 2004: 2012). E, outra frente que é “invisível”, não-oficial, subjetiva e não aceita socialmente, uma Estrutura Incorporada (BOURDIEU, 2004; 2012).

O Campo é uma Estrutura Objetiva, que já existe, é legitimada. E, possui outras forças que se contrapõem à esta estrutura, denominadas de Estrutura Incorporada, que busca se impor ao poder dominante já estabelecido e aceito (BOURDIEU, 2004; 2011; 2012).

Para Bourdieu (2004, p. 22-23) “todo campo (...) é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças”. O campo possui posicionamentos alternativos, chamados de campo de forças, os quais emergem quando se conflitam em embates. Dentro do campo há uma embates entre dominador e dominado (BOURDIEU, 2004; 2011; 2012). E, complementa: “Há, portanto, tantos campos quantas são as formas de interesse” (BOURDIEU, 2004, p.65).

Bourdieu (2004) coloca que:

> A existência de um campo especializado e relativamente autônomo é correlativa à existência de alvos que estão em jogo e de interesses específicos: através dos investimentos indissoluvelmente econômicos e psicológicos que eles suscitam entre os agentes dotados de um determinado *habitus,* o campo e aquilo que está em jogo nele (eles próprios produzidos enquanto tal pelas relações de força e de luta para transformar as relações de força constitutivas do campo) produzem investimentos de tempo, de dinheiro, de trabalho, etc. (BOURDIEU, 2004, p. 126 – 127).

Bourdieu esclarece essa noção de campo, abordando uma relação no campo social, na sociedade, a qual é composta pelas pessoas que agem (indivíduos que Bourdieu os referencia como agentes agidores), neste mesmo campo, para tanto utiliza-se do exemplo de embates e ambigüidades entre classes e coloca que:

> Toda uma dimensão das relações objetivas ou intencionais que se estabelecem entre as classes sociais pode constituir o objeto de um estudo estrutural porque as marcas de distinção se organizam em sistemas, (...) isto é, o sistema de posições estatutárias definidas principalmente por sua oposição a outras posições estatutárias (BOURDIEU, 2013, p. 25).

Bourdieu denota que há um poder estrutural nesta relação dialética entre as classes sociais, que podem ser entendidas como forças que se conflitam, que possuem ações, atitudes e costumes que perpetuam e reafirmam essa disparidade entre as classes (BOURDIEU, 2004; 2011).

Para Bourdieu:

> (...) é a estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes que são (...) os princípios do campo. É a estrutura das relações objetivas entre os agentes que determina o que eles podem e não podem fazer (...) é a posição que eles ocupam nessa estrutura que determina ou orienta, pelo menos negativamente, suas tomadas de posição (BOURDIEU, 2004, p. 23).

A teoria Bourdieusiana (2012, p.12) também afirma que “o campo de produção simbólica é um microcosmo da luta simbólica entre as classes: é ao servirem os seus interesses na luta interna do campo de produção, que os produtores servem os interesses dos grupos exteriores”. Logo, o privilégio dos que nascem em classes favorecidas em determinado campo baseia-se em deter o controle das práticas legais que são aplicadas em determinado contexto e exercem dominação sob aqueles indivíduos que não as possuem (BOURDIEU, 2004).

Nota-se aqui um comparativo entre dominador e dominado, nesse contexto, as classes dominantes na sociedade, e as classes mais pobres e marginalizadas por determinado meio em determinada época. Este conflito entre ambas só é impulsionado frente à práticas e costumes já aceitos e perpetuados dentro da agência dos indivíduos que convivem nesta estruturas social. Até mesmo quando o microcosmo busca se emancipar e conquistar sua autonomia, ele continua sendo apenas relativamente autônomo, ou seja, ainda é dependente do macrocosmo, neste caso as classes dominadoras e detentoras dos meios de produção, na qual o indivíduo dominado trabalha (BOURDIEU, 2004; 2012, 2013)

Para que essas práticas dominatórias sejam reafirmadas existe, segundo Bourdieu (2013), uma:

> (...) lógica das relações simbólicas que impõe-se aos sujeitos como um sistema de regras absolutamente necessárias em sua ordem, irredutíveis tanto às regras do jogo propriamente econômico quanto às intenções particulares dos sujeitos: as relações sociais não são jamais redutíveis a relações entre subjetividades movidas pela busca de prestígio ou por qualquer outra “motivação” porque elas não passam de relações entre condições e posições sociais que se realizam segundo uma lógica propensa a exprimi-las e, por este motivo, estas relações sociais têm mais realidade do que os sujeitos que a praticam (BOURDIEU, 2013, p. 25).

Compreende-se que o poder imposto pelas estruturas sociais exerce uma dominação tão enfática que, ao longo do tempo, acaba se tornando mais forte do que o próprio indivíduo (BOURDIEU, 2004; 2011; 2012; 2013). As ações de replicação de determinadas imposições se multiplicam no tempo, tornando-se tão cotidianas que mesmo quando o princípio ativo da mesma se esvai, ela continua a ser perpetuada, uma vez que aquele comportamento, ação, prática ou costume foi legitimado por determinada estrutura, em determinada classe, em determinada sociedade, por determinado campo social (BOURDIEU, 2011; 2012).

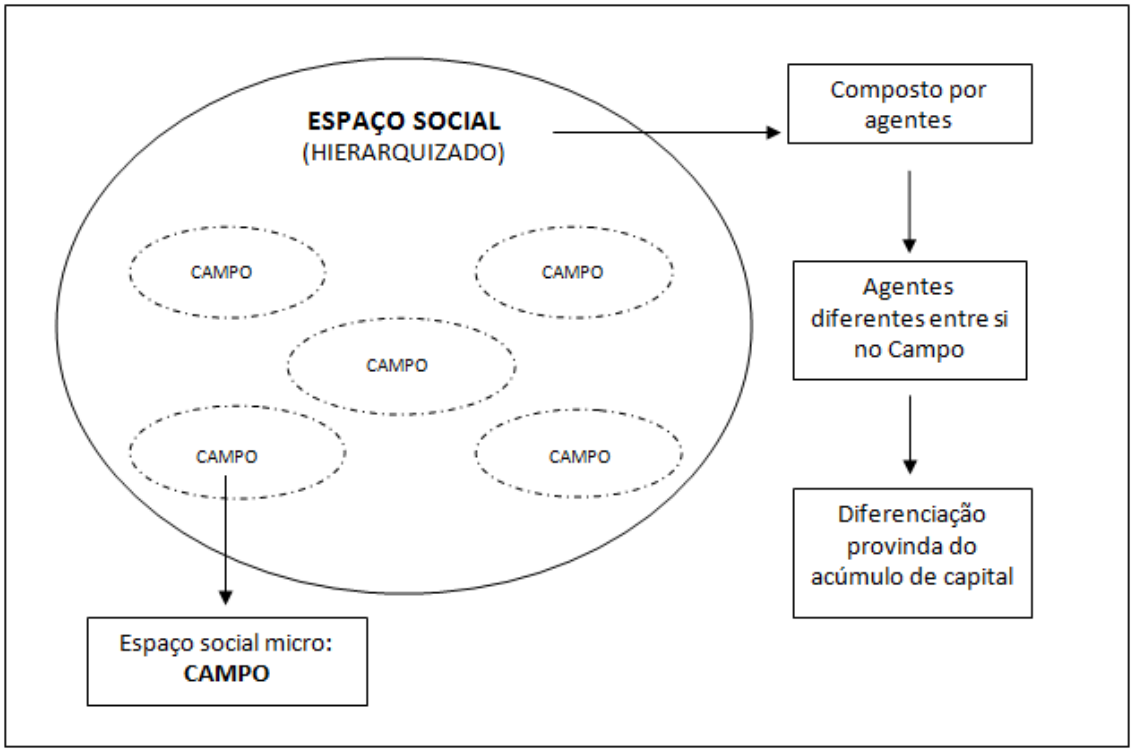
As relações perpetuadas e legitimadas pela sociedade, aos olhos de Bourdieu, nada mais são do que explicitações das relações de força e de dominação nas estruturas sociais. Ele afirma que:

> A autonomia que torna possível a instauração das relações simbólicas, ao mesmo tempo sistemáticas e necessárias, é apenas relativa: as relações de sentido que se estabelecem no interior da margem restrita de variação deixada pelas condições de existência, apenas exprimem as relações de força, sujeitando-as a uma transformação sistemática (BOURDIEU, 2013, p.25).

Essa estrutura social é, de certa maneira, para Bourdieu (2004), estabelecida frente à quantidade de capital (seja científico, artístico, jurídico ou literário) em um determinado momento, dentro de um campo, no qual os agentes, sejam estes indivíduos ou as próprias estruturas, de acordo com o seu acúmulo de capital, estipulam a estrutura de um campo em relação ao seu próprio acúmulo frente ao acúmulo dos agentes naquele espaço (BOURDIEU, 2004; 2012).

Capital esse que, para Bourdieu (2004) remete-se à tudo aquilo que é utilizado em um campo ou Espaço social micro para fazer valer sua posição de mobilização e acumulação de poder, logo, esse capital pode ser migrado conforme a concepção de poder para cada campo. Como mostra a figura abaixo:

Figura 2. Espaço Social Hierarquizado



Fonte: Elaborado pela autora com base em Bourdieu (2001a; 2004; 2012).

Os agentes podem sofrer as imposições do meio, sejam estas imposições brutais ou amenas, variando de acordo com o peso das estruturas. As imposições não necessitam ser claras ou diretamente impostas, mas podem se propagar através de interações, atos replicados, simbolismos. Quem valoriza ou desvaloriza o capital são os próprios agentes, que estão em posições distintas dentro de um Campo. O campo em si é uma das estruturas mais complexas e é praticamente impossível de ser manipulado. Dentro do campo o poder de agência de um indivíduo é proporcional ao poder acumulado que este indivíduo possui dentro do campo. Baseia-se no recorte que permite a compreensão de como as agentes se relacionam no Espaço social micro em questão (BOURDIEU, 2004; 2012).

Bourdieu (2004) coloca que a instauração das relações simbólicas, para serem compreendidas, depende, não apenas de um resgate histórico social e epistemológico, mas também, de um estudo aprofundado sobre as relações sociais motivadoras destes hábitos reproduzidos e de suas repercussões. E, para tal deve-se:

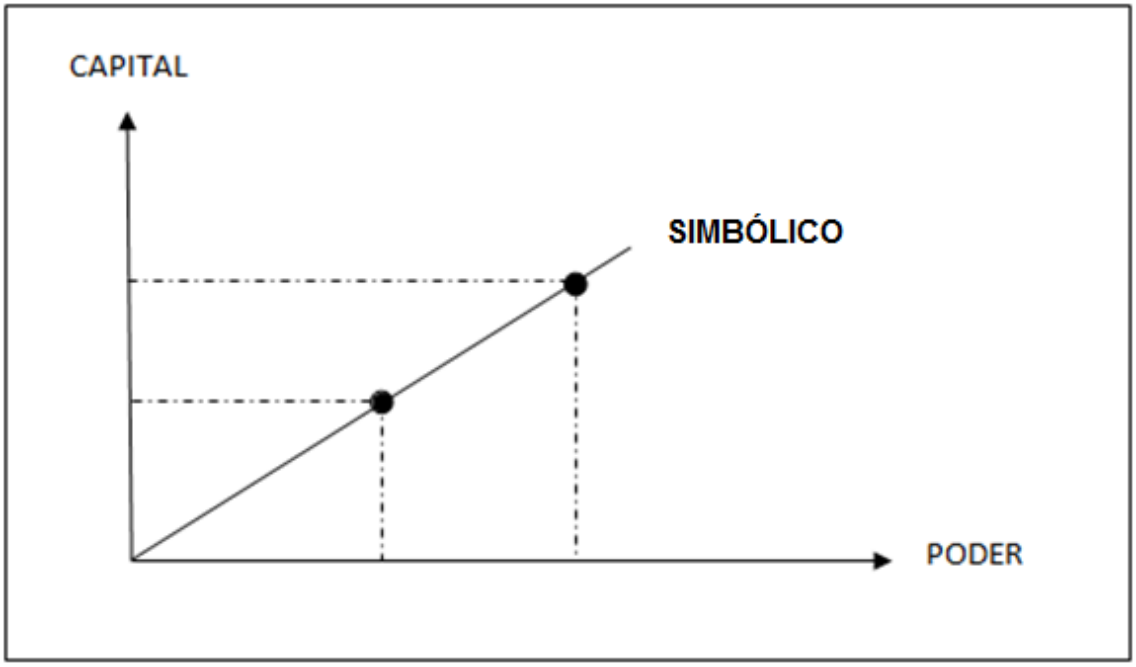
> (...) estabelecer de que maneira a estrutura das relações econômicas pode, ao determinar as condições e as posições dos sujeitos sociais, determinar a estrutura das relações simbólicas que se organizam nos termos de uma lógica irredutível à lógica das relações econômicas (BOURDIEU, 2013, p.25).

Estas relações simbólicas são conexões que perpetuam um poder que é invisível dentro de uma sociedade, por meio de práticas dos próprios sujeitos, de maneira natural e cotidiana. Fortalecem as estruturas e o poder simbólico que transitam em determinado meio, agindo como uma ferramenta de dominação intrínseca à sociedade e aos indivíduos que a compõe. As forças divergentes que se embatem em um campo demonstram uma força vencedora, dominatória, que já está objetivada na sociedade e domina aquele campo social, e, desta forma detém o campo de poder[19] naquela sociedade (BOURDIEU, 2004; 2011; 2012; 2013).

Uma vez que os agentes sociais de determinada estrutura são reféns do capital que acumulam para terem poder em seu meio, capital este que é mobilizado e específico dentro de um campo em um momento adequado, a relação entre capital e poder é diretamente proporcional (BOURDIEU, 2004). Como denota a figura abaixo:

[19] Misoczky (2003) comenta que: “O campo de poder é o espaço de relações de força entre os diferentes tipos de capital ou, mais precisamente, “entre os agentes suficientemente providos de um dos diferentes tipos de capital [para conseguir dominar o campo correspondente e cujas] lutas se intensificam sempre que o valor relativo dos diferentes tipos de capital é posto em questão” (Bourdieu, 1996a, p.50)”. (MISOCZKY, 2003, p.13).

Figura 3. Relação entre capital e poder



Fonte: Elaborado pela autora com base em Bourdieu (2001a; 2004; 2012).

Logo, para efetuarem a manutenção deste poder os agentes (indivíduos) desenvolvem estratégias que os permitem corroborar para a continuação desta estrutura que o produz, e que o reproduz com “poder”, que o oferece uma posição privilegiada, contudo sempre respeitando a limitação de sua origem social. Há um confronto entre as forças que denotam os detentores de maior capital contra os desprovidos deste capital, através do maior acúmulo de capital em determinado campo, pode-se separar dominados e dominantes (BOURDIEU, 2004; 2011; 2012).

Para que o capital seja mobilizado e acumulado, e dessa maneira o agente ou grupo de agentes obtenha mais poder e domínio sobre determinado campo, desenvolve-se aqui uma Estratégia. Os capitais não são utilizados de maneira aleatória, eles são pensados. A maneira que determinado capital é acumulado parte de uma concepção individual com alcance estrutural.

Para Bourdieu (2004):

> A noção de estratégia é o instrumento de uma ruptura com o ponto de vista objetivista e com a ação sem agente que o estruturalismo supõe (recorrendo, por exemplo, à noção de inconsciente). Mas pode-se recusar a ver a estratégia como o produto de um programa inconsciente, sem fazer dela o produto de um cálculo consciente e racional. Ela é produto do senso prático como sentido do jogo, de um jogo social particular, historicamente definido, que se adquire desde a infância, participando das atividades sociais (...) dos jogos infantis. O bom jogador, que é de algum modo o jogo feito homem, faz a todo instante o que deve ser feito, o que o jogo demanda e exige. Isso supõe uma invenção permanente, indispensável para se adaptar às situações indefinidamente variadas, nunca perfeitamente idênticas. O que não garante a obediência mecânica à regra explícita, codificada (quando ela existe). (...) O sentido do jogo não é infalível; ele se distribui de maneira desigual, tanto numa sociedade quanto numa equipe (BOURDIEU, 2004, p.81).

Um campo sempre é um campo de lutas onde se joga o jogo, esse jogo envolve diversos interesses por partes dos inúmeros indivíduos, os quais mobilizam o que é necessário para ganhar o jogo. Com a finalidade de conquistar a condição de dominador, utiliza-se o capital dentro de uma determinada estratégia (BOURDIEU, 2004; 2012)

A estratégia baseia-se em como um agente ou grupo de agente mobilizam seus capitais no interior do campo a fim de alcançar aquilo que é almejado. Esses capitais que são visados e acumulados são de ordem simbólica, portanto baseiam-se em mecanismos sutis que atiçam o imaginário dos agentes envolvidos (BOURDIEU, 2004).

Bourdieu (2004) coloca que "(...) o poder adquire na universidade uma contribuição à análise dos mecanismos objetivos e subjetivos, através dos quais se exercem os efeitos de imposição simbólica, de reconhecimento e desconhecimento (BOURDIEU, 2004, p. 57). Logo, o simbolismo existe na sociedade sem haver o reconhecimento do mesmo em diversos momentos, é invisível.

E, afirma que "(...) o limite de um campo é o limite dos seus efeitos ou, em outro sentido, um agente ou uma instituição faz parte de um campo na medida em que nele sofre efeitos ou que nele os produz" (BOURDIEU, 2012, p.31).

Percebe-se claramente a necessidade dos próprios indivíduos de perpetuarem as estruturas sociais, e, desta maneira, perpetuar os privilégios que o acúmulo de capital (poder) proporciona a estes agentes sociais de determinado contexto social. A manutenção de seu "*status"*, seus privilégios e riquezas faz com que estes indivíduos, agentes, perpetuem as próprias instituições dominatórias, que

os aprisiona, em benefício de interesses particulares de determinada classe, de uma elite, em detrimento de outrem, fomentando por meio de um poder simbólico a continuidade dessa disparidade entre as classes sociais (BOURDIEU, 2004; 2012).

Um outro exemplo, além do contexto econômico e da separação de classes sociais, Bourdieu remete aos embates dialéticos científicos entre autores, os quais demonstram as lutas dentro dos campos de conhecimento estipulados pelo ambiente de estudo, ou seja, uma temática, de cada autor sobre o universo no qual o objeto de estudo se encontra inserido (BOURDIEU, 2001a).

Nota-se que os embates entre autores possuem uma tese e uma antítese, as quais são forças que se conflitam, criando um embate entre si (BOURDIEU, 2004). Estes embates teóricos acontecem dentro de um determinado contexto, um universo de análise, uma temática, um campo. O resultado deste embate pode superar ou não a tese determinada *apriori,* podendo haver mudanças que serão assimiladas na Estrutura Objetiva ou não permanecendo como uma Estrutura Incorporada (BOURDIEU, 2004).

Bourdieu (2012) comenta que:

> Compreender a gênese social de um campo, e aprender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, *tornar necessário,* subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os atos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir (BOURDIEU, 2012, p.69).

Os conflitos ocorrem em um local, identificado como o “jogo”, no qual os conflitos entre as diversas forças se contrapõem dentro de um campo. Este jogo, jogado dentro do campo é onde os debates, embates e contraposições sociais acontecem. A diferença entre jogo e campo é de que o campo é um jogo, cujas regras estão no próprio campo, todas em jogo. Baseia-se em uma partida indefinida que não se sabe quem será o dominado ou dominante (BOURDIEU, 2004).

Para Bourdieu (2004, p.27) os campos baseiam-se em “lugares de relações de forças que implicam tendências imanentes e probabilidades objetivas. Um campo não se orienta totalmente ao acaso”. As forças buscam se sobrepor umas as outras dentro dos conflitos e passam a ser reificadas, aceitas pela sociedade, ou subjetivadas, sendo marginalizadas pela sociedade. O campo sempre estará aberto à disputas entre relações (BOURDIEU, 2004; 2012).

Misoczky (2003) afirma que:

> O campo é espaço de relações de força (e não somente de significados) e de lutas, voltadas para transformá-lo, sendo, portanto, espaço de constante e infindável mudança. A coerência que pode ser observada em dado momento de um dado campo, sua aparente coerência em direção a uma função comum, se originou no conflito e na competição, não em algum tipo de autodesenvolvimento imanente da estrutura (MISOCZKY, 2003, p. 24).

Existem as estruturas objetivas e respectivas lutas que permeiam essas estruturas. Os indivíduos ou agentes sociais, contidos em um determinado campo não são instrumentos passivos e iguais, ou seja, não são facilmente conduzidos por este campo através da sua força dominante, eles possuem posicionamentos alternativos, devido à sua relação hierarquizada, no qual o dominante detém as regras de dominação no campo e os capitais necessários para impor-se no campo. E, o dominado não detém as regras nem os capitais necessários para dominar o campo em questão (BOURDIEU, 2004, p. 28; 2012).

Bourdieu (2004) afirma que:

> (...) dominação já não se exerce, como em outras épocas, através das relações pessoais (...), mas toma a forma de uma dominação estrutural exercida através de mecanismos muito gerais como os do mercado. Essa posição contraditória de dominantes-dominados, de dominados entre os dominantes (...) explica a ambigüidade de suas tomadas de posição, que está ligada a essa posição de apoio em falso (...). A autonomia dos campos de produção cultural, fator estrutural que comanda a forma das lutas internas ao campo, varia consideravelmente não só de acordo com as épocas de uma mesma sociedade, mas também de acordo com as sociedades. E, concomitantemente, variam a força relativa dos dois pólos no interior do campo e o peso relativo dos papéis atribuídos ao artista e ao intelectual. De um lado, num extremo, com a função de *expert,* ou de técnico, que oferece seus serviços simbólicos aos dominantes (a produção cultural também possui seus técnicos, como os operários do teatro burguês e os fazedores de literatura industrial, e de outro, no outro extremo, o papel, conquistado e definido contra os dominantes, de pensador livre e crítico, de intelectual que usa seu capital específico, conquistado por meio da autonomia e garantido pela própria autonomia do campo, para intervir no terreno da política (BOURDIEU, 2004, p.175).

Logo, a dominação dentro de um campo é tão inconsciente quanto consciente e pode ser estimulada, colocada, mantida e perpetuada na sociedade através de pessoas capacitadas que implementam o simbolismo nos mecanismos

de massa e que o estimulam cotidianamente, propiciando um poder e dominação simbólica.

Há alguns aspectos que não são facilmente conduzidos por este campo através da sua força dominante, eles possuem posicionamentos alternativos, o que Bourdieu nomeia de *habitus* (BOURDIEU, 2004, p.28; 2012).

Bourdieu define que

> (...) o *habitus* é o produto do trabalho de inculcação e de apropriação necessário para que esses produtos da história coletiva, que são as estruturas objetivas (...) consigam reproduzir-se, sob a forma de disposições duráveis, em todos os organismos (...) duravelmente submetidos aos mesmos condicionamentos, colocados, portanto, nas mesmas condições materiais de existência. (BOURDIEU,1983, p.79).

Para Bourdieu (2004, p 62) a intenção da relação entre campo e *habitus* é fornecer "(...) a única maneira rigorosa de reintroduzir os agentes singulares e suas ações singulares sem cair de novo na anedota sem pé nem cabeça da história factual".

Esse posicionamento particular em busca por autonomia, esse microcosmo e sua tentativa de emancipação do macrocosmo, essa força que se opõe à um campo, essa estrutura subjetiva que se contrapõe à objetiva, as disposições sociais frente às posições sociais, aqui se encontra o vínculo entre campos, provindo da relação situacional, pois o campo baseia-se em um conjunto relacional, aqui tratado entre dominado e dominante, os quais assumem posições relacionais no campo, logo, um não existe sem o outro. O dominado diferencia-se por mobilizar menos capital que o dominador, o qual, em determinado campo acumulou mais capital. E, essa relação (entre dominado e dominante) será sempre conflituosa. Assim como o conflito do próprio *habitus* (BOURDIEU, 2001a; 2004; 2011).

Este *habitus* para Bourdieu (2004) baseia-se em:

> (...) maneiras de ser permanentes, duráveis que podem, em particular, levá-los a resistir, a opor-se às forças de campo. Aqueles que adquirem, longe do campo em que se inscrevem, as disposições que não são aquelas que esse campo exige, arriscam-se, por exemplo, a estar sempre defasados, deslocados, mal colocados, mal em sua própria pele, na contramão e na hora errada (BOURDIEU, 2004, p.29).

Contudo, mesmo em situações de exclusão ou marginalização este *habitus* pode ser acionado pelos indivíduos contra as forças contidas no *habitus* já adotado pela maioria e buscar sua legitimidade. Resistir ao poder dominatório das estruturas e ir além, buscando conflitá-la e superá-la. Portanto da mesma forma que é diferente, ele também diferencia, o *habitus* promove distinções e divisões na sociedade, ou seja, no campo social (BOURDIEU, 2004; 2011; 2012)

Estas forças, que se confrontam dentro deste campo, que são provindas dos diferentes agentes (individuais e coletivos), denotam um campo de forças, e, baseiam-se em forças estruturais, subjetivas e incorporadas que lutam, a favor ou contra, um poder dominante, estruturado e reificado, e mostram-se como posicionamentos que buscam autonomia em determinado contexto (BOURDIEU 2004; 2012; 2013).

Misoczky (2003, p. 14) coloca que:

> Os princípios delimitam um espaço socialmente estruturado em que agentes lutam, dependendo das posições que ocupam no campo, seja para mudar, seja para preservar seus limites e forma. A questão do limite do campo é difícil, simplesmente porque ele é sempre objeto de disputa no próprio campo. Os participantes do campo trabalham, constantemente, para se diferenciar dos seus rivais mais próximos, para reduzir a competição e estabelecer um monopólio sobre um subsetor particular do campo. Assim os esforços constantes dos membros do campo para impor critérios de competição e de pertença, podem ser mais ou menos bem sucedidos, dependendo de conjunturas particulares; portanto os limites do campo só podem ser determinados de modo empírico e em cada situação (BOURDIEU E WACQUANT, 1992 *apud* MISOCZKY, 2003).

O objeto de pesquisa, para o sociólogo é o Campo, e se localiza em um determinado Espaço Social[20], que para Bourdieu (2001a) baseia-se em uma "estrutura de posições diferenciadas, definidas (...) pelo lugar que ocupam na distribuição de um tipo específico de capital" (BOURDIEU, 2001a, p. 29). Este

[20] Bourdieu (1996a) propõe a substituição da lógica de classes pela de espaço social. O autor reconhece a sua contribuição para o trabalho político, mas considera que as classes existem no espaço social, ainda que em estado virtual, não como um dado, mas como "algo que se trata de fazer" (Bourdieu, 1996a, p.24). Assim falar de espaço social como espaço de diferenças que contém o princípio de apreensão relacional do mundo social, é resolver, fazendo-o desaparecer, o problema da existência ou não das classes, "sem negar o essencial do que os defensores da noção acreditam afirmar através dela, isto é, diferenciação social, que pode gerar antagonismos individuais e, às vezes, enfrentamentos coletivos entre os agentes situados em posições diferentes no espaço social" (Bourdieu, 1996a, p.49). (MISOCZKY, 2003, p.12).

Espaço Social se mostra como o macro, que em seu interior ocorrem relações situacionais entre Campos (BOURDIEU; 2004).

Esse Campo está sujeito à inúmeras posições relacionais entre dominador e dominado, posições estas originadas da hierarquização do Campo. Bourideu (2004) coloca que:

> (...) eu diria que tento elaborar um *estruturalismo genético:* a análise das estruturas objetivas - as estruturas dos diferentes *campos* - é inseparável da análise da gênese, nos indivíduos biológicos, das estruturas mentais (que são em parte produto da incorporação das estruturas sociais) e da análise da gênese das próprias estruturas sociais: o espaço social, bem como os grupos que nele se distribuem, são produto de lutas históricas (nas quais os agentes se comprometem em função de sua posição no espaço social e das estruturas mentais através das quais eles apreendem esse espaço) (BOURDIEU, 2004, p. 26).

Este campo de poder, devido à estes mesmos embates, transforma-se em um campo de forças, uma vez que “qualquer que seja o campo, ele é objeto de luta tanto em sua representação quanto em sua realidade” (BOURDIEU, 2004, p.29).

Os campos de forças acontecem dentro de um espaço social, e, nele está contido todas as disputas de poder, as forças que se embatem, e, baseia-se em um conjunto dos campos de poder, o qual contém o espaço social, o campo social (BOURDIEU, 2004; 2011; 2012; 2013).

Misoczky (2003) esclarece que “(...) os campos sociais, por sua vez, estão contidos em um espaço social global, que é campo de forças e de lutas, campo de poder e simultaneamente se constituem em campos de poder, onde tipos de capital pertinentes e valorizados existem em determinadas estruturas de distribuição e são objeto de disputa” (MISOCZKY, 2003, p. 14).

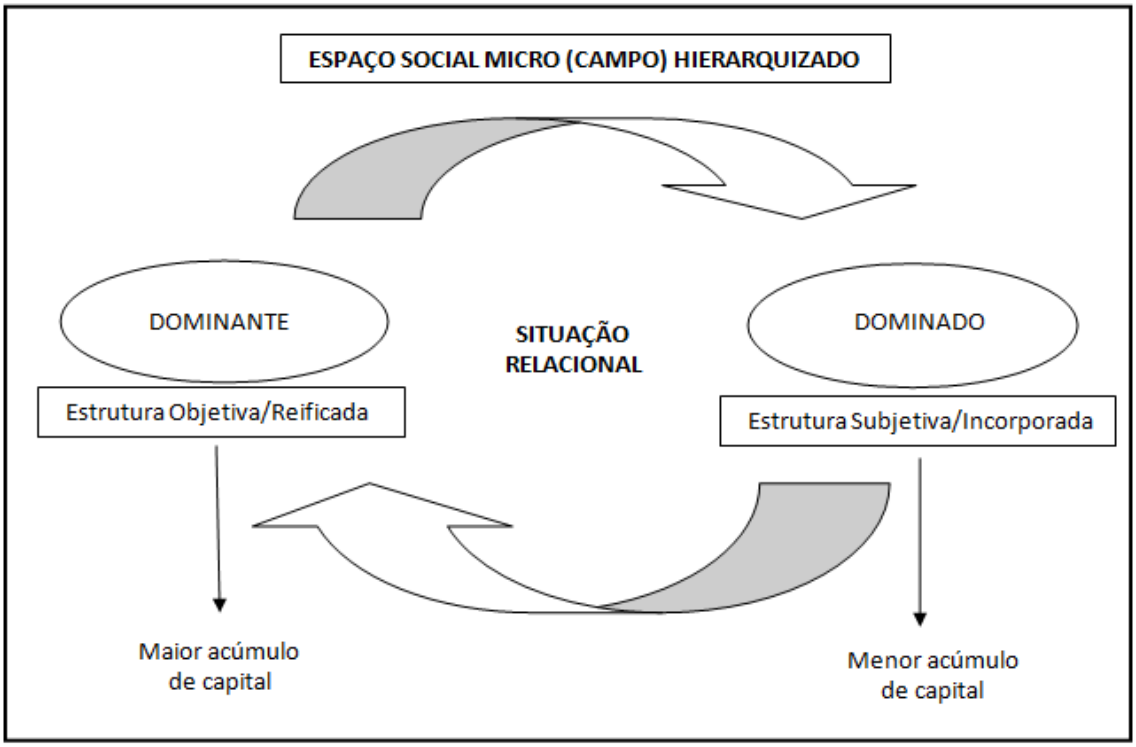
Logo, o campo de poder contém o campo social. E, quem detém o campo social, possui o campo de poder (BOURDIEU, 2004; 2012; 2013). “Cada campo social tem sua própria lógica, regras e regularidades; cada estágio na divisão de um campo envolve mudanças genuinamente qualitativas. Cada campo constitui potencialidade aberta de jogo, cujos limites são ‘fronteiras dinâmicas’” (MISOCZKY, 2003, p.24).

Misoczky (2003) também explicita que:

> (...) a noção de sociedade é substituída pela de campo e de espaço social. Cada campo prescreve seus valores particulares e possui seus próprios princípios regulativos. Bourdieu (1990) não se satisfaz com a existência de regras e regularidades. Para ele o jogo social é regrado, é lugar de regularidades, mas não segue regras constantes (MISOCZKY, 2003, p.13).

Este embate entre forças constitui uma relação situacional, entre hierarquias do Espaço social micro, ou seja, de um determinado Campo. Hierarquia essa provinda da mobilização de capital promovendo distinção através do acúmulo de poder no Campo, o que torna visível a condição de dominador e dominado na sociedade. Como demonstra o quadro abaixo:

Figura 4. Relação situacional no Campo



Fonte: Elaborado pela autora com base em Bourdieu (2012).

Há entre os campos uma categoria de percepção que os separa, que os diferencia simbolicamente e que é provindo de uma situação relacional entre ambos, aqui se encontra um poder invisível, uma linguagem implícita. Esse poder é replicado por ações e por costumes dos indivíduos em proteção de seus interesses particulares dentro das estruturas estruturantes, ou seja, de suas posições no

campo. Poder este que, segundo Bourdieu (2012), possui uma configuração simbólica (BOURDIEU, 2004; 2011; 2012).

Misoczky (2003) coloca que:

> É importante destacar que os conceitos de *habitus* e de campo designam feixes de relações. Um campo é composto por um conjunto de relações históricas e objetivas ancoradas em certas formas de poder (tipos de capital), enquanto o *habitus* é composto por um conjunto de relações históricas **depositadas** dentro dos corpos individuais sob a forma de esquemas mentais e corporais de percepção, compreensão e ação (Wacquant, 1992 *apud* MISOCZKY, 2003, p.13).

Estas relações objetivas do campo mostram-se como forças simbólicas e se fazem visíveis quando interagem dentro de uma relação situacional (entre campos), através de estratégias e de instrumentos dominatórios, que favorecem os seus interesses como indivíduo e como classe pertencente à uma estrutura, perpetuando a estrutura através de uma linguagem retórica, logo, perpetuando sua posição social (de maior acúmulo de capital) na mesma. Uma vez que o *habitus* funciona como disposições duráveis e adormecidas dentro dos agentes, são mecanismos incorporados ao longo da existência do indivíduo, que podem ser externalizados ou não. E, que podem ser reconstruídos e incorporados pelo agente em sua trajetória no campo. O *habitus* refletiria um embate entre indivíduos (ou grupos) dentro do campo e pode valorizar ou desvalorizar um determinado capital (BOURDIEU, 2001a; 2004; 2011; 2012).

Para Bourdieu (2012):

> As estratégias discursivas dos diferentes actores, e em especial os efeitos retóricos que têm em vista produzir uma fachada de objectividade, dependerão das relações de força simbólicas entre os campos e dos trunfos que a pertença a esses campos confere aos diferentes participantes ou, por outras palavras, dependerão dos interesses específicos e dos trunfos diferenciais que, nesta situação particular de luta simbólica pelo veredicto «neutro», lhes são garantidos pela sua posição nos sistemas de relações invisíveis que se estabelecem entre os diferentes campos em que eles participam (BOURDIEU, 2012, p. 56).

Esta relação situacional existe entre campos diferentes. E, para Bourdieu (2012), há aqui uma intersecção destes campos. Essa intersecção “funciona como uma situação de mercado lingüístico, que tem características conjunturais (...) é um espaço pré-estabelecido: a composição social do grupo está antecipadamente determinada” (BOURDIEU, 2012, p.55).

“O espaço que acontecerá a interação é o lugar da actualização da intersecção entre os diferentes campos” (BOURDIEU, 2012, p.55). Logo, a relação situacional não se prende apenas à relações de campo, mas também está ligada, á relações mais complexas do universo simbólico. Situação esta, também, tão intrínseca nas relações sociais, as quais, por muitas vezes, sofrem uma dominação, por meio de um “poder invisível”, o qual se encontra encoberto ou velado por costumes, hábitos, cultura e símbolos, o poder simbólico (BOURDIEU 2004; 2012).

A intenção de Bourdieu era a de mapear as relações de dominação que marcam um campo analisado (objeto de estudo). E, estudar esse campo para designar os mecanismos de dominação dentro do mesmo (BOURDIEU; 2004).

Este tópico foi desenvolvido com o intuito de discorrer sobre a origem do campo para Bourdieu e sobre como o campo se mostra dentro do funcionamento de uma sociedade. Também foi abordado a relação situacional e como este se conflita no campo, a relação hierarquizada entre ambos, e o próprio *habitus* nos agentes*,* propiciando a emergência de um poder invisível e inerente na sociedade, um poder simbólico que é abordado na próxima seção.

2.3 Poder simbólico

A necessidade de resgate epistemológico neste trabalho e da Sociologia para Bourdieu se fez necessário para chegar-se ao ponto de que toda a análise sociológica tem o intuito de compreender o poder subordinado implícito na sociedade (BOURDIEU; 2012). Foi trabalhado, nessa seção, o poder simbólico para Bourdieu, dentro da sociedade e nos indivíduos que a compõem.

Chanlat esclarece que:

> Todo ser humano e toda sociedade humana produziram uma representação do mundo que lhe confere significação. A imaginação simbólica busca representar para si antes de mais nada o ausente, o imperceptível, o indescritível. Mais ou menos arbitrárias, estas representações simbólicas que calcam sua existência (CHANLAT, 1996, p.30).

Peters (2001a) coloca a ideia de que se a própria continuidade da vida social depende da aplicação dos conhecimentos dos atores (indivíduos) na produção de suas práticas, o acesso interpretativo a esses recursos simbólico-cognitivos é uma condição da compreensão dessas práticas (simbólicas).

Chanlat (1996, p.30), também afirma que “mais ou menos arbitrárias, estas representações simbólicas que calcam sua existência nas relações com o mundo vão participar da construção deste universo de significações inerentes ao ser humano”.

Há, entre uma imaginação simbólica e uma representação simbólica algo que molda as ações, as forma e as transforma, um poder simbólico (BOURDIEU, 2004; 2011; 2012). O conceito, para Bourdieu (2012), de poder simbólico “(...) é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2012, p. 7).

Bourdieu (2012) acredita que é relevante detectar o poder simbólico onde ele se faz menos visível, onde este é ignorado, aí é quando este poder se distingue. O que não pode ser explicado, pode ser replicado e perpetuado através das ações dos indivíduos em diferentes universos simbólicos como os “mitos, língua, arte e ciência”. E, Bourdieu, chama estes universos simbólicos de “instrumentos de conhecimento e de construção do mundo dos objetos, como <formas simbólicas>, reconhecendo (...) o <aspecto ativo> do conhecimento” (BOURDIEU, 2012, p.8).

São instrumentos que devem ser utilizados no resgate empírico para que haja a compreensão de sua emergência, sua origem. E, desta maneira, o entendimento de seu simbolismo. Os instrumentos de dominação e integração buscam criar um consenso sobre o sentido do mundo para os indivíduos (BOURDIEU, 2004; 2012). Como Bourdieu afirma, “a análise estrutural constitui o instrumento metodológico que permite (...) apreender a lógica específica de cada uma das <formas simbólicas> (BOURDIEU, 2004; 2012, p.9).

Bourdieu (2004) afirma que:

> Para mudar o mundo, é preciso mudar as maneiras de fazer o mundo, isto é, a visão de mundo e as operações práticas pelas quais os grupos são produzidos e reproduzidos. O poder simbólico, cuja forma por excelência é o poder de fazer grupos (...), está baseado em duas condições. Primeiramente, como toda forma de discurso performativo, o poder

> simbólico deve estar fundado na posse de um capital simbólico. O poder de impor às outras mentes uma visão, antiga ou nova, das divisões sociais depende da autoridade social adquirida nas lutas anteriores. Em segundo lugar, a eficácia simbólica depende do grau em que a visão proposta está alicerçada na realidade: (...) Ela terá tanto mais chances de sucesso quanto mais estiver alicerçada na realidade: isto é, como eu disse, nas afinidades objetivas entre as pessoas que se quer reunir. Quanto mais adequada for a teoria, mais poderoso será o efeito de teoria (BOURDIEU, 2004, p. 166)

Para Bourdieu "a objetividade do sentido do mundo define-se pela concordância das subjetividades estruturantes" (BOURDIEU, 2012, p.8). Focando-se sempre na tradição estruturalista, que trabalha com uma análise estrutural, a qual "tem em vista isolar a estrutura imanente a cada produção simbólica" (BOURDIEU, 2012, p.9).

As estruturas estruturantes baseiam-se em um "instrumento de conhecimento e de construção do mundo objectivo". (BOURDIEU, 2012, p. 16). E, para clarificação da idéia de "estruturas estruturadas", Bourdieu (2012) coloca que os sistemas simbólicos, que podem ser entendidos como os instrumentos de comunicação e de conhecimento, podem exercer dominação e poder estruturante, apenas, quando já forem estruturados em determinado contexto.

Para Bourdieu (2012):

> (...) poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*[21]*:* o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o *conformismo lógico*[22], quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências (BOURDIEU, 2012, p.8-9).

Os símbolos que uma sociedade produz (instrumentos de comunicação e conhecimento) produzem a integração social. E, esta produção simbólica é um instrumento de dominação social (BOURDIEU, 2012). Essa dominação pode servir a uma classe específica com o capital simbólico acumulado, e aos seus interesses particulares, sendo os símbolos produzidos uma ferramenta

---

[21] (...) não indicam, como muitas vezes se crê ingenuamente, uma disciplina filosófica geral, como a lógica, a ética ou a estética, mas um modo de tratar um problema nascido de um pressuposto filosófico específico, no âmbito de determinada corrente filosófica, que é o idealismo (no sentido 1º v. Idealismo). O problema cujo tratamento é tema específico da teoria do conhecimento é a realidade das coisas ou, em geral, do "mundo externo". (DICIONARIO DA FILOSOFIA, 1998, p. 183)

[22] Durkheim via o conformismo lógico como uma homogeneidade no entendimento de determinado grupo, para El o conformismo era o oposto do desvio (DURKHEIM, 1994).

que exerce poder de dominação e legitimação de uma classe sobre outra em uma sociedade.

O capital simbólico também descrito por Bourdieu (2004) como:

> (...) um crédito, é o poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento: assim, o poder de constituição, poder de fazer um novo grupo, através da mobilização, ou de fazer existir por procuração, falando por ele enquanto porta-voz autorizado, só pode ser obtido ao término de um longo processo de institucionalização, ao término do qual é instituído um mandatário, que recebe do grupo o poder de fazer o grupo. (BOURDIEU, 2004, p. 166).

Bourdieu coloca que “as tomadas de posição ideológicas dos dominantes são estratégias de reprodução que tendem a reforçar *dentro* da classe e *fora* da classe a crença na legitimidade da dominação da classe”. Existindo aqui, também, uma luta simbólica (BOURDIEU, p. 2012, p.11).

Bourdieu afirma que:

> Essas lutas simbólicas, tanto as lutas individuais da existência cotidiana como as lutas coletivas e organizadas da vida política, têm uma lógica específica, que lhes confere uma autonomia real em relação às estruturas em que estão enraizadas. Pelo fato de que o capital simbólico não é outra coisa senão o capital econômico ou cultural quando conhecido e reconhecido, quando conhecido segundo as categorias de percepção que ele impõe, as relações de força tendem a reproduzir e reforçar as relações de força que constituem a estrutura do espaço social. Em termos mais concretos, a legitimação da ordem social não é produto, como alguns acreditam, de uma ação deliberadamente orientada de propaganda ou de imposição simbólica; ela resulta do fato de que os agentes aplicam às estruturas objetivas do mundo social estruturas de percepção e apreciação que são provenientes dessas estruturas objetivas e tendem por isso a perceber o mundo como evidente (BOURDIEU, 2004, p. 163).

Uma cultura dominante que cria uma “falsa consciência” da cultura dominada para que haja uma “integração fictícia” entre as classes, onde as distinções entre ambas continuem a ser legitimadas. Sendo a própria cultura (símbolo), através da comunicação (instrumento de dominação), o fator que produz união e divisão no mesmo tempo e espaço em determinada sociedade. A comunicação também é capaz de legitimar a dominação, com sua capacidade de criação de sentido, dentro de uma sociedade através do poder simbólico, que a comunicação exerce (BOURDIEU, 2012).

Para Bourdieu (2012) o poder simbólico não estaria nos sistemas simbólicos, como se fosse uma força ilusória, mas que este poder se definiria na própria relação entre dominantes e dominados (dentro dos campos), ou seja, estaria na “própria estrutura do campo em que se produz e reproduz a crença” (BOURDIEU, 2012 p.14-15). Para Bourdieu (2004) o poder simbólico é relacional, onde dominado e dominante podem exercer esse poder, mas o mesmo depende da relação situacional.

Essa crença, segundo Bourdieu, baseia-se em um “capital simbólico *objectivado*” (2012, p.15), a qual legitima os discursos e dá poder não só à palavra dita, mas a também a quem a enuncia. Crença esta que não se prende apenas a competência das palavras e da comunicação como instrumento de dominação, mas ao poder simbólico adotado por quem as pronuncia.

Por fim, para Bourdieu este poder simbólico é um poder subordinado e mostra-se como uma:

> (...) forma transformada, (...), irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder: só se pode passar para além da alternativa dos modelos energéticos que descrevem as relações sociais como relações de força (...), na condição de se descreverem as leis de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico e, em especial, o trabalho de dissimulação e de transfiguração (...) que garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força fazendo ignorar-reconhecer a violência que elas encerram objectivamente e transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia (BOURDIEU, 2012, p. 15).

Entende-se, neste contexto, segundo Bourdieu (2012) objetividade como o consenso entre os sujeitos, os indivíduos. E, desta forma, o poder simbólico se origina, através das lutas simbólicas, é reproduzido e perpetuado na sociedade de maneira inerente, invisível e intrínseca tanto na sociedade quanto nos indivíduos. Essas práticas já foram inseridas na sociedade e fomentadas através dos instrumentos de dominação para que possam seguir seu caminho naturalmente.

Este poder simbólico, para Bourdieu (2012), é alimentado pelas ações das pessoas fomentando e reafirmando o poder que determinada classe detém sobre as demais havendo aqui uma violência simbólica, a qual é uma violência, pois promove a imposição do dominante sobre o dominado. E, simbólica, pois conta, de maneira consciente e inconsciente com o consentimento do

dominado. A violência simbólica pode ser operacionalizada de diversas maneiras e em variadas situações relacionais dentro de um campo (BOURDIEU; 2001a; 2004; 2012).

Bourdieu afirma que:

> Um poder simbólico é um poder que supõe o reconhecimento, isto é, o desconhecimento da violência que se exerce através dele. Logo, a violência simbólica (...) só pode se exercer com essa espécie de cumplicidade que lhe concedem, pelo efeito do desconhecimento que a denegação estimula, aqueles sabre as quais se exerce a violência. (BOURDIEU, 2004, p. 194-195).

Utiliza-se de mecanismos de dominação sutis que não necessitam de força física e que são invisíveis, logo entende-se aqui que a dominação existe, de fato, contudo o sentido dessa ação dominatória é oculto, não visível em determinado momento (BOURDIEU; 2001a; 2004; 2012).

Bourdieu coloca que o interior do Espaço social micro, campo, é marcado pela intransparência, a qual permite que o mecanismo simbólico seja operacionalizado no campo e que denota a condição do agente não dominar todas as regras do jogo. Para Bourdieu a violência simbólica não pode ser eliminada, mas existe uma “revolução simbólica” (BOURDIEU, 2004, p.179), a qual pode modificar as estruturas mentais e transformar “profundamente a visão do mundo, ou seja, as categorias de percepção e de apreciação do mundo, os princípios de construção do mundo social, a definição do que é importante e do que não é, do que merece ser representado e do que não merece” (BOURDIEU, 2001a; 2004; 2012).

Um exemplo, para clarificar os conhecimentos abordados, seria o das grandes nações dominadoras sob as dominadas, o qual pode ser visto na questão das potências Euro-americanas que impõe seu modo de vida e comportamento sob o restante do mundo. Através de seus instrumentos de dominação, ou seja, os símbolos que criaram (transfiguração e transubstanciação), tais como suas metodologias de estudo, formas de consumo, estilo de vida e, até mesmo, maneiras de entretenimento, como o cinema (JACK E WESTWOOD, 2009).

Impondo suas características sobre o globo como se fossem um modelo ideal de vida e de realização. É reproduzido cotidianamente pelos dominados, mostrando, aqui, a representação do poder simbólico, em si. E, de sua

perpetuação “sem dispêndio aparente de energia” (BOURDIEU, 2012, p.15), uma vez que os dominados querem e buscam ser como os dominadores, que os aprisionam e dominam, denotando de forma clara o simbolismo dessa relação (JACK E WESTWOOD, 2009).

Para romper com esta dominação simbólica e invisível Bourdieu comenta que é necessária uma superação deste poder simbólico, a qual viria por meio de “rupturas epistemológicas”, as quais “são (...) rupturas sociais, ruptura com as crenças fundamentais de um grupo” (BOURDIEU, 2012, p. 38-39) Para Bourdieu a ruptura era algo que deveria buscar à fundo por respostas e:

> (...) pôr em suspenso as pré-construções vulgares e os princípios geralmente aplicados na realização dessas construções, implica uma ruptura com modos de pensamento, conceitos, métodos que têm a seu favor todas as aparências do *senso comum,* do bom senso vulgar e do bom senso científico (BOURDIEU, 2012, p.49).

Logo, “um dos instrumentos mais poderosos da ruptura é a história dos problemas, dos objectos e dos instrumentos de pensamento, quer dizer, do trabalho social de construção de instrumentos de construção da realidade social” (BOURDIEU, 2012, p.36).

Bourdieu acredita que:

> (...) só se torna uma diferença visível, perceptível, não indiferente, socialmente *pertinente*, se ela é percebida por alguém capaz de *estabelecer a diferença* – já que, por estar inscrito no espaço em questão, esse alguém não é *indiferente* e é dotado de categorias de percepção, de esquemas classificatórios, de um *gosto*, que lhe permite estabelecer diferenças, discernir, distinguir (BOURDIEU, 2011, p.23).

Neste contexto, o poder simbólico, quando possui a sua origem epistemológica resgatada se mostra realmente. Para que este poder possa ser superado e rompido deve-se levar o indivíduo a tomar uma consciência de sua condição, da revelação da verdade objetiva ao invés da crença.

Para Bourdieu essa ruptura da relação entre forças dominatórias seria provinda de um rompimento com a ideologia vigente, a qual proporcionaria o rompimento das representações promovidas pelos próprios agentes à sua própria prática dominatória. Essa prática dominatória estaria plena de interesses pessoais,

uma vez que, a dominação que se pretende derrubar só existe porque é ignorada. A ideologia em si, “não aparece e não se assume como tal, e é deste desconhecimento que lhe vem a sua eficácia simbólica” (BOURDIEU, 2012, p. 48). A necessidade aqui é de “romper com os instrumentos de ruptura que anulam a própria experiência contra a qual eles se construíram” (BOURDIEU, 2012, p.48).

Portanto, é através de discursos diferenciados (campo de forças) que vão de encontro à aqueles que já são legitimados, que a mobilização sobre o poder simbólico pode ser erradicada e superada, podendo, desta maneira, tornar reconhecido (legitimado) o poder potencial dos dominados (subjetivado) dentro de determinada sociedade (espaço social), onde o jogo é jogado (BOURDIEU, 2004; 2012).

Bourdieu (2004) coloca que:

> Há uma história da razão; isso não quer dizer que a razão se reduza à sua história, mas que existem condições históricas para o surgimento das formas sociais de comunicação que tornam possível a produção da verdade. A verdade é um jogo de lutas em todo campo (BOURDIEU, 2004, p. 45 - 46).

Este poder simbólico que permeia as relações dentro do campo, que está inserido no Espaço Social funciona como um “combustível”, o qual mantém as relações de poder, oposição e dominação do campo atuante e forte dentro de uma sociedade. É através deste poder simbólico, que é invisível em muitos momentos, que o poder dominante pode continuar exercendo sua força e reafirmando sua imposição, desta forma, se perpetuando na sociedade de maneira natural e sem dispêndio de energia e esforço, uma vez que já está incorporado na sociedade em questão e é aceito e bem visto frente à todos os indivíduos daquele meio (BOURDIEU, 2004; 2011; 2012; 2013).

Logo, o poder simbólico sempre existirá, mesmo com o campo sendo renovado, ele estará na manutenção e perpetuação deste novo campo. E, para romper com ele, seria apenas através do resgate epistemológico, da origem, mas o mesmo apenas romperia com um campo em específico novamente, o poder simbólico torna-se uma ferramenta de extrema relevância dentro de um ciclo vicioso, no qual o poder simbólico sempre estará presente, se fará necessário, e, de forma invisível (BOURDIEU, 2004; 2011; 2012).

Este capítulo buscou demonstrar a importância da Sociologia Bourdieusiana na composição dos esclarecimentos conceituais sobre o a teoria do campo colocada, por Bourdieu, como um espaço social micro e hierarquizado no qual ocorrem situações relacionais entre dominados e dominantes. Como também demonstrar a origem, a relevância e a necessidade do poder simbólico e a força de quem o detém utilizando-se de ferramentas simbólicas para possuírem poder e exercerem uma violência simbólica sobre os respectivos dominados. Esclarece que mesmo com o embate dialético, entre campo e *habitus,* se renovando e o *habitus* sendo incorporado pela estrutura dominante, haverá um novo campo produzido pelo conflito, e que precisará da força do poder simbólico para sobreviver. E afirmou que o rompimento da dominação exercida por meio do poder simbólico na relação dominador-dominado dentro do campo, seria por meio do resgate epistemológico.

Logo, colaborou, em parte, com um dos objetivos específicos deste trabalho de propor uma configuração para o campo de conhecimento que abriga as relações entre Sustentabilidade e Internacionalização, trazendo esclarecimentos conceituais acerca da Sociologia Bourdieusiana, o campo e o poder simbólico. Facilitando a compreensão sobre as relações de internacionalização e sustentabilidade dentro do campo e também a análise de um discurso representativo de sustentabilidade que é utilizado como forma de dominação simbólica.

3 DELIMITANDO COMPREENSÕES DE INTERNACIONALIZAÇÃO E SUSTENTABILIDADE: A CONFIGURAÇÃO DE UM CAMPO EM SUAS RELAÇÕES

Em resposta ao primeiro objetivo específico, propôs-se aqui uma configuração para o campo que discutiu as relações entre internacionalização e sustentabilidade. A dominação, neste campo, é exercida através do discurso da sustentabilidade como questão política e ideológica (O´Connor, 2009). Demonstrou que aquele que possui o discurso representativo domina a questão política daquele campo e, também a questão ideológica do mesmo. A configuração descrita neste capítulo foi a adotada nesta pesquisa.

Bourdieu (2004) afirma que existem inúmeros campos, tantos quantos às áreas de interesse possíveis. Ele busca compreender as ações em um contexto micro, em um recorte do Espaço Social Macro. Bourdieu busca conhecer o objeto de pesquisa em deslocamento, ou seja, em movimento. (BOURDIEU, 2004).

A configuração de campo aqui proposta baseou-se em Bourdieu. Os indivíduos (agentes) ou grupo de agentes, dentro do campo que é hierarquizado, são vistos como dominados e dominantes pertencentes à este campo especifico, os quais possuem poder de agência, que é voltado para a promoção de seus interesses particulares ou de determinada classe. Bourdieu (2004, p 47) afirma que “a lógica do campo constitui-se de tal modo que determinados agentes têm *interesse* no universal”. Desta forma os interesses corroboram para a perpetuação das estratégias dominatórias do campo e mecanismos (instrumentos/ferramentas) de dominação da estrutura objetiva que é o campo. Dominados e dominadores, para Bourdieu, estão sempre em relações situacionais. (BOURDIEU, 2004; 2011; 2012; 2013).

Dentro do campo as estruturas construídas já estão estruturadas (objetivadas) e ainda são estruturantes (dominatórias), uma vez que os próprios indivíduos buscam através delas reafirmar seu poder e “privilégios” sobre as outras classes “inferiores”, seja através dos costumes, da cultura ou da linguagem (comunicação), incluindo uma de suas ferramentas de dominação, como o discurso, o que caracteriza um Poder Simbólico (poder invisível) (BOURDIEU, 2004; 2011; 2012; 2013).

O dominante se configura como uma força, objetivada na sociedade, aceita e vigente. Aquilo que é bem visto pela sociedade, que mobilizou mais capital,

que adquiriu mais poder, que possui instrumentos simbólicos que propiciam a continuação dessa dominação através das práticas dos próprios indivíduos. O dominado se configura como aquele, ou aqueles, que possuem menos capital acumulado, logo, com menos poder dentro do campo. Dentro de uma relação situacional, o dominado passa a ter menos legitimidade. O campo configura-se como uma estrutura social micro, hierarquizada e composta por relações de dominação entre agentes multifacetados e com diferentes capitais acumulados (BOURDIEU, 2004; 2011; 2012; 2013).

Mesmo com as forças opositárias, e uma relação situacional em jogo, o dominador busca se fazer forte, em um campo hierarquizado, estruturado, intrínseco na sociedade e nos indivíduos, com o intuito de promover sua força sobre o dominado e acumular mais capital, logo, acumular mais poder (BOURDIEU, 2004; 2012).

O campo será abordado, de acordo com Bourdieu (2004), como um recorte do Espaço Social (macrocosmo), representado pela Internacionalização de empresas, que denota uma sociedade global interligada em vários níveis. O recorte desse macrocosmo, o qual será aprofundado e detalhado, irá definir o microcosmo, o objeto de pesquisa a ser estudado, ou seja, o campo aqui configurado.

As relações entre internacionalização e sustentabilidade foram o campo dessa pesquisa, o microcosmo. A escolha deste Espaço social, internacionalização de empresas, se justifica pela colocação de Bourdieu (2001):

> É preciso voltar à palavra "*globalization*" (em francês, *mondialisation)*: vimos que ela poderia, num sentido rigoroso, designar a unificação do campo econômico mundial ou a extensão desse campo na escala mundo. Mas também atribuíram-lhe um significado completamente diferente (...) designa então uma *política econômica* que visa unificar o campo econômico por todo um conjunto de medidas jurídico-políticas destinadas a suprimir todos os limites a essa unificação, todos os obstáculos em sua maioria ligados ao Estado-nação, a essa extensão (BOURDIEU, 2001, p. 100-101).

Dentro do macrocosmo da internacionalização de empresas existe um microcosmo que abriga as relações entre internacionalização e sustentabilidade. No microcosmo há uma relação situacional entre dominador e dominado, na qual o dominador exerce sua força e dominação sobre o dominado por intermédio do poder simbólico. O dominador caracteriza-se como as grandes empresas multinacionais

pertencentes ao eixo euro-americano e o dominado como as filiais destas organizações abrigadas pelos demais países, fora desse eixo.

As empresas multinacionais remetem uma estrutura de poder e força, que promove uma dominação subjetiva e sutil sobre economias e culturas, diferente da dominação física do colonialismo. As filiais destas organizações multinacionais disseminam e perpetuam uma força internacional, econômica e cultural em países localizados fora do eixo euro-americano. Países que necessitam e dependem destas organizações para suprir suas respectivas necessidades econômicas (JACK E WESTWOOD, 2009; BOURDIEU. 2011; 2012).

Bourdieu esclarece que:

> A unificação do campo econômico mundial pela imposição do reino absoluto do livre comércio, da livre circulação do capital e do crescimento orientado para a exportação apresenta a mesma ambigüidade que a integração no campo econômico nacional em outros tempos: embora dando aparência de um universalismo sem limites, de uma espécie e ecumenismo que encontra suas justificativas na difusão universal dos estilos de vida *cheap* da "civilização" do Mc Donald´s, do *jeans* e da coca-cola, ou na "homogeneização jurídica", freqüentemente tida por um indício positivo de *globalization*, esse "projeto de sociedade" serve aos dominantes, isto é, os grandes investidores que, situando-se acima dos Estados, podem contar com os grandes Estados, e em particular com o mais poderoso dentre eles política e militarmente, os Estados Unidos, e com as grandes instituições internacionais, Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional, Organização Mundial do Comércio, controlada por eles, para garantir as condições favoráveis à condução de suas atividades econômicas (BOURIDEU, 2001, p108).

O recorte desse Espaço Social que se configura como a internacionalização de empresas, é o Espaço Social micro, o campo, e aqui nesta pesquisa foi defendido como as relações entre internacionalização e sustentabilidade. A relação dominador-dominado dentro do campo é caracterizada pelas empresas multinacionais euro-americanas e suas filiais em países não pertencentes a este eixo, que recebem suas filiais, o que caracteriza um processo que abriga as relações entre internacionalização e sustentabilidade (microcosmo) dentro de um mundo social economicamente globalizado e interligado, o da internacionalização de empresas (macrocosmos).

As forças do macrocosmo exercem pressão e influência sobre o microcosmo, pois maior que a relação situacional entre dominado e dominante é a luta emancipatória do campo em relação ao macrocosmo (BOURDIEU, 2004). O

microcosmo não é relativamente autônomo ao macrocosmo, logo, busca por sua identidade e essência em uma possível emancipação.

O espaço social micro, campo, baseia-se em uma sociedade, na qual ocorrem conflitos e competições, cujas divisões internas (hierarquias) promovem embates que buscam modificar a legitimidade das formas de poder. Bourdieu (2004, p. 52) coloca que: “Vale dizer, em qualquer campo - no campo sociológico, como em todos os outros, há uma luta pelo monopólio da legitimidade”.

Propõe-se que dentro do campo há uma luta pela legitimidade do discurso da sustentabilidade e como o discurso é visto dentro do campo da internacionalização de empresas, nas organizações multinacionais, na sociedade e nos indivíduos, pois o discurso exerce e fortalece uma dominação sobre aqueles aos quais busca impor poder. Esta pesquisa buscou identificar quais são esses discursos dominantes nas relações entre internacionalização e sustentabilidade, adotados pelos dominadores do campo, através de um poder simbólico, que o utiliza como ferramenta de dominação sobre os dominados.

A internacionalização de empresas, segundo Adler (1983), torna-se mais presente na sociedade com o avanço das tecnologias em um mundo globalizado e é vista como um estudo do comportamento dos indivíduos dentro das organizações que estão localizadas em diferentes países e culturas ao redor do globo.

Nesta pesquisa, foi privilegiada a concepção de Jack e Westwood (2009), que defendem a internacionalização das multinacionais como uma sucessão do projeto colonialista, uma forma de dar continuidade à dominação anteriormente exercida e de reafirmar a força e grandeza das organizações do eixo Euro-americano sobre “os outros”, vistos como nativos dos países fora do eixo Euro-americano.

A dominação exercida previamente, no período colonial, deixou profundas marcas e seqüelas históricas nas colônias, que atualmente são países economicamente dependentes e culturalmente impregnados de costumes, valores e hábitos de seus colonizadores. O colonialismo foi marcado por violência física sobre os nativos, submissão ideológica, preconceito, conquista, abuso e o compromisso dos colonos em suprir todas as necessidades e desejos impostos pela metrópole, a qual visava o alcance de sua hegemonia econômica entre os países da Europa Ocidental. (WESTWOOD, 2004; JACK E WESTWOOD, 2009).

Young (2007) afirma que a maior parte do globo aderiu às formas econômicas ocidentais, o que é confirmado pelos aspectos culturais e políticos provindos das metrópoles e vigentes no mundo atual, perpetuando sua hegemonia. Para Young (2007) o desvinculamento político não eliminou o econômico, logo ainda se é “livre”, mas completamente dependente de uma potência maior. As colônias ainda se viam reféns de um sistema que as faziam ser relativamente autônomas em relação às suas antigas metrópoles. Aqui o colonialismo fica para trás, dando origem à um novo termo, o neocolonialismo (YOUNG, 2007).

O neocolonialismo se mostra como uma continuação de uma dominação e traz resquícios de uma hegemonia euro-americana que ainda se perpetua de diferentes maneiras ao redor do globo. Este comportamento dominador é perpetuado até os dias atuais, no qual nações desenvolvidas, do eixo Euro-americano, são as principais fomentadoras deste comportamento. O que anteriormente era imposto por meio da força e violência, atualmente, com a facilidade tecnológica provinda da globalização e a rapidez da internacionalização, atualmente é imposta culturalmente pelo entretenimento, academicismo, e, também, pela língua. Resume-se em uma violência simbólica, provinda de ferramentas de dominação e símbolos (BOURDIEU, 2001, 2004, 2011, 2012; YOUNG, 2007; JACK E WESTWOOD, 2009).

Portanto, sendo no colonialismo ou neocolonialismo evidencia-se nestes relacionamentos a dominação de um pelo outro, da metrópole pela colônia, das nações mais desenvolvidas sob “os outros”. (JACK E WESTWOOD, 2009).

Borim-de-Souza e Segatto (2015), segundo Cameron; Palan (2004) e Kelly (1999) elucidam que, a intenção do Neocolonialismo não estaria voltada para dominação, em si, como causa, pois visa o controle através de dispositivos culturais. Esses dispositivos se modificaram continuamente ao longo do tempo, com o intuito de viabilizar o acesso a todas e às mais variadas sociedades. Para a escola neocolonialista, “a metrópole personifica-se nas empresas multinacionais, cujas matrizes estão em território euro-americano” (BORIM-DE-SOUZA, 2015, p. 362). Logo, entre esses dispositivos culturais encontra-se a língua de um povo, e, consequentemente os discursos.

Alguns autores, como Sutcliffe (1999), acreditam que o Estado perde seu poder frente à força econômica e política das organizações multinacionais que estão inseridas no mercado global, exibindo aqui, claramente, um cenário

neocolonialista, no qual estas empresas inserem seus recursos financeiros, costumes socioculturais e comportamentais provindos do eixo Euro-americano ao redor do mundo, por meio de filiais.

Borim de Souza e Segatto (2015) afirmam que:

> Por suas diversas atuações estratégicas, essas organizações internacionalizadas infiltram-se em comunidades distribuídas ao redor do mundo e assumem representatividade política e econômica, que lhes concede: poder para compartilhar e influenciar o poder jurídico dessas localidades; liberdade para empreender negócios de diversas naturezas e empregar pessoas; e oportunidade de disseminar um ideal sociocultural mais afim com os padrões euro-americanos. A dominação não é uma causa maior para o neocolonialismo, mas uma conseqüência proveniente de um controle sociocultural movido pelo interesse econômico de se internacionalizar uma cultura dominante (BORIM-DE-SOUZA; SEGATTO, 2015, p. 362).

A cultura dominante coloca os seus fundamentos e ideologias como o que é “coletivamente apropriado” (BOURDIEU, 2012), mobilizando as nações dominadas, ou “os outros” (JACK E WESTWOOD, 2009), a seguirem o padrão imposto e perpetuado através do Poder Simbólico exercido pela nação dominadora.

No neocolonialismo, a dominação ocorre por meio de violência simbólica e o poder simbólico, esse poder invisível é descrito por Bourdieu (2012) como um poder quase mágico, por meio do qual é possível obter o equivalente daquilo que é obtido pela força física ou econômica e só se exerce com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a ele.

O controle passa a ser movido por interesses econômicos de se internacionalizar uma cultura dominante, a ideia de superioridade prevalece também nesse contexto e a exploração segue como forma de continuação do projeto colonial, agora, por meio de uma submissão ideológica e política, a partir do poder simbólico.

Bourdieu coloca que:

> A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização: as frações dominantes, cujo poder assenta no capital econômico, têm em vista impor a legitimidade da sua dominação quer por meio da própria produção simbólica, quer por intermédio dos ideólogos conservadores os quais só verdadeiramente servem os interesses dos dominantes, *por acréscimo*, ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social que detêm por delegação; a fração dominada (...) tende sempre a colocar o capital específico a que ela deve a sua posição, no topo da hierarquia dos princípios de hierarquização. (BOURDIEU, 2012, p.12).

Para avivar e alastrar sua superioridade sobre os países dominados, as organizações buscam, através da internacionalização, exercer uma dominação nos países que estão sediando suas filiais, e por meio dessas mesmas filiais impor poder, que é simultaneamente uma dominação simbólica.

Este poder simbólico busca exercer uma dominação invisível, mas que se vigora e faz presente cotidianamente na vida dos indivíduos. Este poder busca promover uma dominação subjetiva nos agentes, de forma sutil, que, no entanto, não é visível e é adotada inconscientemente. Mesmo sem parecer, essa dominação que aparenta ser inofensiva acaba sendo mais violenta que a dominação física, encontra-se aqui a violência simbólica. A dominação da mente, dos hábitos, dos costumes, das crenças, de opiniões e da própria cultura de uma sociedade pode ser um fator chave para extinguir um povo, pois sem passado e sem história, uma sociedade não existe. A dominação simbólica se vê tão forte sobre uma nação, que a faz querer ser e se espelhar em seu dominador, sua forma de consumir, seu modo de viver e suas formas de entretenimento, deixando suas próprias raízes para aderir a um padrão de vida e de sociedade tido como “ideal” (JACK E WESTWOOD, 2009).

Bourdieu (2001) aborda que:

> As instâncias internacionais, sem exercer todas as funções geralmente atribuídas aos Estados nacionais (como as que tocam à projeção social), governam de maneira invisível os governos locais, que, cada vez mais reduzidos à gestão dos negócios secundários, constituem um véu de ilusão política próprio a mascarar os verdadeiros lugares de decisão. Elas vêm reforçar no plano simbólico a ação quase mecânica da competição econômica imposta aos Estados nacionais, qual seja, a de jogar o jogo da concorrência no terreno da fiscalidade (permitindo exonerações) ou das vantagens competitivas (oferecendo infra-estrutura gratuitas). (BOURDIEU, 2001, p. 108).

A intenção deste poder simbólico dentro do campo é o de utilizar discursos que funcionam como ferramentas de dominação e símbolos que reforçam a hegemonia de um povo sobre outro, os quais são legitimados por quem os ditam, pelas multinacionais, as quais têm credibilidade devido à suas vantagens financeiras, econômicas, políticas e militares, culturais e lingüísticas, e, finalmente, suas vantagens simbólicas (BOURDIEU, 2001; YOUNG, 2002; JACK E WESTWOOD, 2009)

Estas formas de dominação também podem ser vistas como estratégias que os dominadores utilizam para mobilizar mais capital dentro de um

campo e continuar em sua posição dominatória dentro de determinado espaço social micro.

Para Misoczky:

> As estratégias também dependem do estado da problemática, isto é, do espaço de probabilidades herdado de lutas anteriores, que tende a definir o espaço de tomadas de posição possíveis e a orientar a busca de soluções. (MISOCZKY, 2003, p, 16).

A ferramenta de dominação que será o cerne da configuração do campo da internacionalização de empresas serão os discursos utilizados à serviço de um poder simbólico que visa impor seu poder e exercer dominação. O discurso analisado está presente no campo de internacionalização de empresas, aqui configurado, que abriga as relações de internacionalização e sustentabilidade, quem detém o discurso adequado, detém o poder, logo, detém o próprio campo.

Através desta configuração busca-se demonstrar como esses discursos vêm sendo utilizados como ferramenta do poder simbólico, com o intuito de exercerem a dominação em seu campo.

Bourdieu (2012) afirma que:

> As ideologias, por oposição ao mito, produto colectivo e colectivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo. A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto. (...) Este efeito ideológico, produ-lo a cultura dominante dissimulando a função de divisão na função de comunicação: a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela distância em relação à cultura dominante (BOURDIEU, 2012, p. 10-11).

Para Bourdieu (2012) uma das formas de dominação vinha da comunicação, da língua que carregava uma carga cultural quando, através dela, se disseminava uma ideologia e a utilizava como um instrumento de dominação simbólica em favor dos dominantes dentro do campo.

Bourdieu (2012) também coloca que:

> (...) não basta notar que as relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos nessas relações e que (...) podem permitir acumular poder simbólico. É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os <sistemas simbólicos> cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a <domesticação dos dominados> (BOURDIEU, 2012, p. 11).

O discurso funciona como uma forma simbólica de dominação para exercer a violência simbólica, dominação e poder, disseminado através de uma cultura dominante (dominador euro-americano) ativando subjetivamente o habitus dos indivíduos mobilizando-os da forma que os dominantes desejam. Aqui pode-se ter o entendimento do poder simbólico, que não é visto, mas acaba se fazendo presente quando o comportamento dos indivíduos que estarão envolvidos diretamente ou indiretamente com essa organização passam a ser ditados pela mesma.

Bourdieu (2012, p. 15) coloca que “o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras”. A força das organizações multinacionais devido ao acúmulo de capital dentro do campo as dão forças que são capazes de legitimar como verdade a fala das mesmas. Enquanto o discurso dominante sobre a sustentabilidade, disseminado pela organização, continua vigente e tendo credibilidade em determinada sociedade, a organização multinacional se vê legitimada e apta a ditar as regras do jogo, quando passa a deter esse discurso, pois quem domina o discurso, domina o jogo. E, através dessa dominação exercida, desse poder simbólico, busca realizar e alcançar os seus reais e principais propósitos.

Nesta pesquisa a sustentabilidade foi compreendida, assim como para O`Connor (2002), como uma questão política e ideológica, na qual sua concepção vai além da questão ambiental, social e econômica.

Para O´Connor (2002) a separação entre homem e natureza pauta-se no propósito capitalista pelo qual o homem possui, utiliza, compra e vende a

natureza. Esse seria o real propósito da natureza em uma sociedade capitalista, aumentar o capital daquele que a detivesse em sua posse. Logo, neste contexto, pode-se perceber a periculosidade da visão capitalista em sua relação com a natureza. Sendo que O´Connor acredita que não é possível uma relação saudável e com longevidade entre o Capitalismo e a Sustentabilidade.

O´Connor (2002) vê na sustentabilidade uma questão ideológica, por pautar-se em uma ideia implantada na sociedade, a qual funciona como uma forma de dominação. E, política, pois a política é uma prática guiada por uma ideologia, a qual busca alcançar os determinados objetivos de um grupo específico em suas tomadas de decisões, nesta pesquisa. Nesta pesquisa a ideologia baseia-se em um discurso de dominação, o qual, no âmbito da política, visa alcançar os interesses daqueles que dominam o discurso e, conseqüentemente, que dominam o campo (O´CONNOR, 2002; BOURDIEU, 2004; 2012).

Uma vez que, para Bourdieu (2001):

> A "*globalization*" econômica não é um efeito da mecânica das leis da técnica ou da economia, mas o produto de uma política implementada por um conjunto de agentes e de instituições e o resultado da aplicação de regras deliberadamente criadas para fins específicos, a saber, a liberalização do comércio (...), isto é, a eliminação de todas as regulações nacionais que freiam as empresas e seus investimentos. Em outras palavras, o "mercado mundial" é *uma criação política* (como havia sido o mercado nacional), produto de uma política mais ou menos conscientemente acordada. E essa política, assim como, em sua escala própria, aquela que dera origem para os mercados nacionais, tem por efeito criar as condições da dominação confrontando brutalmente agentes e empresas até então encerrados nos limites nacionais com a concorrência de forças produtivas e modos de produção mais eficientes e poderosos. (...) a supressão de todos os obstáculos ao investimento estrangeiro acarreta a ruína das empresas locais freqüentemente (...) pelas multinacionais. (...) E a política de "*globalization"* é sem dúvida (...) o modelo mais favorável aos dominantes. (BOURDIEU, 2001, 101-108).

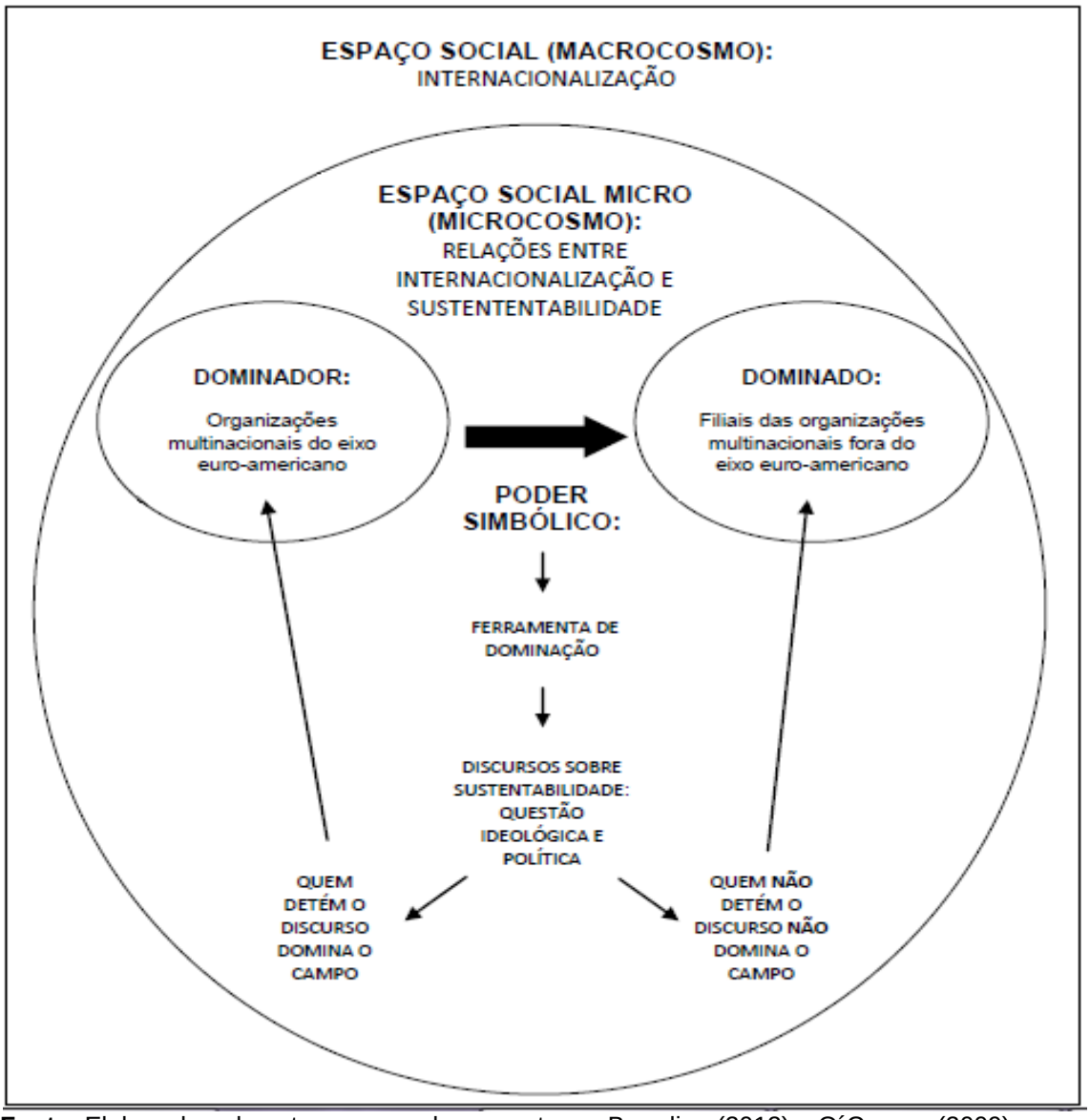
Quando indagado sobre a questão sustentável, O´Connor afirmava que não há a possibilidade de um Capitalismo sustentável, pois isto seria algo impossível de acontecer sem que um interfira visceralmente no outro, não há a possibilidade de um equilíbrio entre ambos. (O´CONNOR, 2009). Dado que as organizações multinacionais "detêm os meios de transformar essas relações de força em regras do jogo aparentemente universais através de intervenções

falsamente neutras das grandes instâncias internacionais" (BOURDIEU, 2001, p. 113-114).

Portanto, é através do discurso ideológico que as organizações multinacionais detém, que as políticas dominatórias se disseminam e reafirmam dentro do campo. Produzindo mais acúmulo de capital e poder para aqueles que o possui, desta forma, dominando o campo. Através da posse do discurso é que as políticas se tornam ações ditadas e moldadas pelos dominantes.

O quadro abaixo ilustra o raciocínio abordado até então nesta pesquisa:

Figura 5. Discurso sobre sustentabilidade como questão ideológica e política.



Fonte: Elaborado pela autora com embasamento em Bourdieu (2012) e O´Connor (2009).

Este campo foi configurado dentro do Espaço Social da internacionalização de empresas, pois evidencia o atrofiamento de poderes locais em relação aos poderes das organizações multinacionais que estão alocadas em determinado país.

Como afirma Bourdieu (2001):

> (...) a integração no campo econômico mundial tende a enfraquecer todos os poderes regionais ou nacionais, e o cosmopolitismo formal de que ele se arma – desacreditando todos os outros modelos de desenvolvimento, sobretudo nacionais, desde logo condenados como nacionalistas – deixa os cidadãos impotentes diante das potências transnacionais da economia e das finanças (BOURDIEU, 2001, p. 111).

Demonstra-se o enfraquecimento de algumas políticas já estabelecidas em determinadas sociedades em favor da emergência de outras, as quais suprem de uma forma mais adequada os objetivos particulares (econômicos) de determinados grupos dominantes.

Bourdieu (2001) também coloca que:

> as políticas ditas de 'ajuste estrutural' visam garantir a integração dentro da subordinação das economias dominadas (...) isso, reduzindo o papel de todos os mecanismos (...) da regulação política (...) capaz de se opor às empresas transnacionais e às instituições financeiras internacionais, em benefício do mercado dito livre, por um conjunto de medidas convergentes de desregulamentação e privatização (...) (BOURDIEU, 2001, p. 111).

É por meio do fortalecimento e das possibilidades econômicas abertas pela internacionalização de empresas, que o dominante busca, através de um discurso sobre sustentabilidade, dominar a questão política e ideológica dentro de seu campo. Tornando-se maior que as próprias leis e normas que permeiam e organizam o campo, passa-se a exercer um poder simbólico e "ao fazer isso, tendem a garantir uma liberdade quase total para o capital concentrado e abrir caminho para as grandes empresas multinacionais que mais ou menos diretamente inspiram essas políticas" (BOURDIEU, 2001, p. 112).

Esse discurso, legitimado pelas organizações multinacionais e aceito na sociedade passa a ter caráter de um "ativador" das disposições duráveis internas aos indivíduos, que até então se viam adormecidas, mas que despertaram frente ao discurso imposto. Aqui mostra-se o habitus em meio à este contexto.

Thiry-Cherques (2006, p.35) afirma que:

> De modo que é como *habitus* que a história se insere no nosso corpo e na nossa mente, tanto no estado objetivado (monumentos, livros, teorias), quanto no estado incorporado, sob a forma de disposições. É mediante este processo que o *habitus* funda condutas regulares, que permitem prever práticas — as “coisas que se fazem” e as “coisas que não se fazem” em determinado campo (Bourdieu, 1987:95). É através deste processo que aprendemos a antecipar nosso futuro em conformidade com a experiência do presente, e, portanto, a não desejarmos o que, no nosso grupo social, aparece como eminentemente pouco provável (BONNEWITZ, 2002:24 *apud* THIRY-CHERQUES, 2006, p.35).

Ressaltando que o habitus é moldado pelas forças relacionais do campo, logo ele é ativado dentro do campo pela relação dominador (organizações multinacionais euro-americanas) e dominado (filiais dessas organizações instaladas fora do eixo euro-americano) e não pela imposição do Espaço Social (macrocosmo) sobre o Espaço Social micro (microcosmo). O habitus percebe as práticas dos agentes e as organiza dentro do campo (BOURDIEU, 2004; JACK E WESTWOOD, 2009).

As organizações multinacionais euro-americanizadas (dominantes) se utilizam da sua força internacional, seus discursos de desenvolvimento, de progresso econômico, de sustentabilidade, de sua marca (símbolo), seu modo de vida, sua forma de se apresentar na sociedade, como formas simbólicas de dominação através de filiais das multinacionais frente aos países que estão localizados fora do eixo euro-americano (dominados), países estes que dependem economicamente destas organizações (YOUNG, 2007; JACK E WESTWOOD, 2009).

A unificação do campo econômico, para Bourdieu (2001) é feita sem Estado e fica retida à vontade dos dominantes. Ele coloca que “É a lógica do campo e a força própria do capital concentrado que impõem relações de força favoráveis aos interesses dos dominantes” (BOURDIEU, 2001, p. 113).

As organizações multinacionais buscam reter capital de diferentes formas e acumulá-lo para manter a dominação em seu campo, para tal, mobilizam as estratégias necessárias para que isso se torne possível e que tenha continuidade. Para que consigam continuar jogando o jogo.

Este capítulo buscou cumprir um dos objetos específicos e circunscrever uma proposta de configuração de um campo, um espaço social micro de internacionalização de empresas, o qual possui dominantes (organizações multinacionais euro-americanas) e dominados (filiais dessas organizações em

países que as recebem, mas que não se encontram neste mesmo eixo), e uma relação situacional entre ambos, que ocorre por meio de um poder simbólico, o qual se faz presente através do discurso (ferramenta simbólica de dominação). O discurso sobre sustentabilidade é visto como uma questão política e ideológica, e quem o detém, detém também o campo. Esse capítulo baseou-se na configuração proposta para o campo que será utilizada nesta pesquisa.

No capítulo em sequência as abordagens ou discussão sobre internacionalização e sustentabilidade utilizadas para a classificação do campo foram abordadas em profundidade. Esclarece-se que estas abordagens foram extraídas do framework desenvolvido por Borim-de-Souza *et al.* (2015).

4 ESTILOS DE RACIOCÍNIO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE INTERNACIONALIZAÇÃO E SUSTENTABILIDADE

Este capítulo foi desenvolvido com o objetivo de descrever o framework adotado como referência para compilação e organização dos conhecimentos sobre internacionalização e sustentabilidade. O framework foi apresentado a partir de suas principais teorias, de seus principais conceitos e de suas principais discussões.

O framework utilizado foi desenvolvido por Borim-de-Souza et al. (2015), em seu artigo entitulado "*Sustainable development and sustainability as study objects for comparative management theory: Proposing styles of reasoning for an unknown metropole*", publicada na segunda edição do 22º volume da *Cross Cultural Management*. Pretendeu-se por meio desta pesquisa corroborar para um avanço acadêmico no tema abordado por este framework, ou seja, as relações entre internacionalização e sustentabilidade.

O framework caracteriza a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável (DS) como objetos de estudo para da Teoria da Gestão Comparativa (TGC). Pela falta de profundidade teórica e de clareza epistemológica sobre a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável, considerou-se este framework como interessante aos estudos organizacionais.

O framework se diferencia porque relaciona a abordagem da TGC com estruturas conceituais sobre o DS e sobre a sustentabilidade desenvolvida a partir de colocações extraídas das contribuições da teoria organizacional e reflexões sociológicas baseadas nas ciências políticas (BORIM-DE-SOUZA, *et al*., 2015).

Este framework foi utilizado para classificar os discursos sobre internacionalização e sustentabilidade e organizar tais classificações junto a configuração de campo.

O estudo de Borim-de-Souza *et al*. (2015) denota a inexistência de conceitos específicos e personalizados para o DS e a Sustentabilidade que estejam em concordância com os diferentes níveis de desenvolvimento social nas organizações.

A caracterização proposta no artigo ocorreu em uma tentativa de fugir da armadilha da ciência de uma única dimensão. Latour (1988, 1990, 1992,

1993) considera que grande parte dos estudos amparados pelas ciências sociais fica retido em uma dimensão marcada por discussões ontológicas polarizadas entre objetivismo e subjetivismo, o que justifica a denominação de ciência de uma única dimensão. Para ele, esta polarização deve ser desconstruída, juntamente com o ideal de modernidade, e substituída por uma concepção científica que englobe outras dimensões em suas análises.

Esta polarização das abordagens científicas provém da frágil constituição da modernidade, pela qual as mais marcantes contribuições científicas estiveram relacionadas à naturalidade dos fenômenos e as demais descobertas vinculadas a esforços analíticos advindos das ciências sociais (BLOOR, 1976). Tais caracterizações concedem forma para o que Latour (1988, 1990, 1992, 1993) denominou de ciência de uma única dimensão, segundo ele necessária de ser superada, uma vez que uma única dimensão não é suficiente para explicar os fenômenos sociais que nos circundam.

A partir de tais críticas, a caracterização do desenvolvimento sustentável e da sustentabilidade como objetos de estudo para a teoria da gestão comparativa foi construída em quatro dimensões principais: (1) a primeira dimensão discorreu sobre posturas ontológicas; (2) a segunda dimensão abordou algumas perspectivas epistemológicas; (3) a terceira dimensão inseriu nesta análise os paradigmas organizacionais (BURRELL; MORGAN, 1979); e, (4) a quarta e última dimensão, denominada de dimensão conceitual, hierarquizou e relacionou diferentes vertentes de estudos sobre a teoria da gestão comparativa, sobre o desenvolvimento sustentável e sobre a sustentabilidade. Estas relações foram resumidas em três proposições, as quais representam possíveis caminhos teóricos de caracterização do desenvolvimento sustentável e da sustentabilidade como objetos de estudo para a teoria da gestão comparativa.

Buscando discorrer melhor sobre as quatro dimensões do framework de Borim-de-Souza *et al* (2015), abordaremos cada uma delas com mais detalhes nas próximas seções.

4.1 Primeira dimensão: posturas ontológicas

A primeira dimensão discorre sobre posturas ontológicas em estudos científicos. Reivindicações ontológicas são suposições em relação à origem da realidade social do objeto. Trabalha-se com aquilo que existe, que é e que pode ser observado (BLAIKIE, 2000).

Brymann (2001) aborda que há duas ontologias, uma objetivista e uma construtivista. Para a ontologia objetivista os fenômenos sociais existem e possuem significância independentemente dos atores sociais. Já a ontologia subjetivista (construtivista) acredita que a realidade é construída socialmente, pois defende que as diferenças não são essenciais em si, mas são específicas em uma determinada cultura e em um período de tempo específico. (BORIM-DE-SOUZA *et al.*, 2015).

A abordagem objetivista visa garantir que o conhecimento científico não possua contribuição humana em sua construção, e, que a abordagem subjetivista, considera a ideia de que é através da interação e da participação dos indivíduos que o conhecimento científico é desenvolvido. (BORIM-DE-SOUZA *et al.*, 2015).

Superar uma ciência de uma única dimensão significa construir caminhos que permitam ao fundacionalismo e ao antifundacionalismo alcançar um centro de conhecimentos comum, para que assim uma fusão balanceada entre essas duas abordagens ocorra. Ressalta-se que esta fusão não é algo simples, uma vez que a sociedade e a ciência se desenvolveram pelos bem fundamentados alicerces que separaram estas posturas ontológicas até então. Vale lembrar que os objetivistas buscam garantir que o conhecimento científico não possui contribuição humana em sua formulação e que os subjetivistas, ao contrário, defendem que todo conhecimento científico apenas é desenvolvido pela interação e participação dos seres humanos. É esta separação que alicerça a constituição dos conhecimentos da modernidade, pois o objetivismo e o construtivismo representam duas entidades de interpretação da realidade que nunca se cruzariam, simplesmente por estarem em lados opostos e intocáveis de uma mesma dimensão analítica (CALLON, 1986; SHAPIN E SCHAFFER, 1985; BORIM-DE-SOUZA *et al.*, 2015).

O que se conhece por modernidade, então, deve ser questionado. A ausência do status da modernidade indica que nenhum destes extremos científicos é

necessário, isto porque não existe separação lógica entre objeto e sociedade. Neste sentido, enfrenta-se um desafio de promover uma união entre dois polos tão opostos sem ferir suas principais premissas, que são: (1) o fundacionalismo defende que o conhecimento científico existe sem que haja contribuição humana; (2) o anti-fundacionalismo defende a contribuição humana para o desenvolvimento do conhecimento científico; e, (3) o fundacionalismo e o antifundacionalismo concordam sobre uma oposição necessária entre essas abordagens (HOLLIS E SMITH, 1990; BRYMANN, 2001; MARSH E FURLONG, 2002; BORIM-DE-SOUZA *et al.*, 2015).

O ecletismo das novas possibilidades de interpretação da realidade faz com que um mesmo fenômeno científico seja observado por diferentes lentes analíticas, as quais podem categorizá-lo como algo imanente ou transcendente, como algo tangível ou intangível, como algo dependente do conhecimento humano ou como algo advindo da objetividade da natureza, como algo descoberto involuntariamente ou como algo imposto à sociedade. Em outras palavras, a construção do conhecimento científico se dá por um caminho marcado por acontecimentos sucessivos, por meio dos quais a essência de um fenômeno torna-se aparente, para posteriormente camuflar-se em essência novamente (LATOUR, 1990, 1992, 1993; BORIM-DE-SOUZA *et al,* 2015).

4.2 Segunda dimensão: perspectivas epistemológicas

A segunda dimensão é a epistemológica. A epistemologia busca compreender como algo que se diz existir, de fato, pode ser conhecido. Busca, primeiramente, conhecer o processo de obtenção do conhecimento, o desenvolvimento de novas formas de compreensão e de novas teorias, as quais colaboram com o entendimento da realidade e que superam as teorias já existentes (BLAIKIE, 2000).

A perspectiva epistemológica positivista visa identificar as possíveis causas do comportamento social. Foca em explicar os motivos através de métodos científicos rigorosos, os quais propiciam o desenvolvimento de leis científicas que continuam conforme o passar do tempo (HOLLIS E SMITH, 1990; HUME, 1976 *apud* BORIM-DE-SOUZA *et al.*, 2015).

Já a perspectiva interpretativa possui uma hermenêutica alternativa, provinda de uma tradição interpretativista. Autores interpretativistas são também construtivistas, pois crêem que o mundo é construído socialmente. O foco desse paradigma é encontrar o sentido do comportamento e a ênfase do entendimento, mas não explicá-los. Nesta perspectiva não é possível uma causa relacional entre um fenômeno social que perdure no tempo e um espaço especifico (BRYMANN, 2001).

Hollis e Smith (2001) propõem uma nova categoria que agrega positivismo, interpretativismo e realismo. E, esse realismo abarca tanto a postura objetivista (que considera a existência do fenômeno social independente da interpretação humana) quanto interpretativista (que considera o fenômeno impactado pelo interpretativismo aplicado a ele).

No realismo o conhecimento não é visto como uma verdade absoluta, pois é obtido através de observação do ambiente externo (objetivismo) e através do movimento dos fenômenos em uma realidade construída socialmente (subjetivismo). Logo, o realismo está entre o objetivismo e subjetivismo, pois defende que há um mundo concreto, mas reconhece que o mesmo é construído socialmente (HOLLIS E SMITH, 1990; MARSH E FURLONG, 2002).

Para Blaikie (2000) o realismo abre espaço para superar a questão unidimensional da ciência, pois considera a importância do contexto histórico no entendimento do fenômeno pesquisado.

Hacking (1982) coloca que a epistemologia histórica é relativista, pois defende que todos os fenômenos dependem de um contexto histórico para serem compreendidos. Uma epistemologia histórica entre a conceituação da ciência como algo socialmente construído e a crença de que a ciência proporcionou a humanidade à compreensão absoluta da realidade. Essa epistemologia histórica acredita na pluralidade científica, uma vez que considera a existência de um número infinito de estilos de raciocínio que contribuem para o estabelecimento de novas ciências.

Logo, há uma convergência entre a epistemologia realista e a histórica, pois estabelecem uma reflexão entre os dois extremos e, através disso, desenvolve-se uma contextualização mais completa que é submetida a uma diversidade de estilos de raciocínio. Pode-se afirmar que o realismo é relativista e ligado a uma perspectiva epistemológica histórica, junção esta que é capaz de

superar a ciência unidimensional, mesmo assim, nenhuma das três perspectivas devem ser ignoradas, pois o realismo histórico provém de ambas e corrobora na busca para mais dimensões analíticas para a ciência (CALLON E LATOUR, 1992; LATOUR 1988; 1992).

4.3 Terceira dimensão: paradigmas organizacionais

A terceira dimensão é a paradigmática, o paradigma baseia-se em um conjunto de convicções que guiam uma determinada ação. Mostram-se como construções humanas, as quais definem a visão de mundo de um pesquisador como uma montagem interpretativa. Os paradigmas lidam com princípios iniciais ou fundamentais (DENZIN e LINCOLN, 2006).

Para este framework foi utilizada a classificação de Burrell (2007), que considera que os paradigmas definem, de forma profundamente estabelecida e aceita socialmente, uma maneira de ver e estudar o mundo.

Burrell e Morgan (1979) desenvolveram um modelo de análise, o qual faz a junção de dois eixos em seu trabalho "*Sociological Paradigms and Organizational Analysis*". O primeiro eixo trabalha com os pressupostos existentes sobre a sociedade e confronta a abordagem sociológica regulativa com uma mudança radical na abordagem sociológica. Já o segundo eixo trabalha com suposições que discutem a ciência e a confrontam com os padrões que defendem a ciência como objetiva e com os padrões que a defendem como subjetiva. O eixo sociológico representa a relação vertical do modelo enquanto o eixo científico identifica a relação horizontal do modelo.

A sociologia regulatória discute pressupostos teóricos relacionados com explicações para a sociedade enfatizando a unidade e a coesão. A sociologia da mudança radical, por sua vez, compreende os conflitos inerentes à sociedade atual. É uma abordagem mais utópica e defende a força de uma mudança radical em detrimento de mudanças incrementais que visam alterar o *status quo* na sociedade (BURRELL, 2007; BURRELL E MORGAN, 1979).

Dentro desses eixos, quatro paradigmas são formados com base na sobreposição verticalizada das duas linhas que definem os opostos para cada um

dos eixos, são estes: o funcionalista, estruturalismo radical, interpretativista e o humanismo radical. Estes paradigmas buscam demonstrar que toda a teoria é baseada em uma filosofia da ciência e em uma teoria da sociedade (BURRELL E MORGAN, 1979).

Segundo Burrell e Morgan (1979) o paradigma sociológico funcionalista representa uma perspectiva onde a sociologia reguladora está enraizada e trabalha temas sob uma concepção científica objetivista. O estruturalismo propõe uma crítica ao *status quo* e provoca o homem ao desenvolver uma *práxis* política para que, por meio desta atuação específica, patologias sociais (admitidas como produtos da desigualdade de poder na sociedade) possam ser devidamente sanadas. A ação e a participação política promovem conflitos, tensões e desequilíbrios, todos possíveis de serem solucionados por mudanças radicais nas rotinas sociais e nas distribuições de recursos de subsistência (BURRELL, 2007; BURRELL; MORGAN, 1979; MUNCK E BORIM-DE-SOUZA, 2011; MORGAN, 1980).

O paradigma estruturalista radical possui uma visão objetivista, se concentra em uma mudança radical através da emancipação e foca no conflito estrutural e nos meios de dominação, contradição e privação da sociedade. A ação política humana, estimulada através do estruturalismo radical, se dá através de um exercício crítico de interação social apoiado por estruturas sociais, as quais contribuem para a perpetuação da ciência objetiva. Nesse contexto os esforços individuais são de pouca relevância, pois o coletivo é a unidade responsável pela formação das estruturas. (BURRELL E MORGAN, 1979).

O funcionalismo e o estruturalismo radical agrupam-se mais próximos à objetividade científica e afastam-se da abordagem explicativa da sociedade. Para estes paradigmas o mundo social se concentra no conceito materialista, o qual está vinculado por meio de estruturas concretas e reais.

Já o paradigma interpretativista busca a compreensão da natureza do mundo social por meio de interpretações que relacionam a sociologia reguladora com a subjetividade científica. O interpretativismo defende uma reação ao gerencialismo da teoria formal das organizações, mas por uma concepção mais incremental. As organizações, para este paradigma, não constituem entidades naturais imutáveis, mas criações sociais que podem ser alteradas mediante intervenções sociais distintas. Ações organizacionais, portanto, constituem

consequências de ações coletivas cuja investigação requer técnicas diferentes das funcionalistas (essencialmente objetivistas) (BURRELL, 2007; BURRELL; MORGAN, 1979; MUNCK; BORIM-DE-SOUZA, 2011; MARSDEN E TOWNLEY, 2001; MORGAN, 1980).

Por fim, o paradigma humanismo radical, extremamente crítico, se define pelo foco em desenvolver uma sociologia de mudança radical utilizando-se de uma abordagem científica subjetivista. A ordem buscada pela mudança radical das estruturas e por meio de uma ciência objetiva é admitida pelo humanismo radical como uma nova fonte de coerção e reificação do indivíduo. O encontro entre a sociologia da mudança radical e a subjetividade científica cria uma entonação crítica radical, identidade predominante do humanismo radical (BURRELL, 2007; BURRELL E MORGAN, 1979; MUNCK E BORIM-DE-SOUZA, 2011; LINCOLN E GUBA, 2006; MORGAN, 1980).

Humanismo radical e interpretativismo são coesos quanto à subjetividade da ciência e opostos em relação à compreensão predominante de sociedade que possuem. O antipositivismo é uma característica que orienta estes dois paradigmas, os quais utilizam esta perspectiva epistemológica para seguirem dois caminhos diferentes (BORIM-DE-SOUZA *et al*., 2015).

Cada um dos quatro paradigmas define os fundamentos de maneira antagônica dentro da análise social e diferentes implicações para os estudos organizacionais (MORGAN, 1980).

A complexidade dos estudos organizacionais acaba exigindo a elaboração de um corpo multiparadigmático de conhecimento, pois as questões sociais atuais não podem ser vistas apenas através de ações isoladas. A inter-relação entre os paradigmas se faz necessária, pois pode resgatar a possibilidade de uma qualificação mais completa sobre a relação entre organizações e sociedade (LINCOLN E GUBA, 2006).

4.4 Quarta dimensão: conceitos sobre TGC, DS e sustentabilidade

Este framework utilizou classificações conceituais para a dimensão conceitual:

4.4.1 TGC

O primeiro ponto da quarta dimensão do framework é a Teoria da Gestão Comparativa (TGC), que foi desenvolvida com o intuito de compreender como os “negócios” são realizados ao redor do mundo e em variadas culturas (BORIM-DE-SOUZA *et al*., 2015).

Borim-de-Souza e Segatto (2015, p.359) colocam que:

> A partir de contextos nacionais diversos, esse corpo teórico contribui com o desenvolvimento de estudos organizacionais que comparam organizações internacionalizadas quanto aos seus respectivos sistemas de gestão, de produção e de realização de negócios e em relação a organizações instaladas em uma nação de referência. Essa comparação ocorre pela identificação, nos países que amparam essas organizações, das similaridades e das divergências econômicas, culturais, sociais, políticas e institucionais que repercutem nos processos de gestão por elas desempenhados (ADLER, DOKTOR & REDDING, 1986; ALTON, 1969; SAID, 1978 *apud* BORIM-DE-SOUZA E SEGATTO, 2015).

Essa teoria busca pesquisar a produção e os sistemas de operacionalização nas organizações alocadas em diferentes países, mas que estejam ligadas à um país específico, no qual se encontra uma matriz. O objetivo principal dessa teoria é o de propor o desenvolvimento de um corpo de conhecimento pelo qual seja possível prever e explicar a eficiência de uma organização localizada em diferentes contextos socioculturais (ADLER et al., 1986; ALTON, 1969; BORIM-DE-SOUZA *et al*., 2015; BORIM-DE-SOUZA E SEGATTO, 2015; SAID, 1978; SULLIVAN, 1992).

A internacionalização, o avanço das empresas multinacionais e a globalização possuem uma repercussão não apenas local, regional e nacional, mas também internacional, no âmbito social e ambiental, promovendo conseqüências que podem ser, ou não, positivas e propícias (BORIM-DE-SOUZA *et al*., 2015; BORIM-DE-SOUZA E SEGATTO, 2015).

A TGC busca distinguir as características da globalização, do crescimento das empresas e seu comportamento frente à este avanço. Essa teoria vem para incluir grande complexidade à investigação que estuda o relacionamento e as interações entre ambiente externo e interno. Busca identificar como essa relação pode contribuir, facilitar ou prejudicar a capacidade de resposta ou de antecipação

social, econômica e ambiental das possíveis adversidades. Isso acontece, pois as empresas possuem filiais em diferentes culturas, as quais possuem uma subjetividade já inerente ás práticas e à empresa com seus modos de gestão e diálogo com o ambiente externo (BORIM-DE-SOUZA *et al*., 2015; BORIM-DE-SOUZA E SEGATTO, 2015).

Schollhammer (1975) coloca que mesmo havendo publicações relacionadas à TGC que tratam o termo como um sinônimo da gestão internacional, há aqui uma diferença entre ambas. Enquanto a gestão internacional foca em compreender a gestão e as operações das empresas multinacionais, a TGC busca focar seus estudos nas aproximações e diferenciações culturais e institucionais que envolvem os processos de gestão que são desempenhados em diferentes países pelas organizações. Os pesquisadores buscam através da comparação, entre matriz e filial, realizar a melhoria contínua das práticas de gestão.

Frente à isto, Borim-de-Souza *et al*. (2015) em seu framework trazem algumas metáforas sobre a TGC, sendo essas: uma selva a ser explorada, um zoológico para ser visitado, e um fóssil a ser e explorado e descoberto. Contudo todas essas metáforas são superadas pela proposição de Borim-de-Souza *et al.* (2015) que, inspirados por Simmel (1950), defendem a TGC como uma metrópole desconhecida.

Quando um indivíduo reside em uma metrópole ele necessita de diferentes condições psicológicas do que aqueles que residem no interior. Uma disparidade imposta pelo cenário urbano dinâmico e sua estrutura econômica e social. Dentro da metrópole as bases sensoriais e mentais dos indivíduos dependem da manifestação de diferenças e de contrastes entre eles. Esses perfis individualizados oriundos das metrópoles, denominados de tipos metropolitanos, esquivam-se de contatos emocionais em favor da racionalidade mental em meio às adversidades (SIMMEL, 1950).

Fundamentados em Simmel (1950), Borim-de-Souza *et al* (2015) enxergam a TGC como uma metrópole desconhecida. Metrópole porque deve promover a coexistência da diversidade em relação aos fenômenos pesquisados. E, desconhecida devido aos poucos trabalhos sobre esta teoria.

Essa interpretação da TGC como uma metrópole desconhecida possui duas escolas, também chamadas “tipos metropolitanos”, são elas: escola colonialista, composta pelas abordagens colonialista e neocolonialista e a escola

pós-colonialista, composta pelas abordagens pós-colonialista amena e pós-colonialista crítica (SCHOLLHAMMER, 1969; 1973; NEGHANDI, 1975). Borim-de-Souza et al. (2015) as utiliza para compor o framework, logo, serão detalhadas abaixo.

A TGC possui sua origem enraizada em práticas colonizatórias de países europeus. Quando um país (metrópole) exercia sua dominação sobre outro (colônia), segundo uma análise comparativa, nascia a representação da escola colonialista (PRASAD, 2003; WESTWOOD, 2001).

O neocolonialismo denota uma hegemonia econômica continuada, que significa que o estado pós-colonial se mantém numa situação de dependência de seus antigos senhores, e que as antigas metrópoles continuam a agir de maneira colonialista em relação aos Estados que eram, anteriormente, colônias. O resultado do neocolonialismo é que o capital estrangeiro é usado para a exploração ao invés do desenvolvimento das regiões mais pobres do mundo (YOUNG, 2007).

Nessa perspectiva Borim-de-Souza e Segatto (2015), apontam que, o interesse do Neocolonialismo não está voltado para dominação como causa, mas para o controle por meio de dispositivos culturais, uma dominação através de dispositivos simbólicos. Para a escola neocolonialista, “a metrópole personifica-se nas empresas multinacionais, cujas matrizes estão em território euro-americano” (CAMERON E PALAN, 2004; KELLY, 1999 *apud* BORIM-DE-SOUZA, 2015, p. 362).

As investigações dentro da TGC buscam, apesar de impregnadas pelo eixo Euro-americano, analisar as práticas de gestão em outros países (que já não são mais colônias, mas são países subordinados ao centro euro-americano) (WESTWOOD, 2004).

Logo, o centro euro-americano assume a liderança na orientação e na transformação dos países em desenvolvimento, incluindo alterações nas estruturas sociais, valores e padrões comportamentais, um cenário que é perpetuado por estratégias de relações internacionais impostas aos “outros” (HARBISON E MYERS, 1959; JACK E WESTWOOD, 2009).

A escola colonialista possui raízes epistemológicas positivistas, é empírica e exalta a metrópole euro-americana acreditando que “os outros” são indicativos de alguma ameaça. Busca produzir estudos que contribuam para o desenvolvimento econômico do eixo euro-americano. Essa escola possui uma natureza objetivista, a qual baseia-se em aproximações dedutivas, testes hipotéticos

e análises estatísticas que não se utilizam de um pluralismo ideológico e baseia-se em uma estrutura funcionalista (THOMAS, 1994).

A escola pós-colonialista vem para superar o neocolonialismo e rompe com a hegemonia teórica, metodológica, institucional e política que permeia a escola colonialista da TGC. Essa escola busca aprofundar seus princípios ontológicos, epistemológicos, metodológicos, políticos, éticos e institucionais e defendem a necessidade de um rompimento da influência euro-americana. Defende a concepção “do outro”, rompendo, em partes, com a análise apenas econômica e oferecendo uma visão mais integracionista. (JACK E WESTWOOD, 2009; SMITH, 1999). Acredita na construção social da realidade, a qual depende dos indivíduos e é contrária a qualquer dominação que possa abafar as vozes dos menos favorecidos. O pós-colonialismo adere ao desafio de superar o positivismo através de um caminho subjetivista para a compreensão da realidade e para a construção do conhecimento. Dessa forma, a escola pós-colonialista também pode superar o unidimensionalismo da ciência (PETERSON, 2001; PFEFFER, 2005; TSUI, 2007).

A teoria Pós-colonialista visa uma descolonização da colonização da TGC, principalmente em termos epistemológicos e conceituais. Essa emancipação questionadora separa o pós-colonialismo em duas abordagens: o pós-colonialismo crítico e o pós-colonialismo ameno. O pós-colonialismo ameno propõe modelos teóricos, estruturas conceituais e tipologias específicas para a TGC, a fim de desenvolver possíveis hipóteses. A escola pós-colonialista amena se aproxima de pesquisas que são, simultaneamente, críticas e proposicionais, focando-se em patologias e falhas. A flexibilidade de classificação dessa escola primeiramente subscreve os princípios de um subjetivismo radical enquanto depende de um método objetivista empírico. Fazendo com que a escola pós-colonialista crítica seja classificada como teórica-abstrata (BEATY E MENDENHALL, 1990; BHATT E MILLER, 1983; HOOGVELT, 2001; SCHOLLHAMMER, 1975).

Contrapondo o foco econômico da escola colonialista, tem-se o foco comportamental da escola pós-colonialista crítica, relevância esta devida ao exercício das práticas de gestão em diferentes contextos culturais. Faz-se importante considerar essas motivações dos gestores como um comportamento de gestão, o qual contribui para a caracterização e o entendimento de como pode acontecer uma interação entre organizações e a sociedade. Essas fundamentações subjetivas e reacionárias da escola pós-colonialista amena se pautam na

contribuição dos indivíduos na construção da realidade e na importância da compreensão das aproximações comportamentais (HARDING, 1998; NEGHANDI, 1975; SCHOLLHAMMER, 1969; WESTWOOD, 2004).

A escola pós-colonialista amena faz a junção entre a necessidade de desenvolvimento econômico e análise da eficiência do ambiente externo das organizações com a importância da compreensão do comportamento gerencial e a validação dos recursos e competências indispensáveis para o sucesso da empresa. Quando indagados junto à abordagem ecológica, esse contraponto busca isolar as variáveis do ambiente externo para que o comportamento gerencial possa ser estudado em diferentes contextos. O negócio em si é visto como um sistema ecológico, no qual os fatores externos têm impacto relevante sobre o desempenho das organizações multinacionais e sua eficiência econômica (HANNAN E FREEMAN, 1977; KATZ, 2001; NEGHANDI, 1975; SCHOLLHAMMER, 1969).

Para a teoria da gestão comparativa, a escola pós-colonialista (crítica e amena) representa a tentativa de superação da ciência de única dimensão. Em sua vertente mais crítica, a escola pós-colonialista se constrói por tentativas de fundamentar a teoria da gestão comparativa por meio da proposição de modelos teóricos, estruturas conceituais e tipologias específicas para um posterior desenvolvimento e teste de hipóteses. Tais interesses permitem classificar a escola pós-colonialista crítica como teórico-abstrata. Já a escola pós-colonialista amena aborda investigações que são simultaneamente críticas e propositivas, ou seja, desenvolve pesquisas que, ao mesmo tempo, têm origem a partir de uma falha ou de uma patologia sistêmica, as quais são acompanhadas de uma proposição de aplicação empírica, bem por isso esta escola é tanto teórico-abstrata quanto empírica. (BEATY; MENDENHALL, 1990; BHATT; MILLER, 1983; HOOGVELT, 2001; SCHOLLHAMMER, 1975; BORIM-DE-SOUZA, *et al*. 2015).

A TGC demonstra a evolução dos estudos e conceitualizações encontradas no corpo teórico, desde o colonialismo, objetivista, com a defesa da metrópole (organizações) do eixo euro-americano até o pós colonialismo buscando ir além do conhecimento original da TGC na tentativa de compreender “os outros”. Pós-colonialismo, este, que se divide em crítico e ameno. O crítico, com o foco mais comportamental e mais subjetivo, pautando-se na defesa dos “outros” (colônia), e, o ameno equilibrado entre subjetivismo e objetivismo, mostrando a importância da abordagem ecológica nas análises e buscando propostas e soluções que contribuam

para a compreensão do comportamento gerencial nas organizações (BORIM-DE-SOUZA, *et al*. 2015).

Compreende-se que a TGC é plural, interdisciplinar e extensa em suas colocações. Mesmo sendo de muita contribuição, ainda não há um consenso acerca de sua organização conceitual (BORIM-DE-SOUZA *et al*., 2015).

O Quadro abaixo encerra as discussões desta seção com uma apresentação sintética das informações apresentadas ao longo do texto sobre as escolas da teoria da gestão comparativa, aqui compreendidas como os tipos metropolitanos da metrópole desconhecida da TGC.

Quadro 2. Escolas da Teoria da Gestão Comparativa

Escola Colonialista	**Escola Pós-Colonialista Amena**	**Escola Pós-Colonialista Crítica**
Objetivista	Objetivismo X Subjetivismo	Subjetivista
Foco de Análise: Centro Euro-Americano	Foco de Análise: Outros (proposição de soluções)	Foco de Análise: Outros (fundamentação crítica)
Empírica	Teórico-Abstrata e Empírica	Teórico-Abstrata
Abordagem Socioeconômica	Abordagem Ecológica	Abordagem Comportamental

Fonte: Elaborado por Borim-de-Souza *et al.* (2015) a partir dos autores citados ao longo desta seção.

4.4.2 Desenvolvimento Sustentável

O segundo ponto da quarta dimensão do framework é o Desenvolvimento Sustentável. A primeira menção do termo “desenvolvimento sustentável’ foi, em 1987, na *World Comission on Environment and Development* (WCED), também conhecida como Comissão de Brundtland (1987), no relatório *Our Common Future*, o qual descrevia algumas das colocações que buscavam promover um desenvolvimento sustentável nas sociedades, sendo visto a partir desse momento como um marco político na história global. (WCED, 1987).

Neste documento o DS propôs um comprometimento de suprir as necessidades da geração atual sem comprometer as gerações futuras (WCED,

1987). Desde então o conceito passou por muitas evoluções, mas todas elas sempre sendo pautadas pela preocupação com as gerações futuras.

Dentro do framework, para a discussão sobre DS, Borim-de-Souza *et al.* (2015) utilizaram-se de duas contribuições principais: Gladwin, Kenelly e Krause (1995) e Mebratu (1998). As definições e colocações sobre o DS foram embasadas nestes dois trabalhos, sendo eles: os paradigmas dominantes do desenvolvimento sustentável sugerido por Gladwin, Kenelly e Krause (1995) e as versões conceituais apresentadas por Mebratu (1998).

Gladwin, Kenelly e Krause (1995) definiram três paradigmas para melhorar a compreensão do DS: o paradigma Tecnocêntrico, mais convencional; o paradigma do Ecocentrismo, oposto à visão Tecnocêntrica; e o *Sustaincentrism*, oposto às duas primeiras visões com caráter mais extremista, este último se destaca por oferecer uma visão mais centrada da sustentabilidade (BORIM-DE-SOUZA *et al*., 2015).

O paradigma Tecnocêntrico do DS defende que o planeta é inerte e passivo, aceitando, dessa forma, práticas exploratórias. A natureza é vista como um objeto que pode ser dividido, explorado e controlado por forças externas. O ser humano criou um foco tecnocêntrico proporcionando a ele mesmo o direito de destruir criações naturais e vendê-las como mercadorias, em benefício da questão econômica. Esse paradigma defende que a única herança que se deve deixar para as gerações futuras é a inovação tecnológica e o crescimento econômico. O pensamento dominante no paradigma tecnocêntrico é egoísta, linear e instrumental (GLADWIN, KENELLY E KRAUSE 1995; BORIM-DE-SOUZA *et al*. 2015).

O paradigma Ecocentrico, por sua vez, discorre sobre a crença de que o planeta é uma fonte de vida para todas as espécies existentes. Seres humanos são simplesmente novas espécies e a terra é viva, ativa e sensível à ação humana. A metáfora que explica a gestão do ecocentrismo é a plenitude, uma vez que, neste paradigma, tudo está ligado ao todo. Nesse sentido a soma de todos os relacionamentos e processos são maiores do que as partes. O sistema é manifestado pela interação entre as partes, pois os seres humanos não são considerados como partes separadas da natureza. Devido a essa visão, tempo e espaço são variáveis a serem consideradas nestes contextos (GLADWIN, KENELLY E KRAUSE, 1995; BORIM-DE-SOUZA *et al*. 2015).

E, finalmente, o *Sustaincentrism*, que apóia a ideia de que a terra é o lar da humanidade e deve se manter limpo, saudável e próspero para que todos possam ter uma alta qualidade de vida. Nessa perspectiva de mundo, as partes não são analisadas e separadas do todo, mas em conjunto em uma contínua mudança de cenários. O pensamento dominante do *Sustaincentrism* é sintético, não-linear e indutivo, devido à dinamicidade, ciclicidade e do contínuo relacionamento entre todas as partes da natureza. Nesse paradigma a biosfera é vista como fundamental para a existência humana, mas devido a capacidade intelectual, pessoas são mais importantes do que a biosfera. O *Sustaincentrism* valoriza a questão social, econômica e cultural relacionada aos seres humanos, e, também o intelecto humano, que pode ser utilizado para agregar valor econômico ao sistema, melhorar indicadores sociais, proteger espécies e preservar o patrimônio ambiental (GLADWIN, KENELLY E KRAUSE, 1995; BORIM-DE-SOUZA *et al*. 2015).

Mebratu (1998) reconhece a variedade de conceitualizações para o desenvolvimento sustentável e expõe sua classificação ideológica do conceito em duas versões: uma crítica, versão ideológica; outra mais otimista, uma versão institucional. E, posteriormente, uma que nasce entre ambas, uma versão acadêmica (BORIM-DE-SOUZA *et al*., 2015).

Como apresentado no Quadro 01, a versão institucional foi representada por discussões e decisões propostas por grandes instituições (WCED, IIED, WBCSD) que inserem o DS em uma abordagem afiliada a um crescimento econômico limpo e igualitário. A responsabilidade de provar esse desenvolvimento é designada à capacidade das indústrias e das empresas, as quais implementam estratégias que otimizam operações e minimizam o uso de recursos e energia para alcançar práticas ecoeficientes de gestão. Dentro da versão Institucional as organizações devem assumir a liderança dos aspectos relacionados ao DS (MEBRATU, 1998; BORIM-DE-SOUZA *et al*. 2015).

Quadro 3. Análise comparativa entre os conceitos enraizados em uma posição institucional

Instituição	Prioridades	Epicentro Solucionador	Âmbito de Ação	Instrumentos (Liderança)
WCED	Consenso político	Crescimento sustentável	Nação-Estado	Governos e Organizações Internacionais
IIED	Desenvolvimento rural	Prioridade à preservação ambiental	Comunidades	Organizações não Governamentais Nacionais e Internacionais
WBCSD	Interesses econômicos	Ecoeficiência	Indústrias e Serviços	Lideranças Corporetivas

Fonte: Mebratu (1998, p. 504) a*pud* Borim-de Souza et al. (2015).

Pelo quadro pode-se compreender as diferentes prioridades nas conferências ambientais ao longo do tempo e de acordo com a evolução da sociedade, partindo de consenso político, desenvolvimento rural e, por fim, interesses econômicos, os quais são dependentes das organizações, ou seja, das lideranças corporativas.

A versão ideológica é baseada por algumas premissas como: eco-feminismo, eco-socialismo e eco-teologia (Mebratu, 1998). O eco-feminismo enxerga o crescimento da população humana e a destruição dos recursos naturais como principais fatores que podem erradicar a existência das espécies (BRAIDOTTI *et al.,* 1994). Essa condição poderia ser amenizada com a sensibilidade feminina, logo, deveria-se diminuir a força do homem na sociedade. O eco-socialismo, por sua vez, acredita que para haver a preservação dos recursos naturais e da vida das espécies deve-se romper com o regime capitalista, logo, através dessa mudança distribuir igualitariamente as riquezas e ter uma utilização moderada e apenas necessária da natureza, mudando radicalmente os meios de produção atuais (PEPPER, 1993). E, por fim, a eco-teologia que defende a importância de considerar o patrimônio ecológico nas tradições religiosas, o qual tem sido ignorado na humanidade. Os indivíduos deveriam ser guiados através de orientações religiosas em conjunto com crenças que respeitam o meio-ambiente e valorizam os recursos naturais utilizados para a manteneção e manutenção da vida humana (HAUGHT, 1996).

E, por fim, a versão acadêmica que demonstra o posicionamento científico que se contrapõe ao extremismo das versões Ideológica e Institucional. A versão acadêmica sugere uma interpretação do DS que é simultaneamente subjetiva

e objetiva, reflexiva e oportuna, natural e social, etc. Mostra-se também como interdisciplinar, pois combina propostas econômicas, ecológicas e sociológicas para oferecer possíveis respostas aos desafios impostos pelas crises ambientais (CLARKE, 1993; REDCLIFT E BENTON, 1994).

Logo, Mebratu (1998) e Gladwin, Kenelly e Krause (1995) trazem essas duas concepções de DS, corroborando para o framework de Borim-de-Souza *et al.* (2015). Dentre as colocações propostas acima, pode-se verificar algumas relações propostas pelo framework, por meio de um alinhamento epistemológico, nas quais o Tecnocentrismo de Gladwin, Kenelly e Krause (1995) é complementado pela versão institucional do DS colocada por Mebratu (1998). Da mesma forma o Ecocentrismo e suas visões críticas que são vistas na versão ideológica. E, por fim, o *Sustaincentrism* que compreende o DS através de uma versão acadêmica.

Jiménez-Herrero (2000) coloca que sustentabilidade e o DS são conceitos diferentes e que não se podem basear em colocações vagas e simplistas. Ele se refere à sustentabilidade como a predisposição de manter alguma coisa em um estado de continuidade. Já o desenvolvimento sustentável como um fator de desenvolvimento que se utiliza de processos de integração a fim de manter o equilíbrio necessário em um determinado sistema, a longo prazo. Logo, a sustentabilidade se dá como uma ideia principal e o DS seria um processo contínuo que corroboraria para o alcance dessa idéia, da sustentabilidade.

Para as discussões teóricas empreendidas por Borim-de-Souza *et al.* (2015) a sustentabilidade foi assumida como a ideia central do desenvolvimento sustentável. Compreendeu-se assim que a sustentabilidade constitui a capacidade de manter os diversos sistemas sociais em funcionamento, por meio de ações objetivas interessadas em resolver a crise ambiental e promover o desenvolvimento sustentável. Este, por sua vez, ocorre pela aplicabilidade da sustentabilidade e é evidenciado pela interação dos interesses naturais, sociais, culturais e econômicos, os quais são otimizados em uma lógica que busca conciliar prosperidade material, qualidade de vida e preservação do patrimônio ambiental do planeta (BALBINOT; BORIM-DE-SOUZA, 2012; JIMÉNEZ-HERRERO, 2000; LÉLÉ, 1991; BORIM-DE-SOUZA *et al.*, 2015).

4.4.3 Sustentabilidade

A Sustentabilidade é um conceito bem abrangente e diversificado, de difícil definição. Durante a década de 80 e 90 o termo “Sustentabilidade” passou a ser de muita relevância para o mundo globalizado, uma vez que era relacionado à preservação de espécies, à longevidade de recursos naturais não-renováveis, manutenções climáticas e discussões acerca dos erros e acertos que envolvem a esfera ecológica (LÉLÉ, 1991; BUTTEL, 1998; BORIM-DE-SOUZA *et al.*, 2015). Com toda a atenção provinda das conferências ambientais a sustentabilidade passou a ter, não apenas visibilidade, mas também a possuir uma certa relevância para as populações mundiais.

Buttel (1998) aborda que no início, o conceito de Sustentabilidade era alvo de inúmeras críticas por ser muito vago, fortalecer apenas aspectos do Desenvolvimento Sustentável e não definir a si próprio, era como uma “cortina de fumaça” que fomentaria a perpetuação do *status quo*, como o neoliberalismo e a hegemonia vinda dos países do Norte, dentro do desenvolvimento internacional.

Logo, Buttel (1998) conceitualiza a sustentabilidade como um processo, no qual há inúmeras lutas conceituais. Baseia-se na sustentabilidade como uma prática social regulatória, se mostrando através de políticas diretas ou indiretas. Portanto definir sustentabilidade é difícil, pois ela é uma prática social regulatória (política), e, pelo fato de que a política da sustentabilidade deve incluir não apenas a biosfera, mas também toda a distribuição ecológica (problema social e político).

Borim-de-Souza *et al.* (2015) remetem a estas confusões de conceitualização entre sustentabilidade e DS como um estopim para se analisar melhor as peculiaridades e para tratar com mais minuciosidade as suas respectivas representatividades, ao invés de sempre focar-se nas dificuldades de adaptação dos instrumentos de planejamento dentro das instituições, para desta forma romper com a lógica da teoria capitalista. A sustentabilidade é vista aqui como um fenômeno de pesquisa multifacetado.

Os significados da sustentabilidade defendidos por Lélé (1991) são os delimitados pelo do framework proposto por Borim-de-Souza *et al.* (2015).

Lélé (1991) coloca que o conceito de sustentabilidade baseia-se em recursos renováveis. Essa visão renovável da sustentabilidade a limitou, incorretamente, atrelando-a apenas ao âmbito ecológico e ambiental. Buscando superar essa configuração equivocadas Lélé (1991) propõe uma análise mais crítica da origem semântica do DS, e através dessa análise apresenta três interpretações para a sustentabilidade: uma interpretação literal, uma interpretação ecológica e uma interpretação social. A interpretação literal baseia-se em uma continuação de nada; a interpretação ecológica, pela qual a sustentabilidade representa a manutenção de uma base ecológica para a vida humana; e a interpretação social da sustentabilidade, que a vê como a manutenção de valores institucionais, culturais e sociais.

Com base nas definições de Gladwin, Kenelly e Krause (1995) e Mebratu (1998) sobre o DS e as de Lélé (1991) sobre a sustentabilidade, relaciona-se aqui as colocações desses autores, seguindo a configuração da quarta dimensão do framework de Borim-de-Souza *et al.* (2015).

Uma proposta mais objetivista considera que as organizações devem assumir a liderança em aspectos relacionados ao desenvolvimento sustentável. As empresas desenvolvem e implementam soluções sistêmicas de forma mais eficiente por meio de melhorias na capacidade produtiva e na inovação tecnológica (MEBRATU, 1998; SCHIMIDHEINY, 1992). O Tecnocentrismo e a versão institucional defendem o avanço econômico como peça chave para alcançar o DS. A interpretação literal da sustentabilidade é correlacionada com essas propostas, pois resgata a importância do crescimento econômico para o DS através de dois pontos relevantes: não existe contradição entre crescimento econômico e sustentabilidade, e; a aceitação da pobreza como um dos fatores para a degradação ambiental, que reafirma o crescimento econômico como uma resposta ao desejo do DS. Na tentativa de perpetuar uma racionalidade positivista e um sistema capitalista através de uma ideologia para o crescimento econômico enfraquecida, a sustentabilidade literal procura dar continuidade ao sistema, sem intenção de qualquer mudança (GOODLAND E LEDEC, 1987; LÉLÉ, 1991 *apud* BORIM-DE-SOUZA *et al*. 2015).

Uma proposta mais crítica resgata o Ecocentrismo e a versão Ideológica que criticam a lógica organizadora do sistema. Acredita-se que a humanidade deve se submeter aos resultados e aos limites do ambiente natural.

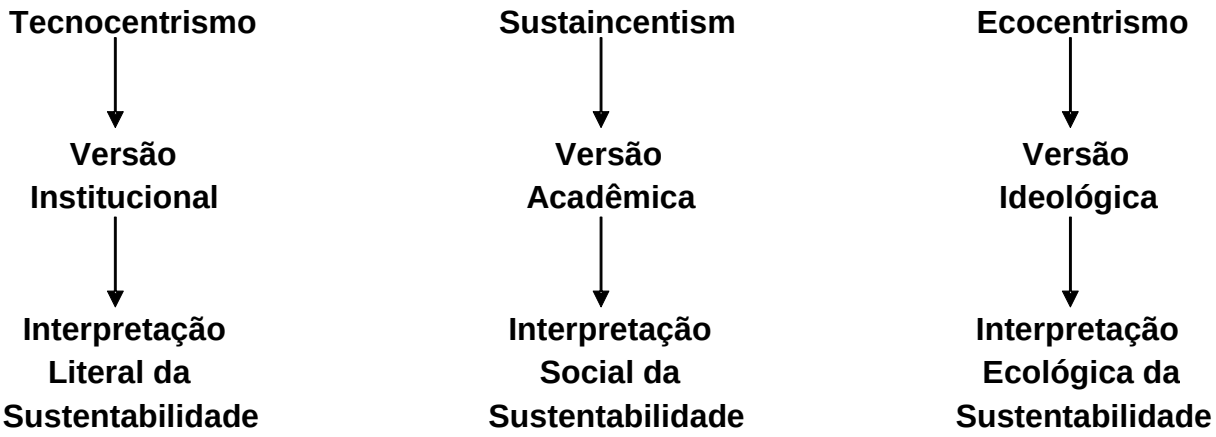
Esta orientação mais ecocêntrica e ideológica se enquadra com a interpretação Ecológica da sustentabilidade, que se preocupa em encontrar condições ecológicas que garantam a sobrevivência dos seres humanos atendendo apenas suas necessidades mais básicas. A sustentabilidade Ecológica se importa com as gerações atuais e futuras através da preservação ambiental, a distribuição igualitária dos recursos e o estabelecimento de uma participação social mais ampla. Essa interpretação demonstra que o modelo socioeconômico atual é ligado à racionalidade positivista e contribui para a degradação global do patrimônio natural do planeta (EKINS, 1986; LÉLÉ, 1991 *apud* BORIM-DE-SOUZA *et al.* 2015).

Por fim, uma proposta mais amena entre ambas expostas acima, tem-se o *Sustaincentrism* e a versão Acadêmica do DS que valorizam uma abordagem interdisciplinar, a qual é baseada na capacidade intelectual humana e da análise de diferentes propostas científicas, que podem aplicar soluções otimizadoras dos interesses econômicos, ecológicos e sociais. A relação entre o *Sustaincentrism* e a versão Acadêmica não valoriza o sistema atual como é, e também não o questiona ou propõe mudanças. Quem assume a responsabilidade pelo desfrute dos valores sociais, da compreensão de tradições, da relevância das instituições e do respeito à origem das culturas é a humanidade. A interpretação social da sustentabilidade aborda temas como economia, infraestrutura, política, serviços públicos e cultura, com um viés de análise que relaciona recursos naturais, expectativas sociais e preocupações econômicas a fim de ofertar soluções pluralizadas (BARBIER, 1987; NOGAARD, 1988 *apud* BORIM-DE-SOUZA *et al*. 2015).

Segundo o framework acredita-se que a Sustentabilidade constitui a capacidade de manter de forma diversificada o funcionamento dos sistemas sociais, por meio de ações objetivas no sentido de resolver as crises ambientais e promover o DS. Esse, por sua vez, ocorre através da aplicação da Sustentabilidade e é evidenciado na interação entre os interesses naturais, sociais, culturais e econômicos. Estes são aplicados e melhorados por uma lógica que visa conciliar prosperidade material, qualidade de vida e a preservação do patrimônio ambiental do planeta (BORIM-DE-SOUZA *et al*, 2015).

A figura abaixo resume e encerra as relações teóricas desta seção.

Figura 6. As relações teóricas entre o DS e a sustentabilidade



Fonte: Borim-de-Souza *et al*. (2015) elaborado pelos autores a partir das contribuições de Gladwin, Kennelly e Krause (1995); Lélé (1991) e Mebratu (1998).

4.5 Descrição do Framework: estilos de raciocínio

A pesquisa de Borim-de-Souza et al. (2015) foi realizada com o intuito de caracterizar o DS e a sustentabilidade como objetos de estudo para a TGC. Para tal desenvolveu-se uma abordagem teórico-metodológica, a qual utilizou-se de seleções temáticas específicas, que foram organizadas em quatro dimensões analíticas. A primeira dimensão abordou colocações sobre posturas ontológicas. A segunda dimensão defendeu as perspectivas epistemológicas. A terceira dimensão trouxe os paradigmas organizacionais para a análise. E, finalmente, a quarta dimensão, que é conceitual e classificatória, relacionando as diferentes perspectivas da TGC, do DS e da sustentabilidade (BORIM-DE-SOUZA *et al*., 2015).

Borim-de-Souza *et al*. (2015) trazem a primeira e a segunda dimensões como diretrizes para a caracterização das demais dimensões do framework. Já as discussões da terceira e quarta focam em: apresentar paradigmas da teoria organizacional (Burrell e Morgan, 1979); relacionar os paradigmas dominantes e suas versões conceituais do DS (Gladwin, Kenelly e Krause, 1995; Mebratu, 1998), da sustentabilidade (Lélé, 1991); e, o mais importante, classificar ontologicamente e epistemologicamente cada paradigma organizacional, as escolas da TGC, as versões conceituais do DS, e, as abordagens da sustentabilidade (BORIM-DE-SOUZA *et al*., 2015).

Com todas as dimensões e escolas apresentadas buscou-se, nesta etapa, demonstrar os caminhos percorridos dentro do framework e suas relações,

cujos mapas demonstram possíveis rotas teóricas para caracterizar o DS e a sustentabilidade como objetos de estudo para a teoria da gestão comparativa.

Essas propostas, segundo Hacking (1982), são também chamadas de “estilos de raciocínio”. Um estilo de raciocínio é historicamente, culturalmente, economicamente e institucionalmente um contextualizador de declarações que se candidatam a ser verdades científicas. Tal verdade só é válida dependendo de como ela é empregada, uma vez que, se pretende legitimar os padrões de explicação desenvolvidos em um domínio específico, os quais são responsáveis por criar um ciclo de auto-validação, ou seja, por selecionar os fundamentos de busca dessa verdade e os critérios que avaliarão a verdade que está sendo buscada. Em síntese, os estilos de raciocínio preenchem lacunas epistemológicas necessárias de serem supridas por fundamentações ontológicas coerentes e de serem sustentadas por conceitos adjacentes que culminem na averiguação da racionalidade empregada no desenvolvimento deste mesmo raciocínio (BORIM-DE-SOUZA *et al*., 2015). Hacking (1982) ressalta a necessidade de se conhecer a história do presente do fenômeno que se pretende verdade científica, ou seja, insiste na imprescindibilidade de se descobrir o porquê algo é admitido como relevante e como candidato a verdade na contemporaneidade.

A preocupação de Borim-de-Souza *et al*. (2015) além de apresentar, classificar e discutir cada uma das vertentes da TGC, do DS e da sustentabilidade, era estabelecer possíveis relações entre essas discussões. Estas relações permitiram o desenvolvimento de propostas que são candidatas à verdade científica, ou seja, estilos de raciocínios.

Foram mapeados três estilos de raciocínio dentro do framework, os quais são detalhados abaixo.

A Proposição 1: o desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade como objetos de estudo para a escola colonialista da teoria da gestão comparativa: uma proposição a partir de perspectivas positivistas. Nesta proposição, foram relacionados os paradigmas das teorias organizacionais, as escolas da teoria da gestão comparativa, os paradigmas dominantes e as versões conceituais do DS e as abordagens interpretativas da sustentabilidade vinculadas a uma perspectiva epistemológica positivista.

O funcionalismo representa um paradigma formado pela relação entre a sociologia da regulação e a ciência objetiva, ambas ontologicamente

objetivas e espistemologicamente positivistas. A escola colonialista possui um caráter objetivista e promove pesquisas que buscam explicar, avaliar e acumular os dados coletados pelas pesquisas empíricas, o que permite classificá-la como uma escola empírica. A escola colonialista valoriza estudos que contribuem com o desenvolvimento econômico do centro Euro-Americano, o que vincula suas discussões à abordagem socioeconômica da teoria da gestão comparativa. O paradigma tecnocêntrico defende que a única herança a ser transferida para as futuras gerações está nas inovações tecnológicas e no crescimento econômico. A versão institucional do desenvolvimento sustentável estuda o desafio de promover um crescimento econômico limpo e igualitário. A sustentabilidade literal compreende que o envolvimento com causas desenvolvimentistas amparadas pelo sistema capitalista e pelas instituições do sistema capitalista não promove avanços, ou seja, perpetua a continuação do nada (BORIM-DE-SOUZA et al. 2015).

Portanto, na Proposição 1, para a escola colonialista da teoria da gestão comparativa, enraizada em uma racionalidade funcionalista, o desenvolvimento sustentável é um fenômeno discutido por uma lente tecnocêntrica, definido em sua versão conceitual institucional e complementado por uma interpretação literal da sustentabilidade (BORIM-DE-SOUZA *et al.,* 2015).

Proposição 2: O DS e a sustentabilidade como objetos de estudo para a escola pós-colonialista crítica da teoria da gestão comparativa: uma proposição a partir de perspectivas interpretativistas. Nesta proposição foram relacionados os paradigmas das teorias organizacionais, as escolas da teoria da gestão comparativa, os paradigmas dominantes e as versões conceituais do desenvolvimento sustentável e as abordagens interpretativas da sustentabilidade que estão vinculados a uma perspectiva epistemológica interpretativista.

O humanismo radical é um paradigma formado a partir da relação entre a sociologia da mudança radical e a ciência subjetiva, ambas ontologicamente subjetivas, o que leva a inserir este paradigma a uma perspectiva epistemológica interpretativista. A escola pós-colonialista crítica se constrói por tentativas de fundamentar a teoria da gestão comparativa por meio da proposição de modelos teóricos, estruturas conceituais e tipologias específicas para um posterior desenvolvimento e teste de hipóteses, o que a classifica como teórico-abstrata. A fundamentação reacionária e subjetivista da escola pós-colonialista crítica defende a contribuição dos indivíduos para a construção da realidade, bem por isso tem suas

discussões orientadas pela abordagem comportamental (BORIM-DE-SOUZA, et al., 2015).

Os indivíduos valorizados pela abordagem comportamental junto à escola pós-colonialista, emancipam-se da lógica estrutural econômica dominante ao questionar práticas que contribuem com o aumento da miséria, com o desmatamento ambiental e com outras patologias socioambientais. O paradigma ecocêntrico defende que os seres humanos não estão separados da natureza e por esta razão apenas devem utilizar os recursos naturais para suas necessidades básicas de sobrevivência. A versão ideológica do desenvolvimento sustentável critica a lógica organizativa do sistema e, por consequência, acredita que o homem deve submeter-se às determinações e aos limites naturais do ambiente. A sustentabilidade ecológica se preocupa, simultaneamente, com as gerações presentes e com as gerações futuras, mas por uma interpretação que prioriza a preservação ambiental, a distribuição igualitária de recursos e o estabelecimento de maior participação social (BORIM-DE-SOUZA, et al., 2015).

Portanto, na proposição 2, o humanismo radical representa a identidade paradigmática da escola pós-colonialista crítica da teoria da gestão comparativa, para a qual o desenvolvimento sustentável é um fenômeno que possui uma compreensão ecocêntrica, uma definição conceitual ideológica e uma complementação na interpretação ecológica da sustentabilidade (BORIM-DE-SOUZA *et al*., 2015).

Proposição 3: o DS e a sustentabilidade como objetos de estudo para a escola pós-colonialista amena da teoria da gestão comparativa: uma proposição a partir de perspectivas histórico-realistas. Nesta proposição, foram relacionadoas os paradigmas das teorias organizacionais, as escolas da teoria da gestão comparativa, os paradigmas dominantes e as versões conceituais do desenvolvimento sustentável e as abordagens interpretativas da sustentabilidade que estão vinculados a uma perspectiva epistemológica histórico-realista.

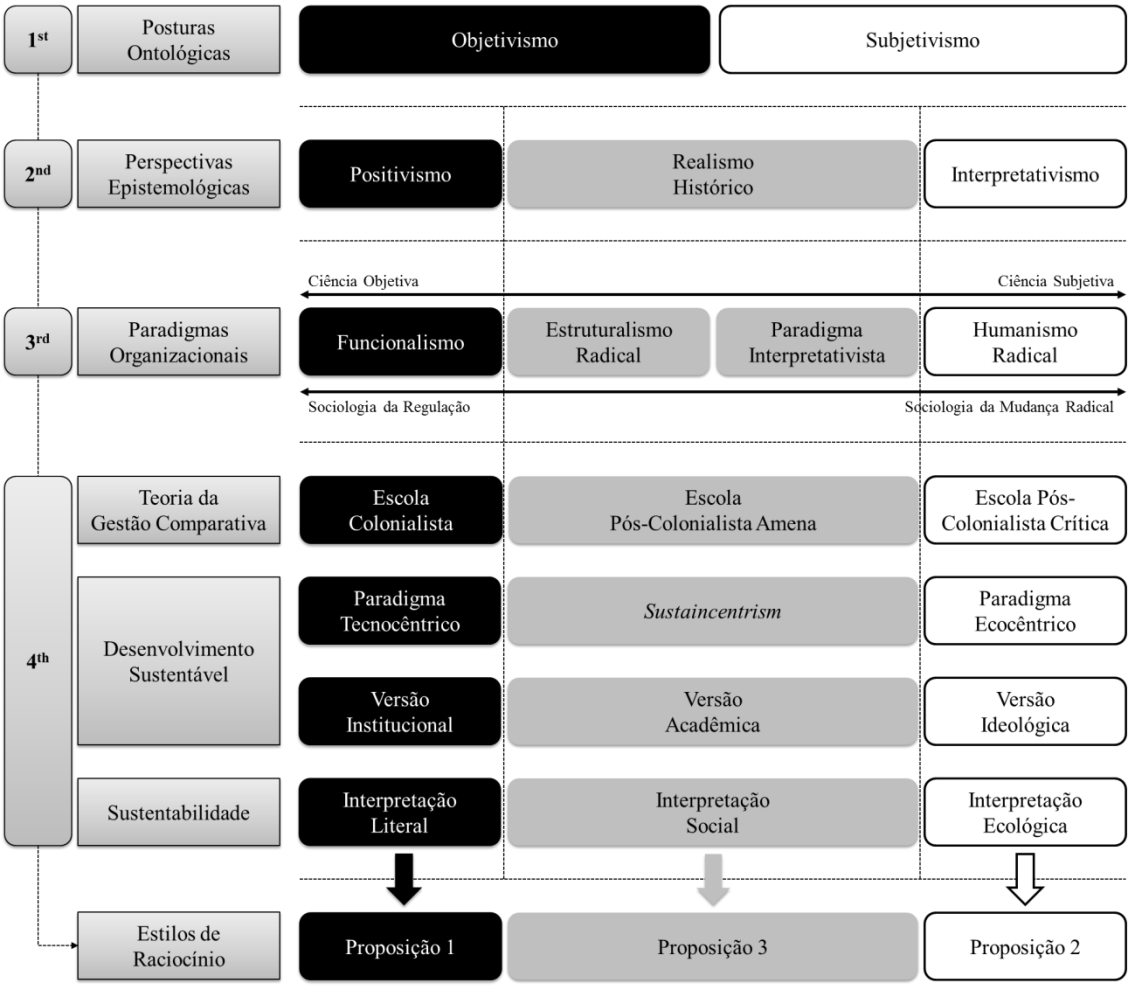
O estruturalismo radical e o paradigma interpretativista participam ontologicamente de uma relação de complementação e interação entre o objetivismo e o subjetivismo e, por conseqüência, são relacionados a uma perspectiva epistemológica histórico-realista. A escola pós-colonialista amena está em um espaço de discussão que resgata princípios subjetivistas e, também, por depender

de procedimentos empíricos essencialmente objetivistas, o que permite classificá-la, simultaneamente, como teórico-abstrata e empírica. A escola pós-colonialista amena ao compartilhar o enfoque de seus estudos entre o gestor (indivíduo), organização (coletividade) e o ambiente (coletividade de organizações) desenvolve suas análises a partir da abordagem ecológica da teoria da gestão comparativa. O *sustaincentrism* valoriza a intelectualidade do ser humano, a qual é aplicada para agregar valor econômico ao sistema, melhorar indicadores sociais, proteger as espécies e preservar o patrimônio ambiental. A versão acadêmica é interdisciplinar, pois relaciona proposições econômicas, ecológicas e sociológicas em tentativas de responder aos desafios impostos pela crise ambiental. A sustentabilidade social acredita que a intelectualidade humana agrega valor às análises econômicas, de infraestrutura, políticas, culturais por meio da apresentação de soluções interdisciplinares ao sistema.

Portanto, na proposição 3, a escola pós-colonialista amena possui uma identidade paradigmática compartilhada entre o estruturalismo radical e o paradigma interpretativista, o que leva a compreender o desenvolvimento sustentável a partir do sustaincentrism, em uma definição conceitual acadêmica e enriquecido por contribuições advindas da interpretação social da sustentabilidade (BORIM-DE-SOUZA *et al*., 2015).

Encerra-se aqui as colocações acerca dos estilos de raciocínio detalhados por Borim-de-Souza *et al.* (2015), os quais buscam identificar possíveis rotas para caracterizar o DS e a sustentabilidade como objetos de estudo para TGC. O detalhamento do framework foi realizado e o mesmo foi exposto na figura abaixo. Posteriormente, será abordado como este framework será relacionado a configuração de campo proposta nessa pesquisa. Abaixo pode-se ver a estrutura do framework e suas proposições de estilos de raciocínio.

Figura 7. Framework de Estilos de Raciocínio para a Compreensão do DS e da Sustentabilidade como Objetos de Estudo para a TGC



Fonte: Elaborado por Borim-de-Souza et al., (2015) a partir das contribuições de Boyacigiller e Adler (1991); Burrell e Morgan (1979); Latour (1988, 1990, 1992, 1993); Gladwin, Kennelly e Krause (1995); Hacking (1982); Harding (1998); Lélé (1991); Mebratu (1998); Neghandi (1975); Schollhammer (1969, 1973); Westwood (2001, 2004).

4.6 Relacionando os estilos de raciocínios com a configuração de campo proposta

O framework trouxe discussões e relações que foram verificadas a partir dos textos levantados no estudo bibliométrico com base na configuração de campo já apresentada. Denota-se que existe uma disputa, um jogo, dentro do campo, o qual é jogado entre dominante e o dominado. Para manter sua força e posição dentro do campo o dominador mobiliza estratégias que o fazem acumular mais capital e exercer mais poder simbólico, através disso passa a deter o campo de poder, e, dessa forma, deter o campo (BOURDIEU, 2004; 2012).

Neste trabalho configurou-se uma proposta de campo, que é o de relações entre internacionalização e sustentabilidade, no qual o poder de dominação de um (dominador) sobre o outro (dominado) é exercido através do poder simbólico. Este poder simbólico se utiliza de algumas estratégias para acúmulo de capital, neste caso, ferramentas de dominação (formas simbólicas), essas ferramentas simbólicas, na configuração de campo proposta neste trabalho, serão os discursos sobre sustentabilidade. Dentro dessa disputa, quem detém o discurso dominante de sustentabilidade, detém a capacidade de dominar o campo (BOURDIEU, 2004; 2012).

A sustentabilidade neste trabalho foi abordada como uma questão política e ideológica, segundo O´Connor (2002), ideológica, pois busca exercer dominação através de um conjunto de ideias postos em um discurso, e, política, uma vez que a política se baseia em uma atividade orientada ideologicamente para a tomada de decisões de um determinado grupo para alcançar seus objetivos.

No entanto, antes de se chegar a uma conclusão sobre qual é o discurso dominante, deve-se considerar os embates entre esses mesmos discursos dentro do campo até que se chegue em um discurso dominante. Através do resultado alcançado, por meio de um estudo bibliométrico, foi possível averiguar qual dos estilos de raciocínio propostos pelo framework representa o discurso dominante se enquadra, e, desta forma, constatar a real projeção da sustentabilidade nesses discursos dominatórios, os quais são adotados pelas organizações multinacionais e passadas para a sociedade através delas.

Por fim, este capítulo busca apresentar o framework proposto por Borim-de-Souza *et al.* (2015), expor o porquê de um pensamento tardio e pouco explorado sobre a força ideológica e política que a sustentabilidade representa, e, a possível utilização da mesma e do DS como discursos simbólicos que exercem dominação dentro do campo da internacionalização configurado nesta pesquisa.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Uma vez que a sociologia Bourdieusiana é a lente que auxiliou na análise do campo que discute as relações entre internacionalização e sustentabilidade, é importante esclarecer que as reflexões apresentadas foram situacionais, ou seja, totalmente dependentes dos procedimentos metodológicos utilizados e limitadas ao espaço temporal considerado para a realização da pesquisa. Isto porque o conhecimento não permanece inalterado e inflexível, mas está sempre em um ciclo de evolução e revolução.

5.1 Classificação Geral da Pesquisa

O objetivo geral desta pesquisa, bem como os objetivos específicos, estão comprometidos com o interesse de desvendar as principais características dos estudos que abordam as relações entre internacionalização e sustentabilidade. Considerando o interesse de alcançar os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa de natureza básica, cuja problematização foi respondida por uma abordagem quantitativa e qualitativa, cujos objetivos foram analisados por uma perspectiva descritiva e exploratória e que em relação aos procedimentos técnicos foram classificadas como bibliográfica e como um estudo bibliométrico (ANDRÉS, 2009; GIL, 2008; RICHARDSON et al., 2014; SPINAK, 1998).

Trata-se de uma pesquisa de natureza básica porque se interessa pelo desenvolvimento de conhecimentos científicos sem se preocupar com suas aplicações e consequências práticas (DEMO, 2000). Ressalta-se, no entanto, que esta ausência de preocupação não denota negligência metodológica, mas sim um comprometimento com a descoberta e com o estabelecimento de informações teóricas que venham enriquecer as investigações empíricas dependentes destes conhecimentos teóricos.

O objetivo geral, ou seja, de analisar a produção científica internacional sobre o campo que discute as relações entre internacionalização e sustentabilidade em publicações da administração, bem como os objetivos específicos de propor uma configuração para o campo em investigação, de mapear este campo por meio de um estudo bibliométrico e de classificar este campo em

conformidade com a classificação proposta, foram comprometidos com o interesse de desvendar as principais características dos estudos que discutem as relações entre internacionalização e sustentabilidade. A partir destas descobertas, futuras investigações aplicadas sobre estas relações foram enriquecidas por argumentações teóricas mais fundamentadas e esclarecedoras.

Para Richardson et al. (2014), a pesquisa qualitativa é uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social. A abordagem qualitativa é empregada para a compreensão de fenômenos específicos e delimitáveis, mais pelo seu grau de complexidade interna do que pela sua expressão quantitativa (MINAYO; SANCHES, 1993). Deslauriers e Kérisit (2008) enfatizam que a pesquisa qualitativa compreende um campo de estudo não apenas como um reservatório de dados, mas também como fonte de novas questões. Inerente aos objetivos da pesquisa em proposição estão os interesses de compreender a natureza das relações entre internacionalização e sustentabilidade, os fenômenos de estudo decorrentes destas relações e os questionamentos sobre estas relações que ainda não foram respondidos na literatura nacional e internacional. Destes interesses pretendeu-se extrair respostas para o primeiro objetivo específico, ou seja, de propor uma configuração para o campo que discute as relações entre internacionalização e sustentabilidade.

Em relação a análise dos dados, a pesquisa foi, sequencialmente, quantitativa e qualitativa. A primeira etapa de análise da pesquisa em proposição foi quantitativa. A pesquisa quantitativa implica o emprego de quantificação na coleta e no tratamento dos dados, por meio de técnicas estatísticas (RICHARDSON et al., 2014). Neste momento da pesquisa informações descritivas sobre as publicações internacionais do campo que discute as relações entre internacionalização e sustentabilidade foram devidamente organizadas e mensuradas por meio de técnicas estatísticas. Por esta etapa pretende-se cumprir com o segundo objetivo específico, ou seja, de mapear, por meio de um estudo bibliométrico, a produção científica internacional que discute as relações entre internacionalização e sustentabilidade em publicações da administração.

Richardson et al., (2014) comentam que o aspecto qualitativo de uma investigação pode estar presente até mesmo nas informações colhidas por estudos essencialmente qualitativos. Na pesquisa em proposição, a etapa qualitativa de investigação e análise foi posterior a etapa quantitativa de coleta, organização e

tratamento dos dados bibliométricos. Por meio da etapa qualitativa pretendeu-se ir além das métricas descritivas conquistadas no momento quantitativo, ou seja, busca-se descobrir, desvendar e esclarecer o que está neste campo que discute as relações entre internacionalização e sustentabilidade em termos de conteúdo, discussões, posicionamentos e abordagens.

Estas respostas não podem ser angariadas por uma abordagem analítica exclusivamente quantitativa. Esta etapa qualitativa que segue a etapa quantitativa de análise pretendeu responder ao terceiro objetivo específico, ou seja, de classificar a produção científica internacional sobre as relações entre internacionalização e sustentabilidade de acordo com a configuração proposta para este campo.

Uma pesquisa descritiva tem “como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2008, p. 28). O objetivo descritivo da análise está diretamente relacionado à etapa quantitativa de tratamento dos dados bibiométricos. Uma pesquisa exploratória visa conhecer as características de um fenômeno para procurar, em um momento posterior, explicações de suas causas e consequências (RICHARDSON et al., 2014). Esta perspectiva exploratória é adotada na etapa qualitativa de análise, em seguida da etapa quantitativa.

Em relação aos procedimentos técnicos, esta pesquisa pode ser classificada como um estudo bibliográfico e como um estudo bibliométrico. À medida que progride a teorização enraizada, a revisão bibliográfica fornece as construções teóricas, categorias e propriedades que auxiliam na organização de dados e na descoberta de novas relações entre teoria e realidade (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2008). A revisão bibliográfica foi fundamental para responder ao primeiro objetivo específico desta pesquisa, ou seja, de propor uma configuração para o campo que discute as relações entre internacionalização e sustentabilidade. A respeito do estudo bibliométrico, maiores informações são apresentadas em sequência.

De acordo com Andrés (2009), Spinak (1998) e Vanti (2002), a mensuração de publicações é um desafio, uma vez que não há consenso sobre a mensuração e a avaliação da produção intelectual acadêmica. Tais dificuldades se agravam quando os impactos e as influências dessas produções também buscam ser avaliadas. Neste contexto a bibliometria se apresenta como uma estratégia metodológica capaz de explorar características de informações publicadas. Com a

utilização de métodos matemáticos e estatísticos, a bibliometria quantifica a produção, a disseminação e o uso da informação registrada, bem como pode abranger análises de citações, análises de cocitações, agrupamentos bibliográficos e co-wordanalysis (ANDRÉS, 2009). Por meio deste estudo bibliométrico pretende-se responder ao segundo objetivo específico desta pesquisa.

5.2 Coleta dos dados

Nesta seção encontram-se a apresentação do objeto, da população e da amostra da pesquisa, bem como os procedimentos empregados para a coleta dos dados.

5.2.1 Objeto da pesquisa

Compõem o objeto da pesquisa em proposição os estudos que discutem as relações entre internacionalização e sustentabilidade.

5.2.2 População e amostra da pesquisa

Para a elaboração da primeira parte da pesquisa, no que se refere à análise bibliométrica, o primeiro passo esteve concentrado em delimitar os periódicos de referência para a coleta de dados. A seleção dos periódicos, porém, dependeu da adoção de um parâmetro de qualificação destas publicações devidamente reconhecido e legitimado junto às diversas áreas de conhecimento e pesquisa. Em atendimento a este critério optou-se pela utilização do Índice WebQualis, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio da qual periódicos nacionais e internacionais de inúmeras áreas de conhecimento e pesquisa são avaliados e classificados por índices que compõem os Periódicos Qualis. A classificação é composta por oito níveis de qualidade, os

quais são (de maior qualidade para menor qualidade): A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C.

O Índice WebQualis é atualizado anualmente e é possível que em um intervalo de um ano um periódico possa passar de uma classificação de menor qualidade para uma classificação de maior qualidade, bem como o quadro inverso também é possível. Para a pesquisa em proposição foi considerada a classificação publicada pela CAPES em 2014. A população desta pesquisa foi composta por todos os periódicos científicos listados pela CAPES no levantamento de 2014 para a área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo, o que representa um total de 209 periódicos. “Os objetos da pesquisa e o escopo do estudo são essenciais na definição da população alvo que será estudada. A população alvo foi o grupo completo de objetos ou elementos relevantes para o projeto de pesquisa. São relevantes porque possuem as informações que o projeto de pesquisa se propõe a coletar.” (HAIR JR. et al., 2005).

Considerando a qualificação implícita à classificação dos periódicos na metodologia de avaliação da CAPES, foram selecionados para compor as fontes de consulta do estudo bibliométrico os periódicos internacionais listados nas classificações A1 da área de conhecimento “Administração, Ciências Contábeis e Turismo”. Os recortes metodológicos estabelecidos sobre a área de conhecimento dos periódicos, a classificação dos periódicos, a exclusividade de periódicos internacionais e os anos de publicação do Índice WebQualis foram complementados com a necessidade dos periódicos selecionados apresentarem em seu espaço editorial um claro direcionamento para a área de administração e gestão. Este julgamento foi baseado na presença de uma das seguintes palavras na redação do *aims and scope*: *organization, organizations, management, management studies, business, organization theory*. Periódicos inseridos à área de conhecimento classificada pela CAPES como “Administração, Ciências Contábeis e Turismo” e que não apresentaram este foco foram automaticamente desconsiderados como fonte de consulta para o estudo bibliométrico. O atendimento aos critérios estabelecidos resultou em uma amostra de 15 periódicos. Prevaleceu, portanto, no processo de seleção da amostra, segundo Hair Jr. et al. (2005), a amostragem por julgamento, também denominada de amostragem intencional.

5.2.3 Critérios para a seleção dos artigos

Nos periódicos que cumpriram com todos os requisitos de seleção elencado anteriormente foram estabelecidos processos de busca de artigos em dois momentos. No primeiro momento foram rastreados artigos que fizeram menção ou no título, ou no resumo, ou nas palavras-chave das seguintes palavras: *sustainability e/*ou *sustainable development*. Nos artigos coletados neste primeiro momento de rastreamento foram separados aqueles que fizeram menção ou no título, ou no resumo, ou nas palavras-chave das seguintes palavras: *internationalization*, *internationalisation*, *comparative management* e *cross-culture/ cross-cultural*. O atendimento a estes critérios resultou na seleção de, até o momento, 73 artigos a serem analisados.

5.3 Análise dos Dados

Após a indicação dos critérios de seleção dos artigos que compuseram o conjunto avaliado pelo estudo bibliométrico, fez-se necessário estabelecer os critérios de análise que foram empregados nestes artigos com vistas à necessidade de responder ao objetivo geral e aos objetivos específicos da pesquisa. A análise destas publicações ocorreram em duas etapas, sendo a primeira de ordem quantitativa-descritiva e a segunda de ordem qualitativa-exploratória. Estas etapas analíticas são explicadas em sequência.

5.3.1 Análise Quantitativa-Descritiva: o mapeamento bibliométrico do campo

Nesta etapa que analisou o campo que discute as relações entre internacionalização e sustentabilidade por uma abordagem quantitativa-descritiva serão identificados, a partir dos artigos analisados no estudo bibliométrico, os anos em que os artigos foram publicados, informações relevantes sobre a autoria destes artigos, os países, as instituições de ensino e pesquisa e os periódicos que mais contribuíram para o campo em investigação, bem como as redes de colaboração estabelecidas entre autores, instituições e países. Para esta descrição foram

utilizadas métricas de estatística descritiva, tais como média e frequência (DANCEY; REIDY, 2013).

Para a identificação dos anos em que estes artigos foram publicados e dos periódicos que mais contribuíram com o campo que discute as relações entre internacionalização e sustentabilidade foram levantadas as seguintes informações: distribuição dos artigos publicados por ano; distribuição dos artigos publicados por periódico; relação entre quantidade de artigos publicados e tempo de existência do periódico; periódicos com mais publicações por ano; e, números especiais, fóruns temáticos e seções temáticas.

Para a identificação de informações relevantes sobre a autoria destes artigos foram pesquisados os seguintes dados: distribuição dos artigos por quantidade de autores; informações sobre as publicações dos autores que mais contribuíram com o campo em discussão; e, espaço de atuação acadêmica e científica destes autores junto às instituições em que estão afiliados.

Para a identificação dos países e das instituições que mais contribuíram com o campo que discute as relações entre internacionalização e sustentabilidade foram levantadas as seguintes informações: instituições de ensino e pesquisa que mais contribuíram com o campo em discussão; e, países que mais contribuíram com o campo em discussão. Para a identificação das redes de colaboração estabelecidas entre autores, instituições e países, informações elencadas anteriormente serão devidamente relacionadas e articuladas.

5.3.2 Análise Qualitativa-Exploratória: a classificação do campo

Em sequência a análise quantitativa-descritiva encontra-se a análise qualitativa-exploratória dos artigos selecionados no estudo bibliométrico. Nesta análise pretendeu-se ir além das métricas descritivas conquistadas na etapa anterior. Buscou-se descobrir, desvendar e esclarecer o que está no campo que discute as relações entre internacionalização e sustentabilidade em termos de temas, teorias e metodologias. Um outro momento desta análise buscou classificar as discussões empreendidas nestes artigos a partir do *framework* de Borim-de-Souza et al. (2015) e, a partir destas classificações, organizar tais discussões na

configuração de campo proposta. Para tanto foi realizada uma análise do conteúdo dos artigos, a qual, de acordo com Gomes (2004), prevê a determinação de unidades de registro com o intuito de agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abrangê-los.

Partindo da leitura dos artigos foi possível perceber quais os temas, as teorias e as metodologias mais recorrentes no campo que discute as relações entre internacionalização e sustentabilidade. Por meio da análise do conteúdo destes artigos foi possível classificar os conceitos e as discussões sobre internacionalização e sustentabilidade de acordo com a tipologia proposta por Borim-de-Souza (2015) e organizar tais classificações na configuração proposta para o campo em discussão.

Como informado no capítulo que discorreu sobre os estilos de raciocínio que caracterizaram o DS e a sustentabilidade como objetos de estudo para a teoria da gestão comparativa, foi utilizada apenas a quarta dimensão do *framework* (conceitual) para analisar o conteúdo dos artigos selecionados no estudo bibliométrico e classificar os conceitos e as discussões sobre internacionalização e sustentabilidade. A análise do conteúdo dos artigos depende da operacionalização dos conceitos elencados na dimensão conceitual do *framework*, o que se torna possível pela decomposição destes conceitos na forma de parâmetros de investigação, os quais são discutidos em sequência.

5.3.2.1 Parâmetros de investigação

Os parâmetros de investigação foram retirados dos conceitos presentes na quarta dimensão do *framework* de Borim-de-Souza et al. (2015), sendo eles: teoria da gestão comparativa, desenvolvimento sustentável e sustentabilidade. Apesar do caráter teórico, estes parâmetros foram empregados no momento de análise dos dados desta pesquisa e dependeram de objetivos de investigação direcionados para cada um dos temas analisados. Estes objetivos são comentados em sequência a partir de contribuições metodológicas oferecidas por Borim-de-Souza (2014).

A classificação das discussões sobre a teoria da gestão comparativa foi realizada a partir da observação das seguintes características: (1) o perfil de internacionalização descrito nos artigos, ou seja, se é colonialista, pós-colonialista amena ou pós-colonialista crítica; e, (2) a abordagem predominante deste perfil de internacionalização descrito nos artigos, ou seja, se prevalece uma abordagem socioeconômica, uma abordagem ecológica ou uma abordagem comportamental. Os parâmetros de investigação referentes à TGC estão listados no Quadro 04.

A classificação das discussões sobre o desenvolvimento sustentável e sobre a sustentabilidade foi realizada a partir da observação das seguintes características: (1) o paradigma dominante mais representativo nas discussões sobre o desenvolvimento sustentável, ou seja, se o tecnocentrismo, se o ecocentrismo ou se o sustaincentrism; (2) a versão conceitual de desenvolvimento sustentável mais evidente, ou seja, se institucional, se ideológica ou se acadêmica; e, (3) a interpretação de sustentabilidade, ou seja, se literal, se ecológica ou se social. Os parâmetros de investigação referentes ao DS e à sustentabilidade estão listados no quadro abaixo.

	CATEGORIAS DE ANÁLISE				
	TEORIA DA GESTÃO COMPARATIVA		**DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**		**SUSTENTABILIDADE**
PARÂMETROS DE INVESTIGAÇÃO (OPERACIONALIZAÇÃO)	PERFIL DA RELAÇÃO	ABORDAGEM	PARADIGMA DOMINANTE	VERSÃO CONCEITUAL	INTERPRETAÇÃO
	Colonialista	**Socioeconômica**	**Tecnocentrismo**	**Institucional**	**Literal**
	Insensível às peculiaridades das localidades externas ao eixo euro-americano. Sem interesse nas características culturais das regionalidades externas ao eixo euro-americano. Imposição de padrões euro-americanos.	Orientada e comprometida com o desenvolvimento econômico. A gestão contribui para melhores indicadores de desenvolvimento econômico. A gestão integra o sistema socioeconômico.	O planeta é inerte e passivo. Defende a exploração do patrimônio ambiental. Os seres humanos são prioridade. O mundo natural esta submetido ao capitalismo. Inovação tecnológica e crescimento econômico como solução ambiental.	Abordagem desenvolvimentista. Desenvolvimento econômico limpo e sustentável. As empresas e as indústrias como solução para a crise ambiental.	O desenvolvimento só é possível pelo crescimento econômico. A continuidade do sistema na maneira como ele está, ou seja, não intenta realizar mudanças.
	Pós-Colonialista Crítica	**Comportamental**	**Ecocentrismo**	**Ideológica**	**Ecológica**
	Importância às peculiaridades regionais. Características culturais regionais predominam na relação. Os padrões locais prevalecem.	Reacionária aos padrões euro-americanos. Defende a relevância do contexto local na manutenção da relação. Valoriza uma relação orientada por padrões locais com a comunidade.	O planeta abriga todas as espécies. A humanidade é apenas uma das espécies. Seres humanos e natureza coexistem. Recursos naturais apenas para necessidades básicas	Ascensão feminina para a gestão da sociedade. Distribuição igualitária de riquezas. Exploração equilibrada de recursos naturais. Religião orientando a relação com a natureza.	Submissão do homem aos limites naturais. Sobrevivência humana em suas necessidades básicas. Prioriza a preservação ambiental em relação ao ser humano.
	Pós-Colonialista Amena	**Ecológica**	***Sustaincentrism***	**Acadêmica**	**Social**
	As peculiaridades locais, bem como as características culturais regionais são comparadas aos padrões euro-americanos, e desta comparação seleciona-se alternativas otimizadoras. As alterações nos padrões locais são solicitados e negociados, não cabendo força dominante e impositiva.	Considera igualmente relevante o desenvolvimento econômico, a gestão e a relação com a comunidade. O ambiente externo e o ambiente interno são igualmente fundamentais para determinar a eficiência da firma. Os recursos e os indivíduos determinam o sucesso da firma.	A Terra como lar dos seres humanos. Planeta limpo, saudável e próspero. Qualidade de vida para os seres humanos. Relaciona atividade econômica, preocupação ambiental e ação humana. A intelectualidade do ser humano como resposta à crise ambiental.	É interdisciplinar. A resposta à crise ambiental está na oferta de soluções que otimizem relações econômicas, ambientais e sociais. Analisa simultaneamente considerações objetivas e subjetivas, pontuais e reflexivas, naturais e sociais.	A intelectualidade humana como criadora de soluções que maximizem relações entre economia, ambiente e sociedade para a crise ambiental. Não questiona o sistema atual, mas também não o defende plenamente.

Quadro 4. Parâmetros de investigação**. Fonte: Elaborado a partir das contribuições de Borim-de-Souza, (2014).**

5.4 Limitações da Pesquisa

Este trabalho tem o intuito de buscar compreender quais são os discursos dominantes sobre sustentabilidade utilizados dentro do campo das relações entre sustentabilidade e internacionalização. Frente à complexidade do tema, haverá possíveis limitações tanto metodológicas quanto empíricas.

Um dos limites encontrados, primeiramente, foi devido a limitação do próprio método de pesquisa, a vertente quantitativa, em específico o levantamento bibliométrico. Araújo (2002) citado por Teixeira, Iwamoto e Medeiros (2013) coloca que:

> Mais recentemente, a bibliometria tem se diversificado e, sob uma nova perspectiva, agora não mais concentrando seu foco na mensuração, mas na compreensão contextualizada da produção científica e de seus produtores, para quem as técnicas bibliométricas desempenham um papel de parceria em associação com abordagens teóricas (ARAÙJO, 2002 *apud* (TEIXEIRA, IWAMOTO E MEDEIROS, 2013, p. 425).

A bibliometria ainda é pouco explorada em estudos da Administração e passa por um território desconhecido em alguns momentos (TEIXEIRA, IWAMOTO E MEDEIROS, 2013). E, em segundo, as limitações empíricas da aplicação do método pela coleta dos dados, pois haverá a dificuldade de acesso em alguns periódicos, os quais possuem acesso limitado pela rede da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e precisam ser pagos; e, também, devido à dinamicidade de alimentação das revistas que pode acontecer durante o andamento deste levantamento.

A vertente qualitativa da pesquisa possui, também, suas limitações metodológicas, como o fato do próprio método qualitativo ser impregnado pela interpretação do pesquisador. E, empiricamente, como Creswell (2007) coloca que na aplicação do método, neste estudo através da análise de conteúdo, o próprio pesquisador interpreta os dados seguindo uma ótica pessoal, a qual se insere em um contexto específico. Isso pode levá-lo a criar análises diferentes da realidade.

Estas foram as possíveis limitações a serem encontradas nesta pesquisa até o momento. Frente a isto, é possível, futuramente, realizar-se mais estudos com as contribuições colocadas neste trabalho.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Esta etapa foi marcada pelo exercício de análise dos dados coletados, os quais foram reunidos através de duas metodologias, logo foram analisados seguindo suas peculiaridades, ou seja, houve nesta fase uma análise quantitativa descritiva e uma análise qualitativa exploratória.

6.1 Análise Quantitativa-Descritiva do Campo

Nesta seção foram analisadas e tabuladas as informações obtidas através do estudo bibliométrico realizado nesta pesquisa. A seção foi dividida em quatro partes. Na primeira parte foram identificados os periódicos que mais contribuíram para o campo com base no número total de publicações, e nas publicações anuais realizadas. Na segunda parte foram analisadas as autorias das publicações; quem mais publicou e qual o espaço de atuação mais ativo no campo. Na terceira parte os países e instituições que mais contribuíram para o campo são destacadas, utilizando os critérios de quantidade de artigos publicados, quantidade de pesquisadores e quantidade de instituições por país. Por final, na quarta parte foi apresentada as diferentes representações temáticas deste campo.

6.1.1 Informações Relevantes sobre a Autoria das Publicações

Esta análise consiste em relacionar informações sobre a autoria dos artigos, tem-se então como primeiro questionamento os padrões de publicações de diferentes autores.

É notável que apenas dois autores possuem mais de um artigo em seu nome. Eles são Sandra Caeiro, de Portugal, e Stefan Seuring, da Alemanha. Maiores detalhes sobre seus trabalhos serão sintetizados no **Quadro 5** e no **Quadro 6** a seguir.

Quadro 5. Informações sobre as publicações de Sandra Caeiro

	Publication Data				
Year	**Journal**	**V.**	**N.**	**Article Title**	**Autorship**
2012	Journal of Cleaner Production	31	N/A	Environmental Management Systems (EMS) implementation processes and practices in European higher education institutions – Top-down versus participatory approaches	2nd
2013	Journal of Cleaner Production	52	N/A	Corporate sustainability reporting and the relations with evaluation and management frameworks the Portuguese case	4th

Fonte: Elaborado pela autora.

Sandra Caeiro se manteve afiliada à *Universidade Aberta* em ambas publicações. Em seu primeiro artigo de 2012, no volume 31 da revista *Journal of Cleaner Production*, Sandra contribuiu como segunda autora. No ano seguinte, em 2013, na mesma revista, porém no volume 52, ela contribuiu como quarta autora.

Após a categorização de Sandra Caeiro, apresentam-se a análise de Stefan Seuring no quadro seguinte:

Quadro 6. Sobre as publicações de Stefan Seuring.

	Publication Data				
Year	**Journal**	**V.**	**N.**	**Article Title**	**Autorship**
2007	Journal of Cleaner Production	15	11	Incorporating sustainability into supply management in the automotive industry – the case of the Volkswagen AG	2nd
2013	International Business Review	22	5	Sustainable supply chain management in “Base of the Pyramid” food projects—A path to triple bottom line approaches for multinationals?	3rd

Fonte: Elaborado pela autora.

Seuring filiado à *University of Oldenburg* teve seu primeiro artigo publicado em 2007, pela revista *Journal of Cleanerer Production*, no volume 15, número 11, se apresentando como segundo autor.

Sua segunda publicação foi no ano de 2013, filiado à *Universität Kasse* na revista *International Business Review*, volume 15, número 22. Apresentou-

se como terceiro autor. Em sequência está o **Quadro 7**, que resume a relação entre pesquisadores e seus espaços de atuação.

Quadro 7. Espaço de atuação dos pesquisadores nas Instituições.

College / Department / Faculty / School / Unit	Researchers	% of researchers
Business / Management / Organization and correlates	92	49,20
Economy	14	7,49
Environmental Studies	13	6,95
Accouting / Banking / Finance and correlates	12	6,42
Marketing	8	4,28
Science and Technology	5	2,67
Production Engineering	5	2,67
Political Science	4	2,14
N/A	4	2,14
Chemical Engineering	3	1,60
Culture / Global studies / Regional studies	3	1,60
Biology	2	1,07
Electrical Engineering	2	1,07
International Centre for Corporate Social Responsibility	2	1,07
Law	2	1,07
Tourism	2	1,07
Social Sciences	2	1,07
Industrial Design Engineering	1	0,53
Liberal Studies	1	0,53
Interlanguage	1	0,53
Mobility Studies	1	0,53
Industrial Product Design	1	0,53
Health and Human Sciences	1	0,53
Centre for Developing Cities	1	0,53
Sustainable Consumption and Production	1	0,53
International Trade	1	0,53
Leadership Studies	1	0,53
The Affiliated Experimental Elementary School	1	0,53
PRME Secretariat	1	0,53

Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com o **Quadro 7** é possível concluir que cento e oitenta e sete pesquisadores contribuíram para o campo que discute a relação entre internacionalização e sustentabilidade. Dentre estes, noventa e dois estão localizados no espaço de *Business / Management / Organization and correlates*; totalizando 49,20% dos autores.

Em segundo lugar estão os pesquisadores atuantes no espaço de *Economy*, estes compõem 7,49% do total, com 14 representantes. Seguidos por pesquisadores de *Environmental Studies* com 6,95% do total (13 representantes); *Accounting / Banking / Finance and correlates* com 6,42% do total (12 representantes) e *Marketing* com 4,28% do total (8 representantes).

Os demais espaços de atuação possuem 2% ou menos de representatividade, merecendo destaque para as ciências naturais e engenharia, que se somadas 18 pesquisadores, totalizando 9,62% do total.

No tópico seguinte serão apresentadas quais instituições e países estiverem mais ativos no campo.

6.1.2 Instituições e Países que mais contribuíram com o Campo

Foram utilizados dois critérios para definir quais instituições mais contribuíram para o campo, o primeiro é a quantidade de artigos publicados e o segundo é a quantidade de pesquisadores. Dois grupos foram formados, o primeiro, composto por instituições que contribuíram com três artigos, e o segundo, composto por instituições que contribuíram com dois artigos. Todas as demais publicaram apenas um artigo.

Quadro 8. Instituições que contribuíram para o campo com a publicação de três artigos

Institution	Country	Articles	Researchers
Wageningen University	Países Baixos	3	5
Erasmus University	Países Baixos	3	5
Delft University of Technology	Países Baixos	3	4

Fonte: Elaborado pela autora.

No primeiro grupo, com três artigos, os Países Baixos se sobressaiu como o único país contribuinte. Três instituições atendem os requisitos do grupo, elas são a *Delft University of Technology*, com quatro pesquisadores; a *Erasmus University*, com cinco pesquisadores e a *Wageningen University*, com cinco pesquisadores.

Se tomado o primeiro critério (quantidade de artigos) as três instituições estão empatadas, se diferenciando apenas no segundo critério (quantidade de pesquisadores), neste caso, a *Erasmus University* e a *Wageningen University* estão em primeiro lugar.

A seguir estão as instituições que contribuíram com dois artigos para o campo sintetizadas no **Quadro 9**.

Quadro 9. Que contribuíram para o campo com a publicação de dois artigos

Institution	Country	Articles	Researchers
Universidade Aberta	Portugal	2	4
Linköping University	Suécia	2	4
Nottingham Trent University	Reino Unido	2	4
Universidade Nova de Lisboa	Portugal	2	3
Purdue University	Estados Unidos	2	2
Ramon Llull University	Espanha	2	2
University of Leicester	Reino Unido	2	2
University of South Australia	Australia	2	2
York University	Canadá	2	2

Fonte: Elaborado pela autora.

No segundo grupo, com dois artigos, a posição das instituições de acordo com o segundo critério (quantidade de pesquisadores) fica empatadas em primeiro lugar, com quatro pesquisadores, estão a *Universidade Aberta*, de Portugal, a *Linköping University*, da Suécia, e a *Nottingham Trent University* do Reino Unido. Em segundo lugar, está a *Universidade Nova de Lisboa*, com três pesquisadores.

Empatadas em terceiro lugar, com dois pesquisadores, estão a *Purdue University*, dos Estados Unidos, a *Ramon Llull University*, da Espanha, a *University of Leicester*, do Reino Unido, a *University of South Australia*, da Australia,

e a *York University*, do Canadá. Vale notar que apenas dois países apresentaram mais de uma instituição que contribuiu com dois artigos, estes são Portugal e o Reino Unido.

Após a análise das instituições mais ativas no campo, foi avaliado quais países mais contribuíram para o mesmo. Nesta análise os critérios utilizados foram a quantidade de artigos, a quantidade de pesquisadores e a quantidade de instituições que cada respectivo país possui.

No total foram analisados cento e oitenta e sete pesquisadores, que contribuíram com setenta e seis artigos em cento e dezesseis instituições, isto pode ser visualizado no **Quadro 10** a seguir:

Quadro 10. Contribuição dos países para o campo em discussão

Pos.	Country	Articles	Researches	Institutions
1	Estados Unidos	16	21	16
2	Países Baixos	10	17	6
3	Reino Unido	8	20	12
4	França	7	11	10
5	Canadá	6	9	6
6	Brasil	4	12	4
7	China	4	10	6
8	Itália	4	11	5
9	Finlândia	4	8	5
10	Alemanha	4	7	5
11	Austrália	4	4	3
12	Espanha	4	4	3
13	Portugal	3	9	3
14	Suécia	3	5	2
15	Coreia do Sul	3	4	3
16	Eslovênia	2	4	2
17	Taiwan	2	4	3
18	Malásia	2	2	2
19	Nova Zelândia	2	2	2
20	Suíça	2	2	2
21	Hong Kong	1	3	2

22	Dinamarca	1	2	1
23	Húngria	1	2	1
24	Polônia	1	2	1
25	Rússia	1	2	2
26	Africa do Sul	1	1	1
27	Arábia Saudita	1	1	1
28	Chipre	1	1	1
29	Colômbia	1	1	1
30	Grécia	1	1	1
31	Irlanda	1	1	1
32	Japão	1	1	1
33	Turquia	1	1	1
34	Venezuela	1	1	1
35	N/A	1	1	N/A

Fonte: Elaborado pela autora.

No campo que discute a relação entre internacionalização e sustentabilidade a posição dos países foi definida a partir da quantidade de artigos publicados, utilizando a quantidade de pesquisadores como fator de desempate, posteriormente se necessário, a quantidade de instituições. Nota-se que um pesquisador não pode ser localizado, consequentemente não teve seu país e instituição contabilizados.

Em primeiro lugar, como o país que mais contribuiu em todos os critérios, com dezesseis artigos, vinte e uma instituições e dezesseis pesquisadores, foi os Estados Unidos.

Em segundo lugar está os Países Baixos, com apenas seis instituições, um número muito menor que os Estados Unidos, ainda assim contribuiu com dez artigos, envolvendo dezessete pesquisadores.

Em terceiro lugar está o Reino Unido, com o segundo maior número de pesquisadores (vinte), porém apenas oito artigos publicados em doze instituições.

Em quarto lugar está a França, com sete artigos, seguida em quinto lugar pelo Canadá, com seis artigos. O Brasil apresenta-se em sexto lugar, com

quatro artigos, utilizando do segundo critério (12 pesquisadores) para manter esta posição acima de outros países com a mesma quantidade de publicações.

O desempenho dos outros países em termos de quantidade de publicações, pesquisadores e instituições pode ser consultado diretamente no **Quadro 10**. A descrição dos mesmos não foi realizada pelo fato de possuírem menos de cinco publicações, salvo o Brasil.

Vale mencionar que 75% dos pesquisadores são de origem européia, canadense e estadunidense, demonstrando forte dominação euro americana nas publicações que discutem a relação entre internacionalização e sustentabilidade. No tópico a seguir foram apresentadas as diferentes representações temáticas para o campo.

6.1.3 Datas dos Periódicos, Journals e Publicações

A produção científica internacional sobre internacionalização e sustentabilidade na administração, apresenta desde o início dos *journals* até o ano de 2016, considerados para esse estudo bibliométrico, um total de setenta e seis artigos qualificados em A1. O **Quadro 11**, mostra a distribuição destes artigos ao longo dos anos em quantidade e porcentagem sobre o total de publicações.

Quadro 11. Distribuição dos artigos publicados por ano

Year	Number of articles published	% of the total number of publications
2004	2	2,63
2005	1	1,32
2006	4	5,26
2007	3	3,95
2008	1	1,32
2009	2	2,63
2010	4	5,26
2011	6	7,89
2012	7	9,21
2013	6	7,89
2014	10	13,16
2015	17	22,37
2016	13	17,11
Total	**76**	100,00

Fonte: Elaborado pela autora.

Os anos de 2014, 2015 e 2016 concentraram mais publicações, 10, 17, 13 respectivamente, perfazendo um total de 40 artigos, representando 52,64%. Posteriormente os anos de 2011, 2012, 2013 contam com 6, 7, 6 artigos respectivamente, representando 24,99%. Os dezessete artigos restantes estão distribuídos em quantidades menos expressivas, atribuídos das seguintes maneiras: 2004, com dois artigos; 2005, com um artigo; 2006, com quatro artigos; 2007, com três artigos; 2008, com um artigo; 2009, com dois artigos; 2010, com quatro artigos, totalizando os 22,37% restantes.

O **Quadro 12** mostra a distribuição de artigos publicados por periódico, também em termos de quantidade e porcentagem sobre o total de publicações.

Quadro 12. Distribuição dos artigos publicados por periódico

Journal	Number of articles published	% of the total number of publications
Human Relations	3	3,95
Industrial Management & Data Systems	2	2,63
Industrial Marketing Management	3	3,95
International Journal of Production Economics	2	2,63
International Business Review	2	2,63
International Journal of Project Management	1	1,32
International Journal of Quality & Reliability Management	1	1,32
International Journal of Retail & Distribution Management	2	2,63
Journal of Business Ethics	15	19,74
Journal of Business Research	6	7,89
Journal of Cleanerer Production	27	35,53
Journal of Knowledge Management	1	1,32
Long Range Planning	1	1,32
Management Decision	1	1,32
Organization	2	2,63
Public Administration Review	1	1,32
Systems Research and Behavioral Science	2	2,63
The Service Industries Journal	1	1,32
Tourism Economics	2	2,63
Journal of Engineering and Technology Management	1	1,32
Total	76	100,00

Fonte: Elaborado pela autora.

Os *journals* com destaque em mais publicações foram o *Journal of Cleanerer Production,* com 27 artigos publicados aproximadamente 35% das publicações analisadas. E o *Journal of Business Ethics*, com 15 artigos publicados, aproximadamente 20% dos artigos analisados. Os outros dezoitos *journals* apresentam quantidades não expressivas de artigos publicados, todos inferiores a 3 artigos.

Além dessa análise temporal e quantitativa de publicações, houve interesse em analisar a relação da quantidade de artigos publicados com o tempo de existência do periódico. Essa relação está apresentada no **Quadro 13**.

Quadro 13. Relação entre quantidade de artigos e tempo de existência do periódico

Journal	1st volume	Age (years)	Number of articles published	Number of articles/ Journal's age
Human Relations	1947	70	3	0,043
Industrial Management & Data Systems	-	-	2	-
Industrial Marketing Management	1971	46	3	0,065
International Journal of Production Economics	-	-	2	-
International Business Review	1992	25	2	0,080
International Journal of Project Management	1983	34	1	0,029
International Journal of Quality & Reliability Management	1984	33	1	0,030
International Journal of Retail & Distribution Management	1973	44	2	0,045
Journal of Business Ethics	1982	35	15	0,429
Journal of Business Research	1973	44	6	0,136
Journal of Cleanerer Production	1993	24	27	1,125
Journal of Knowledge Management	1997	20	1	0,050
Long Range Planning	1968	49	1	0,020
Management Decision	1967	50	1	0,020
Organization	1994	23	2	0,087
Public Administration Review	1940	77	1	0,013
Systems Research and Behavioral Science	1956	61	2	0,033
The Service Industries Journal	1981	36	1	0,028
Tourism Economics	1995	22	2	0,091
Journal of Engineering and Technology Management	-	-	1	-

Fonte: Elaborado pela autora.

Este quadro permite analisar a contribuição do periódico pela publicação de artigos de acordo com a idade do periódico e não somente pela quantidade.O periódico que se destaca em mais artigos publicados em menos tempo de existência é o *Journal of Cleanerer Production,*com vinte e sete artigos publicados em vinte e quatro anos, seguido pelo *Journal of Business Ethics* com quinze artigos publicados em trinta e cinco anos. Cabe mencionar que não foi encontrado o ano do primeiro volume dos seguintes periódicos*: Industrial Management & Data Systems , International Journal of Production Economics, Journal of Engineering and Technology Management,* restringe-se assim a uma delimitação da pesquisa.

Para analisar os periódicos que mais contribuíram com publicações por ano, criou-se o **Quadro 14**.

Quadro 14. Periódico(s) com mais publicações por ano

Year	Journals with more publications	Number of articles published by the journal in the year	Number of articles published in the year
2004	Journal of Cleanerer Production	1	2
	Systems Research and Behavioral Science	1	
2005	Journal of Business Ethics	1	1
2006	Journal of Cleanerer Production	1	4
	Organization	1	
	International Journal of Retail & Distribution Management	1	
	Industrial Management & Data Systems	1	
2007	Journal of Cleanerer Production	2	3
2008	International Journal of Production Economics	1	1
2009	Journal of Cleanerer Production	1	2
	Journal of Engineering and Technology Management	1	2
2010	Journal of Business Ethics	1	
	International Business Review	1	4
	Long Range Planning	1	
	Journal of Cleanerer Production	1	
2011	Tourism Economics	1	6
	Industrial Marketing Management	1	
	The Service Industries Journal	1	
	Journal of Cleanerer Production	1	
	Journal of Business Ethics	1	
	International Journal of Retail & Distribution Management	1	
2012	Journal of Cleanerer Production	2	7
	Journal of Business Ethics	2	
	Journal of Business Research	2	
2013	Journal of Cleanerer Production	3	6
2014	Journal of Cleanerer Production	6	10
2015	Journal of Cleanerer Production	7	17
2016	Journal of Business Ethics	4	13

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme as informações do quadro acima, verificou-se que o *Journal of Cleaner Production,* foi o *journal* com mais publicações nos treze anos analisados, sendo os de mais destaque: 2007, com dois artigos publicados no total de três artigos publicados; 2013, com três artigos publicados no total de seis publicados; 2014, com seis artigos publicados no total de dez artigos publicados e 2015, com sete artigos publicados no total de dezessete artigos publicados. Seguido do *Journal of Business Ethics,* em 2005, com um artigo publicado no total de um artigo publicado; 2012, com dois artigos publicados no total de sete artigos publicados e 2016 com quatro artigos publicados no total de treze artigos publicados.

Assim surge o primeiro questionamento sobre a autoria dos artigos, buscou-se traçar no **Quadro 15** a quantidade de autores por artigos.

Quadro 15. Distribuição de artigos por quantidades de autores

Number of authors	Number of articles	% of articles
1 author	16	21,05
2 authors	26	34,21
3 authors	22	28,95
4 authors	7	9,21
5 authors	4	5,26
6 authors	1	1,32

Fonte: Elaborado pela autora

Extraímos do Quadro 15 as seguintes informações: dezesseis artigos tem em sua autoria apenas um autor, que equivale aproximadamente a 21% do total de publicações selecionadas; vinte e seis artigos tem em sua autoria dois autores, equivalente a 34% do total de publicações selecionadas, vinte e dois artigos são escritos por três autores, equivalente a 28% do total de publicações selecionadas; sete artigos tem em sua autoria quatro autores, equivalente a 9% das publicações selecionadas; quatro artigos tem em sua autoria cinco autores,

equivalente a 5% do total de publicações selecionadas e um artigo tem em sua autoria seis autores, equivalente a 1% do total de publicações selecionadas.

Portanto, frente à análise quantitativa exploratória realizada através de um estudo bibliométrico, pode-se observar que a maior parte dos artigos publicados provém do eixo euro-americano. As universidades que mais contribuíram com o campo estão localizadas nos Países Baixos, sendo estas *Wagening University, Erasmus University e Delft University of Technology*. O Periódico que mais publicou foi o *Journal of Cleaner Production,* representando 35,53% do total. E, os países que mais contribuíram trazem autores também de países do eixo euro-americano, sendo os EUA os mais produtivos, seguido dos Países Baixos e o Reino Unido, demonstrando a força e supremacia euro-americana nos discursos que são utilizados como referência nessa temática em todo o globo, disseminando assim a hegemoneidade e dominação simbólica euro-americaneizada.

6.2 Análise Qualitativa-Exploratória do Campo

Nesta etapa, iniciou-se a análise frente aos dados coletados na análise quantitativa, através da bibliometria, a qual revisou os periódicos A1 e os coletou após passarem por todos os filtros estipulados por esta pesquisa. Os dados encontrados foram analisados em profundidade nesta fase e foram, posteriormente, comparados com as noções de campo já configuradas neste estudo, a fim de descrever, ou não, um novo panorama além do framework utilizado.

6.2.1 Organização e Qualificação dos textos no Campo

O Framework de Estilos de Raciocínio anteriormente exposto nesta pesquisa apresenta quatro dimensões, são estas: Posturas Ontológicas, Perspectivas Epistemológicas, Paradigmas Organizacionais e por fim, a quarta dimensão, considerada conceitual, composta pela Teoria da Gestão Comparativa (TGC), Desenvolvimento Sustentável (DS) e Sustentabilidade. A partir da pesquisa bibliométrica realizada, optou-se por utilizar como base teórica, a quarta dimensão,

para que desta forma, os possíveis teorias de caminhos de raciocínio fossem comprovadas ou rompidas, baseando nas informações apresentadas pelos autores.

A pesquisa qualitativa baseou-se na análise de setenta e três artigos de classificação A1 de periódicos internacionais. Ao utilizar como referência os parâmetros de investigação anteriormente apresentados, o mais conveniente seria a apresentação de apenas três possíveis caminhos de raciocínio, partindo do perfil Colonialista, Pós-Colonialista Crítica e Pós-Colonialista Amena, componentes da linha de pensamento da Teoria de Gestão Comparativa, porém apesar de aparecerem com frequência considerável, pode-se afirmar que existem também diversos outros caminhos possíveis.

Os artigos coletados foram separados em grupos, frente aos parâmetros de investigação propostos pelo framework. Os grupos foram descritos e localizados dentro dos parâmetros, do framework e da pesquisa.

6.2.1.1 Grupo A: Colonialista

Na pesquisa realizada, três dos setenta e três artigos encontrados, foram classificados como lineares na proposição Colonialista da Teoria da Gestão Comparativa, isto é, encaixaram-se na abordagem socioeconômica também da Teoria da Gestão Comparativa, no paradigma do Tecnocentrismo e na versão conceitual Institucional do Desenvolvimento Sustentável, e na interpretação Literal da Sustentabilidade. Estes foram publicados em dois periódicos: Tourism Economics e Journal of Cleanerer Production; escritos por cinco pesquisadores: Seul Ki Lee, SooCheong (Shawn) Jang, M.G. Kassolis, Frank Boons, Angelica Mendoza; os quais pertencem a cinco universidades, localizadas em quatro países diferentes, sendo estes: Coréia do Sul, Grécia, Estados Unidos e Países Baixos.

Dentre os setenta e três artigos A1 analisados, o artigo "Research Note: US Lodging Firms' Exposure to Energy Price Risk", foi um dos três classificados como Colonialista. Trechos deste confirmam o caminho de raciocínio com base no framework, tais informações são detalhadas no **QUADRO 16** a seguir.

Quadro 16. Research note: US lodging firms' exposure to energy price risk

Teoria da Gestão Comparativa		Desenvolvimento Sustentável		Sustentabilidade
PERFIL DA RELAÇÃO	**ABORDAGEM**	**PARADIGMA DOMINANTE**	**VERSÃO CONCEITUAL**	**INTERPRETAÇÃO**
Colonialista	**Socioeconômica**	**Tecnocentrismo**	**Institucional**	**Literal**
On average, the 47,000 hotels in the USA spend US$2,196 per room on energy annually. Energy accounts for approximately 6% of the total operating costs (p.1)	The authors find that energy price considerably affected stock returns of lodging firms throughout the sample period, and conclude that participation in an energy saving programme reduces the lodging firm's stock return exposure to energy price risk, thereby enhancing firm value.(p.1)	Although energy saving programmes may seem cost-incurring in the short run, the firm's value can be enhanced with the firm's ability to save energy.(p.6)	Second-stage analysis of energy betas revealed that lodging firms with energy saving programmes were perceived less risky by the market.(p.6)	At any rate, the energy price risk of lodging firms deserves more attention, while the consideration of energy-saving programs by practitioners should incorporate risk exposure in the adoption process.(p.7)

Fonte: elaborado pela autora

A partir da Teoria da Gestão Comparativa, o artigo encaixa-se no perfil colonialista por buscar analisar somente o país de alto consumo energético dentro do setor selecionado, e na abordagem socioeconômica por demonstrar que o setor tem uma gestão orientada para o desenvolvimento econômico. Na análise a partir dos paradigmas e versões conceituais existentes na teoria do Desenvolvimento Sustentável, o artigo encaixa-se no tecnocentrismo por demonstrar que a inovação tecnológica alcança esse setor com o objetivo de redução do gasto energético, entretanto na versão conceitual institucional, percebe-se que em grande parte das vezes, tais atitudes são tomadas para que a organização seja bem vista por stakeholders e pelos próprios consumidores. Por fim, a análise a partir do parâmetro da Sustentabilidade, faz com que o artigo enquadre-se na interpretação literal, visto que os autores ressaltam questões ligadas ao valor dos programas que incentivam a redução do consumo energético. A partir da análise do artigo e dos trechos dele retirados, percebe-se que o setor busca uma redução de consumo energético não com fins ambientais, mas sim para crescer economicamente e ser reconhecida como empresa sustentável.

O segundo artigo classificado como Colonialista foi o "The diffusion of environmental management in Greece through rationalist approaches: driver or product of globalisation?". Nele O autor buscou ressaltar, assim como no artigo anterior, que a preocupação ambiental ainda fica em segundo plano, entretanto as circunstâncias faz com que aparente estar em primeiro. Os dados são expostos com clareza no **QUADRO 17.**

Quadro 17. The diffusion of environmental management in Greece through rationalist approaches: driver or product of globalisation?

Teoria da Gestão Comparativa		**Desenvolvimento Sustentável**		**Sustentabilidade**
PERFIL DA RELAÇÃO	**ABORDAGEM**	**PARADIGMA DOMINANTE**	**VERSÃO CONCEITUAL**	**INTERPRETAÇÃO**
Colonialista	**Socioeconômica**	**Tecnocentrismo**	**Institucional**	**Literal**
The uniformity in this particular area of policy tools has been favoured in Europe because lack of harmonisation between standards implies increased transaction costs of firms, thereby impeding international trade. (p.2)	During the last few decades, the need for higher environmental standards [12] is seen to have prospered in developed countries at both European and international levels. In EU it is argued that the general rationale for creating common EU policies and harmonising standards is to level the economic playing field. (p.2)	According to Ja¨nicke and Jacob [13] environment-friendly technologies have to a certain degree become a dimension of the process of technological innovation and share some characteristics. Primarily, the environmental issue has to a certain degree become important in the competition for innovation between the highly developed countries.(p.3)	This is the object of sustainable development that seeks to transform the perception of the policy problem, so that a Cleaner environment and economic feasibility are no longer seen as being in conflict in the way that policy development in the 1970s conceptualised them [3,38]. It is within this context of international co-operation and mutual participation that sustainable development and various tools of regulation evolved.(p.3)	Economic globalisation and market pressures are widely utilised within writings in the adoption of environmental management, typically to signify the importance of economic imperatives in taking up schemes for environmental management.(p.7)

Fonte: elaborado pela autora

Neste artigo o autor buscou tratar da relação existente entre as práticas de sustentabilidade da Grécia baseando-se nos padrões e regras impostas pela União Européia, portanto, pode-se dizer que dentro na teoria da gestão comparativa, o artigo pode ser, de fato, considerado colonialista. A abordagem do mesmo pode ser considerada socioeconômica pelo fato de que a União Européia

impõe aos seus países integrantes, regras que visam cuidar do planeta enquanto meio ambiente, porém faz dessas imposições uma oportunidade de internacionalizar as organizações locais e melhorar o desempenho econômico.

O artigo pode ser ainda considerado tecnocêntrico, pois o autor mostra o desenvolvimento de tecnologias como solução relevante para problemas ambientais e que, de certa forma, podem ser benéficas ao crescimento econômico. Na coluna de versão conceitual do quadro acima, percebe-se que o artigo em questão enquadra-se como institucional, isso pode ser explicado através da visão de algumas organizações, ou mais especificamente nesse caso, da União Europeia, por acreditarem que o investimento em medidas sustentáveis não deve ser considerado um gasto, mas sim um investimento a longo prazo, tornando claro mais uma vez a super valorização das questões econômicas. Por fim, o artigo "The diffusion of environmental management in Greece through rationalist approaches: driver or product of globalisation?", teve interpretação literal por demonstrar claramente que as preocupações ambientais existem, porém o fim real de todas as ações e medidas tomadas é econômico.

O terceiro artigo, e último dentre os classificados como Colonialistas foi o "Constructing sustainable palm oil how actors define sustainability". No qual os autores, assim como no primeiro artigo citado, optou por avaliar os países que mais consomem combustíveis, estes estão no eixo euro-americano e por esse motivo, o perfil de relação encontrado foi o colonialista. Complementando a TGC, pôde-se classificá-lo com abordagem socieconômica, visto que no artigo fica claro que a busca por recursos energéticos alternativos, ou combustíveis limpos, é interpretada como busca de novas oportunidades de mercado. Seguindo a proposição colonialista de maneira linear, conclui-se que o artigo é também tecnocêntrico, afinal, a partir do trecho apresentado no **QUADRO 18** apresentado a seguir, percebe-se que o mundo natural é interpretado como meio de submissão do capitalismo. Na coluna de versão conceitual, ainda relacionada ao desenvolvimento sustentável, pode-se dizer que o artigo é considerado institucional, visto que a solução ambiental de utilizar bio combustíveis faz com que o desenvolvimento econômico seja alinhado ao desenvolvimento sustentável. E por fim, percebe-se que o artigo tem características de uma interpretação literal, pois fica claro que as relações comerciais e econômicas são muito mais valorizadas que o produto e suas características.

Quadro 18. Constructing sustainable palm oil: how actors define sustainability

Teoria da Gestão Comparativa		Desenvolvimento Sustentável		Sustentabilidade
PERFIL DA RELAÇÃO	**ABORDAGEM**	**PARADIGMA DOMINANTE**	**VERSÃO CONCEITUAL**	**INTERPRETAÇÃO**
Colonialista	**Socioeconômica**	**Tecnocentrismo**	**Institucional**	**Literal**
The use of biofuels is expected to rise since national governments of developed nations like the US and European countries see it as one of the ways to fulfill climate targets and increase the security in their energy supply. (p.1)	Production of biofuels is also expected to rise as developing nations see in biofuels the opportunity for connecting to international markets through supplying a new demand in the energy market.(p.1)	On the production side, governments and industrials of developing countries see opportunities for their economic and social development, and sometimes even the environmental development, by expanding their biomass production sector. (p.2)	Biomass is a relatively new commodity (Junginger et al., 2006) which potentially connects developing and developed countries in a global market as biomass resources such as palm oil are only produced in territories of developing nations and used in developed ones.(p.1)	Commodity chain analysis thus focuses mainly on international governance structures, the authority and power relationships between economic actors that determine how financial, material, and human resources are allocated and flow within a chain (Dicken, 1994; Bair, 2005).(p.2)

Fonte: elaborado pela autora

Ao finalizar a análise de todos os artigos que se encaixaram nessa proposição, percebeu-se claramente que o interesse demonstrado pelos países e organizações avaliados está voltado para o desenvolvimento econômico. Os autores conseguiram expor de maneira clara que aqueles que conseguiram atender as normas de sustentabilidade exigidas, são mais bem vistos, o que acaba por facilitar processos de internacionalização, investimentos, compra e venda de produtos.

Percebeu-se também que este estilo de raciocínio, isto é, a proposição Colonialista não é a mais comum dentre as três proposições existentes, visto que apenas, aproximadamente 3% dos artigos analisados foram identificados com essa forma de raciocínio linear. Entretanto o estilo de raciocínio Pós-Colonialista Crítica teve uma representatividade ainda menor, visto que somente um artigo com esse estilo foi encontrado.

6.2.1.2 Grupo B: Pós-Colonialista Amena

Na pesquisa realizada, dos setenta e três artigos encontrados, quarenta e dois apresentaram as relaçoes entre internacionalização e sustentabilidade assumindo um caminho de raciocínio linear na proposição no perfil de relação Pós-Colonialista Ameno, e encaixaram-se na abordagem Ecológica ambas fazendo parte do parâmetro da Teoria da Gestão Comparativa, no paradigma do Sustaincentrism e na versão conceitual Acadêmica, pertencentes ao parâmetro do Desenvolvimento Sustentável e na interpretação Social pertencente ao parâmetro da Sustentabilidade. Estes foram publicados em quatorze periódicos, escritos por cento e oitenta e um pesquisadores, os quais pertencem setenta universidades diferentes, localizada em vinte e nove países.

Dentre os quarenta e dois artigos avaliados de maneira linear na proposição Pós-Colonialista Amena, é possível dizer que todos, mesmo tendo conteúdos específicos abordados seguiram o mesmo padrão de parâmetros. Buscando apresentar a proposição de maneira detalhada, foram selecionados artigos de maneira aleatória, dos quais trechos foram extraídos com o intuito de justificar a teoria previamente estabelecida.

O framework anteriormente apresentado, está dividido em três parâmentros, o primeiro deles é a Teoria da Gestão Comparativa, que divide-se em duas outras partes: perfil de relação e abordagem. O segundo parâmetro é o de Desenvolvimento Sustentável, o qual também é dividido em duas partes, sendo paradigma dominante e versão conceitual. E por fim, o terceiro parâmetro, Sustentabilidade, composto pelo tipo de intepretação.

Dentro da proposição analisada identificou-se que as relações entre internacionalização e sustentabilidade assumiram um perfil de relação Pós-Colonialista Ameno. O Quadro 19 abaixo, apresenta trechos de cinco artigos que justificam seu posicionamento.

Quadro 19. Trechos de Perfil de Relação Pós-Colonialista Ameno

Título do Artigo	Perfil da Relação- Trechos Pós-Colonialistas Ameno
Beyond the Curriculum: Integrating Sustainability into Business Schools	This paper evaluates the ways in which European business schools are implementing sustainability and ethics into their curricula (...) We show that most schools adopt one or more of the four approaches outlined by Godemann et al. (2011). However, we also argue that a fifth dimension needs to be added as the existing matrices do not capture the ystemic nature of such curricular initiatives and how these are influenced by internal factors within the business school and external factors beyond (p.737).
Will You Purchase Environmentally Friendly Products? Using Prediction Requests to Increase Choice of Sustainable Products	"Ethical consumption—consumers' adoption of consumption behaviors to support socially responsible practices undertaken by organizations (e.g., buying fair trade, sweatshop-free, organic, or local products; supporting cause marketing campaigns; boycott of products perceived to be unethical)—is still gathering momentum Papaoikonomou et al. 2012)" (p.1)
The relationship between legitimacy, reputation, sustainability and branding for companies and their supply chain	"Internationalization strategies seem to be paramount to corporate survival. Developing and maintaining a state of legitimacy in new markets is crucial to build idiosyncratic competences that enable competitiveness, and to make the company a value partner" (p. 98).
The Development of a Market for Sustainable Coffee in The Netherlands: Rethinking the Contribution of Fair Trade	"Fair Trade did not become the new rule in this process, but it became the benchmark against which companies could compare themselves and the basis upon which they built in adopting or developing new standards that would be more feasible in their business models" (p.461)
Intermediaries and innovation support in the design for sustainability field cases from the Netherlands, Turkey and the United Kingdom	"With the aim to learn from advanced examples in the European context, this study investigates intermediaries that operate in the design for sustainability field in the Netherlands and the United Kingdom, as well as the emerging intermediaries in Turkey (...) we offer suggestions for Turkey on how to raise the capacity of its intermediaries operating in the design for sustainability field, which might be applicable to other similar contexts as well)" (p.38).

Fonte: elaboro pela autora

No quadro apresentado acima, percebe-se que todos os artigos citados foram classificados com o perfil de relação Pós-Colonialista Ameno pelo fato de apresentarem a valorização das peculiaridades e características culturais locais, sem deixá-las de compar com padrões euro-americanos. Percebe-se também que a comparação ocorre para que o melhor das duas partes extraído, fazendo com que as atividades ligadas à internacionalização e sustentabilidade sejam otimizadas.

Ainda dentro da TGC, tem-se a definição da abordagem, que, nesse caso especificamente é definida como Ecológica. Trechos de outros cinco artigos foram extraídos para que esse poscionamento fosse justificado, estes estão expostos no **Quadro 20**, a seguir.

Quadro 20. Trechos da Abordagem Ecológica

Título do Artigo	Abordagem- Trechos Pós-Colonialistas Ameno
Application of water footprint to olive growing systems in the Apulia region: a comparative assessment	Water footprint evaluations are very important, because they contribute to product and business transparency, thereby providing to consumers the support needed for making well-informed decisions. Also, WF accounting constitutes good economics in agriculture, because water is such an essential resource that must be properly managed throughout the whole food supply chain (p.2416)
A comprehensive literature review on, and the construction of a framework for, environmental legitimacy, accountability and proactivity	"Furthermore, environmental accountability can be enhanced by environmental proactivity, a concept comprising environmental management and environmental accounting, as well as stakeholder engagement" (p. 44).
Cooperation between business and non-governmental organizations to promote sustainable development	The results show that small and medium-sized enterprises rank the importance of different stakeholders similarly to larger businesses and often engage in cooperation with non-governmental organizations (p. 18).
ISO 14000 certification and investments in environmental supply chain management practices: identifying differences in motivation and adoption levels between Western European and North American companies	"EMS can be divided into externally certified systems such as ISO 14000 and investments in internal EMS programs. It has been suggested that the adoption and implementation patterns for these systems vary based on motivational differences" (p. 18).
The ties that bind? Exploring the basic principles of worker-owned organizations in practice	As can be seen in this study, decoupling occurs in Mondragon because it serves both the interests and experiences of the technostructure and the interests of the worker–owner–members of the organizations. In other words, this process of decoupling is sustained over time because it rewards different stakeholders in practical terms. (p.15)

Fonte: elaborado pela autora

A partir da leitura do quadro acima, percbe-se que os artigos selecionados de forma aleatória dentre os quais as relações de internacionalização e sstentabilidade assumem perfil Pós-Colonialista Ameno, foram enquadrados na abordagem Ecológica por asusmirem um padrão de conteúdo exposto. Em todos os casos, os trechos são justificados pela importância similar dada à relevância do desenvolvimento econômico e a boa gestão da comunidade, ou até mesmo por consideraram o ambiente externo e interno igualmente relevantes ao bom desempenho da organização.

Seguindo a análise a partir da estrutura do Framework, está o parâmetro do Desenvolvimento Sustentável, o qual, na proposição linear em questão apresenta o paradigma dominante do Sustaincentrism. No **Quadro 21** apresentado a seguir, estão trechos dos artigos que justificam tal posiconamento.

Quadro 21. - Trechos do Paradigma Dominante do Sustaicentrism

Título do Artigo	Paradigma Dominante- Trechos Pós-Colonialistas Ameno
Beyond the Curriculum: Integrating Sustainability into Business Schools	"In this study, we follow Hommel et al. (2012) in also considering ethics/governance as central to all these dimensions of corporate performance, arguing that sustainability is displayed in and through an organisation's ethics, social, governance and environmental performance (ESGE)" (p.738).
Case method use in shaping well-rounded Latin American MBAs	"Leme Fleury and Wood Jr. claim that "business schools should look (…) to encourage the development and dissemination of knowledge related to (…) social responsibility, sustainability, entrepreneurship, and the needs of the emerging 'bottom of the pyramid'" (2012, p. 16)" (p. 2540)
Corporate brand expressions in business-to-business companies' websites Evidence from Brazil and India	In order to create and convey their uniqueness amongst multiple stakeholders, B2B companies increasingly enunciate features (dimensions) of CB as, for example, company values, CB personality, the company's activities towards sustainability, and company heritage. Such features strengthen and consolidate the CB, and in turn may influence the performance and profitability of the company (p.60).
A Multi-research-method approach to studying environmental sustainability in retail operations	"Traditionally, socially responsible operations refer to the integration between economic and social value. The growing concern for environmentally friendly operations leads to the development of full integration of economic, environmental, and social values" (p.394).
The Development of a Market for Sustainable Coffee in The Netherlands: Rethinking the Contribution of Fair Trade	"The existence of multiple standards systems may involve strategic, as well as ethical, decisions about which standard-formulating organization to join. In addition, this study is relevant for public policy-makers who aim to implement sustainability practices by encouraging market actors to adopt sustainability standards. A deeper understanding of what caused the creation of a market for sustainable coffee may lead to a more effective deployment of policy instruments, such as the regulation of sustainability labels" (p.462).

Fonte: elaborado pela autora

Ao interpretar os trechos do artigo, percebe-se que estes foram classificados com o paradigma dominante do Sustaicentrism, pois em todos há uma explicação da relação existente, ou da relação necessária entre a atividade econômica, a preocupação ambiental e a ação humana. Em alguns trechos há ainda espaço para destacar a importância da intelectualidade humana, sendo que muitas vezes esta é tida como possível resposta à crise ambiental.

Ainda dentro do parâmetro do Desenvolvimento Sustentável, tem-se a versão conceitual, nesse caso nomeada Acadêmica. Trechos de outros cinco artigos dentre os quarenta e dois que assumem perfil Pós-Colonialista Ameno, foram expostos no **Quadro 22** a seguir.

Quadro 22. Trechos da Versão Conceitual Acadêmica

Título do Artigo	Versão Conceitual- Trechos Pós-Colonialistas Ameno
The relationship between legitimacy, reputation, sustainability and branding for companies and their supply chain	"An urgently required better understanding of the concepts and their interrelations is enhanced by a synthesized explanatory basis entailing an eclectic mosaic of nterdisciplinary theories (institutionalist, neo-institutionalist theories, the viable systemapproach, isomorphism and identity) to improve corporate and supply chain performance" (p.91).
The interaction of chief executive officer and top management team on organization performance	"This research explores the relationships among CEO and TMT resources and their effect on organization performance. MRA results show that the relationships of CEO and TMT resources affect organization performance. FsQCA further finds that the interactions of CEO and TMT resources can produce better organization performance in sustainability, growth, and internationalization. Results also find the complementary and substitutes of CEO and TMT resources" (p. 2185-2186).
Application of water footprint to olive growing systems in the Apulia region: a comparative assessment	"Based upon results obtained, the high-density cropping system was found to be the most competitive due to the reduced WF(tot) compared with the other systems investigated. Hence, the authors recommend expanded implementation of agricultural practices designed to reduce the WF, to enhance environmental sustainability and to optimise management and ecological costs in the olive production sector" (p. 2407).
A comprehensive literature review on, and the construction of a framework for, environmental legitimacy, accountability and proactivity	The ELAP framework serves several purposes. By mapping the influences on environmental performance, it assists managers and other interested parties to better understand, evaluate, and analyse corporate environmental behaviour. In addition, clarifying conceptual differences (in this study, the three concepts in ELAP) and identifying causal links are important tasks in developing a meaningful theory (Deephouse and Carter, 2005) (p.45)
Product-services as a research field: past, present and future. Reflections from a decade of research	It deliberately included science communities of business developers, designers, consumer scientists and system innovation specialists in its effort of depicting credible implementation pathways for sustainable systems in the field of food, mobility and housing/energy.(p.4)

Fonte: elaborado pela autora

A justificativa para que estes artigos fossem classificados com versão conceitual Acadêmica está em cada trecho citado no quadro acima nos quais a interdisciplinariedade é destacada. Nos trechos considerou-se a importância de que em um momento de crise ambiental, devem ser feitas considerações objetivas, subjetivas, naturais e sociais, isto é, as soluções viáveis são aquelas que otimizam relações econômicas, ambientais e sociais.

Finalizando a análise do framework a partir do caminho de raciocínio Pós-Colonialista Ameno, encontra-se o parâmetro da Sustentabilidade, onde a interpretação neste caso é nomeada Social e, assim como nos casos anteriores, trechos de artigos serão apresentados para justificar tal classificação. O **Quadro V** trará tais informações.

Quadro 23. Trechos da Interpretação Social

Título do Artigo	Interpretação- Trechos Pós-Colonialistas Ameno
Corporate Sustainable Development: Testing a New Scale Based on the Mainland Chinese Context	Although strategic management researchers have lately focused on qualitative approaches, such as case studies, to assess CSD in different business applications (Erol et al. 2009), this article extends the basis of CSD research by verifying that it can be efficiently represented by an integrated construct of three dimensions, which are SOC, ECO, and ENV (p.528)
Indigenous Peoples, Resource Extraction and Sustainable Development: An Ethical Approach	"Canadian forest industry case study of dialogue between Indigenous elders and Western science practitioners provides an example of cross-cultural bridging in the context of sustainable development. Professional and theoretical implications are gleaned for advancing an ethical approach to relations between Indigenous peoples and resource companies" (p.241).
To be or not to be green: Exploring individualism and collectivism as antecedents of environmental behavior	"Sustainability and environmental initiatives continue to receive an increasing amount of attention, both within the corporate, consumer, and individual domains of behavior. As individuals act on their environmental interests, or lack thereof, it is incumbent upon researchers to continue delineating factors that may influence the commitment and behaviors that take place" (p.1052).
Intermediaries and innovation support in the design for sustainability field cases from the Netherlands, Turkey and the United Kingdom	"In addition, customising design for sustainability tools and techniques tailor-made to the company's needs is required in order to better communicate information on design for sustainability within companies. The use of environmental checkpoints, reviews, milestones and roadmaps, and good management commitment and support are also important success factors (Boks, 2006)".
Strategic competencies, critically important for Sustainable Development	"Sustainable Development has been introduced in academic education in many different forms (Segalas-Coral, 2009). Newcourses have been developed and the adjective "Sustainable" has been added to many educational and research activities that were often only slightly adapted (...) Strategic competencies are crucial for working towards SD, and that these competencies cannot be integrated in ordinary disciplinary courses. It provides some options to teach/develop these competencies" (p.243).

Fonte: elaborado pela autora

Em qualquer um dos cinco trechos apresentados no quadro acima, é possível identificar uma semelhança, isto é, em todos os artigos há uma interpretação da intelectualidade humana como forma de solução para os prolemas da organização. Os trechos demonstram que quando há boa gestão ou até mesmo tecnologias inventadas pelo homem, há maior facilidade para encontrar soluções que maximizem desempenho econômico, ambiental e social.

Visto que dentre todos os artigos avaliados na pesquisa bibliométrica, qurenta e dois demonstraram que as relações entre internacionalização e sustentabilidade assumiram um perfil Pós Colonialista Ameno, pode-se dizer que ao selecionar cinco artigos para justificar cada um dos parâmetros, a abrangência de avaliação foi suficiente para demonstrar o posicionamento dos artigos que foram classificados em tal proposição. Para dar continuidade à análise dos artigos com caminho de raciocínio linear, no próximo tópico foram apresentados aqueles que assumiram perfil Pós Colonialista Crítico.

6.2.1.3 Grupo C: Pós-Colonialista Crítico

Na pesquisa realizada, um dos setenta e três artigos encontrados, foi classificado como linear na proposição Pós-Colonialista Crítica da Teoria da Gestão Comparativa, isto é, encaixaram-se na abordagem comportamental também da TGC, no paradigma do Ecocentrismo e na versão conceitual Ideológica do Desenvolvimento Sustentável, e na interpretação Ecológica da Sustentabilidade. Este foi publicado no periódico: Human Relations; escritos por dois pesquisadores: Gail Whiteman, William H. Cooper; os quais pertencem a uma mesma universidade, localizada no Reino Unido.

O artigo encontrado e definido como Pós-Colonialista Crítico, foi o artigo "Sixty-six ways to get in wrong A response to Banerjee and Linstead". Este foi interpretado como Crítico por considerar a natureza como primordial para a vida humana. Essa proposição carrega em si a ideia de que o homem deve controlar a intensidade de exploração, deve respeitar os limites naturais, valorizar produções locais e manifestar-se contra a exploração desmedida proposta pelo capitalismo. No **QUADRO 24**, apresentado a seguir, as informações do artigo classificado com linear na proposição Pós-Colonialista Crítica são detalhadas.

Quadro 24. Sixty-six ways to get in wrong A response to Banerjee and Linstead

Teoria da Gestão Comparativa		Desenvolvimento Sustentável		Sustentabilidade
PERFIL DA RELAÇÃO	**ABORDAGEM**	**PARADIGMA DOMINANTE**	**VERSÃO CONCEITUAL**	**INTERPRETAÇÃO**
Pós-Colonialista Crítica	**Comportamental**	**Ecocentrismo**	**Ideológica**	**Ecológica**
"Certainly our field work illustrated that the Cree have a deep familiarity with colonial forces. In the past, Cree tallymen (like most Indigenous peoples) did not often enter nto dialogue with corporate managers or government officials, even when their worlds collided" (p. 411).	"For example, the late Robert Bourassa, premier of Québec from 1970 to 1976, was the key political force behind the much-opposed James Bay Hydro-Electric Project. While Premier Bourassa (1973) had many supportive comments to make about Indigenous culture in his book James Bay, the discussion between Indigenous peoples and external anagers during this period was lopsidedly unequal" (p. 411). "Throughout most of the 1970s and 1980s, cross-cultural dialogue was either non-existent or primarily through the ourt system. One doesn't need to be a critical theorist to see this as colonialism". (p.411).	"Banerjee and Linstead also critique us for treating the Cree tallymen as the exotic native 'Other.' We do not agree. Freddy Jolly, our key informant, figures prominently in our article as an individual, and not as an abstract Other. Instead, in our reading of their text, Banerjee and Linstead seem to treat Freddy as the 'Native-Other.' We also believe that the authors seem to treat us as if we were yet another kind of 'Other': the neocolonialist-academic-anthropologist Other (...) We are not treated as individuals who undertook a study and reported back using, in part, firstperson language" (p. 414).	"A feminist research ethic 'calls for collaborative, trusting, non-oppressive relationships between researchers and those studied' (Fonow & Cook, 1991: 8–9). Such a model resumes that investigators are committed to an ethic that stresses personal accountability, caring, the value of individual expressiveness, the capacity for empathy, and the sharing of emotionality (Collins, 1990, quoted in Denzin & Lincoln, 1994). Since much of my research was conducted with Cree men in what appeared (at least to me) as a paternalistic environment, I had to work hard to avoid an obvious gender set-up (...) Since much of my research was conducted with Cree men in what appeared (at least to me) as a paternalistic environment, I had to work hard to avoid an obvious gender set-up" (p.417-418).	"These research values were, and are, highly appealing to me. I did not perceive the Cree hunters and trappers as 'simplistic' or unidimensional, abstract managers. Instead, I perceived them as individuals, as experts in their field, which they indeed were (and are)" (p.417).

Fonte: elaborado pela autora

Interpretando o quadro de maneira literal, percebeu-se que o artigo valoriza as peculiaridades locais visando a preservação da cultura indígena, há pouco contato com grandes centros, imposições de governos e outras exigências capitalistas, dessa maneira, é possível dizer que dentro da TGC, o artigo é automaticamente classificado como Pós-Colonialista Crítico e Comportamental.

A partir do parâmetro do desenvolvimento sustentável, aloca-se o artigo no paradigma dominante do ecocentrismo, pois citações apresentadas expõe a certeza do povo indígena de que nós, seres humanos, somos apenas mais uma espécie no planeta, portanto a convivência com a natureza e outros seres vivos deve ser harmônica. O artigo ainda pode ser classificado como Ideológico, quando analisada sua versão conceitual. Essa alocação ocorre pela defesa que há no próprio artigo em relação à participação feminina em pesquisas e também na gestão da sociedade.

Por fim, interpretando o artigo a partir do parâmetro da sustentabilidade, o artigo é classificado como Ecológico pela valorização da natureza e o respeito de limites existente na comunidade avaliada. Nesse caso, especificamente, o artigo deixa claro que as necessidades da natureza são tidas como prioridade perante as dos homens.

Percebe-se, portanto, nesse caso, que a empresa que chega para iniciar suas atividades na região dessa comunidade indígena, precisa ter como princípio a não intervenção radical à cultura da comunidade local. Em um caso de internacionalização, por exemplo, uma organização precisa atender suas necessidades sem desrespeitar o povo e a natureza ali existente.

6.2.1.4 Grupo D

O Grupo D recebe artigos que se distanciaram das proposições do framework sugerido por Borim-de-Souza *et al (2015).* Neste grupo a linearidade previamente encontrada nos grupos A, B e C já não é visível e seus caminhos se entrelaçam com os das outras proposições, como será detalhado abaixo.

Este grupo é composto por sete artigos, intitulados: *Environmental management systems in small and medium-sized enterprises: an analysis and systematic review*; *Towards a sustainable fashion retail supply chain in Europe*

Organisation and performance; United Nations supported Principles for Responsible Management Education: purpose, progress and prospects; International business, corporate social responsibility and sustainable development; Corporate sustainability reporting and the relations with evaluation and management frameworks: the Portuguese case; Ethical behavior and social responsibility in organizations: process and evaluation e An institutional approach to corporate social responsibility in Russia. Os artigos foram publicados em quatro periódicos *internacionais Journal of Cleaner Production (5 artigos), Management Decision (1 artigo) e International Business Review (1 artigo).* Os artigos foram escritos por 21 autores ao total, dentre eles: Matthias S. Fifka, Anne Marie Fray, Tomás B. Ramos, Jasmin Godemann, Ans Kolk, Helio Aisenberg Ferenhof e Marisa P. de Brito. O número total de autores é correspondente a estudiosos de sete países diferentes. Das sete universidades localizadas, apenas uma localiza-se fora do eixo euro-americano, demonstra-se brasileira. Os autores não possuem publicação em mais de um artigo neste grupo.

O Grupo D configura-se por possuir um perfil no qual dentro da TGC, o perfil da relação de mostra Pós-Colonialista Amena e sua abordagem demonstra-se Ecológica. Já, dentro do DS, o paradigma dominante identificado é o *Sustaincentrism* e sua Versão Conceitual o difere de possuir uma abordagem linear Pós-Colonialista Amena, pois esta configura-se como Institucional. Já a sua Interpretação possui caráter Social.

No quadro pode-se verificar as citações extraídas dos trabalhos, as quais denotam os trechos de alguns dos artigos com citações que definem sua categorização dentro dos parâmetros de investigação frente à sua relação entre internacionalização e sustentabilidade.

Quadro 25. Towards a sustainable fashion retail supply chain in Europe Organisation and performance

Teoria da Gestão Comparativa		**Desenvolvimento Sustentável**		**Sustentabilidade**
PERFIL DA RELAÇÃO	**ABORDAGEM**	**PARADIGMA DOMINANTE**	**VERSÃO CONCEITUAL**	**INTERPRETAÇÃO**
Pós-Colonialista Amena	**Ecológica**	***Sustaincentrism***	**Institucional**	**Social**
"There have been some attempts to revive production in Europe. For instance, France created competitive clusters on technical textiles as a national strategy for manufacturing competitiveness.For those EU firms that sought to retain some domestic production, the focus was mainly on technological change, particularly increasing the use of just-in-time, quick response (such as Zara, see Ferdows et al., 2004) and more general applications of computer techniques in design, cutting and finishing. So, some added value activities (design and logistics) and specific market segments, such as technical textiles and haute couture, characterise the European production (see Taplin and Winterton, 1997)" (p. 539).	"Besides, as defended by Smith (2003) sustainability initiatives are crucial for firms' strategies, specially the ones in sensitive business areas (intensive natural resource use, poor labour conditions, etc.), as is the case for the fashion industry" (p.537).	"A third driver is the corporate responsibility (CR) movement, which is grounded in stakeholder theory (Freeman, 1984): firms are to serve the needs of all those being affected or affecting the firm (their stakeholders), and not only maximise profit (for their shareholders). CR is about integrating social and environmental concerns into business strategy and operations" (p. 537).	"According to some, such as NGO's, corporations not only can make a difference, but they should be held responsible, and regulation has appeared on this" (p.536).	"Sustainability can be used as a springboard to reach environmental and socially conscious customers (...) A thi8rd driver is the corporate responsibility (CR) movement, which is grounded in stakeholder theory (Freeman, 1984): firms are to serve the needs of all those being affected or affecting the firm (their stakeholders), and not only maximise profit (for their shareholders)." (p.538).

Fonte: Elaborado pela autora

Primeiramente, no quadro 25 exposto, o artigo *Towards a sustainable fashion retail supply chain in Europe Organisation and performance*

analisa a produção têxtil européia e possível estratégias sustentáveis de produção no âmbito da sazonalidade da moda. Se enquadra na TGC em um perfil da relação Pós-Colonialista Ameno, pois as peculiaridades dos padrões são consideradas e comparadas frente às diferentes plataformas e hábitos de consumo, inclusive nos países do eixo euro-americanas. Já na Abordagem Ecológica, os fragmentos demonstraram considerar igualmente relevante a questão do desenvolvimento econômico, a gestão e a relação com a comunidade. O DS possui o paradigma dominante *Sustaincentrism*, o qual relaciona a atividade econômica, preocupação ambiental e ação humana. Já na Versão Conceitual Institucional há uma abordagem desenvolvimentista, que considera as empresas e as indústrias como solução para a crise ambiental. Por fim, a Sustentabilidade, de cunho Social, considera a intelectualidade humana como criadora de soluções que maximizem relações entre economia, ambiente e sociedade para a crise ambiental.

Já no quadro 26, referente ao artigo *International business, corporate social responsibility and sustainable development,* analisa a *Corporate Social Responsibility (CSR)*, e suas estratégias de aplicação e viabilidade dentro das empresas multinacionais e suas filiais ao redor do globo, visto também como um desafio do capitalismo moderno em meio ao advento da globalização.

Quadro 26. International business, corporate social responsibility and sustainable development

Teoria da Gestão Comparativa		**Desenvolvimento Sustentável**		**Sustentabilidade**
PERFIL DA RELAÇÃO	**ABORDAGEM**	**PARADIGMA DOMINANTE**	**VERSÃO CONCEITUAL**	**INTERPRETAÇÃO**
Pós-Colonialista Amena	**Ecológica**	***Sustaincentrism***	**Institucional**	**Social**
"(...) this usually does not apply everywhere, and rules are likely to differ across countries/regions, as will monitoring and compliance. For MNEs, the 'modern era of globalisation' thus entails a balancing act between the components that are part of their 'regular' internationalization strategies and broader corporate social responsibility (CSR) considerations" (p. 92).	"Firms are increasingly called upon to play a positive role, and thus contribute to a more sustainable development. This applies most notably to multinational enterprises MNEs), given their global influence and activities in which they are confronted with a range of issues, stakeholders and institutional contexts, in both home and host countries. Current interest in the contribution of MNEs to 'solving' problems has been preceded by a period in which non-governmental organisations (NGOs) campaigned ainst the negative implications of globalisation in general and the power of MNEs in this process in particular" (p.91)..	"As a result, for example, entry strategies, subsidiary relationships, and the choice of country, product and market portfolios, both upstream and downstream, involve complex decision-making processes in which a variety of trade-offs come to the fore simultaneously: economic, legal, ethical, environmental and social. In that sense, the landscape of IB has changed, and CSR is something to be taken into account explicitly in the study of MNEs, as part of the challenges to globalisation or the quality of global capitalism and its institutions (e.g. Buckley & Ghauri, 2004; Dunning, 2006, 2009; Griffith, Cavusgil, & Xu, 2008; Peng, Sun, Pinkham, & Chen, 2009)" (p.92)	"Multinational enterprises (MNEs) are regarded as playing a specific role given their global influence and activities in which they are confronted with a range of issues, stakeholders and institutional contexts, in both home and host countries. Their potential in being not only part of the problem, but also perhaps part of the solution, is increasingly recognised and has come to the fore in research interest in corporate social responsibility (CSR) activities and sustainable development implications of IB" (p.119).	"Corporate social responsibility rather involves managing a firm in such a way that it can be 'economically profitable, law abiding, ethical and socially supportive' (Carroll, 1999: p. 286), something which is complicated when operating in a large number of different contexts with often diverging views of the role of business in society (cf. Devinney, 2009). It is the combination of these considerations that presents challenges to MNEs, in their own operations but also in their dealings with other firms and with stakeholders, with implications for society as a whole' (p.92).

Fonte: Elaborado pela autora

Na TGC dentro do perfil da relação é Pós-Colonialista Amena, pois as peculiaridades locais são comparadas com os padrões euro-americanos e dessa

comparação promovem-se alternativas otimizadoras para as teorias e aplicações em outras culturas. Sua abordagem é Ecológica devido ao fato de que o ambiente externo e interno são igualmente fundamentais para determinar a eficiência da firma. Os recursos e os indivíduos determinam o sucesso da firma. No DS o paradigma dominante é o *Sustaincentrism porque r*elaciona a atividade econômica, preocupação ambiental e ação humana. A Versão Conceitual é Institucional pois enxerga as empresas e as indústrias como solução para a crise ambiental. E, por fim, possui uma interpretação social de sustentabilidade e no artigo demonstra que a CSR utilizada como solução que maximiza as relações entre economia, ambiente e sociedade para a crise ambiental.

Por fim, no quadro 27, demonstra-se os parâmetros de investigação encontrados no artigo *Corporate sustainability reporting and the relations with evaluation and management frameworks: the Portuguese case*, estuda-se a aplicabilidade e importância de relatórios sustentáveis para as organizações e a pouca representatividade e *performance* ambiental das organizações de pequeno e médio porte em comparação à força das multinacionais.

Quadro 27. Corporate sustainability reporting and the relations with evaluation and management frameworks: the Portuguese case

Teoria da Gestão Comparativa		**Desenvolvimento Sustentável**		**Sustentabilidade**
PERFIL DA RELAÇÃO	**ABORDAGEM**	**PARADIGMA DOMINANTE**	**VERSÃO CONCEITUAL**	**INTERPRETAÇÃO**
Pós-Colonialista Amena	**Ecológica**	***Sustaincentrism***	**Institucional**	**Social**
"Most organizations in the study produced annual reports, in accordance with Global Reporting Initiative guidelines" (p. 317).	"Thus, corporate environmental reporting is an increasingly important component of corporate strategy and is built into decision-making systems. It is becoming more focussed on the organizations' objectives and targets and "Environmental reports are being expanded to show the interconnections between environmental, economic and social issues, thus, they increasingly attempt to reflect an approach to integrate environmental and sustainability reporting. Furthermore, public participation in the design and production of the reports has contributed toward making them more user-friendly (Keating, 2001)" (p. 317).	"Environmental reports are being expanded to show the interconnections between environmental, economic and social issues, thus, they increasingly attempt to reflect an approach to integrate environmental and sustainability reporting. Furthermore, public participation in the design and production of the reports has contributed toward making them more user-friendly (Keating, 2001)" (p. 317).	"The six Portuguese Small and Medium Enterprises analyzed show a poor environmental management and environmental performance evaluation and sustainability reporting profile. The findings show that they needed to be more engaged with these practices. Specific drivers must be used to enable these directions, including environmental education and raising awareness, since that is the first step toward improving the current scenario of reaching a better sustainable profile" (p. 317).	"The environmental management system was a well-accepted environmental management tool. More than half of the companies surveyed had adopted environmental performance evaluation related frameworks" (p. 317).

Fonte: Elaborado pela autora

Denota-se na TCG um perfil de relação Pós-Colonialista Ameno, pois as peculiaridades de culturas internas (Portugal) são comparadas com padrões externos, como os euro-americanos, e a partir dessa comparação, seleciona-se

alternativas otimizadoras e aplicáveis. Possui uma abordagem Ecológica devido ao fato do ambiente externo e interno são igualmente fundamentais para determinar a eficiência da firma. Os recursos e os indivíduos determinam o sucesso da firma. O DS possui o paradigma *Sustaincentrism*, porque relaciona atividade econômica, preocupação ambiental e ação humana. Já sua versão conceitual é Institucional quando afirma que há uma abordagem desenvolvimentista. Desenvolvimento econômico limpo e sustentável. E, finalmente, a interpretação social de sustentabilidade, pois a intelectualidade humana como criadora de soluções que maximizem relações entre economia, ambiente e sociedade para a crise ambiental.

O artigo entitulado *Environmental management systems in small and medium-sized enterprises: an analysis and systematic review,* remete à importância do investimento em educação ambiental por parte das pequenas e médias organizações e os benefícios da utilização da *Environmental Management Systems* (EMS) tanto para as empresas, quanto para os *stakeholders* e o meio-ambiente. No entanto, o cuidado com âmbito natural fica atrelado às organizações e ao seu desempenho através de ferramentas de gestão. Como demonstra o quadro abaixo.

Quadro 28. Environmental management systems in small and medium-sized enterprises: an analysis and systematic review

Teoria da Gestão Comparativa		**Desenvolvimento Sustentável**		**Sustentabilidade**
PERFIL DA RELAÇÃO	**ABORDAGEM**	**PARADIGMA DOMINANTE**	**VERSÃO CONCEITUAL**	**INTERPRETAÇÃO**
Pós-Colonialista Amena	**Ecológica**	***Sustaincentrism***	**Institucional**	**Social**
"Nevertheless, it was essential that the EMSs be aligned with appropriate environmental policy and regulatory requirements. It was necessary to invest more in environmental education and the development of simplified and certifiable EMSs based on the context of each SME" (p. 52).	"Most of the articles in the portfolio database were associated with the study of environmental management systems implementation in small and medium enterprises with an emphasis on results, such as: (1) lack of knowledge on environmental impacts, (2) the need for training, policy, consulting, business cooperation and the integration of systems, (3) high costs at the beginning of implementation and (4) moral gains and cost reduction paired with sustainability in the medium term. Image improvement and the acquisition of new customers were also factors cited in the studies, highlighting the possibility of acquiring competitive advantages through environmental management systems" (p. 44)	"The primary aspects of the environmental management systems incorporated by small and medium enterprises were (1) certification, (2) fault analysis and improvement implementation, (3) environmental responsibility and (4) impact mitigation" (p. 44).	"The concepts presented here are those that better defined EMSs in the resulting bibliography portfolio. It should be noted that EMSs have been used as part of a group of administration tools to control impacts and promote improvements to the environmental actions of companies. Further, the use of EMSs in SMEs can help with the implantation of environmental policies and, in most cases, follow the principles outlined by ISO 14001" (p.46).	"Despite the high costs of implementation, the adoption of EMSs in industrial SMEs and the construction industry encouraged design products that met environmentally responsible standards, adding high market value to these products. In the commerce and service sectors, communication channels, skills, knowledge and attitudes improved in SMEs that adopted EMSs, generating ethical benefits, compliance and better market acceptance. EMSs were useful for the analysis of environmental risks, impacts, and environmental compliance in all of the sectors under investigation" (p.52)

Fonte: Elaborado pela autora

Dentro da TGC, o perfil da relação se mostra Pós-Colonialista Amena, pois o trecho recortado demonstra que as peculiaridades dos padrões locais

são consideradas e comparadas frente as diferentes padrões, como os padrões literários provindos de países do eixo euro-americano. E, a sua abordagem, também dentro da TGC, é Ecológica, considerando o ambiente externo e interno são igualmente fundamentais para determinar a eficiência da firma. Os recursos e os indivíduos determinam o sucesso da firma. Já na questão do DS, o paradigma dominante do *Sustaincentrim* se destaca por relacionar a atividade econômica, preocupação ambiental e ação humana. E, também considerar a intelectualidade do ser humano como resposta à crise ambiental, no caso da ferramenta aplicada EMS. A versão conceitual do DS é Institucional e acredita nas empresas e nas indústrias como solução para crise ambiental. Por fim, a interpretação da sustentabilidade é vista como Social, pois delega a intelectualidade humana o compromisso de criar soluções que maximizem relações entre conomia, ambiente e sociedade para a crise ambiental.

O artigo *United Nations supported Principles for Responsible Management Education: purpose, progress and prospects*, analisa a relevância das iniciativas que corroboram para o aumento da M*anagment Education,* buscando, através da mesma, aumentar as demandas sociais que buscam tornar os negócios mais responsáveis no âmbito sustentável. O quadro abaixo demonstra recortes que afirmam a colocação do artigo no grupo D.

Quadro 29. United Nations supported Principles for Responsible Management Education: purpose, progress and prospects

Teoria da Gestão Comparativa		**Desenvolvimento Sustentável**		**Sustentabilidade**
PERFIL DA RELAÇÃO	**ABORDAGEM**	**PARADIGMA DOMINANTE**	**VERSÃO CONCEITUAL**	**INTERPRETAÇÃO**
Pós-Colonialista Amena	**Ecológica**	***Sustaincentrism***	**Institucional**	**Social**
"Nevertheless, it was essential that the EMSs be aligned with appropriate environmental policy and regulatory requirements. It was necessary to invest more in environmental education and the development of simplified and certifiable EMSs based on the context of each SME" (p. 52).	"Most of the articles in the portfolio database were associated with the study of environmental management systems implementation in small and medium enterprises with an emphasis on results, such as: (1) lack of knowledge on environmental impacts, (2) the need for training, policy, consulting, business cooperation and the integration of systems, (3) high costs at the beginning of implementation and (4) moral gains and cost reduction paired with sustainability in the medium term. Image improvement and the acquisition of new customers were also factors cited in the studies, highlighting the possibility of acquiring competitive advantages through environmental management systems" (p. 44)	"The primary aspects of the environmental management systems incorporated by small and medium enterprises were (1) certification, (2) fault analysis and improvement implementation, (3) environmental responsibility and (4) impact mitigation" (p. 44).	"The concepts presented here are those that better defined EMSs in the resulting bibliography portfolio. It should be noted that EMSs have been used as part of a group of administration tools to control impacts and promote improvements to the environmental actions of companies. Further, the use of EMSs in SMEs can help with the implantation of environmental policies and, in most cases, follow the principles outlined by ISO 14001" (p.46).	"Despite the high costs of implementation, the adoption of EMSs in industrial SMEs and the construction industry encouraged design products that met environmentally responsible standards, adding high market value to these products. In the commerce and service sectors, communication channels, skills, knowledge and attitudes improved in SMEs that adopted EMSs, generating ethical benefits, compliance and better market acceptance. EMSs were useful for the analysis of environmental risks, impacts, and environmental compliance in all of the sectors under investigation" (p.52)

Fonte: Elaborado pela autora

O artigo demonstra que, dentro da TGC, o perfil da relação entre sustentabilidade e internacionalização é Pós-Colonialista Ameno, pois ressalta que

as peculiaridades de culturas internas são comparadas com padrões externos. como os euro-americanos, e a partir dessa comparação, seleciona-se alternativas otimizadoras e aplicáveis. Já dentro de sua abordagem ecológica, afirma que considera igualmente relevante o desenvolvimento econômico, a gestão e a relação com a comunidade. Dentro do DS, o paradigma dominate é o *Sustaincentrism* e relaciona atividade econômica, preocupação ambiental e ação humana. Sendo a intelectualidade do ser humano como resposta à crise ambiental. Já a versão conceitual demonstra-se Institucional colocando que as empresas e as indústrias como solução para a crise ambiental (devido à implementação da PRME). Finalmente, a interpretação de Sustentabilidade é social e confia, também, na intelectualidade humana como criadora de soluções que maximizem relações entre economia, ambiente e sociedade para a crise ambienta

Já o artigo entitulado *Ethical behavior and social responsibility in organizations: process and evaluation* trabalha a ideia da dimensão ética da responsabilidade social, deixando-a atrelada como responsabilidade das orgaizações, sendo estas responsáveis por desenvolver e aplicar ferramentas que corroborem com a implementação da sustentabilidade ética dentro e fora das organizações. E, aborda também a importância deste conhecimento ser colocado dentro das universidades, as quais formam os grandes gestores. O quadro abaixo demonstra os trechos retirados do artigo.

Quadro 30. Ethical behavior and social responsibility in organizations: process and evaluation

Teoria da Gestão Comparativa		Desenvolvimento Sustentável		Sustentabilidade
PERFIL DA RELAÇÃO	**ABORDAGEM**	**PARADIGMA DOMINANTE**	**VERSÃO CONCEITUAL**	**INTERPRETAÇÃO**
Pós-Colonialista Amena	**Ecológica**	***Sustaincentrism***	**Institucional**	**Social**
For each organization, we will present its principal characteristics in brief and in an anonymous fashion. Then we will mention the key points, whichmake them organizations, rated and rightfully so for their ethical dimension of social responsibility. But we will add to these, following our observation, the elements, which, even if they raise doubts, will at least warn us on the sustainable and maintained effects of these ethical behaviours.(p.7)	All the concepts related to social responsibility and sustainable development can be taken up only within the scope of a global managerial perspective. For Tixier (2002) “very early in their management practices, managers should today integrate certain major public interests with a long-term vision of the stakes that this implies. In the end, there is no area of company activity which does not integrate the dimension of sustainable development. (p.12)	The fact that ethics aims at improving the world and its exchanges explains as to why it touches on the professional ethics and value systems of organizations. In this frame of mind, ethics serves above all to construct the very point of view of the company, without disconnecting it for all this from its environment, but on the contrary by enabling it to create its landmarks within this environment in relationship to the other players.(p.3)	The study of different written works shows us, in particular through the commitment of the manager, that responsibility in terms of ethics is first and foremost based on economic and legal responsibility, and then each organization on its own delimits its priority areas (Persais, 2004) (p.10).	Besides an analysis of the curbs to the development of the RSE and the factors that go in its favour, the forum has formulated a certain number of recommendations on the necessity of including the RSE in the university curriculum, developing networks for exchanges on good practices, observing and promoting important international texts concerning Human Rights for instance. However, given that the text limits itself to recommendations without favouring or imposing their implementation, it is difficult to imagine what its actual impact would be.(p.6)

Fonte: Elaborado pela autora

Os trechos denotam, dentro da TGC, um perfil de relação entre internacionalização e sustentabilidade Pós-Colonialista Ameno, o qual afirma que apesar da generalização dos princípios éticos, o trabalho tratou das peculiaridades de cada organização, mesmo que de forma anônima. Já em relação a abordagem, oferece uma abordagem Ecológica, na qual todas as áreas da organização passam considerar o desenvolvimento sustentável como elemento de grande importância que impactará nos demais resultados. O DS trabalha o paradigma dominante do

Sustaincentrism evidenciando que ao mesmo tempo em que a ética auxilia na construção da empresa, colabora também com os outros jogadores, isto é, possíveis funcionários. A versão constitucional do DS é Institucional e considera que apesar de aparentar preocupação com questões sociais, o foco ainda é no cumprimento de leis e em questões que priorizam a finalidade econômica. A interpretação da Sustentabilidade oferece um viés Social, o qual considera que a intelectualidade humana colabora para a melhoria nas questões de responsabilidade social.

O último artigo deste grupo, intilulado *An institutional approach to corporate social responsibility in Russia* analisa como a política pública nacional estimula a *Corporate Social Responsability (CSR)* dentro da sociedade e delega a maior parte dessa responsabilidade na mão das grandes organizações. Contudo, quando passa a ser responsabilidades das organizações internacionalizadas a CSR acaba sendo alvo de interesses divergentes entre todos os *stakeholder*, os quais estão localizados em diferentes países. O quadro abaixo esclarece esse pensamento através dos recortes do artigo.

Quadro 31. An institutional approach to corporate social responsibility in Russia

Teoria da Gestão Comparativa		**Desenvolvimento Sustentável**		**Sustentabilidade**
PERFIL DA RELAÇÃO	**ABORDAGEM**	**PARADIGMA DOMINANTE**	**VERSÃO CONCEITUAL**	**INTERPRETAÇÃO**
Pós-Colonialista Amena	**Ecológica**	***Sustaincentrism***	**Institucional**	**Social**
"Our results show that awareness for CSR has been fostered by the influx of Western business concepts, but the understanding and practice of CSR is predominantly determined by the country's institutional environment" (p. 192).	"we investigate the areas of CSR in which Russian companies are active, what stakeholders they consider, the form and financial extent of their activities, the application of international standards, and how reporting is conducted" (p. 192).	"The objective of our study is to analyze to what degree the national political and socio-economic institutions determine CSR practice, and how it is influenced by international factors, such as CSR standards, frameworks, and foreign stakeholder expectations" (p.192).	"CSR mostly is an extension of traditional social roles that Russian business has assumed over decades, especially during communist times" (p. 192).	"Based on Whitley's national business systems approach, which we use as institutional theory framework, we examine the implementation of CSR in Russia's 50 largest companies" (p. 192).

Fonte: Elaborado pela autora

A TGC possui um perfil de relação, entre internacionalização e sustentabilidade, caracterizado como Pós-Colonialista Amena, uma vez que as peculiaridades de diversas culturas são comparadas com padrões externos. como os euro-americanos, e a partir dessa comparação, seleciona-se alternativas otimizadoras e aplicáveis. Na abordagem da TGC, a configuração é Ecológica, na qual o ambiente externo e interno são igualmente fundamentais para determinar a eficiência da firma. E, a influência dos *stakeholders* se faz latente, pois considera-se que os recursos e os indivíduos determinam o sucesso da firma. No DS considera-se o paradigma dominante *Sustaincentrism*, pois o mesmo relaciona atividade econômica, preocupação ambiental e ação humana. A intelectualidade do ser humano como resposta à crise ambiental. Já na versão conceitual o DS é tido como Institucional e coloca que as empresas e as indústrias como solução para a crise ambiental. Por fim, dentro da interpretação social da sustentabilidade defende-se que a intelectualidade humana como criadora de soluções que maximizem relações entre conomia, ambiente e sociedade para a crise ambiental.

A partir dos artigos lidos e selecionados para o Grupo D as definições demonstram uma preocupação com o âmbito natural e sustentável, no entanto, esta preocupação e responsabilidade são passadas para as organizações, as quais devem guiar intervenções que corroborem para a emergência da questão sustentável em seu interior e, então, devido à força das organizações internacionalizadas (multinacionais), serem implementadas e refletidas em seu exterior, na sociedade tanto local em que a matriz e filial se situam. Aplicando, desta forma, ações e práticas para alavancagem de benefícios econômicos, sociais e ambientais.

6.2.1.5 Grupo E

O Grupo E é composto por três artigos, os quais são: *Organizational behavior in innovation, marketing, and purchasing in business service contexts—An agenda for academic inquiry; Corporate sustainability development in China Review and analysis e The application of industrial ecology principles and planning guidelines for the development of eco-industrial parks: an Australian case study.* Os

artigos foram publicados em três periódicos internacionais: *Journal of Business Research* (1 artigo), *Industrial Management & Data Systems* (1 artigo) e *Journal of Cleaner Production* (1 artigo), respectivamente. Os artigos foram escritos por 7 autores ao total, dentre eles: Maria Holmlund, Brian H. Roberts e Chunguang Bai. O número total de autores é correspondente à estudiosos de seis países diferentes. E, das sete universidades localizadas, quatro são pertencentes ao eixo euro-americano Suécia, Finlândia, EUA e Nova Zelândia. Apenas duas localizam-se fora do mesmo, são da Austrália e China. Os autores não possuem publicação em mais de um artigo neste grupo.

O Grupo E caracteriza-se por seu perfil de TGC Pós-Colonialista Ameno, sua abordagem demonstra-se Ecológica. Dentro do DS, o paradigma dominante encontrado é o Tecnocêntrico, o que o difere de uma lineridde Pós-Colonialista Amena apenas. A Versão Conceitual é Acadêmica e a Interpretação da sustentabilidade possui caráter Social.

Nos quadros expostos abaixo pode-se verificar as citações extraídas dos artigos deste grupo, os quais trazem citações dos artigos que explicitam e clarificam esta organização dentro do quadro dos parâmetros de investigação.

Primeiramente, no quadro 32 abaixo, o artigo *Organizational behavior in innovation, marketing, and purchasing in business service contexts - An agenda for academic inquiry* analisa a aplicação de informações provindas dos consumidores a fim de aplicar os processos inovativos nas organizações e melhorar os resultados internos frente ao contexto externo.

Quadro 32. Organizational behavior in innovation, marketing, and purchasing in business service contexts—An agenda for academic inquiry

Teoria da Gestão Comparativa		**Desenvolvimento Sustentável**		**Sustentabilidade**
PERFIL DA RELAÇÃO	**ABORDAGEM**	**PARADIGMA DOMINANTE**	**VERSÃO CONCEITUAL**	**INTERPRETAÇÃO**
Pós-Colonialista Amena	**Ecológica**	**Tecnocêntrico**	**Acadêmica**	**Social**
"There is undeniably a need for them and there should be ample possibilities to link interests with companies and researchers from the financial and accounting disciplines to increase knowledge and improve business as a result. Better understanding and managing of, for example, pricing, revenues, costs, profitability, return on investment, and productivity in relation to business services is essential" (p.4).	"Findings additionally suggest that a superior market performance requires not only information on customers but also proactive implementation of innovative activities such as organizational learning, orientation toward markets, and internationalization efforts. The study contributes to academic knowledge about brand innovation capabilities in high-tech industrial companies and can be useful for managers of service firms aiming to internationalize" (p.3).	"Their findings froma survey in China demonstrate thatwhen brands aremore innovative, their performance increases and that brand innovation plays a fully mediating role on the effects of market orientation and organizational learning for market performance. They furthermore find that a lack of innovation reduces market performance even when internationalization, market orientation, and organizational learning are present" (p. 3).	"To start, Geiger and Finch (“Making Incremental Innovation Tradable in Industrial Service Settings”) analyze how organizations develop, buy, and sell incremental innovation as a service. Recognizing that the locus of interaction in many knowledge-intensive business services has shifted from stable and discrete offerings to rather nebulous concepts such as problem solving and innovation, they discuss tensions and conflicts that can take root in these exchanges as a result of this change" (p.3).	"The analysis shows how the interplay between these activities and the elements comprise micro-foundations of organizational innovation adoption behavior and provide an opportunity to typify different adopter profiles. The study typifies the focal adopter companies as Builder, Bureaucrat, Downhiller, and Sniper. The findings suggest that the management of adoption of innovation is about facilitating the constant questioning of current performance and routines; supporting the process of identifying potential needs and solutions; matching the solutions with the needs; and deciding on the best-fitting need-solution couplings for implementation" (p.4).

Fonte: Elaborado pela autora

Enquadra-se na TGC em um perfil da relação Pós-Colonialista Ameno, porque as peculiaridades de culturas internas são comparadas com padrões externos, como os euro-americanos, e a partir dessa comparação, seleciona-se alternativas otimizadoras e aplicáveis. Na Abordagem Ecológica, foca no ambiente externo e interno como igualmente fundamentais para determinar a eficiência da firma. Os recursos e os indivíduos determinam o sucesso da firma. O DS difere e

caracteriza-se como Tecnocêntrico, pois considera a inovação tecnológica e crescimento econômico como solução ambiental. Já na Versão Conceitual Acadêmica Analisa simultaneamente considerações objetivas e subjetivas, pontuais e reflexivas, naturais e sociais. E, a sustentabilidade, que considera a intelectualidade humana como criadora de soluções (como o *Organizational Learning*, citado no artigo), que maximizem relações entre economia, ambiente e sociedade para a crise ambiental.

O quadro 33, o artigo *Corporate sustainability development in China Review and analysis* aborda a jornada chinesa pela implementação de políticas e estratégicas sobre seu meio-ambiente atrelado ao desenvolvimento de sua nação, aberta para produzir globalmente. E, o ônus acerca da disparidade entre desenvolvimento econômico e social e a manteneção da esfera ambiental.

Quadro 33. Corporate sustainability development in China Review and analysis

Teoria da Gestão Comparativa		Desenvolvimento Sustentável		Sustentabilidade
PERFIL DA RELAÇÃO	**ABORDAGEM**	**PARADIGMA DOMINANTE**	**VERSÃO CONCEITUAL**	**INTERPRETAÇÃO**
Pós-Colonialista Amena	**Ecológica**	**Tecnocêntrico**	**Acadêmica**	**Social**
"After China's participation in the United Nation's Conference on Environment and Development in 1992, the Chinese government put forward Ten Strategic Policies on Environment and Development which were to enhance the intersection of its environment and development (National Environmental Protection Agency, 1994a). In August, 1992, the Chinese government published China's Agenda 21 (White Paper on China's Population, Environment, and Development in the twenty-first century) as the action blueprint to achieve sustainable development (National Environmental Protection Agency, 1994b). At this stage, environmental management focussed on end-of-pipe processes, technology, and data management controlling for air, water, and solid waste pollution from major industries" (p. 5).	"Developing the appropriate information systems may also require gathering data from the organization, customers, government agencies, that show how well organizations are doing in adopting various CSD practices and performance outcomes. These systems can range from internal database development, new information policies, to social media and inter-organizational systems" (p.26).	"China then determined sustainability as one of the two basic national strategies together with the strategy of "rejuvenating the country through science and technology" (State Development Planning Commission (SDPC) et al., 1996)" (p.5)..	"The CSD literature in China has embraced the TBL framework (Chow and Chen, 2012). However, most papers of CSD research focus on the environmental impact dimension or social dimension, and lack consideration of the integration of the three dimensions of economic growth, environmental sustainability, and social equity" (p.7).	"These negative environmental and social impacts have been recognized as major challenges for China's future and have attracted global attention (Zhu et al., 2013b; Tsoi, 2010; Geng and Doberstein, 2008). In response to these concerns, China has sought out regulatory policies to implement such as the innovative circular economy (CE) and low-carbon economy policies. The focus has occurred at multiple levels including eco-regions at the macro-level, eco-industrial parks (EIPs) at the meso-level, and eco-enterprises at the micro-level (Geng et al., 2013; Liu et al., 2013; Zhu et al., 2007a; Yuan et al., 2006)" (p.6).

Fonte: Elaborado pela autora

A questão da TGC e sua configuração Pós-Colonialista Amena se dá por considerar as peculiaridades locais são comparadas com os padrões euro-americanos e dessa comparação promovem-se alternativas otimizadoras para a China. A abordagem Ecológica, por sua vez, afirma que o ambiente externo e interno são igualmente fundamentais para determinar a eficiência da firma. Os recursos e os indivíduos determinam o sucesso da firma. Já no DS o paradigma dominante difere e mostra-se Tecnocêntrico, no qual a inovação tecnológica e crescimento econômico são aderidos como resposta à crise ambiental. A Versão Conceitual é Acadêmica, pois vê a resposta à crise ambiental na oferta de soluções que otimizem relações econômicas, ambientais e sociais. E, finalizando, a sustentabilidade possui uma interpretação social, na qual a intelectualidade humana é adotada como criadora de soluções que maximizem relações entre economia, ambiente e sociedade para a crise ambiental.

Já no quadro 34, demonstra-se os parâmetros de investigação encontrados no artigo *The application of industrial ecology principles and planning guidelines for the development of eco-industrial parks: an Australian case study* abordam-se as iniciativas locais e governamentais para a diminuição e desgaste ambiental. E, possíveis técnicas aplicadas nas empresas que possam diminuir a utilização de materiais.

Quadro 34. The application of industrial ecology principles and planning guidelines for the development of eco-industrial parks: an Australian case study

Teoria da Gestão Comparativa		**Desenvolvimento Sustentável**		**Sustentabilidade**
PERFIL DA RELAÇÃO	**ABORDAGEM**	**PARADIGMA DOMINANTE**	**VERSÃO CONCEITUAL**	**INTERPRETAÇÃO**
Pós-Colonialista Amena	**Ecológica**	**Tecnocêntrico**	**Acadêmica**	**Social**
"It has taken more than five years to developthe concept of Synergy Park. The first phase of the park subdivision and infrastructure is completed after significant delays...Third, it is necessary for developers to engage the community early in the planning process in order to avoid misunderstandings and to developtrust and community support for the concept (p.12)". também.	"Australia is making advances in trying to address its waste problems. Most states and local government organisations have policies and procedures in place to reduce the volume of waste and to encourage Recycling (p.1)".	"Industrial ecology depends upon synergies and colocation of a wide range of secondary and tertiary economic activities. It is inherently concerned with facilitating and creating industry clusters. It also involves identifying and developing new systems, uses and technologies to encourage plants to use waste materials rather than discard them in landfills or other treatment facilities (p.13)".	"Industrial ecology is linked intrinsically to the concept of clusters [9,10]. There is a significant volume of literature on the importance of clusters in supporting economic development [11–13]. Clusters can be interpreted as part of the sub-national or global innovation and production system [14]. Firms and organisations involved in clusters are able to achieve synergies and leverage economic advantage from shared access to information and knowledge networks, supplier and distribution chains, markets and marketing intelligence, special competencies, resources and support institutions available in a specific locality (p.3) ".	"To this end, we need to identify new uses and innovative techniques for using waste materials. This is the domain of industrial ecology; that is, systems that utilise the emission and waste flows of industry and consumption. Waste could be minimised by applying a disposal system for industry via an ecological framework (p.2)". .

Fonte: Elaborado pela autora

Dentro da TGC o perfil da relação se mostra Pós-Colonialista Ameno, pois demonstra a adequação aos padrões de sustentabilidade mundial, essa região da Austrália criou projetos reais, apresentou para a comunidade que estava por perto para que estes entendessem o quanto isso traria benefícios econômicos e ambientais também. A abordagem se mostra Ecológica, pois as regulamentações ambientais são, geralmente, mundialmente estabelecidas, entretanto o governo local, busca medidas alternativas para trazer maior eficiência ao país. Em relação ao DS, o paradigma dominante aqui é Tecnocêntrico, mostrando que mesmo em meio a alternativas que eliminem o desperdício, o mundo natural ainda está submetido ao capitalismo. A versão conceitual mostra-se Acadêmica ao otimizar a aquisição de recursos e informações através da união de organizações, possivelmente estas estarão à frente em disputas econômicas. E, tem-se uma interpretação social de sustentabilidade, pois buscou-se através de técnicas humanas criar soluções para minimizar a perda de recursos, o que acaba por maximizar resultados econômicos da empresa.

Frente aos artigos lidos e analisados para o Grupo E, as definições denotam que, entre a internacionalização e a sustentabilidade, são expostos à padrões e discursos de cunho Pós-Colonialista Ameno, no qual as práticas devem mediar o desenvolvimento e a liquidez do mundo natural. No entanto, no DS, o paradigma dominante é Tecnocêntrico, pois a aplicação e análise final das ações e ferramentas utilizadas nas organizações são de pouca efetividade. Sua pouca efetividade é atrelada à sua marginalização quando as negociações tratam-se de desenvolvimento econômico, aqui, o mundo natural esta submetido ao capitalismo. Mesmo dentro da versão conceitual de cunho acadêmico, que visa otimizar as relações econômicas, ambientais e sociais como resposta à crise ambiental, e a interpretação social de sustentabilidade como criadora de soluções maximizadoras de relações entre economia, ambiente e sociedade através da intelectualidade humana, quando os contextos tornam-se críticos no avanço econômico, a natureza é posta em segundo plano.

6.2.1.6 Grupo F

O Grupo F possui dois artigo, intiludados: *Evaluation of Sustainability Practices in the United States and Large Corporations* e *A Cognitive Elaboration Model of Sustainability Decision Making: Investigating Financial Managers' Orientation Toward Environmental Issues*. Os artigos foram publicados em um mesmo Journal, o Journal of Business Ethics. Os artigos foram escritos por cinco autores, dentre eles: M. Anaam Hashmi e Edina Eberhardt-Toth. O número total de autores é de cinco estudiosos de três países diferentes, com exceção de um autor não informado no periódico sua origem. Das três universidades localizadas, duas são pertencentes ao eixo euro-americano EUA e França. Apenas uma localiza-se fora do mesmo, e encontra-se na Arábia Saudita. Os autores não possuem publicação em mais de um artigo neste grupo.

O Grupo F possui características peculiares e não lineares acerca da relação entre internacionalização e sustentabilidade. A TCG possui um perfil Pós-Colonialista, já a sua abordagem é Socioeconômica. No DS O paradigma dominante é o *Sustaincentrism* e sua versão conceitual demonstra-se Institucional. Por fim, a interpretação da Sustentabilidade é de cunho social.

Os quadros expostos abaixo exibirão fragmentos textuais dos artigos analisado a fim de exemplificar a adoção e classificação dos parâmetros de investigação nessa configuração, emergindo desta forma, o grupo F.

Inicialmente, no quadro 35, logo abaixo, o artigo *Evaluation of Sustainability Practices in the United States and Large Corporations* analisa as avaliações acerca das práticas sustentáveis nos EUA, no consumo doméstico da população e em grandes corporações.

Quadro 35. Evaluation of Sustainability Practices in the United States and Large Corporations

Teoria da Gestão Comparativa		**Desenvolvimento Sustentável**		**Sustentabilidade**
PERFIL DA RELAÇÃO	**ABORDAGEM**	**PARADIGMA DOMINANTE**	**VERSÃO CONCEITUAL**	**INTERPRETAÇÃO**
Pós-Colonialista Amena	**Socioeconômica**	***Sustaincentrism***	**Institucional**	**Social**
"Among the findings produced by this study, it is most interesting to note that U.S. corporations' involvement in domestic sustainability activities is substantial relative to the activities undertaken by these corporations overseas. For six of the eight most popular sustainability-related activities, domestic engagement outpaced international engagement. This difference may be attributable to the establishment of self-imposed goals related to carbon emissions, federal and state tax incentives for sustainability-related investment, or more stringent enforcement of American federal and state governments' environmental regulations. In the absence of federal regulations related to environmental protection, several U.S. states are requiring corporations to invest in sustainability-related measures" (p.680).	"Most large U.S. corporations are proactively involved in sustainability and environmentally friendly measures, and their involvement at home is more intense than abroad (...) Of these, only generating electricity from biomass and hydropower were not significantly different with respect to U.S. corporations' foreign and domestic implementation" (p.673).	"Analyses revealed that U.S. corporations engage in eight activities related to sustainability: investing in energy-efficient methods, generating electricity from solar power, generating electricity from wind power, using biofuels, trading carbon credits, supporting environmental organizations, generating electricity from biomass, and generating electricity from hydropower" (p.673).	"White (2006) suggests that the adoption of sustainable business practices is not only environmentally responsible but also economically beneficial for U.S. corporations. Specifically, the growing carbon credit market as well as the proliferation of other programs designed to encourage the adoption of environment-friendly business practices is influencing corporate income statements and balance sheets" (p. 675)..	"As a result of their efforts, large global and U.S.-based corporations are interested in earning a high ''sustainability rank,'' a metric indicative of their dedication to green technologies and environmental protection. By securing a high sustainability rank, corporations can attract green investment and satisfy customers who are concerned with environmental issues" (p.676).

Fonte: Elaborado pela autora

Na TGC possui um perfil de relação Pós-Colonialista Ameno, pois considera as peculiaridades dos padrões locais são consideradas e comparadas frente as diferentes padrões, inclusive os padrões provindos de países do eixo euro-americano. Com uma abordagem Socioeconômica afirma que é orientada e comprometida com o desenvolvimento econômico do país de origem e não o hospedeiro, quando refere-se à multinacionais. Já no DS o paradigma dominante é o Sustaincentrism, pois vê a intelectualidade humana como resposta à crise ambiental, através de criação de ferramentas que possam canalizar energias mais ecológicas e limpas em grande escala. A versão conceitual mostra-se Institucional e demonstra uma abordagem desenvolvimentista, através de um desenvolvimento econômico limpo e sustentável. A sustentabilidade possui uma interpretação social a qual busca na intelectualidade humana a criação de soluções que maximizem relações entre economia, ambiente e sociedade para a crise ambiental.

O quadro 36, referente ao artigo *A Cognitive Elaboration Model of Sustainability Decision Making Investigating Financial Managers' Orientation Toward Environmental Issues,* expõe o trabalho acerca de uma ferramenta que envolve processo cognitivo na tomada de decisão atrelada a sustentabilidade e aos processos financeiros das organizações.

Quadro 36. A Cognitive Elaboration Model of Sustainability Decision Making Investigating Financial Managers' Orientation Toward Environmental Issues

Teoria da Gestão Comparativa		**Desenvolvimento Sustentável**		**Sustentabilidade**
PERFIL DA RELAÇÃO	**ABORDAGEM**	**PARADIGMA DOMINANTE**	**VERSÃO CONCEITUAL**	**INTERPRETAÇÃO**
Pós-Colonialista Amena	**Socioeconômica**	***Sustaincentrism***	**Institucional**	**Social**
"One of the major conclusions of the study is that members of the business community (managers) need to be motivated to change their behavior to include actions that pport the protection of public resources like the environment (United Nations Environment Programme 2004)" (p.736)..	"The inquiry reveals that in 2009, 55 % of sustainable performance management was realized by the sustainable development directors and 15 % by financial directors. It was predicted that this shift of responsibility to the financial directors will continue" (p.736).	"We use the commonly accepted Brundtland Commission (1987) definition of sustainable development: 'development that meets the needs of the present without compromising the ability of future generations to meet their own needs' (p. 24)" (p. 736).	"We focus our analysis in this study on the financial managers of organizations. Financial managers have a key role to play in sustainability: ''Without the data they own, the analysis they can provide and the discipline they bring to planning, climate change initiatives will struggle to gain either credibility within the organization or rigour to deliver tangible, sustainable results.'' (CIMA 2010, p. 9). Financial directors are a key element in decision-making" (p.736).	"We agree with the position taken by Freeman and Harris (2009) that business processes need to be seen as another way for individuals to create meaning. Once ethics is iewed as a purely human endeavor, which cannot be separated from business governance strategies or from any discussion involving business and society, then it might be hought of as being ''concerned with authenticity and change, power and authority, leadership, imagination and the creation of sustainable value'' (p. 691). This holds special levance for financial managers since they play such a pivotal role in these strategies, whether indirectly or not" (p.737).

Fonte: Elaborado pela autora

Relacionado a TCG o perfil da relação é Pós-Colonialista Ameno, pois as alterações nos padrões locais são solicitados e negociados para melhoria e maximização dos resultados, no caso, financeiros da empresa. A abordagem baseia-

se em uma Socioeconômica por possuir uma gestão orientada e comprometida com o desenvolvimento econômico. O paradigma dominante é o *Sustaincentrism* e afirma que no estudo a Terra é vista como o lar dos seres vivos, focando em obter um planeta limpo, saudável e próspero e que ofereça qualidade de vida para os seres humanos, em seu discurso. Sua versão conceitual é Institucional e denota um desenvolvimento de cunho limpo e sustentável, limitando as empresas e as indústrias como as solucionadoras da crise ambiental. Finalmente, a interpretação da sustentabilidade é social, pois considera a intelectualidade humana como uma criadora de soluções que maximizam as relações entre economia, ambiente e sociedade para a crise ambiental. Deve-se conscientizar quem possui o poder para mudar as situações.

Os artigos analisados no Grupo F possuem uma relação oscilante entre a internacionalização e a sustentabilidade, em muitos momentos aparenta ter uma preocupação mais pontual com o meio-ambiente, no entanto, quando posto em pauta o desenvolvimento econômico, a questão sustentável sempre se mostra como um plano coadjuvante. A abordagem de TGC comum perfil de relação Pós-Colonialista Ameno não mascara as reais intenções das grandes organizações. Na abordagem Socioeconômica pode se entender que a gestão implementada é voltada para melhores indicadores de desenvolvimento. O DS oferece o *Sustaincentrism* como paradigma dominante, que demonstrou relacionar a preocupação ambiental, a ação humana e sempre com a atividade econômica. A versão conceitual, de cunho Institucional, demonstra que as organizações pretendem se desenvolver, de forma limpa e sustentável, tendo as empresas como grandes solucionadoras ambientais, que na prática não são. E uma interpretação social de sustentabilidade que busca utilizar a intelectualidade humana para a criação de diferentes e novas formas de criar soluções que maximizem as relações entre economia, ambiente e sociedade, mas, desde que a todo esse movimento ofereça retornos financeiros e progresso desenvolvimentista.

6.2.1.7 Grupo G

O Grupo G possui três artigos, intiludados: *Exploring the Interpersonal Transaction of the Brazilian Jeitinho in Bureaucratic Contexts; Understanding pro-environmental behavior A comparison of sustainable consumers and apathetic consumers e 'The Biophilic University' a de-familiarizing organizational metaphor for ecological sustainability.* Os artigos foram publicados em três Journals diferentes *Organization (1 artigo); International Journal of Retail & Distribution Management (1 artigo) e Journal of Cleaner Production (1 artigo)*. Os artigos foram escritos por três autores, Fernanda Duarte, Joohyung Park Sejin Ha e David R. Jones. Os autores são de três universidades diferentes, sendo duas dentro do eixo euro-americano, Reino Unido e EUA, e um fora deste eixo, na Austrália.

O Grupo G possui características diferenciadas. O perfil da relação, na TGC, se mostra Pós-Colonialista Crítico, contudo sua abordagem é comportamental. Já no DS, o paradigma dominante mostra-se no *Sustaincentrism*, com sua versão conceitual Acadêmica e uma interpretação social da sustentabilidade.

Os quadros mostrados abaixo mostrarão fragmentos dos textos dos artigos com a finalidade de analisá-los e classificá-los dentro dos parâmetros de investigação estipulados.

No quadro 37, abaixo, o artigo *Exploring the Interpersonal Transaction of the Brazilian Jeitinho in Bureaucratic Contexts* demonstra um estudo acerca do Jeitinho Brasileiro e sua aplicação em contextos burocráticos, como, por exemplo, dentro das organizações e em processos decisórios de grande importância para as organizações e seus *stakeholders*.

Quadro 37. Exploring the Interpersonal Transaction of the Brazilian Jeitinho in Bureaucratic Contexts

Teoria da Gestão Comparativa		**Desenvolvimento Sustentável**		**Sustentabilidade**
PERFIL DA RELAÇÃO	**ABORDAGEM**	**PARADIGMA DOMINANTE**	**VERSÃO CONCEITUAL**	**INTERPRETAÇÃO**
Pós-Colonialista Amena	**Socioeconômica**	***Sustaincentrism***	**Institucional**	**Social**
"The first one is that the jeitinho emerged as a response to the excessive legalism and formalism of Brazilian society inherited from its Portuguese colonizers. The second is the connection he establishes between the jeitinho and the tendency towards personalism characteristic of Brazilian society" (p.512-513).	"As a social practice, the jeitinho goes hand in hand with the personalism of Brazilian society, a connection that has been widely recognized in the existing literature on the topic (...). To a significant extent, the historical roots of personalism can be traced back to the paternalistic relationships between masters and slaves in colonial times where, in exchange for their loyalty, masters regularly granted their subordinates personal favours and privileges (Rosenn, 1971). Recognizing the profound impact which these practices have had on the Brazilian psyche, Freitas (1997: 47) describes them as 'the psycho- and socio-dynamic foundations of moral, political and institutional life in Brazilian society'" (p. 513).	"At the time of the study, the main challenge facing the project officers of Prefeitura was to keep Greenery alive with a very small budget. It was in this context that jeitinhos were frequently used by members of the three partner groups to deal with the unexpected obstacles that emerged in the daily running of the Program" (p. 519).	"Mauricio's story echoes one of the scenarios of the jeitinho sketched by Rosenn (1971: 516) where this practice is used as an 'institutional bypass'. Here, a public servant deviates from his obligations because of his conviction that the formal norms are unrealistic, unjust or wasteful. Indeed, in the above example, Mauricio by-passed the official rules because he believed they were inequitable to the client communities. He created his own informal course of action to address the problem through a jeitinho. This case also illustrates the pivotal role of informal social capital in interpersonal transactions of the jeitinho. As the solution to the problem in question entailed breaking organizational rules, a relationship of trust between Mauricio and his friend was essential" (p. 521).	"The jeitinho is a social mechanism that entails bending or breaking the rules in order to deal with difficult or forbidding situations. It is a particularly useful informal strategy to 'get things done' in work organizations" (p. 509).

Fonte: Elaborado pela autora

Neste artigo o perfil da relação dentro da TGC mostra-se Pós-Colonialista Crítico, pois afirma que características culturais regionais eclodem e buscam uma saída frente a situação atual, os padrões locais articulados naquela época prevalece até hoje. Sua abordagem comportamental demonstra que o artigo defende a importância do contexto local nessa concepção e valoriza uma relação orientada por padrões locais com a comunidade, vividos e repercutidos com a mesma. No DS o paradigma dominante é o *Sustaincentrism,* pois mesmo em meio a dificuldades de implementação de processos adequados, sendo necessário apelar ao "jeitinho", uma parte da sociedade coloca a intelectualidade humana em busca de soluções para a crise ambiental, utilizando-se de meios alternativos para dar continuidade ao projeto. A versão conceitual é acadêmica, pois coloca a resposta à crise ambiental está na oferta de soluções que otimizem relações econômicas, ambientais e sociais, deixando o programa morrer e não executando o papel correto de conscientização ambiental na população. E, finalmente, a interpretação da sustentabilidade como social, a qual busca na intelectualidade humana é utilizada como criadora de soluções, alternativas, e neste caso, benéficas, que maximizam relações entre economia, ambiente e sociedade para a crise ambiental.

O quadro 38 referente ao artigo *Understanding pro-environmental behavior: A comparison of sustainable consumers and apathetic consumers* aborda as motivações e os interesses de consumo individuais, tanto quanto a sua relação com o meio-ambiente e práticas como reciclagem e consumo consciente.

Quadro 38. Understanding pro-environmental behavior: A comparison of sustainable consumers and apathetic consumers

Teoria da Gestão Comparativa		Desenvolvimento Sustentável		Sustentabilidade
PERFIL DA RELAÇÃO	**ABORDAGEM**	**PARADIGMA DOMINANTE**	**VERSÃO CONCEITUAL**	**INTERPRETAÇÃO**
Pós-Colonialista Amena	**Socioeconômica**	***Sustaincentrism***	**Institucional**	**Social**
"Given the significance of environmental sustainability in human society, current attention to consumers' participation in sustainable consumption is clearly growing (Cone, 2009; The World Business Council for Sustainable Development, 2008). Retailers and marketers also have responded by helping consumers become aware of and knowledgeable about sustainable consumption through product/service offerings, CSR (Corporate Social Responsibility) practices, and marketing and educational campaigns (e.g. Piercy and Nikala, 2009; UNEP, 2005)" (p.388).	"Therefore, these research interests lie in people's beliefs, motives, and intentions that lead to target behaviors" (p.389).	"These two definitions share the notion that consumers behave to protect or cause less damage to the environment than do the alternatives (...) In this study, pro-environmental behavior refers to consumers' purchase, use, and disposal of personal and household products in ways that preserve the environment (Stern, 2000)" (p.389). "The perceived social pressure to perform or not to perform a certain behavior and is a multiplicative function of the motivation to comply with the social pressure and the likelihood of Understanding environmental behavior social approval for performing the behavior (Ajzen and Madden, 1986)" (p. 391). "As the obligation to perform a certain behavior increases, one's personal norm becomes stronger (Schwartz,	"Recycling represents a consumer's performance of differentiating collection and refusing disposal of consumable items for recovery of materials or energy" (p.389). Empirical evidence suggests that consumers' intentions toward pro-environmental behaviors depend on social norm (…) as well as personal norm (Bamberg et al., 2007; Bamberg and Moser, 2007; Harland et al., 1999; Hopper and Nielsen, 1991)" (p. 393).	"Some studies, meanwhile, suggest that combining two viewpoints is a better model because consumers' pro-environmental behaviors are guided not only by attitude variables relating to the expectancy-value model (e.g. theory of planned behavior) but also by normative beliefs manifested in the form of norms and social identity (e.g. Bamberg et al., 2007; Harland et al., 1999; Lam, 1999). " Consumers' intentions to recycle are likely to be a function of both cognitive and affective attitudes. As to cognition-based attitude, consumers valuate recycling based on its potential enefits or desired outcomes in comparison to its cost. Recycling also involves emotion-/feeling based evaluation" (p.393).

		1977)" (p.392).		

Fonte: Elaborado pela autora

Dentro da TGC, o perfil da relação se mostra Pós-Colonialista Crítico, pois é ressaltado o avanço das características culturais que prevalecem em uma determinada relação de consumo. A abordagem mostra-se Comportamental devido à valorização de relações orientadas por padrões locais (ou aderidos localmente) com a comunidade. O DS possui o paradigma dominante do *Sustaincentrism* e foca na qualidade de vida para os seres humanos e em um discurso no qual a Terra é o lar dos seres humanos e o planeta de ser limpo, saudável e próspero. Relaciona-se a atividade econômica e ambiental à atividade humana. A versão conceitual é acadêmica, pois acredita em que a resposta para a crise ambiental está em opções de possíveis soluções na sociedade, as quais visam beneficiar relações econômicas, sociais e ambientais. Para isso, analisa-se considerações objetivas e subjetivas, pontuais e reflexivas, naturais e sociais. E, a interpretação social de sustentabilidade é defendida devido a intelectualidade humana, a qual cria mecanismos e soluções benéficas para as relações entre economia, sociedade e meio-ambiente.

No artigo abaixo, quadro 39, intitulado '*The Biophilic University': a de-familiarizing organizational metaphor for ecological sustainability?* Baseia-se na busca por uma universidade mais interligada às questões ambientais e com as relações entre homem e natureza, buscando ferramentas que propiciem este contato, como a *Biophilia Hypothesis.*

Quadro 39. The Biophilic University': a de-familiarizing organizational metaphor for ecological sustainability?

Teoria da Gestão Comparativa		Desenvolvimento Sustentável		Sustentabilidade
PERFIL DA RELAÇÃO	**ABORDAGEM**	**PARADIGMA DOMINANTE**	**VERSÃO CONCEITUAL**	**INTERPRETAÇÃO**
Pós-Colonialista Amena	**Socioeconômica**	***Sustaincentrism***	**Institucional**	**Social**
"In order to contextualise such a perspective, two university inspired initiatives were tentatively critically reflected upon: 'The University in a Garden' in Malaysia and the 'Oberlin Project' in the U.S.A. The paper concludes by reflecting upon the strengths of both initiatives: the transdisciplinary implementation and engagement of say the Oberlin Project with the philosophical, heterotopic, reflexive space of the 'University in a Garden'. It finally reflects upon the fundamental implications for more mainstream universities" (p. 148).	"Focusing on this disconnection more broadly, Louv (2008) argues that much of western society suffers from what he describes as 'Nature Deficit Disorder'. Similarly, the ecopsychologist Theodore Roszak (1992) claims that people have become alienated from the natural environment" (p 148)..	"this paper argues for a completely different human-nature narrative around an organizational metaphorical perspective or paradigm which recognises that the ecological sustainability dimension is a contested terrain e a site of competing cultural and social definitions and interests, each with its own narratives of science and progress (Hannigan, 1995 p. 185). This paper thereby asks the fundamental question of whether a radical rethink is needed within universities (e.g., Van Weenen, 2000; Lozano, 2006), not only in terms of their internal organization, operation and their interaction with external actors but the whole raison d'etre of universities committed to tackling	"However, this paper moves further than Lozano (2012) who argues for current organizational tools and initiatives to be adapted or for new tools to be developed which could better integrate the above organizational and sustainability dimensions. According to van Weenen (2000: 32), 'the key question is how any organizational response to the challenge of sustainable development is possible that starts from the same paradigms and assumptions that helped to create our prevailing unsustainable systems in the first place" (p.149).	"Within this paper, it is argued that the Biophilia Hypothesis thereby represents the conceptual underpinning of the 'Biophilic University' metaphor: 'A university which restores an emotional affinity with the natural environment.' The paper identifies possible implications of a potential enactment of the Biophilic University metaphor including the importance of organizational aesthetics around bio-cultural connection, the transdisciplinary input from non-instrumental disciplines such as the arts and the central role of the natural environment as a heterochrony in informing generative physical, virtual and social space of universitie" (p.148). .

		ecological sustainability. This paper thereby supports Dey and Steyaert (2007) contention that we are called upon to search for a kind of knowledge that resists the terror of the performativity of many of these tools and instead puts passion and invention back on the sustainability agenda of universities and organizations in general" (p.148).		

Fonte: Elaborado pela autora

Na TGC o perfil da relação demonstra-se Pós-Colonialista Crítica devido à importância as peculiaridades regionais. Sua abordagem colonialista mostra-se reacionária aos padrões euro- americanos. No DS, o *Sustaincentrism* é adotado, pois relaciona a atividade econômica, preocupação ambiental e ação humana. E, vê a intelectualidade do ser humano como resposta à crise ambiental. A versão conceitual se mostra Acadêmica, pois a resposta à crise ambiental está na oferta de soluções que otimizem relações econômicas, ambientais e sociais. Por fim, a interpretação da sustentabilidade é social, devido ao fato de ter-se a intelectualidade humana como criadora de soluções que maximizem as relações entre economia, ambiente e sociedade para a crise ambiental.

O Grupo G possui artigos diferentes, os quais oferecem uma visão diferenciada da relação entre internacionalização e sustentabilidade. Dentro da TGC, o perfil nesta relação demonstra Pós-Colonialista Crítica e sua abordagem Comportamental, logo, neste contexto a internacionalização necessita ter uma compreensão da importância das culturas locais e buscar reconhecer as peculiaridades regionais onde se instalam, respeitando os padrões locais, principalmente quando relacionados à sustentabilidade. Uma vez que, em muitos momentos os países hospedeiros estão fora do eixo euro-americano e tem uma preocupação acentuada com sua cultura e sua relação natureza. E, mesmo em meio

a preocupação ambiental, dentro do DS, com o Sustaincentrism e a versão conceitual Acadêmica, busca se, através da intelectualidade humana criar soluções que otimizem as relações econômicas, ambientais e sociais. Acompanhando também a interpretação social de sustentabilidade, que visa a maximização das relações como resposta à crise ambiental. Ou seja, ao mesmo tempo, que se respeita os parâmetros locais e culturais das regiões onde as multinacionais se localizam, também busca-se otimizar relações que a questão econômica seja beneficiada em conjunto com o ambiental e social.

6.2.1.8 Grupo H

O Grupo H é composto por dois artigo, intiludados: *The Long-Term Sustenance of Sustainability Practices in MNCs: A Dynamic Capabilities Perspective of the Role of R&D and Internationalization e Corporate Sustainability A View From the Top.* Os artigos foram publicados no mesmo Journals, o *Journal of Business Ethics*. Os artigos foram escritos, ao todo, por cinco autores, dentre eles, Subrata Chakrabarty e Arménio Rego. E, todos os autores estão localizados no eixo euro-americano sendo eles de Portugal (3), EUA (1) e Canadá (1).

O Grupo H possui suas particularidades dentro dos parâmetros de investigação. Baseia-se em uma visão Pós-Colonialista Amena em relação ao seu perfil de relação dentro da TGC e oferece uma abordagem Ecológica. No DS o paradigma dominante é o *Sustaincentrism,* seguido de uma versão conceitual Acadêmica. Por fim, e divergente de toda linearidade vista no grupo H até então, tem-se uma interpretação Literal de sustentabilidade.

Os quadros expostos abaixo demonstrarão, através de trechos dos artigos coletados com a configuração do Grupo H, as análises realizadas para compor os parâmetros de investigação deste grupo.

No quadro 40, logo em seguida, tem-se o artigo *The Long-Term Sustenance of Sustainability Practices in MNCs: A Dynamic Capabilities Perspective of the Role of R&D and Internationalization*, o qual aborda como as grandes organizações são mais bem quistas globalmente, e nos países que se hospedam,

quando demonstram uma preocupação com o âmbito natural e adota práticas sustentáveis.

Quadro 40. The Long-Term Sustenance of Sustainability Practices in MNCs: A Dynamic Capabilities Perspective of the Role of R&D and Internationalization

Teoria da Gestão Comparativa		**Desenvolvimento Sustentável**		**Sustentabilidade**
PERFIL DA RELAÇÃO	**ABORDAGEM**	**PARADIGMA DOMINANTE**	**VERSÃO CONCEITUAL**	**INTERPRETAÇÃO**
Pós-Colonialista Amena	**Ecológica**	***Sustaincentrism***	**Acadêmica**	**Literal**
"We use the dynamic capabilities perspective, rooted in resource-based view literature, as the theoretical basis. We argue that MNCs that simultaneously pursue both higher R&D intensity and higher internationalization are more capable of developing and maintaining sustainability practices (...) "They expect MNCs to adhere to the numerous socio-environmental regulations and standards that vary across regions. These regulations and standards in foreign markets function as the thresholds, not just for initial entry, but also for continuance of MNCs' operations in the future" (p.205).	"Dependence on foreign markets makes MNCs vulnerable to the dissatisfaction of foreign stakeholders. After all, MNCs tend to be more visible in foreign countries. Any failure to meet the expectations of concerned stakeholders tends to be given wide publicity, which damages the MNCs' reputation, increases various liabilities of foreignness, and ultimately makes business operations in foreign countries difficult. Consequently, the mounting pressure from key stakeholders, at both home and abroad, have fundamentally changed the business landscape. The movement toward sustainability has become imperative for MNCs (p.205).	"Sustainability practices allow ''long-term value creation'' by helping firms to ''develop opportunities and manage economic, environmental, and social risks'' (Lopez et al. 2007, p. 289). For many multinational corporations (MNCs), developing sustainability practices to accommodate stakeholders' social and environmental expectations has become crucial (Delgado-Ceballos et al. 2011)" (p.205).	"Sustainability practices involve the ''adoption of a long term focus and a more inclusive set of responsibilities'' that have a beneficial impact on ''the ecosystems, societies, and environments of the future'' (Ameer and Othman 2012, p. 61)" (p.205).	"This abandonment tendency is largely due to the perception of a trade-off between a firm's financial objectives and its sustainability practices. As suggested by prior studies, managers seem convinced that ''the combination of environmentally and competitively sound improvements is very difficult to implement'' (Klassen and Whybark 1999, p. 599). They fear that ''the more environment-friendly they become, the more the effort will erode their competitiveness'' (Nidumolu et al. 2009, p. 57). Hence, it is critical to uncover factors that help MNCs maintain various sustainable practices over a long-term to ensure a substantive and continuous progress in sustainability" (p.206). "(...) there is a danger, wherein this view can be improperly used to suggest an incompatibility between an MNC's core strategies and sustainability

				practices. After all, R&D and internationalization are often regarded as being among the most important core strategies that an MNC can focus on—to achieve financial profitability (Hittet al. 2006). The need for sustainability practices is, in contrast, often labeled as a non-core matter—a distraction from the need to focus on the core profit-generating strategies (Klassen and Whybark 1999; Nidumolu et al. 2009)" (p.216).

Fonte: Elaborado pela autora

Dentro da TGC a relação adota um perfil Pós-Colonialista ameno, pois considera as peculiaridades nos padrões locais e culturais dos países são considerados para a implementação e sucesso da R&D (*Research & Development* - uma de suas ferramentas para desenvolvimento do enfoque sustentável). A abordagem, por sua vez, demonstra-se Ecológica, pois afirma que o ambiente externo e interno são igualmente fundamentais para determinar a eficiência da firma. Os recursos e os indivíduos determinam o sucesso da firma, levando em consideração as peculiaridades das culturas nas quais se localizam as filiais das multinacionais. O DS possui um paradigma dominante, o qual baseia-se no *Sustaincentrism* e relaciona a atividade econômica, preocupação ambiental e ação humana. Sua versão conceitual Acadêmica defende que a resposta à crise ambiental está na oferta de soluções que otimizem relações econômicas, ambientais e sociais. E, por fim, em sua interpretação Literal da sustentabilidade verifica-se que em alguns momentos da gestão, por medo, os gestores buscam priorizar os aspectos econômico a fim de obter desenvolvimento para as organizações, independentemente dos contextos no qual se inserem.

O quadro 41, abaixo, o artigo *Corporate Sustainability A View From the Top,* expõe a importância da *Corporate Sustainability* (CS) dentro das

organizações e como essa ferramenta de gestão vem ganhando espaço e importância dentro das organizações, tanto interna quanto externamente.

Quadro 41. Corporate Sustainability A View From the Top

Teoria da Gestão Comparativa		**Desenvolvimento Sustentável**		**Sustentabilidade**
PERFIL DA RELAÇÃO	**ABORDAGEM**	**PARADIGMA DOMINANTE**	**VERSÃO CONCEITUAL**	**INTERPRETAÇÃO**
Pós-Colonialista Amena	**Socioeconômica**	***Sustaincentrism***	**Institucional**	**Social**
'"The only way to continue growing and continue being a successful business is to treat sustainability as a key business lever in the same way that you treat marketing, finance, culture, HR, or the supply chain'' (MIT Sloan Management Review and the Boston Consulting Group 2011, p. 4). This reasoning epitomizes the notion that, in today's business ontext, corporate sustainability (CS) is an integral part of doing business or even an ''imperative'' (Stoughton and Ludema 2012, p. 501)"(p. XX).	"Many executives consider that pursuing sustainability-oriented strategies is necessary to be competitive (Amini and Bienstock 2014; Berns et al. 2009; Montiel 2008) and to pursue the common good (Kanter 2011; Williams, 2014). Surveys at the global level indicate that CS is ''firmly on managers' agendas'' (MIT Sloan Management Review and the BCG 2012, p. 4)"(p. 1) "The conceptualization of the CEO of an industrial company reflects this idea: ''Sustainability is equal to, or has to do with equilibrium, in a system of inputs and outputs (…). Without such balance, the system is not sustainable'' (p.13).	"They see CS as representing the company's continuity and long-term orientation, its adaptability to the environment (i.e., the alignment, or balance, between the organization and its external environment), and the consideration of interests of several stakeholders that represent, to a great extent, the triple bottom line" (p.12).	"Sustainability is also gaining increasing attention in the academic literature. It is more and more recognized that firms are open systems coevolving with other systems (including the natural environment, human communities, and society), and that a healthy/sustainabl e coevolutive process requires that firms be able to pursue not only conomic efficiency, but also the socio- and eco-efficiency (Benn and Probert 2006; Figge and Hahn 2006; Stead and Stead 2010, 2014).	"A competing possible explanation is that in a context of economic and financial crisis, with a rising unemployment rate and falling in demand and purchasing power, the CEOs develop a survival instinct focused on the short-term financial needs and neglect external stakeholders such as customers. In such a context, CS may assume more a form of continuity than of sustainability" (p.17).

Fonte: Elaborado pela autora

Dentro da TGC, o perfil da relação entre internacionalização e sustentabilidade mostra uma abordagem Pós-Colonialista Amena, uma vez que,

atualmente, deve-se considerar diferentes saídas que agreguem novos padrões, superando os padrões pré-colocados. Possui uma abordagem Ecológica, na qual as empresas acreditam que para promover o bem comum elas devem considerar estratégias sustentáveis que também são utilizadas como fator de competitividade nas empresas, comprometida com o seu desenvolvimento econômico, a mesma também integra o sistema socioeconômico. Dentro do DS, o paradigma dominante é o *Sustaincentrism*, que relaciona a atividade econômica, preocupação ambiental e a ação humana. Os gestores buscam utilizar saídas e a intelectualidade como resposta a crise ambiental. Na versão conceitual Acadêmica defende-se que a sustentabilidade se tornou interdisciplinar dentro das organizações e surge em resposta a crise ambiental analisando simultaneamente considerações objetivas e subjetivas, pontuais e reflexivas, naturais e sociais. E, o que diferencia o Grupo H de um parâmetro de investigação linear é a sua interpretação Linear de sustentabilidade, a qual afirma que mesmo frente à discursos sustentáveis quando há a possibilidade de crise ou de déficit para as organizações o pilar econômico e a condição financeira é priorizada.

O Grupo H possui uma linhagem linear durante toda sua análise, ao final percebe-se uma variação em seu último parâmetro, que é relacionado à sustentabilidade. Logo, verifica-se que em todo o caminho tem-se um discurso ameno, mas quando a internacionalização e a sustentabilidade são postas em pauta, a sustentabilidade é vista como uma ferramenta diferenciada que acirra a competitividade entre as organizações que a possuem e a implementam em seus negócios. Ferramenta esta que é utilizada para trazer lucros e, desta forma, desenvolver as organizações através de seu crescimento econômico e aumento da parcela de mercado, como pode-se verificar na interpretação literal da sustentabilidade. Ou seja, busca-se exercer um discurso ameno dentro da TGC e do DS, no qual as organizações expõem aos consumidores a importância da sustentabilidade e da preocupação ambiental e social, mas quando a sustentabilidade deve ser aplicada de forma efetiva dentro das organizações, tendo a possibilidade de deixar a dimensão econômica para o segundo plano, a mesma continua apenas no aspecto literal, dando espaço ao progresso econômico e desenvolvimento da organização.

6.2.1.9 Grupo I

O Grupo I possui dois artigo, os quais são intiludados*: Identity Claims and Diffusion of Sustainability Report Evidence from Korean Listed Companies, 2003–2010* e *Making subversion Neocolonial embedddness in antopological accounts of indigenous management*. Os artigos foram publicados em dois periódicos *Journal of Business Ethics* e *Human Relations,* respectivamente*.* No total os artigos foram escritos por quatro autores, dentre eles, Heejung Byun e Subhabrata Bobby Banerjee. Os autores são de quatro países diferentes, sendo dois de países do eixo euro-americano EUA e Reino Unido. E, dois de fora do eixo, Austrália e Coréia do Sul.

O grupo I é composto por um perfil de relação Pós-Colonialista Crítica dentro da TGC,e, também uma abordagem Ecológica. No DS, o paradigma dominante é o *Sustaincentrism* e a versão conceitual é Institucional. Por fim, a interpretação da sustentabilidade é a Social.

Abaixo, nos quadros seguintes, expõem-se os trechos dos artigos analisados demonstrando o caminho traçado pelos padrões de investigação dentro do grupo I.

No quadro 42, o artigo *Making subversion Neocolonial embedddness in antopological accounts of indigenous management,* aborda a relevância da gestão indígena dentro de seu contexto de atuação e como a mesma poderia ser aplicada nas grandes organizações, principalmente, frente à relação indígena com o meio-ambiente e seu conhecimento da dimensão ecológica.

Quadro 42. Making subversion Neocolonial embedddness in antopological accounts of indigenous management

Teoria da Gestão Comparativa		**Desenvolvimento Sustentável**		**Sustentabilidade**
PERFIL DA RELAÇÃO	**ABORDAGEM**	**PARADIGMA DOMINANTE**	**VERSÃO CONCEITUAL**	**INTERPRETAÇÃO**
Pós-Colonialista Crítica	**Ecológica**	***Sustaincentrism***	**Institucional**	**Social**
Their study could be considered a model that reverses the traditional practice of viewing managers as though they were primitives and applying concepts employed in studying native communities to organizations. They consider indigenous practitioners as managers, identify their management practices, and then reconsider contemporary management practice towards the environment in this light. (p.221)	They argue that to be ecologically embedded as a manager is to identify personally with the land, to adhere to eliefs of ecological respect, reciprocity and caretaking, actively to gather ecological information and to be located physically in the ecosystem. (p.221)	Sustainability and sound ecological management of the natural environment, allied to the expanding body of work on managing tacit and explicit knowledge, has led to an increased interest in the contribution which anthropology can make to the practical adaptation of indigenous environmental knowledge and practice to the improvement of organization in western societies. (p.221).	"So-called 'indigenous land ethic' has at best limited, if any, relevance for current management theory and practice and at worst, serves as another example of neocolonial ractice involving knowledge appropriation from indigenous communities – telling stories of the other which function metaphorically or allegorically for the message receivers with the hope that they might also deliver them functional benefits" (p.225). “"It is hard to believe that a power walk, or even a week's sojourn in the woods is suddenly going to make a manager more 'ecologically embedded' because this is the knowledge obtained from an ethnographic study of an indigenous” (p.239).	"Second, we perform a critical analysis of the implications of transferring knowledge obtained from indigenous communities to illuminate western notions of 'sustainability' d 'sustainable management'. Third, we question the authors' claims that knowledge of indigenous ecology would lead to more 'sustainable management practices' in temporary organizations. (p. 225).

Fonte: Elaborado pela autora

A TGC oferece um perfil de relação Pós-Colonialista Crítica no artigo, pois, aparentemente, Whiteman e Cooper em seu discurso no artigo, dão importância a vivência dos indígenas e seus costumes (estudados através de um estudo antropológico). Valorizam as características dessa cultura e priorizam peculiaridades regionais desse povo. A abordagem Ecológica defende a relevância da comunidade indígena no contexto local e na importância da relação entre costumes indígenas e suas formas de gestão com o desenvolvimento econômico. No DS o paradigma dominante do *Sustaincentrism* relaciona a importância dos costumes de gestão indígenas, através da intelectualidade do ser humano, ser aplicada dentro das organizações. Desta forma manteria a atividade econômica e a preocupação com a ação humana dentro do meio-ambiental. A versão conceitual Institucional utiliza-se uma abordagem desenvolvimentista mascarada, apropria-se do conhecimento indígena para continuar explorando. E, frente à sociedade, demonstra ter cuidado e respeito ao meio-ambiente, através de um desenvolvimento econômico, impo e sustentável. Também considera as atitudes locais indígenas que são pequenas e suficientes para seu povo, não são compatíveis o suficiente para tornar uma grande organização ocidental sustentável. Por fim, a interpretação social de sustentabilidade afirma que o artigo denuncia uma intenção mascarada dentro do discurso aplicado por Whiteman e Cooper. Na intenção de demonstrar a real intenção por trás deste discurso romantizado, o qual denota a intenção de desenvolvimento provindo da intelectualidade humana, atrelando conhecimento dos indígenas às práticas ocidentais, maximizando as relações econômicas, ambientais e sociais para a crise ambiental.

Já o quadro 43, abaixo, no artigo *Identity Claims and Diffusion of Sustainability Report Evidence from Korean Listed Companies, 2003–2010,* é trabalhada a questão de a identidade das organizações são moldadas pelas pressões externas, como a dos consumidores, ou os demais *stakeholders* envolvidos. E, afirma também a importância da estrutura social no processo de disseminação das iniciativas sociais por parte das organizações.

Quadro 43. Identity Claims and Diffusion of Sustainability Report Evidence from Korean Listed Companies, 2003–2010

Teoria da Gestão Comparativa		Desenvolvimento Sustentável		Sustentabilidade
PERFIL DA RELAÇÃO	**ABORDAGEM**	**PARADIGMA DOMINANTE**	**VERSÃO CONCEITUAL**	**INTERPRETAÇÃO**
Pós-Colonialista Crítica	**Ecológica**	***Sustaincentrism***	**Institucional**	**Social**
"The result shows that all four sources of conformity pressure served as diffusion mechanisms of SR in Korea. More importantly, the presence of identity claims moderates the in-group and the out-group forces in contrasting ways. (...) our result also indicates that conforming to pressure from out-groups can be perceived as a threat to identity and that firms attempt to defend their identity by distancing themselves from the out-groups. For a firm that claims its identity in a specific identity domain, adoption of a practice in that domain is viewed as a proactive measure, not a passive conformance" (p. 12).	"We test our theory using an event-history analysis of 675 publicly traded firms in Korea during the period of 2003–2010. The results show that all four sources of external pressure serve as mechanisms through which SR spread in Korea. More importantly, we find support for the moderating role of organizational identity claims in the effect of external pressures" (p.1) "Drawing from psychological theories of identification, we show how external conformity pressures and internal motives combine to drive the adoption of corporate social initiatives" (p.3).	"Despite substantial efforts devoted in understanding the effectiveness of corporate social initiatives, the factors that catalyze firms to engage in corporate social initiatives remains an important area of inquiry (...)For example, social network perspective emphasizes the role of social structure, which allows contagion-like process in the diffusion of social initiatives (e.g., Galaskiewicz and Burt 1991). Institutional theory argues that institutionalized practices emerge through the process of gathering general approval in the form of legal or normative support, including the element of conformity pressures on nonadopters (Suchman 1995). Under this view, an organization obtains	"Our findings provide evidence on the importance of voluntariness in corporate social initiatives. Although we find that exerting direct influence would lead to increased adoption of SR, our results suggest that fostering a community of voluntary adopters would be a more effective policy for the proliferation of corporate social initiatives" (p.3) "Also, interlocking directorates can be served as another influential mechanism for the spread of corporate practices" (p.4) "The firm's identity claims on sustainability management are positively associated with the firm's adoption of SR" (p.5).	"For firms claiming identity on sustainability management, adoption of SR in a business group or an industry category strengthens the firm's sense of identity by sharing the sense of ''oneness'' with the referent group members and affirms their identity by obtaining feedback from them. Thus, the firms will more likely exhibit compliance to the in-group pressure. We predict that the moderating effect for conformity pressure from the in-groups such as business group affiliates and industry members will be positive" (p.5) "Although it may influence some laggards to react, our results demonstrate that regulating or imposing participation in social initiatives may discourage proactive firms and delay the diffusion of corporate social initiatives. Instead, our findings suggest that fostering a

		legitimacy by engaging in CSR initiative as a way of complying with the norms of the broader community (Vanhamme and Grobben 2009)" (p. 2).		community of voluntary adopters would expedite the diffusion of social initiatives. Thus, policy makers need to take into account the voluntary aspect of corporate social initiatives when making their policies" (p.12).

Fonte: Elaborado pela autora

Dentro da TGC e seu perfil de relação Pós-Colonialista Crítico defende-se que as características locais dos países hospedeiros das filiais de organizações euro-americaneizadas, permitem que prevaleçam os padrões locais. A abordagem Ecológica atesta que o ambiente externo e interno são igualmente fundamentais para determinar a eficiência da teoria dentro das organizações. Os recursos, no caso o SR, servem como determinantes para o sucesso da firma. No DS, o paradigma dominante *Sustaincentrism* relaciona a atividade econômica, a preocupação e a ação humana. Relaciona a intelectualidade do ser humano como uma possível saída da crise ambiental. Dentro da versão conceitual, com apelo Institucional, as empresas se utilizam de sua força para promover políticas sociais que serão visíveis aos consumidores e população, aumentando assim sua aceitação dentro do mercado e o aumento de seus índices dentro dos relatórios sustentáveis. As indústrias são vistas como solução para a crise ambiental. Na interpretação Social de sustentabilidade o desenvolvimento só é possível por meio do desenvolvimento econômico e suas alianças. A intelectualidade humana é utilizada como maximizadora de soluções.

O Grupo I possui uma linha diferenciada com um discurso focado em uma exposição Pós-Colonialista Crítica, na qual demonstra-se o respeito pelas culturas e costumes dos povos locais, hospedeiro das filiais euro-americanas. Na abordagem Ecológica pode-se verificar que o processo de internacionalização considera os *stakeholders* e a opinião dos mesmos para a criação de identidade das organizações nas sociedades em que estão inseridas. *O Sustaincentism* denota a importância que é dada para a criação de um processo que relacione todo o contexto das organizações com a preocupação ambiental, a ação humana (por parte

das organizações) e suas implicações, inclusive implicações que possam prejudicar suas atividades econômicas. A versão conceitual Institucional demonstra que mesmo em meio ao cuidado com o âmbito ambiental, foca-se no aspecto desenvolvimentista e atrela-se essa responsabilidade às grandes organizações, acirrando os laços entre a internacionalização e sustentabilidade. Por fim, a interpretação social de sustentabilidade arremata a concepção de que as relações devem ser maximizadas entre a economia (fator financeiro), o ambiental (dimensão ecológica que deve ser cuidada pelas grandes organizações) e a sociedade (que cria a identidade social das organizações e fortalecem as mesmas ante o mercado e os *stakeholders).*

6.2.1.10 Grupo Randômico

A partir da análise do caminho crítico de cada um dos setenta e três artigos avaliados, foi possível identificar grupos que se diferenciaram do caminho linear de proposições pré estabelecidas, estes, que não tiveram dentro todos os artigos, algum semelhante em relação ao caminho crítico, foram nomeados randômicos, isto é, são aleatórios aos padrões.

Na pesquisa bibliométrica, foram encontrados oito artigos que assumiram tal nomeação. Visto que cada um seguiu por um caminho de raciocínio diferente, estes serão brevemente apresentados de maneira individual. O Quadro 44 dá início à esta apresentação com o artigo "Re-imagining the utopian Transformation of a sustainable lifestyle in ecovillages".

Quadro 44. Re-imagining the utopian Transformation of a sustainable lifestyle in ecovillages

Teoria da Gestão Comparativa		**Desenvolvimento Sustentável**		**Sustentabilidade**
PERFIL DA RELAÇÃO	ABORDAGEM	PARADIGMA DOMINANTE	VERSÃO CONCEITUAL	INTERPRETAÇÃO
Colonialista	**Socioeconômica**	**Tecnocentrismo**	**Institucional**	**Literal**
Pós-Colonialista Crítica	**Comportamental**	**Ecocentrismo**	**Ideológica**	**Ecológica**
Pós-Colonialista Amena	**Ecológica**	**Sustaincentrism**	**Acadêmica**	**Social**

Fonte: elaborado pela autora

No artigo apresentado no quadro acima, percebe-se que apesar de tender para que as relações entre internacionalização e sustentabilidade no artigo assumam um perfil Pós-Colonialista Ameno, ele distoa quando avaliada a abordagem da Teoria da Gestão Comparativa, classificando-se como Comportamental e não Ecológica.

No **Quadro 45**, a seguir, o artigo "Seizing community participation in sustainable development: pueblos Mágicos of Mexico" é apresentado com um caminho de raciocínio que distoa de todos os outros grupos previamente apresentados.

Quadro 45. Seizing community participation in sustainable development: pueblos Mágicos of Mexico

Teoria da Gestão Comparativa		**Desenvolvimento Sustentável**		**Sustentabilidade**
PERFIL DA RELAÇÃO	ABORDAGEM	PARADIGMA DOMINANTE	VERSÃO CONCEITUAL	INTERPRETAÇÃO
Colonialista	**Socioeconômica**	**Tecnocentrismo**	**Institucional**	**Literal**
Pós-Colonialista Crítica	**Comportamental**	**Ecocentrismo**	**Ideológica**	**Ecológica**
Pós-Colonialista Amena	**Ecológica**	**Sustaincentrism**	**Acadêmica**	**Social**

Fonte: elaborado pela autora

Avaliando o caminho de racioncínio exposto no quadro acima, percebe-se que o artigo em questão também tende à assumir um perfil Pós-Colonialista Ameno a partir das relações entre internacionalização e sustentabilidade, entretanto, este distoou da linearidade ao asusmir um perfil de relação Colonialista dentro da Teoria da Gestão Comparativa.

O terceiro artigo classificado como randômico, é o " Building global dynamic capabilities through innovation: A case study of Taiwan’s cultural organizations". O **Quadro 46** apresentará o caminho de raciocínio identificado.

Quadro 46. Building global dynamic capabilities through innovation: A case study of Taiwan's cultural organizations

Teoria da Gestão Comparativa		Desenvolvimento Sustentável		Sustentabilidade
PERFIL DA RELAÇÃO	ABORDAGEM	PARADIGMA DOMINANTE	VERSÃO CONCEITUAL	INTERPRETAÇÃO
Colonialista	**Socioeconômica**	**Tecnocentrismo**	**Institucional**	**Literal**
Pós-Colonialista Crítica	**Comportamental**	**Ecocentrismo**	**Ideológica**	**Ecológica**
Pós-Colonialista Amena	**Ecológica**	**Sustaincentrism**	**Acadêmica**	**Social**

Fonte: elaborado pela autora

Percebe-se no quadro acima, que, ao avaliar o artigo a partir do perdil da relação e abordagem, dentro do parâmetro da Teoria da Gestão Comparativa, e também a partir da interpretação, dentro do parâmetro da sustentabilidade, este poderia ser classificado como Pós-Colonialista Ameno. Entretanto, ao avaliá-lo a partir do parâmetro do Desenvolvimento Sustentável percebe-se uma idendificação à paradigma dominante Tecnocentrista e à versão conceitual Institucional, o que faz com que o artigo distoe automaticamente do caminho de raciocínio linear proposto no framework.

Assumindo ainda uma postura dividida entre a proposição linar Colonialista e a Pós-Colonialista Amena, o artigo "Governance Structure and the Credibility Gap: Experimental Evidence on Family Businesses' Sustainability Reporting" também foi classificado como randômico, e seu caminho de raciocínio está exposto no **Quadro 47** a seguir.

Quadro 47. Governance Structure and the Credibility Gap: Experimental Evidence on Family Businesses' Sustainability Reporting

Teoria da Gestão Comparativa		Desenvolvimento Sustentável		Sustentabilidade
PERFIL DA RELAÇÃO	ABORDAGEM	PARADIGMA DOMINANTE	VERSÃO CONCEITUAL	INTERPRETAÇÃO
Colonialista	**Socioeconômica**	**Tecnocentrismo**	**Institucional**	**Literal**
Pós-Colonialista Crítica	**Comportamental**	**Ecocentrismo**	**Ideológica**	**Ecológica**
Pós-Colonialista Amena	**Ecológica**	**Sustaincentrism**	**Acadêmica**	**Social**

Fonte: elaborado pela autora

A análise do quadro acima, permite a extração da informação, de que, como é demonstrado a falta de um poscionamento específico por parte dos autores do artigo, este assume proposições que distoam do linear quando em relação à internacionalização e sustentabilidade. Sendo quase que proposcionalmente dividida a proposição Colonialista e Pós-Colonialista Amena da Teoria da Gestão Comparativa.

O quinto artigo que difere dentre os setenta e três avaliados, é o artigo com o título "Assessment of sustainable development and knowledge of environmental management Internal auditors' perspectives". As informações sobre seu caminho de raciocínio foram expostas no **Quadro 48** abaixo, no qual foi possível perceber que este foi mais um caso no qual a relação entre internacionalização e sustentabilidade apresentou-se dividida entre as proposições lineares Colonialista e Pós- Colonialista Amena.

Quadro 48. Assessment of sustainable development and knowledge of environmental management Internal auditors' perspectives

Teoria da Gestão Comparativa		**Desenvolvimento Sustentável**		**Sustentabilidade**
PERFIL DA RELAÇÃO	ABORDAGEM	PARADIGMA DOMINANTE	VERSÃO CONCEITUAL	INTERPRETAÇÃO
Colonialista	**Socioeconômica**	**Tecnocentrismo**	**Institucional**	**Literal**
Pós-Colonialista Crítica	**Comportamental**	**Ecocentrismo**	**Ideológica**	**Ecológica**
Pós-Colonialista Amena	**Ecológica**	**Sustaincentrism**	**Acadêmica**	**Social**

Fonte: elaborado pela autora

Seguindo com a análise dos artigos que distoaram dos caminhos lineares, mais um foi encotrado, este tem o título "Business and environmental impact of ISO 14001" e seu caminho foi apresentado no quadro 49 exposto a seguir.

Quadro 49. Business and environmental impact of ISO 14001

Teoria da Gestão Comparativa		Desenvolvimento Sustentável		Sustentabilidade
PERFIL DA RELAÇÃO	ABORDAGEM	PARADIGMA DOMINANTE	VERSÃO CONCEITUAL	INTERPRETAÇÃO
Colonialista	**Socioeconômica**	**Tecnocentrismo**	**Institucional**	**Literal**
Pós-Colonialista Crítica	**Comportamental**	**Ecocentrismo**	**Ideológica**	**Ecológica**
Pós-Colonialista Amena	**Ecológica**	**Sustaincentrism**	**Acadêmica**	**Social**

Fonte: elaborado pela autora

A mesma situação é percebida no quadro acima, isto é, apesar da diferenciação de certos posicionamentos dentro do framework, idenfica-se a relação de internacionalização e sustentabilidade dividida entre a proposição Colonialista e abordagem Socioeconômica, ambas dentro do parâmetro da Teoria da Gestão Comparativa, entretanto, há uma linearidade a partir da interpretação do Desenvolvimento Sustentável, e ao finalizar a análise, percebe-se que este volta a assumir uma interpretação Linear dentro do parâmetro da Sustentabilidade.

O sétimo artigo dentre os oito randômicos tem o título "Ethical Leadership and Global Citizenship: Considerations for a Just and Sustainable Future" e a partir da avaliação realizada, este apresentou um caminho de raciocínio diferente, quando em comparação com os anteriormente citados. Tais informações estão expostas no **Quadro 50** abaixo.

Quadro 50. Ethical Leadership and Global Citizenship: Considerations for a Just and Sustainable Future

Teoria da Gestão Comparativa		Desenvolvimento Sustentável		Sustentabilidade
PERFIL DA RELAÇÃO	ABORDAGEM	PARADIGMA DOMINANTE	VERSÃO CONCEITUAL	INTERPRETAÇÃO
Colonialista	**Socioeconômica**	**Tecnocentrismo**	**Institucional**	**Literal**
Pós-Colonialista Crítica	**Comportamental**	**Ecocentrismo**	**Ideológica**	**Ecológica**
Pós-Colonialista Amena	**Ecológica**	**Sustaincentrism**	**Acadêmica**	**Social**

Fonte: elaborado pela autora

Diferentemente dos outros artigos que tendiam a dividir seus posicionamentos dentro do framework entre as proposições lineares Colonialista e

Pós- Colonialista Amena, o artigo apresentado no quadro acima, distoa do caminho linear pois apresenta uma abordagem Comportamental dentro da Teoria da Gestão Comparativa, a qual apresenta características complementares ao perfil Pós Colonialista Crítico.

E por fim, o último artigo dentre os setenta e três analisados que foi idenficado como randômico, foi o artigo com o título "The Stakeholder Approach: A Sustainability Perspective", seu caminho de raciocínio foi detalhado no **Quadro 51**, apresentado abaixo.

Quadro 51. The Stakeholder Approach: A Sustainability Perspective

Teoria da Gestão Comparativa		**Desenvolvimento Sustentável**		**Sustentabilidade**
PERFIL DA RELAÇÃO	ABORDAGEM	PARADIGMA DOMINANTE	VERSÃO CONCEITUAL	INTERPRETAÇÃO
Colonialista	**Socioeconômica**	**Tecnocentrismo**	**Institucional**	**Literal**
Pós-Colonialista Crítica	**Comportamental**	**Ecocentrismo**	**Ideológica**	**Ecológica**
Pós-Colonialista Amena	**Ecológica**	**Sustaincentrism**	**Acadêmica**	**Social**

Fonte: elaborado pela autora

Ao ser identificado com uma abordagem Socioeconômica dentro do parâmetro da TGC, e com o paradigma dominate do Tecnocentrismo no parâmetro do Desenvolvimento Sustentável, percebe-se que o artigo distou da possível linearidade da proposição Pós-Colonialista Amena,e mais uma vez as relações entre internacionalização e Sustentabilidade assumiram posturas divididas.

6.2.2 Síntese e Organização dos grupos

Considerando a teoria dos caminhos de raciocínios apresentada no framework, percebe-se que, apesar da maioria dos artigos apresentar uma relação entre sustentabilidade e internacionalização que assume um perfil linear Colonialista, Pós-Colonialista Ameno ou Pós-Colonialista Crítico, alguns divergem formando grupos secundários, como no caso dessa pesquisa aconteceu do grupo D ao I. No caso nos randômicos, apresentados nesse tópico, foram os artigos identificados com

perfis totalmente diferente dos outros encontrados, isto porque não padronização do caminho de raciocínio.

Com o intuito de resumir as proposições e caminhos de raciocínios apresentados desde o perfil de relação Colonialista até os Randômicos, foi realizado um breve resumo sobre sua distribuição, o **Quadro 52** abaixo, destaca tais informações.

Quadro 52. Perfil de relação x Quantidade de Artigos

Perfil da Relação	Quantidade de artigos	% do Total
Colonialista (A)	3	4,11
Pós Colonialista Amena (B)	42	57,53
Pós Colonialista Crítica (C)	1	1,37
Caminho D	7	9,59
Caminho E	3	4,11
Caminho F	2	2,74
Caminho G	3	4,11
Caminho H	2	2,74
Caminho I	2	2,74
Randômicos	8	10,96
TOTAL	73	100,00

Fonte: elaborado pela autora

Através desta síntese apresentada no quadro acima, percebe-se que, os artigos nomeados "Diferentes" ou "Randômicos" são apenas oito, entretanto, com a análise da porcentagem em relação ao total, percebe-se que este é o segundo grupo mais representativo, ou seja, aproximadamente 11% dos artigos analisados não seguiram o padrão de linearidade do caminho de raciocínio proposto no framework.

Pode-se concluir também que poucos autores expõe as relações entre sustentabilidade e internacionalização de maneira crítica ou mesmo com um perfil Colonialista, a maioria deles assumem um perfil de escrita Ameno, no qual as opiniões sobre o assunto não são expostas com tanta firmeza, e há mais comparações com padrões pré estabelecidos. No caso da pesquisa realizada, quarenta e dois artigos apresentaram o perfil Ameno como dominante, representando mais do 50% do total de artigos avaliados. Os outros grupos, como é

possível acompanhar no quadro, tiveram participação menos expressiva, com ressalva para o grupo D, grupo criado a partir da análise por conter um novo desenho de caminho de raciocínio, no qual sete artigos encaixaram-se, representando aproximadamente 10% do total de artigos analisados.

6.2.3 Classificação do Campo à luz de Bourdieu

Os resultados obtidos nesta pesquisa, através da pesquisa quantitativa descritiva e da qualitativa exploratória, corroboram para uma análise mais minusciosa em relação ao campo aqui configurado e ao contexto real dentro das piblicações analisadas. Durante todo o trabalho buscou-se desenvolver uma linha de raciocínio que esclarescesse a concepção de campo para Bourdieu, na qual baseou-se este estudo. Essa concepção remete aos estudos Bourdieusianos, os quais visavam focar, não na generalização do contexto estudado, mas na microsociologia, no recorte do todo. A microsociologia possui dois conceitos chave, o Espaço Social e o campo.

O Espaço Social fundamenta-se na concepção do macrocosmo e o campo na concepção de microcosmo. Bourdieu (2012) coloca que dentro do campo existe uma relação situacional entre dominado e dominante, a qual é permeada por um poder simbólico exercido pelo dominador ao dominado.

Retomando que o poder simbólico figura-se como um:

> (...) poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder: só se pode passar para além da alternativa dos modelos energéticos que descrevem as relações sociais como relações de força e dos modelos cibernéticos que fazem delas relações de comunicação, na condição de se descreverem as leis de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico e, em especial, o trabalho de dissimulação e de transfiguração (numa palavra, de *eufemização*) que garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força fazendo ignorar-reconhecer a violência que elas encerram objectivamente e transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia (BOURDIEU, 2012, p. 15).

Esse poder simbólico se utiliza de estratégias para exercer sua força e, para tanto, mobiliza ferramentas de dominação como dispositivos de violência simbólica. A violência simbólica visa trabalhar no inconsciente dos agentes agidores, como Bourdieu (2004) se refere aos indivíduos dentro do campo, e dominá-los de uma maneira sutil e amena. Maneira esta, cujo indivíduo não se vê sendo dominado.

Esse efeito, produzido pela violência simbólica, sobre os agentes só pode ser rompido através de um resgate epistemológico no qual os indivíduos, resgatam a origem da situação e passam a ter conhecimento sobre a mesma. Há uma mobilização do habitus, que são as disposições adormecidas dentro dos agentes agidores podendo assim romper com a violência simbólica (BOURDIEU, 2004; 2012). No entanto, os agentes se mostram alienados pelas ferramentas de dominação, as quais permitem a disseminação da violência simbólica.

Com base na teoria bourdiesiana e frente a configuração de campo proposta na presente pesquisa, acredita-se que o poder simbólico rege o campo no qual se insere, o campo em discussão é o campo que discute as relações entre internacionalização e sustentabilidade.

Internacionalização conforme Jack e Westwood (2009) e Young (2007) nada mais é do que uma forma de dominação globalizada.

Sustentabilidade é de acordo com O´Connor (2002) que a defende como uma questão uma questão ideológica e política e não apenas um conjunto de problemas ambientais, econômicos e sociais.

As relações entre Internacionalização e Sustentabilidade foram conceituadas a partir do framework de Borim-de-Souza *et al* (2014). O *framework* (Figura 05) possui quatro dimensões, cuja quarta dimensão foi utilizada no presente estudo. Esta dimensão aborda a TGC, o DS, e a sustentabilidade, oferecendo três proposições ao final, os estilos de raciocínio.

A TGC baseia-se uma análise da gestão de uma organização localizada em diferentes contextos socioculturais. No *framework* a TGC possui uma configuração dividida em três escolas: a Colonialista, a Pós-Colonialista Amena e a Pós-Colonialista Crítica.

O DS é dividido entre paradigmas e versões. Primeiramente divide-se em paradigma Tecnocêntrico, *Sustaincentrism* e Ecocêntrico. Posteriormente em

versões, Institucional, Acadêmica e ideológica. Já a sustentabilidade, por sua vez, é dividida nas interpretações como a literal, social e ecológica.

Essas são as abordagens de TGC, DS e sustentabilidade colocadas pelo *framework*. Dentro destas colocações três estilos de raciocínio foram propostos pelo *framework* de Borim-de-Souza *et al* (2014).

A primeira proposição se monstra mais institucional e parte da TGC com a escola colonialista, suguindo para o DS com o paradigma tecnocêntrico e uma versão intitucional e uma interpretação literal de sustentabilidade. A segunda proposição se mostra mais crítica e na TGC se mostra pós-colonialista crítica, no DS demonstra um paradigma ecocêntrico e uma versão Ideológica e, por fim, uma interpretação ecológica de sustentabilidade. E, a terceira e última proposição trazida pelo *framework* se mostra mais amena, na TGC configura-se dentro da escola pós-colonialista amena, no DS como *Sustaincentrism* e com a versão acadêmica e na sustentabilidade como uma interpretação social.

Logo, estas foram as proposições consideradas para compor os parâmetros de investigação desta pesquisa. O grupo B, com 42 artigos, demonstra um viés que se enquadra na proposição três do *framework*, mais amena. No entanto, encontrou-se também cinco novos grupos e mais alguns artigos (discursos) ramdômicos. Os novos grupos foram analisados e dentre eles, destacou-se o grupo D, que possui a configuração próxima à do grupo B, com exceção da versão conceitual do DS que ao invés de acadêmica é Institucional. O grupo D possui sete artigos, o segundo maior número de artigos encontrados. Sendo assim, o grupo B e D passaram a ter mais destaque nesta pesquisa e foram mais explorados em sua análise.

Frente à isto buscou-se analisá-los dentro do campo previamente configurado com inspirações bourdieusianas, que relaciona a internacionalização e a sustentabilidade. A configuração baseia-se na relação situacional entre dominados e dominantes, os quais lutam pela legitimidade do campo.

Dentro de toda a relação, entre o resultado encontrado na coleta de dados e a configuração de campo, pode-se averiguar que os discursos dominantes são provindos de nações do eixo euro-americano e demonstram a hegemonia deles sobre o restante do globo, sobre “Os outros” (JACK E WESTWOOD, 2009). As instituições que detém e que produzem os artigos demonstram que a origem da maior parte do conhecimento produzido vem de países euro-americano. Dos dez

primeiros países têm-se: Estados Unidos, Países Baixos, Reino Unido, França, Canadá, Brasil, China, Itália, Finlândia e Alemanaha. Apenas dois, Brasil e China, estão fora do eixo euro-americano, se localizam na América do sul e no continente Asiático.

E, quando, raramente, um artigo é produzido por autores fora deste eixo, os mesmos estão associados a universidades euro-americanas, ou estudaram nas mesmas, bebendo da fonte desta linha de raciocínio hegemônica.

A maior parte de artigos ser classificada como o grupo B e D, o grupo B demonstra uma tendência ao caminho previamente proposto pelo framework, correspondendo a Proposição 3, Pós-colonialista Amena. Já o grupo D corresponde a um novo grupo, fora da proposta do framework, no entando sem grandes adaptações. Ambos os grupos denotam um caráter “apaziguador” e cuidadoso que as publicações têm em seu discurso sobre a sustentabilidade, mas não quando se trata do desenvolvimento das organizações multinacionais citadas nas publicações, sendo que dentro da relação entre internacionalização e sustentabilidade o desenvolvimento das organizações tem prioridade.

O caminho percorrido pelo grupo B é marcado por um caráter equilibrado e um tanto quanto morno em seu discurso, muitas vezes romantizado e ingênuo e suas constatações e crenças sobre a relação entre internacionalização e sustentabilidade por parte da camuflagem das intenções reais das multinacionais.

O grupo B demonsta uma rota moderada, na qual a TGC possui um perfil de relação Pós-Colnialista Ameno, o qual considera as peculiaridades locais, bem como as características culturais regionais são comparadas aos padrões euro-americanos, e desta comparação selecionam-se alternativas otimizadoras, ou seja, mesclam dominador e dominado para que se chegue a um acordo. Também dentro da TGC a abordagem é colocada como Ecológica, pois considera igualmente relevante o desenvolvimento econômico, a gestão e a relação com a comunidade, buscando ter um bom convívio e contato com as sociedades nas quais se inserem. Já no DS o paradigma dominante é o *Sustaincentrism* que acredita na concepção da Terra como lar dos seres humanos, um planeta limpo, saudável e próspero, a qualidade de vida para os seres humanos, relaciona a atividade econômica, a preocupação ambiental e a ação humana. Acredita na intelectualidade do ser humano como resposta à crise ambiental, também considerando o ambiente externo e o ambiente interno como igualmente fundamentais para determinar a eficiência da

firma assim como, os recursos e os indivíduos que determinam o sucesso da firma. A versão conceitual do DS é acadêmica e interdisciplinar, confiando a resposta à crise ambiental na oferta de soluções que otimizem relações econômicas, ambientais e sociais. Analisa simultaneamente considerações objetivas e subjetivas, pontuais e reflexivas, naturais e sociais (considerando todas as dimensões necessárias para moldar suas formas de atuação). E, as alterações nos padrões locais são solicitados e negociados, não cabendo força dominante e impositiva. Por fim, esse grupo, demonstra uma interpretação social de sustentabilidade, na qual a intelectualidade humana como criadora de soluções que maximizem relações entre economia, ambiente e sociedade para a crise ambiental. Não questiona o sistema atual, mas também não o defende plenamente.

Portanto, pode-se perceber que os discursos do grupo B acerca da relação entre internacionalização e sustentabilidade demonstram-se tanto apaziguadores quanto reflexivos, os quais apenas demonstram uma forma de ação ou um panorama teórico, mas que, não denuncia ou aprofunda as reais intenções das organizaçãoes multinacionais nessa relação.

Bourdieu (2012) aborda que:

> O analista que procura nos interesses ligados à pertença a um campo de produção cultural e, mais largamente, ao campo social no seu conjunto, o princípio da existência da obra tanto naquilo que ela tem de histórico como naquilo que ela tem de trans-histórico -<o eterno encanto da arte grega>-, trata a obra como um sinal intencional dominado e regulado por qualquer coisa de diferente, de que ela é também sintoma. O analista procura a intenção objectiva escondida por debaixo da intenção declarada, o querer-dizer que é denunciado no que ele declara. E supõe que nela se enuncia um sentido profundo, uma pulsão expressiva, biológica ou social que a alquimia da forma imposta pela necessidade social do campo tende a tornar irreconhecível (BOURDIEU, 2012, p. 72-73).

As obras, sejam de arte ou acadêmica, possuem, além de seu encanto, uma intenção objetivada camuflada e essa intenção acaba se tornando irreconhecível dentro do campo, sendo consumida de maneira natural e desconhecida.

Averigua-se, frente aos dados coletados na pesquisa quantitativa, que os locais de atuação e departamentos que mais produzem artigos acadêmicos

em revistas A1 são de *Business/ Management/ Organization and Correlates, representando* 49,20% do total de pesquisadores. Ou seja, a maior parte dos artigos está voltada para o desempenho das empresas, geralmente, multinacionais, ao desenvolvimento e ao crescimento das mesmas dentro do mercado global. Neste contexto os impactos provindos das multinacionais que refletem em outras culturas (países que recebem suas filiais) fica em segundo plano. A prioridade é dada ao progresso e ao desenvolvimento, baseando-se em uma versão conceitual Institucional do DS, a qual defende um desenvolvimento econômico limpo e sustentável, mas que, no entanto, tem como base principal uma abordagem desenvolvimentista. E, a responsabilidade com a dimensão ambiental e social é deixada na mão das multinacionais, logo as empresas e as indústrias são tidas como solução para a crise ambiental. O foco principal de sua atuação é o desenvolvimento, de cunho econômico.

Como denota o caminho traçado pelo Grupo D, o segundo mais encontrado depois do grupo B, com sete artigos, os quais delinearam na TGC, um perfil de relação Pós-Colonialista Ameno, considerando pontos como as peculiaridades locais, bem como as características culturais regionais para compará-las aos padrões euro-americanos, e desta comparação selecionar alternativas otimizadoras, as alterações nos padrões locais são solicitados e negociados, não cabendo força dominante e impositiva. Logo, busca-se um equilíbrio entre os dois contextos, ponderando dominador e dominado. Também na TGC a abordagem se mostra Ecológica e considera igualmente relevante o desenvolvimento econômico, a gestão e a relação com a comunidade. E, coloca que o ambiente externo e o ambiente interno são igualmente fundamentais para determinar a eficiência da firma. Os recursos e os indivíduos determinam o sucesso da firma, buscando balancear a cultura da empresa com a cultura na qual se estão inserindo. Dentro do DS, o *Sustaincentrism* é o paradigma dominante e enxerga a Terra como lar dos seres humanos. Se importam com um planeta limpo, saudável e próspero e na qualidade de vida para os seres humanos. Também relacionam atividade econômica, a preocupação ambiental e a ação humana. E colocam na intelectualidade do ser humano a solução para a crise ambiental, buscando sempre um posicionamento benéfico a todos. Contudo, demonstra uma versão conceitual institucionalizada acerca do DS, na qual prega-se uma abordagem desenvolvimentista, um desenvolvimento econômico, limpo e sustentável, no qual delega-se as empresas e

indústrias a solução para a crise ambiental. E, já na interpretação da sustentabilidade assume-se um caráter Social, a qual delega à intelectualidade humana a responsável por criar soluções que maximizem as relações entre economia, ambiente e sociedade para a crise ambiental. E, por fim, não questiona o sistema atual, mas também não o defende plenamente.

Logo, pode-se averiguar que em todo o contexto dos discursos apresentados têm-se uma visão mediadora, contudo quando se trata de crescimento busca-se uma abordagem desenvolvimentista, delegando às empresas e indústrias toda a responsabilidade por um papel mais “verde”, o qual preza pela sustentabilidade e o DS dentro da sociedade. No entanto as publicações internacionais euro-americanas se vêem em uma posição de dominadoras dentro do campo, e legitimam essa dominação através de sua força global dentro do academicismo. Já que sugere delegar às organizações multinacionais a responsabilidade pela dimensão natural, o discurso sustentável pregado por estas multinacionais, podem figurar apenas como um reflexo turvo das suas reais ações em relação a sustentabilidade e ao DS, camuflando suas verdadeiras ações e intenções com a legitimação do discurso implantado e adotado pelos próprios dominados através da violência simbólica e suas ferramentas de dominação, neste caso a comunicação, o próprio discurso.

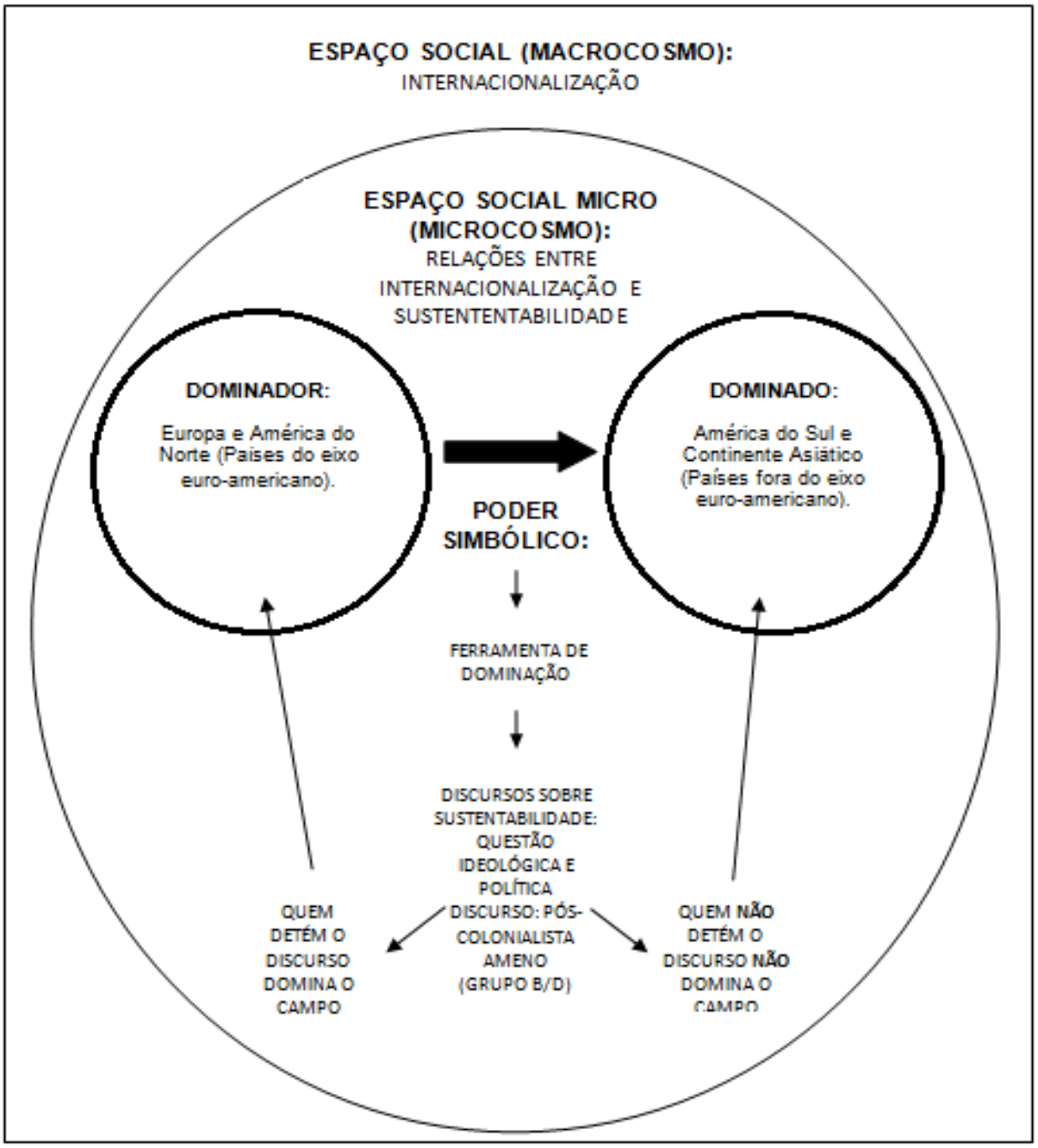
Bourdieu (2011) coloca que:

> Para resumir essa relação complexa entre as estruturas objetivas e as construções subjetivas, situada além das alternativas comuns do objetivismo e do subjetivismo, do estruturalismo e do construtivismo e até do materialismo e do idealismo, costumo citar, deformando-a ligeiramente, uma fórmula célebre de Pascal: “O mundo me contém e me engole como um ponto, mas eu o contenho.” O espaço social me engloba como um ponto. Mas esse ponto é um *ponto de vista,* princípio de uma visão assumida a partir de um ponto situado no espaço social, de uma *perspectiva* definida em sua forma e em seu conteúdo pela posição objetiva a partir da qual é assumida. O espaço social é a realidade primeira e última já que comanda até as representações que os agentes sociais podem ter dele.

A intenção das publicações euro-americaneizadas é a de delinear o ponto de vista dos dominados a fim de que a visão de mundo dos mesmos, acerca de seu espaço social, seja limitada à um determinado contexto apenas, a uma determinada visão.

Frente às informações coletadas na bibliometria e na leitura dos artigos, propõe-se aqui uma configuração de campo, na qual pode-se ir além da figura inicial e nomear os discursos dentro do campo que abarca as relações entre internacionalização e sustentabilidade, como mostra a figura seguinte:

Figura 8. Configuração do Campo e classificação do discurso adotado



Fonte: Elaborado pela autora

Logo, neste trabalho foi visto que entre texto e contexto existe um universo intermediário, no qual encontra-se o espaço social (macrocosmo) e o campo (microcosmo). Esse campo (recorte do espaço social macro) engloba tanto o texto quanto o contexto. E, para compreendê-lo melhor Bourdieu o estuda em movimento, observando as dinâmicas do recorte. Para Bourdieu deve-se considerar texto e contexto, pois ele reconhece a força de um texto falado (discuso imposto) e a adoção e implementação desse discurso dentro da sociedade (legitimado pelo contexto). Dentro do campo existe uma relação situacional entre dominante e dominado, na qual um exerce poder simbólico sobre o outro e esse poder é exercido através de ferramentas simbólicas de dominação, fazendo com que o próprio dominado legitime a força imposta pelo dominador através de um discurso, o qual é tido como verdade. A força do contexto (poder do dominador) passa a reconhecer o texto (discurso) que é pregada como verdade absoluta para os dominados.

O presente trabalho classificou o espaço social macro como sendo a internacionalização e o campo (espaço social micro) como um microcosmo que abrange as relações entre internacionalização e sustentabilidade. A relação situacional entre dominante e dominado é configurada como sendo entre discursos do eixo euro-americano e discursos fora do eixo euro-americano.

O poder simbólico imposto pelo dominador ao dominado se faz presente através de uma ferramenta de dominação, no caso o discurso das publicações. A sustentabilidade passa a ser vista pelos dominantes como uma questão ideológica e política, pois não só implementa uma idéia, uma ideologia na sociedade, mas também utiliza-se de políticas para fomentá-la. Sendo os discursos acadêmicos euro-americanos objetivados e bem vistos dentro da sociedade a concepção de sustentabilidade dentro da sociedade, configurada em questão, é definida pelas multinacionais e confirma pela força internacional que possuem, autenticando seus discursos e colocações sobre a sustentabilidade.

Uma ideologia, segundo Bourdieu (2012, p. 11), baseia-se em “tomadas de posição ideológica dos dominantes são estratégias de reprodução que tendem a reforçar *dentro* da classe e *fora* da classe a crença na legitimidade da dominação da classe.

Para Bourdieu (2012, p. 13), a ideologia funciona como:

> As ideologias devem a sua estrutura e as funções mais especificas às condições sociais da sua produção e da sua circulação, quer dizer, às funções que elas cumprem, em primeiro lugar, para os especialistas em concorrência pelo monopólio da competência considerada (religiosa, artística, etc.) e, em segundo lugar e por acréscimo, para os não-especialistas. Ter presente que as ideologias são sempre *duplamente determinadas,* - que elas devem as suas características mais específicas não só aos interesses das classes ou das frações de classe que elas exprimem (...), mas também aos interesses específicos daqueles que as produzem e à logica específica do campo de produção (BOURDIEU, 2012, p. 13).

Logo, Bourdieu também via nas ideologias a intenção de determinados grupos, ou classes, se manterem no poder. Portanto a ideologia vai além e:

> (...) pretende marcar a ruptura com as representações que os próprios agentes querem dar da sua própria prática: ele significa que não se deve tomar à letra as suas declarações, que eles têm interesse, etc.; mas na sua violência iconoclasta[23], ele faz esquecer que a dominação à qual é preciso escapar para o objectivar só se exerce porque é ignorada como tal; o termo ideologia significa também que é preciso reintroduzir no modelo científico o facto de a representação objectiva da prática dever ter sido construída contra a experiência inicial da prática ou, se se prefere, o facto de a <verdade objetiva> desta experiência ser inacessível a própria experência. (...) A ideologia (...) não aparece e não se assume como tal, e é deste desconhecimento que lhe vem a sua eficácia simbólica (BOURDIEU, 2012, p.48).

A utilização das ideologias é necessária dentro do jogo e do processo de dominação, pois exerce força simbólica sobre o indivíduo, o qual adota idéias que não foram pensadas por ele, mas foram legitimadas, frente ao pouco conhecimento do todo e o não resgate a epistemologia. Dessa força a ideologia promove a violência simbólica dentro do campo, no qual os dominadores o utilizam como ferramenta de dominação e a disseminam através de um discurso.

Portanto, quem detém o discurso, que impera no espaço social micro, continua jogando o jogo e se vê na situação de dominador dentro do campo, uma vez que o discurso (texto) emerge de um contexto, um momento vivido dentro

[23] (...) Que ou aquele que destrói imagens religiosas ou se opõe à sua adoração; que ou aquele que destrói imagens em geral (NOVO DICIONÁRIO BRASILEIRO, 1976, p. 363).

do espaço social, ou uma tendência a ser adotada que está sendo cobrada por parte dos dominados. Bourdieu (2012) afirma que:

> A consciência dos limites da objetivação objetivista levou-me a descobrir que existe no mundo social (...) toda uma série de instituições que produzem o efeito de tornar aceitável a distância entre a verdade objectiva e a verdade vivida daquilo que se faz e daquilo que se é – tudo o que os sujeitos objectivados pretendem lembrar quando opõem à análise objectivista que <isso não se passa assim>. Encontra-se, por exemplo, neste campo particular, os sistemas de defesa colectivos que - em universos em que cada um luta pelo monopólio de um mercado no qual não há como clientes senão concorrentes, e em que a vida é por conseqüência muit dura – permitem que cada um se aceite a si mesmo aceitando subterfúgios ou as gratificações compensatórias oferecidas pelo meio. É esta dupla verdade, objectiva e subjectiva, que constitui a verdade completa do mundo social (BOURDIEU, 2012, p. 53).

Frente à isto os dominadores adaptam seus discursos para que sejam mais coerentes e condizentes com a real necessidade dos dominados, exercendo um poder simbólico, o qual cega o dominado acerca das reais intenções dos dominantes. Logo, o dominador dita aquilo que será bom e útil ao dominado e o faz se adaptar à isto, contudo, a verdadeira intenção do dominador supera a intenção de ser benéfico ao dominado, a intenção é apenas reprimir de maneira inconsciente.

Ou seja, é ofertado ao dominado aquilo que ele deseja (discurso sustentável) e é legitimado através da força objetivada que as nações do eixo euro-americano possuem dentro do campo. O dominado é cercado por ferramentas simbólicas que atuam em sua consciência e o faz parecer sustentável ao consumir em determinada fonte, pois esta prega, através de um discurso (ferramenta de dominação), uma conduta benéfica para com o meio-ambiente. Sem contar no discurso de avanços sociais, ambientais e econômicos que levam para as nações que se utilizam desse conhecimento acadêmico, localizadas fora do eixo euro-americano. Oferecendo uma solução prática necessária ao dominado, mas que, esconde as reais intenções os discursos, os quais visam o desenvolvimento e ganhos financeiros.

Logo, quem detém o discurso detém o campo e passa a ser o dominador, quem não o detém passa a ser dominado e refém das colocações do dominador legitimadas por sua força dentro do espaço social micro.

Bourdieu coloca que:

> Não basta romper com o senso comum vulgar, nem com o senso comum douro na sua forma corrente; é preciso romper com os instrumentos de ruptura que anulam a própria experiência contra a qual eles se construíram. E isto para se construírem modelos mais completos, que englobem tanto a ingenuidade inicial como a verdade objectiva por ela dissimulada e à qual, por outra forma de ingenuidade, se prendem os meio-hábeis, aqueles que se julgam astutos (BOURDIEU, 2012, p.48).

A instauração de discursos carregados de colocaçãoes partidárias (de acordo com as reais intenções do dominador), buscam implantar na sociedade uma determinada realidade oculta, na qual o dominado não a enxerga completamente, não tendo acesso ao todo. Alimentando-se apenas de fragmentos polidos e camuflados de situações banais apresentados pelas multinacionais. Bourdieu (2012) coloca que:

> Trata-se de apreender uma realidade oculta, que só se descobe encobrindo-se, que só se mostra enquanto facto banal das interações em que se dissimula a si própria (...) temosdiante de nós um conjunto de indivíduos, designados por nomes próprios (...), que trocam, como se diz, palavras aparentemente passíveis de uma <análise de discurso> e de que todas as <interações> visíveis fornecem na aparência todos os instrumentos da sua própria análise. De facto, a cena que se representa no palco, as estratégias que os agentes empregam para levarem a melhor na luta simbólica pelo monopólio da imposição do veredicto, pela capacidade reconhecida de dizer a verdade a respeito do que está em jogo no debate, são a expressão das relações de força objectivas entre os agentes envolvidos e, mais precisamente, *entre os campos* diferentes em que eles estão implicados – e em que ocupam posições mais ou menos elevadas (BOURDIEU, 2012, p. 54-55).

Dentro da relação de força entre dominador (nações euro-americanas) e dominados (países que estão fora do eixo euro-americano) a luta simbólica pelo domínio do jogo mobiliza estratégias por meio de ferramentas simbólicas (discurso pregado pelas nações euro-americanas), que maquiam a verdade original e a molda da maneira que mais for cabível dentro do jogo para que assim mantenha-se a hegemonia do dominador e exercesa-se poder e dominação sobre o dominado, o qual absorve uma pseudo-verdade e a absorve e legitima em seu meio.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação foi desenvolvida com o intuito de cumprir com o objetivo geral de analisar a produção científica internacional sobre o campo que discute as relações entre internacionalização e sustentabilidade em publicações de administração. E, também, os objetivos específicos de: propor uma configuração para o campo que abriga as relações entre internacionalização e sustentabilidade; de mapear, por meio de um estudo bibliométrico, a produção científica internacional que aborda as relações entre internacionalização e sustentabilidade em publicações da Administração, e, por fim; de classificar, a produção científica internacional de acordo com a configuração proposta para o Campo.

Em resposta ao primeiro objetivo específico, que visava propor uma configuração para o campo que abriga as relações entre Internacionalização e Sustentabilidade, foi proposta uma configuração de campo, o qual abriga as relações entre internacionalização e sustentabilidade. A configuração foi exposta nesta pesquisa dentro do capítulo três, intitulado “Delimitando compreensões de internacionalização e sustentabilidade: a configuração de um campo em suas relações”, a qual proporcionou um norte dentro deste estudo, baseado na teoria de Bourdieu, e verificou um poder simbólico partidário que permeia os estudos organizacionais sobre as relações entre internacionalização e sustentabilidade. A configuração demonstra o dominador (países do eixo euro-americano) em uma relação situacional com o dominado (países fora do eixo euro-americano), na qual existe um poder simbóllico do dominador sobre o dominado que é exercio por uma ferramenta de dominação (discurso), pela qual se exerce uma violência simbpolica. Logo, têm-se o primeiro objetivo específico cumprido.

O segundo objetivo específico era o de mapear, por meio de um estudo bibliométrico, a produção científica internacional que aborda as relações entre internacionalização e sustentabilidade em publicações da Administração, a qual foi realizada por meio de um estudo bibliométrico. Foram levantados artigos de 15 periódicos, os quais passaram por todos os filtros necessários para a utilização dos dados para este trabalho, de 73 artigos analisados, os quais ofereceram um panorama real do que está em voga nas publicações internacionais sobre o tema. Estes dados estão explicitados dentro do capítulo cinco de procedimentos

metodológicos e o capítulo seis que demonstra os resultados encontrados provindos desse procedimento.

Por fim, o terceiro objetivo específico, que é o de classificar a produção científica internacional de acordo com a configuração proposta para o Campo, pôde-se verificar que foi cumprido pela composição de um processo, o qual contou com o cumprimento dos objetivos específicos anteriores. E, também contou com a utilização do *framework* apresentado por Borim-de-Souza *et al* (2014), o qual propôs estilos de raciocínio que poderiam ser encontrados dentro dos discursos dos artigos coletados pela bibliometria. A configuração proposta pelo primeiro objetivo específico e os dados coletados pelo segundo objetivo específico foram necessárias para propiciarem o alcance do terceiro objetivo específico, o qual se vê composto dentro do capítulo seis que demonstra os dados coletados pelo estudo quantitativo e qualitativo, sendo que os dados demonstram a hegemonis euro-americana dentro das publicações da Administração.

Por fim, cumpre-se, também, com o objetivo geral proposto por este trabalho, que é o de analisar a produção científica internacional sobre o campo que discute as relações entre internacionalização e sustentabilidade em publicações de administração.

Os objetivos aqui executados visaram oferecer uma análise acerca dos resultados encontrados, os quais demonstraram que de fato há um dominador e um dominado dentro do campo configurado, o qual se faz visível através da hegemonia euro-americana para com todo o restante do globo. E, também, através da identificação do poder simbólico exercido por meio de ferramentas dominatórias, no caso os discursos acadêmicos provindos de artigos de universidades e *Journals* do eixo euro-americano, sobre “os outros”, no que se trata do academicismo.

Este estudo oferece algumas contibuições para os estudos organizacionais e para o campo da Administração, além trazer uma configuração de um campo que relaciona internacionalização e sustentabilidade e pode ser aplicado e testado em diferentes contextos, oferece, também, um levantamento bibliométrico em sua coleta de dados e uma análise e exposição acerca do panorama real dos discursos mais utilizados dentro de publicações sobre o tema.

Algumas sugestões para estudos futuros seria a de utilizar a configuração do campo aqui proposta, em outros contextos como em publicações brasileiras e incluir periódicos A2 neste levantamento.

Logo, a pesquisa buscou responder aos objetivos específicos e ao objetivo geral propostos por este estudo. E, visou analisar o campo proposto dentro das publicações da Administração, enriquecendo o arcabouço teórico dos Estudos Organizacionais e demonstrando o real panorama dentro destas publicações, denunciando uma dominação simbólica provinda de uma hegemonia euro-americana.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Tradução de: Alfredo Bosi.

ACEVEDO, C. R., NOHARA, J. J., **Monografia no curso de administração**. São Paulo: Atlas, 2009.

ADLER, N. J. Cross-cultural management research: the ostrich and the trend. **Academy of Management Review**, v. 8, n. 2, p. 226-232, 1983.

ADLER, N.J.; DOKTOR, R.; REDDING, S.G. From the Atlantic to the Pacific century: cross-cultural management reviewed. **Journal of Management**, v. 12, n. 2, p. 295-318, 1986.

ALRAZI, Bakhtiar; DE VILLIERS, Charl; VAN STADEN, Chris J. A comprehensive literature review on, and the construction of a framework for, environmental legitimacy, accountability and proactivity. **Journal of Cleaner Production**, v. 102, p. 44-57, 2015.

ALTON, A. J. Comparative management: how useful to the practioner?. **Management International Review**, v. 9, n. 1, p.3-11, 1969.

ANDRÉS, A. **Measuring academic research: how to undertake a bibliometric study.** Oxford: Chandos Publishing, 2009.

ARAÚJO, Carlos Alberto. **Bibliometria: evolução história e questões atuais**. Em Questão: Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-32, jan./jun. 2006.

ASHWORTH, Catherine J. et al. “Web-weaving” An approach to sustainable e-retail and online advantage in lingerie fashion marketing. **International Journal of Retail & Distribution Management**, v. 34, n. 6, p. 497-511, 2006.

BACHELARD, G. **A filosofia do "não"**. São Paulo: Abril, 1984.

BACHELARD, G. **Le matérialisme rationnel**. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

BACHELARD, Gaston. **Formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BAI, Chunguang; SARKIS, Joseph; DOU, Yijie. Corporate sustainability development in China: review and analysis. **Industrial Management & Data Systems**, v. 115, n. 1, p. 5-40, 2014.

BALBINOT, Z.; BORIM-DE-SOUZA, R. Sustainable development and sustainability as quasi-objects of study in management: a search for styles of reasoning. **Management Research: The Journal of the Iberoamerican Academy of Management**, v. 10, n. 3, p. 153-186, 2012.

BALBINOT, Zandra; BORIM-DE-SOUZA, Rafael. A cultura como tema de interesse para a teoria da gestão comparativa, **Interações**, v. 14, n. 2, p. 267-278, 2013.

BANERJEE, Subhabrata Bobby; LINSTEAD, Stephen. Masking subversion: Neocolonial embeddedness in anthropological accounts of indigenous management. **Human Relations**, v. 57, n. 2, p. 221-247, 2016

BASS, B.M. **Organizational psychology**, Boston: Allyn andBacon, 1965.

BEATY, D.T.; MEDENHALL, M. Theory building in international management: an archival review and recommendations for future research, **Academy of Management Annual Meeting**, San Francisco, 1990.

BELYAEVA, Zhanna; KAZAKOV, Alexander. Integrated approach to social responsibility: a model of stakeholders interaction in Russia and China. **Systems Research and Behavioral Science**, v. 32, p. 240-246, 2015.

BERNARD, Yohan; GODARD, Laurence; ZOUAOUI, Mohamed. The Effect of CEOs' Turnover on the Corporate Sustainability Performance of French Firms. **Journal of Business Ethics**, p. 1-21, 2016.

BHATT, B. J.; MILLER E. L. A framework for upgrading comparative management research. **Asia Pacific Journal of Management**, v. 1, n. 1, p. 26-35, 1983.

BLAIKIE, N. **Designing social research: the logic of anticipation**. Cambridge: Polity Press, 2000.

BLOOR, D. **Knowledge and social imagery**. Routledge: London. 1976.

BODUR, H. Onur; DUVAL, Kimberly M.; GROHMANN, Bianca. Will You Purchase Environmentally Friendly Products? Using Prediction Requests to Increase Choice of Sustainable Products. **Journal of Business Ethics**, v. 129, 2014.

BOONS, Frank; MENDOZA, Angelica. Constructing sustainable palm oil: how actors define sustainability. **Journal of Cleaner Production**, v. 18, 2010.

BORIM-DE-SOUZA, R. **Desenvolvimento Sustentável e a Sustentabilidade como quase-objetos de estudo para a teoria da gestão comparativa: análise de estilos de raciocínio em um contexto organizacional específico**. 2014. f. 282. Tese. Doutorado em Administração – Universidade Federal do Paraná (UFPR), PR.

BORIM-DE-SOUZA, R. et al. W. Sustainable development and sustainability as study objects for comparative management theory: proposing styles of reasoning for an unknown metropole. **Cross Cultural Management**, v. 22, n. 2, p. 201-235, 2015.

BORIM-DE-SOUZA, R.; SEGATTO, A. (Re)apresentando a teoria da gestão comparativa. **RAE**, v. 55, n. 3, p. 359-367, 2015.

BOROWIK, Lech; CYWIŃSKI, Artur. Modernization of a trolleybus line system in Tychy as an example of eco-efficient initiative towards a sustainable transport system. **Journal of Cleaner Production**, v. 117, p. 188-198, 2016.

BOURDIEU, P. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J. C. **A profissão de sociólogo, preliminares epistemológicas**. Petrópolis: Vozes, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos 2: por um movimento social europeu**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Lições da aula**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001a.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ed Ática, 1983.

BOYACIGILLER, N.; ADLER, N. J. The parochial dinosaur: organizational science in a global context. **Academy of Management Review**, v. 16, n. 2, p. 262-290, 1991.

BRAIDOTTI, R. et al. **Women, the environment and sustainable development**. London: Zed Books, 1994.

BRYMANN, A. **Social research methods**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

BURNS, T.J., KICK, E.L., MURRAY, D.A. Demography, development and deforestation in a world-system perspective. **International Journal of Comparative Sociology**. v. 35, n. 3-4, p. 221-239, 1994.

BURRELL, G. Ciência normal, paradigmas, metáforas, discursos e genealogia de análise. In:CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W.R. (orgs). **Handbook de estudos organizacionais:** modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais. São Paulo: Atlas, 2007. p. 437-460.

BURRELL, G.; MORGAN, G. **Social paradigms and organizational analysis**: elements of the sociology of corporate life. Great Britain: Heinemann Education Books, 1979.

BYUN, Heejung; KIM, Tae-Hyun. Identity Claims and Diffusion of Sustainability Report: Evidence from Korean Listed Companies, 2003–2010. **Journal of Business Ethics**, 2015.

CALLON, M.; LATOUR, B. Don't throw the baby out with the bath school! A reply to Collins and Yearly. In:PICKERING, A. (org), **Science as practice and culture**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992. p. 343-368.

CALOF, J. L. BEAMISH, P. W. Adapting to foreign markets: explaining internationalization. **International Business Review**, v. 4,n. 2, p. 115-31, 1995.

CAMPOS, J. L. de. **Sobre Riegl, Panofsky e Cassirer**: a intencionalidade histórica da representação espacial.SincroníaPrimaver, 2002.

CASSIER, E. **Filosofía de las formas simbólicas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1972.

CASSIER, E. **El problema delconocimientoenla filosofia y enlaciencias modernas**. México: Fondo de Cultura Económica, 1965.

CATANI, A. M. A sociologia de Pierre Bourdieu (ou como um autor se torna indispensável ao nosso regime de leituras). **Educação e Sociedade**, n. 78, p. 57-75, abr. 2002.

CHAKRABARTY, Subrata.; WANG, Liang. The long-term sustenance of sustainability practices in MNCs: A dynamic capabilities perspective of the role of R&D and internationalization. **Journal of Business Ethics**, v. 110, n. 2, p. 205-217, 2012.

CHANLAT, J. F. **O indivíduo na organização**: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1996.

CHEN, Chun-Liang; JAW, Yi-Long. Building global dynamic capabilities through innovation: A case study of Taiwan's cultural organizations. **Journal of Engineering and Technology Management**, v. 26, p. 247-263, 2009.

CHETTY, S. K.; STANGL, L. M. Internationalization and innovation in a network relationship context. **European Journal of Marketing**, v. 44, n. 11/12, p. 1725–1743, 2009.

CHO, Yoon-Na et al. To be or not to be green: Exploring individualism and collectivism as antecedents of environmental behavior. **Journal of Business Research**, v. 66, p. 1052-1059, 2012.

CHOW, Wing S.; CHEN, Yang. Corporate sustainable development: Testing a new scale based on the mainland Chinese context. **Journal of Business Ethics**, v. 105, p. 519-533, 2012.

CLARKE, J. J. **Nature in question**. London: Earthscan, 1993.

CLAUSEN, Helene Balslev; GYIMÓTHY, Szilvia. Seizing community participation in sustainable development: Pueblos Mágicos of Mexico. **Journal of Cleaner Production**, v. 111, p. 318-326, 2016.

CLIFTON, Don; AMRAN, Azlan. The stakeholder approach: A sustainability perspective. **Journal of Business Ethics**, v. 98, n. 1, p. 121-136, 2011.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. Tradução de: Luciana de Oliveira da rocha.

CUMMING, Douglas; HOU, Wenxuan; LEE, Edward. Business Ethics and Finance in Greater China: Synthesis and Future Directions in Sustainability, CSR, and Fraud. **Journal of Business Ethics**, v. 138, 2016.

CZINKOTA, Michael; KAUFMANN, Hans Ruediger; BASILE, Gianpaolo. The relationship between legitimacy, reputation, sustainability and branding for companies and their supply chains. **Industrial Marketing Management**, v. 43, n. 1, p. 91-101, 2014.

DALY, H. E. Economics in a full world. **Scientific American**, v. 293, n. 3, p. 100-107, 2005.

DANCEY, C., & REIDY, J. (2013). **Estatística sem matemática para psicologia**. Porto Alegre, RS: Artmed.

DE BRITO, Marisa P.; CARBONE, Valentina; BLANQUART, Corinne Meunier. Towards a sustainable fashion retail supply chain in Europe: Organisation and performance. **International journal of production economics**, v. 114, n. 2, p. 534-553, 2008.

DE GENNARO, B. et al. Innovative olive-growing models: an environmental and economic assessment. **Journal of cleaner production**, v. 28, p. 70-80, 2012.

DE VRIES, Henk J.; BAYRAMOGLU, Deniz K.; VAN DER WIELE, Ton. Business and environmental impact of ISO 14001. **International Journal of Quality & Reliability Management**, v. 29, n. 4, p. 425-435, 2012.

DEMIL, Benoît; LECOCQ, Xavier. Business model evolution: in search of dynamic consistency. **Long Range Planning**, v. 43, 2010.

DEMO, P. **Pesquisa e construção do conhecimento**: metodologia científica no caminho de Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In:DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y.S. (orgs), **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens.Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-42.

DESLAURIERS, J-P.; KÉRISIT, M. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

DISTERHEFT, Antje et al. Environmental Management Systems (EMS) implementation processes and practices in European higher education institutions–Top-down versus participatory approaches. **Journal of Cleaner Production**, v. 31, p. 80-90, 2012.

DOWELL, G.; HART, S.; YEUNG, B. Do corporate global environmental standards create or destroy market value? **Management Science**, v. 46, n. 8, p. 1059-1074. 2000.

DUARTE, Fernanda. Exploring the interpersonal transaction of the Brazilian jeitinho in bureaucratic contexts. **Organization**, v. 13, n. 4, p. 509-527, 2006.

DUNNING, J. H. Location and the multinational enterprise: a neglected factor? **Journal of International Business Studies**, v. 40, p. 5-19, 2009.

DURKHEIM, É. **Sociologia e filosofia**. São Paulo: Ícone, 1994.

EBERHARDT-TOTH, Edina; WASIELESKI, David M. A Cognitive Elaboration Model of Sustainability Decision Making: Investigating Financial Managers' Orientation Toward Environmental Issues. **Journal of Business Ethics**, v. 117, p. 735, 2013.

EKINS, P. (org). **The living economy**: a new economics in the making. London: Routledge & Kegan Paul, 1986.

ENZ, C.A. New directions for cross-cultural studies: linking organizational and societal cultures, in Farmer, R.N. (Ed.), **Advances in International Comparative Management**, JAI Press, Greenwich, p. 173-189, 1986.

ERDOGAN, Berrin; BAUER, Talya N.; TAYLOR, Sully. Management commitment to the ecological environment and employees: Implications for employee attitudes and citizenship behaviors. **Human Relations**, v. 68, n. 11, p. 1669-1691, 2015.

FERENHOF, Helio Aisenberg et al. Environmental management systems in small and medium-sized enterprises: an analysis and systematic review. **Journal of Cleaner Production**, v. 74, p. 44-53, 2014.

FIFKA, Matthias S.; POBIZHAN, Maryna. An institutional approach to corporate social responsibility in Russia. **Journal of Cleaner Production**, v. 82, p. 192-201, 2014.

FOUCAULT, M.Soberania e disciplina.In: FOUCALT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p. 182.

FRAKE, R.H., HOFSTEDE, G.; BOND, M.H. Cultural roots of economic performance: a research note. **Strategic Management Journal**, v. 12 n. S1, p. 165-173,1991.

FRAY, Anne Marie. Ethical behavior and social responsibility in organizations: process and evaluation. **Management Decision**, v. 45, n. 1, p. 76-88, 2007.

FRIEDEN, J. A. **Global capitalism**: its fall and rise in the twentieth century. New York: WW Norton, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIRARD, Nathalie. Knowledge at the boundary between science and society: a review of the use of farmers' knowledge in agricultural development. **Journal of Knowledge Management**, v. 19, n. 5, p. 949-967, 2015.

GLADWIN, T.N.; KENNELLY, J.J.; KRAUSE, T.S. Shifting paradigms for sustainable development: implications for management theory and research. **Academy of Management Review**, v. 20,n. 4, p. 874-907, 1995.

GNYAWALI, D. R. Corporate social performance: an international perspective. **Advances In International Competitive Management**, v. 11, p. 251-273, 1996.

GODEMANN, Jasmin et al. United Nations supported principles for responsible management education: purpose, progress and prospects. **Journal of Cleaner Production**, v. 62, p. 16-23, 2014.

GOLD, Stefan; HAHN, Rüdiger; SEURING, Stefan. Sustainable supply chain management in "Base of the Pyramid" food projects—A path to triple bottom line

approaches for multinationals?. **International Business Review**, v. 22, n. 5, p. 784-799, 2013.

GOLDMAN, M.Lévi-Strauss, a ciência e as outras coisas.In:QUEIROZ, R. C. de; NOBRE, R. F. (orgs). **Lévi-Strauss**: leituras brasileiras. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

GONZÁLEZ TIRADOS, Rosa María. Half a century of mass tourism: evolution and expectations. The Service Industries Journal, v. 31, n. 10, p. 1589-1601, 2011.

GOODLAND, R.; LEDEC, G. Neoclassical economics and principles of sustainable development. **Ecological Modelling**, v. 38, p. 19-4, 1987.

GUEDES, V. L. S.; BORSCHIVER, S. Bibliometria: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica. In: **Encontro Nacional De Ciências Da Informação**, 6.Salvador/BA, junho de 2005. Disponível em: <www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/VaniaLSGuedes.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2015.

GUESSER, Tatiana et al. Environmental impact management of Brazilian companies: analyzing factors that influence disclosure of waste, emissions, effluents, and other impacts. **Journal of Cleaner Production**, v. 96, p. 148-160, 2015.

HABERMAS, J. **The theory of communicative action**: Reason and the rationalizalion of society. Boston:Beacon Press, 1984. Vol 1.

HACKING, I. Language, truth and reason. In:HOLLIS, M.; LUKES, S. (orgs). **Rationality and relativism**. Oxford: Blackwell, 1982. p. 159-177.

HAIR JR., J. et al. **Fundamentos de pesquisa em Administração**. São Paulo: Bookman, 2005.

HAMMOND, Debora. Reflections on the role of dialogue in education and community building. **Systems Research and Behavioral Science**, v. 21, p. 295-301, 2004.

HANNAN, M.T.; FREEMAN, J. The population ecology of organizations. **American Journal of Sociology**, p. 929-964, 1977.

HARANGOZÓ, Gábor; ZILAHY, Gyula. Cooperation between business and non-governmental organizations to promote sustainable development. **Journal of Cleaner Production**, v. 89, 2014.

HARBISON, F.; MYERS, C.A. **Management and the industrial world**: an international analysis. New York: McGraw-Hill, 1959.

HARDING, S. **Is science multicultural?** Postcolonialisms, feminisms and epistemologies. Indianapolis: Indiana University Press, 1998.

HASHMI, M. Anaam; DAMANHOURI, Amal; RANA, Divya. Evaluation of sustainability practices in the United States and large corporations. **Journal of Business Ethics**, v. 127, n. 3, p. 673-681, 2015.

HAUGHT, J.F. Christianity and ecology. In:GOTTLIEB, R.S. (org). **This scared earth**: religion, nature, environment. New York: Routledge, 1996. p. 270-285.

HERAS-SAIZARBITORIA, Iñaki. The ties that bind? Exploring the basic principles of worker-owned organizations in practice. **Organization**, v. 21, n. 5, p. 645-665, 2014.

HOLLIS, M.; SMITH, S. **Explaining and understanding in international relations**. Oxford: Clarendon Press, 1990.

HOLM, Tove; SAMMALISTO, Kaisu; VUORISALO, Timo. Education for sustainable development and quality assurance in universities in China and the Nordic countries: a comparative study. **Journal of Cleaner Production**, v. 107, p. 529-537, 2015.

HOLMBERG, J. **Policies for a small planet**. London: Earthscan Publications, 1994.

HOLMLUND, Maria; KOWALKOWSKI, Christian; BIGGEMANN, Sergio. Organizational behavior in innovation, marketing, and purchasing in business service contexts—An agenda for academic inquiry. **Journal of Business Research**, v. 69, n. 7, p. 2457-2462, 2016.

HONG, Soonkwan; VICDAN, Handan. Re-imagining the utopian: Transformation of a sustainable lifestyle in ecovillages. **Journal of Business Research**, v. 69, n. 1, p. 120-136, 2016.

HOOGVELT, A. **Globalization and the postcolonial world**. 2. ed. Palgrave: Basing-stoke, 2001.

HSUEH, Josh Wei-Jun. Governance Structure and the Credibility Gap: Experimental Evidence on Family Businesses' Sustainability Reporting. Journal of Business Ethics, p. 1-22.

HUME, D. **A treatise of human nature**, Oxford: Oxford University Press, 1976.

HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

HUSTED, B. W. Culture and ecology: a cross-national study of the determinants of environmental sustainability. **Management International Review**, v. 45, n. 3, p. 349-371, 2005.

INGENBLEEK, Paul TM; REINDERS, Machiel J. The development of a market for sustainable coffee in the Netherlands: Rethinking the contribution of fair trade. **Journal of Business Ethics**, v. 113, n. 3, p. 461-474, 2013.

JACK, G.; WESTWOOD. R. **International and cross-cultural management studies: a post-colonial reading**. UK: Palgrave Macmillan, 2009.

JIMÉNEZ-HERRERO, L.M. **Desarrollo sostenible: transición hacia la coevolución global**. Madrid: Pirámide Ediciones, 2000.

JOHANSON, J.; WIEDERSHEIM-PAUL, F. The internationalization of the firm – four Swedish cases. **Journal of Management Studies**, p. 305-322, out. 1975.

JONES, David R. 'The Biophilic University': a de-familiarizing organizational metaphor for ecological sustainability?. **Journal of Cleaner Production**, v. 48, p. 148-165, 2013.

KANDA, Wisdom; MEJÍA-DUGAND, Santiago; HJELM, Olof. Governmental export promotion initiatives: awareness, participation, and perceived effectiveness among Swedish environmental technology firms. **Journal of Cleaner Production**, v. 98, p. 222-228, 2015.

KASSOLIS, M. G. The diffusion of environmental management in Greece through rationalist approaches: driver or product of globalisation?. **Journal of Cleaner Production**, v. 15, n. 18, p. 1886-1893, 2007.

KATZ, C. **On the grounds of globalization**: a typography for feminist political engagement. Signs, v. 26, n. 1, p. 1213-1234, 2001.

KOGUT, B. Designing global strategies: comparative and competitive value-added chains. **Sloan Management Review**, v. 26, n. 4, p. 15-28, 1985.

KOLK, Ans; VAN TULDER, Rob. International business, corporate social responsibility and sustainable development. **International business review,** v. 19, n. 2, p. 119-125, 2010.

KOPLIN, Julia; SEURING, Stefan; MESTERHARM, Michael. Incorporating sustainability into supply management in the automotive industry–the case of the Volkswagen AG. **Journal of Cleaner Production**, v. 15, n. 11, p. 1053-1062, 2007.

KÜÇÜKSAYRAÇ, Elif; KESKIN, Duygu; BREZET, Han. Intermediaries and innovation support in the design for sustainability field: cases from the Netherlands, Turkey and the United Kingdom. **Journal of Cleaner Production**, v. 101, p. 38-48, 2015.

LATOUR, B. **The pasteurization of France followed by irreductions a politico-scientific essay**. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

LATOUR, Bruno. One more turn after the social turn: easing science studies into the non-modern world. In: MCMULLIN, E. (org). **The social dimensions of science**. Notre Dame: Notre Dame University Press, 1992. p. 272-292.

LATOUR, Bruno. Postmodern? Not simply amodern. Steps towards an anthropology of science. An essay review, **Studies in the History and Philosophy of Science**, v. 21,n. 1, p. 145-171, 1990.

LATOUR, Bruno. **We have never been modern**, Cambridge: Harvard University Press, 1993.

LEE, Seul Ki; JANG, SooCheong Shawn. Research note: US lodging firms' exposure to energy price risk. **Tourism Economics**, v. 21, n. 5, p. 1095-1102, 2015.

LEFF, E. **Racionalidade ambiental**: a reapropriação social da natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LÉLÉ, S.M. Sustainable development: a critical review. **World Development**, v. 19,n. 6, p. 607-621, 1991.

LERTZMAN, David A.; VREDENBURG, Harrie. Indigenous peoples, resource extraction and sustainable development: An ethical approach. **Journal of Business Ethics**, v. 56, p. 239-254, 2005.

LINCOLN, Y.S.; GUBA, E.G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. In:DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. (orgs). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, Porto Alegre, 2006. p. 169-192.

LINHARES, L. L.; MESQUIDA, P.; SOUZA, L. L. Althusser: a escola como aparelho ideológico de estado. **Anais do VII Congresso Nacional de Educação (EDUCERE)**, 2007. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-204-05.pdf>.Acessoem: 25 ago 2016.

LIU, Ze-zhao et al. Handling social risks in government-driven mega project: An empirical case study from West China. **International Journal of Project Management**, v. 34, p. 202-218, 2016.

LO, Fang-Yi; FU, Pao-Hung. The interaction of chief executive officer and top management team on organization performance. **Journal of Business Research**, v. 69, n. 6, p. 2182-2186, 2016.

LOPES, A. R. C. Contribuicóes de gastonbachelard ao ensino de ciencias. **Historia y Epistemologia de Las Ciencias**; Enseñanza de las Ciencias, v. 11, n. 3, p. 324-330, 1993.

LUKMAN, Rebeka; KRAJNC, Damjan; GLAVIČ, Peter. Fostering collaboration between universities regarding regional sustainability initiatives–the University of Maribor. **Journal of Cleaner Production**, v. 17, n. 12, p. 1143-1153, 2009.

MARSDEN, R.; TOWNLEY, B. Introdução: a coruja de minerva: reflexes sobre a teoria na prática. In: CLEGG, S.R.; HARDY, C.; NORD, W.R. (orgs). **Handbook de estudos organizacionais**: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais. São Paulo: Atlas, 2001. p. 31-56.

MARSH, D.; FURLONG, P. A skin, not a sweater: ontology and epistemology in political science. In: MARSH, D.; STOKER, G. (orgs). **Theory and Methods in Political Science**. New York: Palgrave, 2002. p. 17-41.

MARTINS, G. de A. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MEADOWS, D.; RANDERS, J.; MEADOWS, D. **Limits to growth**: the 30-year update. White River Junction: Chelsea Green Publishing Company, 2004.

MEBRATU, D. Sustainability and sustainable development: historical and conceptual review. **Environment and Impact Assessment Review**, v. 18,n. 1, p. 493-520, 1998.

MENDOZA, Xavier; CARNEIRO, Jorge. Introduction to the special issue of best papers Business Association of Latin American Studies 2010. **Journal of Business Research**, v. 65, p. 1749-1751, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MICKWITZ, Per et al. Sustainability through system transformation: lessons from Finnish efforts. **Journal of Cleaner Production**, v. 19, n. 16, p. 1779-1787, 2011.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.9, n.3, p.239-262, 1993.

MINAYO, Mº; DE SOUZA, Cláudia. (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Ed. **Vozes**, 1994.

MIRANDA, A. **Novo dicionário brasileiro**. São Paulo: Ed Focus: 1976. Vol II.

MISOCZKY, M. C. A. Implicações do uso das formulações sobre campo de poder e ação de Bourdieu nos estudos organizacionais. **RAC**, Edição especial, p. 9-30, 2003.

MORETTI, S.; CAMPANÁRIO, M. A produção intelectual brasileira em responsabilidade social empresarial – RSE sob a ótica da bibliometria. **Revista de Administração Contemporânea**, Edição Especial, v. 13, 68-86, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v13nspe/a06v13nspe.pdf> Acesso em: 25 ago 2016.

MORGAN, G. Paradigms, metaphors, and puzzle solving in organization theory. **Administrative Science Quarterly**, p. 605-622, 1980.

MULDER, Karel. Strategic competencies, critically important for Sustainable Development. **Journal of Cleaner Production**, v. 78, p. 243-248, 2014.

MUNCK, L. **Gestão da sustentabilidade nas organizações**: um novo agir frente à lógica das competências. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

MUNCK, L.; BORIM-DE-SOUZA, R. O ecletismo do paradigma da sustentabilidade: construção e análise a partir dos estudos organizacionais. **Revista de Ciências da Administração**, v. 13 n. 29, p. 202-242, 2011.

MUNCK, L.; MUNCK, M. G. M.; BORIM-DE-SOUZA, R. Sustentabilidade organizacional: a proposição de uma framework representativa do agir competente para seu acontecimento. **Gerais: Revista Institucional de Psicologia**, v.4, n.2, Edição Especial, p.147-158, 2011.

NEGHANDI, A. R. Comparative management and organization theory: a marriage needed. **Academy of Managament Journal**, v. 18,n. 2, p. 334-344, 1975.

O´CONNOR, J. ¿Es posible el capitalismo sostenible?" **Papeles de población**, año 6, n. 24, p. 9-35, abr./jun. 2002.

OHE, Yasuo; CIANI, Adriano. Evaluation of agritourism activity in Italy: facility based or local culture based?. **Tourism Economics**, v. 17, n. 3, p. 581-601, 2011.

ORTIZ, R. Pierre Bourdieu: sociologia. In: BOURDIEU, P. **Col. Grandes Cientistas Sociais.** São Paulo: Ática, 1983.

PAINTER-MORLAND, Mollie et al. Beyond the Curriculum: Integrating Sustainability into Business Schools. **Journal of Business Ethics**, v. 139, p. 737-754, 2016.

PARK, Joohyung. Understanding pro-environmental behavior: a comparison of sustainable consumers and apathetic consumers. **International Journal of Retail & Distribution Management**, v. 40, n. 5, p. 388-403, 2011

PELLEGRINI, Giustina et al. Application of water footprint to olive growing systems in the Apulia region: a comparative assessment. **Journal of Cleaner Production**, v. 112, p. 2407-2418, 2015.

PEPPER, D. **Eco-socialism.** London: Routledge, 1993.

PETERS, G. Admirável senso comum? Agência e estrutura na sociologia fenomenológica. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 47, n.1, p. 85-97, jan./abr. 2011.

PETERSON, M.F. International collaboration in organizational behavior research. **Journal of Organizational Behavior**, v. 22,n. 1, p. 59-81, 2001.

PFEFFER, J. Why do management theory persist? A comment on Ghosal. **Academy of Management Learning and Education**, v. 4, n. 1, p. 96-100, 2005.

POFF, Deborah C. Ethical leadership and global citizenship: Considerations for a just and sustainable future. **Journal of Business Ethics**, v. 93, p. 9-14, 2010.

PRASAD, P. **Postcolonial theory and organizational analysis**: a critical engagement. New York: Palgrave, 2003.

PRITCHARD, A. Statistical bibliography or bibliometrics? **Journal of Documentation**, v. 25, n.4, p. 348-349, dec. 1969.

RAMOS, Tomás B. et al. Corporate sustainability reporting and the relations with evaluation and management frameworks: the Portuguese case. **Journal of Cleaner Production**, v. 52, p. 317-328, 2013.

REDCLIFT, M.; BENTON, T. **Social theory and the global environment**. London: Routledge, 1994.

REFICCO, Ezequiel; JAÉN, María Helena. Case method use in shaping well-rounded Latin American MBAs. **Journal of Business Research**, v. 68, p. 2540-2551, 2015.

REGO, Arménio; E CUNHA, Miguel Pina; POLÓNIA, Daniel. Corporate sustainability: A view from the top. **Journal of Business Ethics**, p. 1-25, 2015.

RICHARDSON, R.J. et al. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2014.

ROBERTS, Brian H. The application of industrial ecology principles and planning guidelines for the development of eco-industrial parks: an Australian case study. **Journal of Cleaner Production**, v. 12, p. 997-1010, 2004.

RUSKO, Rauno. Exploring the concept of coopetition: A typology for the strategic moves of the Finnish forest industry. **Industrial Marketing Management**, v. 40, n. 2, p. 311-320, 2011.

SAID, E. W. **Orientalism**. New York: Pantheon Books, 1978.

SCHIMIDHEINY, S. **Changing course**: a global business perspective on business and environment. Massachusets: The MIT Press, 1992.

SCHMITZ, Hans Peter; MITCHELL, George E. The Other Side of the Coin: NGOs, Rights-Based Approaches, and Public Administration. **Public Administration Review**, v. 76, n. 2, 2015.

SCHOLLHAMMER, H. The comparative management jungle. **Academy of Management Journal**, v. 12,n. 1, p. 81-97, 1969.

SCHÖLLHAMMER, Hans. Current research on international and comparative management issues. **Management International Review**, v. 15,n. 2, p. 29-45, 1975.

SCHÖLLHAMMER, Hans. Strategies and methodologies in international business and comparative management research. **Management International Review**, v. 13, n. 6, p. 17-32, 1973.

SHIH, Kuang-Hsun; CHEN, Hsueh-Ju; CHEN, Jason CH. Assessment of sustainable development and knowledge of environmental management: internal auditors' perspectives. **Industrial Management & Data Systems**, v. 106, n. 6, p. 896-909, 2006.

SHRIVASTAVA, P. The role of corporations in achieving ecological sustainability. **Academy of Management Review**. v. 20, n. 4, p. 936-960, 1995.

SIMMEL, G. **The sociology of Georg Simmel**. Tradução de: Kurt H. Wolff. Glencoe: Free Press, 1950.

SIMOES, Claudia; SINGH, Jaywant; PERIN, Marcelo G. Corporate brand expressions in business-to-business companies' websites: Evidence from Brazil and India. **Industrial Marketing Management**, v. 51, p. 59-68, 2015.

SMITH, L. T. **Decolonizing methodologies: research and indigenous peoples**. London and Dunedin: Zed Books and University of Otago Press, 1999.

SPINAK, E. Indicadores cienciométricos. **Ciência da Informação**, v. 27, n. 2, p. 141-148, 1998

SULLIVAN, J. Theory development in international business research: the decline of culture. **Conference: Perspectives on International Business**, University of South Carolina, 1992.

SUTCLIFFE, B.The place of development in theories of imperialism and globalization. In: MUNCK, R.; O'HEARN, D. (orgs). **Critical development theory**. London: Zed Books, 1999. p. 135-153.

TANG, Ailie KY; LAI, Kee-hung; CHENG, T. C. E. A Multi-research-method approach to studying environmental sustainability in retail operations. **International Journal of Production Economics**, v. 171, p. 394-404, 2016.

TEIXEIRA, M. L. M.; IWAMOTO, H. M.; MEDEIROS, A. L. Estudos bibliométricos (?) em administração: discutindo a transposição de finalidade. **RAEP - Administração: Ensino e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 423-452, jul./ago./set. 2013.

THIRY-CHERQUES, H. R.Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **RAP**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-55, jan./fev. 2006.

THOMAS, N. **Colonialism's culture: anthropology, travel and government**. Cambridge: Polity Press, 1994.

TSUI, A.S. From homogenization to pluralism: international management research in the academy and beyond. **Academy of Management Journal**, v. 50,n. 6, p. 1353-1364, 2007.

TUKKER, Arnold; TISCHNER, Ursula. Product-services as a research field: past, present and future. Reflections from a decade of research. **Journal of cleaner production**, v. 14, n. 17, p. 1552-1556, 2006.

VANTI, N. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**, v. 31, n. 2, p. 152-162, 2002.

VELLEMA, Sietze; VAN WIJK, Jeroen. Partnerships intervening in global food chains: the emergence of co-creation in standard-setting and certification. **Journal of Cleaner Production**, v. 107, p. 105-113, 2015.

VOOS, H. Lotka and information science. **Journal of the American Society of information Science**, New York, v. 25, p. 270-272, jul./ago. 1974.

WALS, Arjen EJ. Sustainability in higher education in the context of the UN DESD: a review of learning and institutionalization processes. **Journal of Cleaner Production**, v. 62, p. 8-15, 2014.

WESTWOOD, R. I. Appropriating the other in the discourse of comparative management. In: WESTWOOD, R.I.; LISTEAD, S. (orgs). **The language of organization**. London: Sage Publications, 2001. p. 241-262.

WESTWOOD, Robert I. Towards a postcolonial research paradigm in international business and comparative management. In: MARSCHAN-PIEKKARI, R.; WELCH, C. (orgs)**.Handbook of qualitative research methods for international business**. Cheltenham:Edward Elgar, 2004. p. 56-83.

WHITEMAN, Gail; COOPER, William H. Sixty-six ways to get it wrong: A response to Banerjee and Linstead. **Human Relations**, v. 59, n. 3, p. 409-427, 2016.

WIENGARTEN, Frank; PAGELL, Mark; FYNES, Brian. ISO 14000 certification and investments in environmental supply chain management practices: identifying differences in motivation and adoption levels between Western European and North American companies. **Journal of Cleaner Production**, v. 56, p. 18-28, 2013.

WORLD COMISSION ON ENVIRONMENTAL AND DEVELOPMENT (WCED). **Our common future**. Oxford: Oxford University Press, 1987.

YOUNG, R. J. C. **Postcolonialism: an historical introduction**. Malden, Mass: Blackwell, 2007.